

Morfossintaxe de  
**Línguas Indígenas,**  
de **Línguas Bantu**  
e do **Português Dialectal**



Fábio Bonfim Duarte  
David Alberto Seth Langa  
Tânia Brittes Ottoni Valias  
Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino  
(organizadores)

  
Pontes

Morfossintaxe de  
**Línguas Indígenas,**  
de **Línguas Bantu**  
e do **Português Dialectal**

Fábio Bonfim Duarte  
David Alberto Seth Langa  
Tânia Brittes Ottoni Valias  
Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino  
(organizadores)

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da Editora.  
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

---

D812m Duarte, Fábio Bonfim (org.) et al.

Morfossintaxe de línguas indígenas, de línguas bantu e do português  
dialetoal /

Organizadores: Fábio Bonfim Duarte, David Alberto Seth Langa, Tânia  
Brittes Ottoni Valias e Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino;

1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2024;  
figs.; tabs.; quadros.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-217-0363-1.

1. Ensino de Línguas. 2. Lexicologia. 3. Linguística.

I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Línguas e comunicação - Lexicologia. 401.4
2. Linguística. 410
3. Linguagem / Línguas – Estudo e ensino. 418.007

*Copyright* © 2024 – Dos organizadores representantes dos autores

*Coordenação Editorial:* Pontes Editores

*Revisão:* Vera Bonilha

*Editoração:* Vinnie Graciano

*Capa:* Acessa Design

*Foto da capa:* Fábio Bonfim Duarte

## PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

### **CONSELHO EDITORIAL:**

**Angela B. Kleiman**

(Unicamp – Campinas)

**Clarissa Menezes Jordão**

(UFPR – Curitiba)

**Edleise Mendes**

(UFBA – Salvador)

**Eliana Merlin Deganutti de Barros**

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

**Eni Puccinelli Orlandi**

(Unicamp – Campinas)

**Glaís Sales Cordeiro**

(Université de Genève – Suisse)

**José Carlos Paes de Almeida Filho**

(UNB – Brasília)

**Maria Luisa Ortiz Alvarez**

(UNB – Brasília)

**Rogério Tilio**

(UFRJ – Rio de Janeiro)

**Suzete Silva**

(UEL – Londrina)

**Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva**

(UFMG – Belo Horizonte)

**PONTES EDITORES**

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil–2024

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO \_\_\_\_\_ 7

## CAPÍTULO 1

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM TUKANO \_\_\_\_\_ 13

Fábio Bonfim Duarte

Braulio Brandão de Oliveira Lopes

## CAPÍTULO 2

MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO OBJETO EM BANTU E EM  
TUPI-GUARANI \_\_\_\_\_ 33

Fábio Bonfim Duarte

## CAPÍTULO 3

A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVA/DISJUNTIVA NO  
SHIMAKONDE \_\_\_\_\_ 57

Ronaldo Rodrigues De Paula

Davety Joaquim João Mpiúka

## CAPÍTULO 4

THE PASSIVE EXTENSIONS IN CINYUNGWE \_\_\_\_\_ 113

Crisófia Langa da Câmara

## CAPÍTULO 5

A MARCAÇÃO DO PASSADO EM COPI À LUZ DA TEORIA DA  
OTIMALIDADE \_\_\_\_\_ 139

Nelsa João Nhantumbo

CAPÍTULO 6

ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA FONGBE \_\_\_\_\_ 173

Fábio Bonfim Duarte

Tânia Brittes Ottoni Valias

CAPÍTULO 7

ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA CHANGANA \_\_\_\_\_ 199

Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino

CAPÍTULO 8

INFORMATIONAL PROPERTIES OF APPLIED ARGUMENTS  
IN BANTU LANGUAGES \_\_\_\_\_ 231

Bárbara Guimarães Rocha

CAPÍTULO 9

NATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE:  
EVIDÊNCIA DA FORMAÇÃO DA SUBVARIADADE DO  
PORTUGUÊS COM BASE NOS SUBSTRATO DAS LÍNGUAS  
DO GRUPO TSONGA \_\_\_\_\_ 255

David Alberto Seth Langa

Luís António Chaúque

CAPÍTULO 10

OS TRAÇOS ASPECTUAIS DOS VERBOS INCOATIVOS EM  
PORTUGUÊS BRASILEIRO \_\_\_\_\_ 297

Maria José de Oliveira

CAPÍTULO 11

SILENT NOUNS (TIPO, TOM, TAMANHO E SOBRENOME) NA  
CONCORDÂNCIA NOMINAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL \_\_\_\_\_ 349

Bruna Karla Pereira

SOBRE OS AUTORES \_\_\_\_\_ 383

# INTRODUÇÃO

O presente volume tem por objetivo apresentar os resultados da análise que vimos desenvolvendo sobre a morfossintaxe de línguas indígenas brasileiras, de línguas africanas e da variedade dialetal do português brasileiro, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A pesquisa com essas línguas contou com o apoio de vários financiamentos de agências de fomento do governo brasileiro. Dentre eles, convém destacar os projetos oriundos da demanda universal, lançados pela Fapemig, (processos APQ-01458-12 e APQ-03087-18); os editais de pesquisa lançados pelo CNPq (processos 456052/2014-3 e 424236/2018-4); e a bolsa de pesquisa de produtividade, PQ-1D, do CNPq (processo 311175/2021-0), do qual sou bolsista desde o ano de 2009. A pesquisa contou ainda com o apoio do Edital 033/2012, referente ao Programa Pró-Mobilidade Internacional CAPES/AULP, que foi firmado entre a UFMG e a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), (processo 0041/13). Esses financiamentos foram fundamentais para permitir que pudéssemos produzir artigos, dissertações de mestrado e de doutorado, e a formação de recursos humanos para trabalhar com essas línguas. Por fim, gostaríamos de deixar registrados nossos agradecimentos aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Fale-UFMG, professor Wander Emediato de Souza e professora Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira,

pelo apoio e incentivo à publicação deste livro por meio do edital de publicação que promoveram durante a sua gestão (2019-2023).

O projeto com as línguas africanas tem por objetivo principal atender à demanda da academia moçambicana que tem buscado, na linguística brasileira, apoio e cooperação para fomentar a formação de quadros qualificados para responderem aos desafios que a pesquisa linguística com as línguas africanas de Moçambique exige. Para tal, o nosso laboratório acolheu vários pesquisadores e estudantes moçambicanos que desenvolveram projetos de documentação e descrição dessas línguas. Como resultado dos vários produtos que alcançamos com essa parceria, este livro traz artigos que cobrem aspectos da morfossintaxe das línguas Copi, Shimakonde, Cinyungue, Nyanja, Changana, Fongbe e do Português Moçambicano.

Em relação às línguas indígenas, os dois artigos que fazem parte deste livro visam à análise da morfossintaxe das línguas Tukano, do Guarani e do Ka'apor. Os artigos centram-se em dois eixos complementares: um descritivo e outro teórico. O primeiro eixo tem por objetivo contribuir com a descrição, documentação e revitalização dessas línguas, e o segundo visa testar hipóteses gerativas e avaliar se os dados dessas línguas as confirmam ou se as refutam. Por fim, o volume traz ainda dois artigos sobre aspectos da morfossintaxe do português brasileiro dialetal, tendo como foco a sintaxe dos *silent nouns* e o fenômeno da alternância incoativa, em que se busca investigar os fatores gramaticais que regulam tal alternância.

O livro está organizado em onze capítulos. O primeiro capítulo investiga o comportamento das diferentes construções causativas na língua Tukano. O objetivo é avaliar a extensão dos complementos do núcleo causativo (Cause<sup>o</sup>), ou seja, interessa delimitar se esse núcleo c-seleciona uma raiz, um VP ou um vP fásico. Postula-se que as três construções causativas existentes na língua diferem quanto ao tamanho do complemento selecionado pelo núcleo Cause<sup>o</sup>.

A proposta teórica expande a teoria desenvolvida por Pylkkänen (2008), no sentido de que o Tukano permite que o núcleo Cause<sup>o</sup> pode selecionar complementos de vários tipos a depender do tipo de causativa envolvida, situação que não era prevista pela autora.

O segundo capítulo cobre aspectos da estrutura gramatical da língua Guarani, do Ka'apor e do Changana. O fenômeno investigado é a marcação diferencial de objeto. Postula-se que esse fenômeno emerge sempre que o referente do DP objeto ocupa uma posição alta nas hierarquias de animacidade e de definitude. O dispositivo morfossintático de marcação diferencial do objeto varia nas três línguas. Enquanto o Changana utiliza a concordância diferencial, o Guarani e o Ka'apor utilizam marcadores de Caso. Embora os dispositivos gramaticais possam variar nas línguas, DOM tem sempre a mesma função semântico-pragmática, a saber: marcar diferencialmente os DPs, cujo referente possui propriedades semânticas que não são prototípicas de constituintes que figuram na posição de objeto.

O terceiro capítulo visa apresentar uma descrição do comportamento dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos em Shimakonde, língua do grupo bantu falada, em maior escala, ao norte de Moçambique e no sudeste da Tanzânia. Certos tempos verbais na língua Shimakonde acomodam duas formas morfológicamente distintas de serem expressos. Esse fenômeno também ocorre em outras línguas de origem bantu e é conhecido como alternância conjuntiva/disjuntiva. Assume-se que não há diferença na interpretação semântica temporal das sentenças quer o tempo verbal esteja na forma conjuntiva, quer esteja na forma disjuntiva, salvo algumas diferenças aspectuais que podem ocorrer especificamente no tempo presente.

Já o quarto capítulo, escrito em inglês, tem por objetivo investigar as propriedades gramaticais do Cinyungwe, língua moçambicana falada na província de Tete. Apresenta-se que a passivização é um fenômeno que é codificado por meio de dois sufixos {-iw} e {-idw}.

Argumenta-se que é a semântica dos verbos que determina qual morfema passivizador será usado. Por esta razão, propõe-se que esses sufixos sejam morfemas que estão em distribuição complementar, visto que a escolha de um ou de outro depende de qual classe semântica à qual pertence o verbo.

No quinto capítulo, investiga-se a marcação do tempo passado à luz da teoria da otimalidade. Assim sendo, assume-se que a coocorrência dos sons em línguas naturais pode desencadear processos fonológicos diversos, tais como: elisão, fusão, palatalização, semivocalização e outros. *Cicopi*, tal como todas as línguas bantu, é uma língua aglutinante (Ngunga 2014), pois a constituição das palavras da maioria das categorias gramaticais resulta na concatenação de diferentes morfemas. A análise das formas de superfície resultantes dessa concatenação de diferentes morfemas pode ser enquadrada no estudo da interface da morfologia com a fonologia. Por exemplo, a formação do passado em *Copi* é marcada pela afixação do morfema {-ile} (morfologia). Sua forma de superfície é condicionada por diversos fatores gramaticais, a saber: o tipo de radical/raiz a que se agrega, o segmento final, a semântica da raiz e outros fatores que podem ocasionar processos fonológicos. Como consequência, essa operação produz diferentes resultados, entre os quais a variação da realização da marca de tempo (-ile, -ite e -e), elisão de material nuns casos e imbricação noutros.

O sexto capítulo desenvolve uma descrição preliminar de aspectos da gramática da língua Fongbe. O trabalho visa cobrir uma lacuna, visto que há poucos trabalhos de documentação escritos em português sobre essa língua. Apresenta-se uma análise preliminar de aspectos da sonoridade, tais como o inventário de consoantes, de vogais, de tipos de tons e do padrão silábico da língua. Investigou-se ainda o sistema de concordância da língua, de modo a efetuar um levantamento dos principais morfemas de pessoa. Arrolaram-se ainda os morfemas

de tempo e aspecto. Em relação à estrutura do sintagma nominal, notou-se que essa língua aciona partículas em final de sintagma, as quais podem codificar as categorias de definitude e número.

O sétimo capítulo também se dedica a fornecer uma descrição panorâmica de alguns aspectos descritivos da gramática da língua Changana. Para tal, arrolam-se análises referentes ao componente fonológico e gramatical da língua. O intuito é fornecer ao leitor uma visão geral sobre a gramática do Changana, tendo por base a literatura disponível sobre a língua e dados colhidos com os consultores.

O capítulo oitavo investiga as propriedades das construções aplicativas em uma perspectiva comparativa. O objetivo é confirmar ou refutar a hipótese de que há forte correlação entre aplicativização e representação da categoria de tópico. Busca-se apurar como tal correlação pode ser implementada em termos de derivação sintática.

O capítulo nono tem por objetivo analisar a fonologia do português de Moçambique (PM), tendo como referência o Português Europeu (PE). Moçambique, um país multilíngue e multicultural, onde coexiste o Português, língua oficial, e as línguas nativas do grupo bantu (LB), que são línguas maternas de maior parte da população, fazendo com que ocorra uma relação diglósica entre ambas (Fishman, 1965; Firmino, 2002). Em síntese, fazendo comparação com a fonologia do Xichangana, o texto apresenta evidências de que o processo de nativização de uma das variedades do PM assenta sobre a fonologia dessa língua bantu (LB), desenvolvendo estruturas próprias que as distinguem das demais variedades do PM.

O décimo capítulo investiga as propriedades dos verbos *incoativos* e seus respectivos traços aspectuais. Assume-se a hipótese de que a combinação do traço da raiz dos verbos *incoativos* com os traços dos afixos que a ela são juntados (ex.: *a-podr-ec-er*, *em-pobr-ec-er*,

*es-fri-ar*) faz emergir a alternância *causativo-incoativa* no português brasileiro (doravante PB). O resultado da pesquisa demonstra que a alternância emerge do traço aspectual [+incoativo]. Os demais traços envolvidos nas construções *causativo-incoativas*, com exceção do dinâmico, surgem em decorrência do traço [+incoativo].

O último capítulo se articula com os estudos dos universais linguísticos, em especial, a concordância, que tem sido alvo de interesse de diversos pesquisadores em sintaxe gerativa, tais como: Chomsky (2001), Pesetsky e Torrego (2007), Miyagawa (2017), Kayne (2005, 2019, 2021a, b), Norris (2014), etc. Especificamente, neste trabalho, objetiva-se analisar estruturas do português do Brasil (PB) que se constituem de um *silent noun*. A teoria advogada é a de que essas estruturas apresentam um padrão coeso e consistente de concordância entre adjetivo e esse *silent noun*, no contexto sintático da cartografia interna do DP.

## CAPÍTULO 1

# **ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS EM TUKANO**

Fábio Bonfim Duarte<sup>1</sup>

Braulio Brandão de Oliveira Lopes<sup>2</sup>

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma análise dos expedientes gramaticais que são usados para a realização das construções causativas na língua Tukano. Pode-se afirmar com certa segurança que os mecanismos de causativização em Tukano podem ser expressos por meio de morfemas causativos e por meio de construções sintáticas. As descrições já elaboradas sobre o fenômeno tentam explicar a diferença entre essas estruturas ancorando-se em explicações de natureza sintático-semântica. Neste capítulo, no intuito de fornecer mais subsídios para uma compreensão mais acurada sobre o fenômeno, utilizamos critérios morfossintáticos que entram em jogo para determinar a boa formação das estruturas causativas. Baseando-se na proposta de Pylkkänen (2008), conforme

---

1 Professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Linguística e Língua Portuguesa. Contato: fbonfim@terra.com.br

2 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: lopesb1@mcmaster.ca

a qual a fonte de variação na expressão da causativização reside no tamanho do complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup>, a análise a ser delineada nas próximas seções se fundamenta em três hipóteses, a saber:

- (i) o sufixo causativo {-o} seleciona uma raiz como seu complemento;
- (ii) o morfema {-rẽ} seleciona um VP como seu complemento;
- (iii) e, por fim, a construção causativa sintática perifrástica seleciona um v\*P fásico. Esta se estrutura por meio da incorporação do verbo lexical ao sufixo {-kã}, os quais vêm acompanhados do verbo auxiliar *weé* 'fazer'.

O capítulo está subdividido em quatro seções. Na seção 1.1, apresentamos um panorama de aspectos etnológicos do povo Tukano, bem como considerações sobre a família linguística à qual a língua que esse povo fala está afiliada. Já na seção 1.2, arrolamos uma breve revisão bibliográfica de como o tema tem sido tratado na literatura técnica e como o fenômeno da causativa em Tukano confirma ou não teses propostas no âmbito da literatura linguística. Na seção 1.3, desenvolvemos a proposta teórica que norteia a análise do capítulo. A última seção, 1.4, é reservada às considerações finais do capítulo.

## 1.1 Povo, língua e família

As línguas da família Tukano são tradicionalmente divididas em três ramos principais. As línguas de dois desses ramos, o oriental e o central, são faladas na região da bacia do rio Uaupés, tributário do Rio Negro, perto da fronteira entre Brasil e Colômbia, ao passo que as línguas do ramo ocidental são faladas ao longo dos rios Putamayo, Caquetá e Napo, localizados no sudoeste da Colômbia, na região de fronteira entre Colômbia, Equador e Peru. O Mapa 1 a seguir marca em vermelho as áreas onde as línguas da família Tukano

são faladas no Brasil (ISA, 2020), enquanto o Mapa 2 marca em verde<sup>3</sup> os locais onde as línguas Tukano são faladas na Colômbia, no Equador e no Peru (Barnes, 1999).

**Mapa 1** - Mapa das línguas Tukano no Brasil



Fonte: ISA (2020)

**Mapa 2** - Mapa das línguas Tukano na Colômbia, Equador e Peru



Fonte: Davius (2009)

As estimativas sobre o número de línguas que compõem a família Tukano variam entre 7 (Ramirez, 1997) e 29 (Chacón, 2014), a depender dos critérios utilizados para a classificação. Contudo, um fator que permanece constante em todas as diferentes classificações é que o ramo oriental da família é certamente o maior de todos. Esse ramo inclui a língua que dá nome à família (Tukano, também chamada Daseá ou Yepâ-Masa), que é a língua da qual esse capítulo se ocupa.

Em consonância com dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que a etnia Tukano tem uma população de 10 325 indivíduos, dos quais 4075 residem em território colombiano (DANE, 2005) e 6.250 vivem em território brasileiro (IBGE, 2010). Todavia, as estimativas acerca do número total de falantes da língua Tukano são de cerca

3 As línguas do ramo ocidental da família Tukano estão marcadas em verde escuro, as do ramo oriental em verde claro e as línguas do ramo central estão marcadas em uma tonalidade intermediária de verde.

de 20 000 indivíduos (ISA, 2020). A razão de haver essa discrepância entre o número de membros da etnia e o número de falantes da língua reside, em primeiro lugar, no fato de o Tukano ser uma das línguas francas da região (Ainkhenvald, 1999), tendo assim um grande número de pessoas que a falam como sua segunda língua. Além disso, as etnias da família linguística Tukano praticam a exogamia linguística (Sorensen, 1969), o que significa que as fronteiras definidoras da identidade étnica são tradicionalmente traçadas utilizando-se como referência a língua materna do indivíduo e é considerado incesto casar-se com alguém da mesma etnia. Assim sendo, os povos da família Tukano casam-se entre si e, conseqüentemente, vivem em sociedades multilíngues. A instabilidade e a gradual suplantação da língua de menos prestígio são sempre um risco para comunidades multilíngues (Wölck, 2008) e é justamente isso que tem sido observado atualmente nas comunidades Tukano, principalmente devido à influência dos missionários (Oliveira, 1983). Assim, muitos indígenas de outras etnias da região, tanto os pertencentes à família Tukano, como os Miriti-Tapuyo e os Arapaço, assim como as etnias pertencentes a outras famílias linguísticas, tais como o Tariano, que é uma língua afiliada à família Arawak (Ramirez, 1997), apenas para citar algumas, hoje falam Tukano como sua primeira língua e estão gradualmente deixando de falar o idioma de sua etnia.

## 1.2 Aporte teórico

A literatura existente acerca do fenômeno da causativização na língua Tukano é bastante escassa. A pesquisa bibliográfica realizada para a elaboração deste capítulo encontrou trabalhos de apenas dois autores que trataram do fenômeno da causativização. Mais precisamente, West (1980) e Ramirez (1997) descrevem a língua de maneira mais detalhada. West (1980), por exemplo, menciona, na seção que discute a alternância de valência verbal, a existência de um sufixo causativo {-o} que, quando adicionado a verbos intransitivos, torna-os verbos transitivos. Por sua vez, quando esse mesmo morfema

vem afixado a verbos transitivos, acrescenta-lhes um complemento indireto (West, 1980:83-84), conforme mostram os dados<sup>4</sup> a seguir:

- (1) *birî* ‘descer rio abaixo’ → *biri-ó* ‘fazer descer rio abaixo’  
 (2) *u’á* ‘tomar banho’ → *í-ó* ‘dar banho (em alguém)’  
 (3) *ĩ’yâ* ‘ver, olhar’ → *ĩ’y-ó* ‘mostrar’ (apontando com o dedo)  
 (4) *miî* ‘tirar, levar’ → *mi-ó* ‘fazer levar, mover’

Nada mais se encontra no trabalho de West (1980) sobre o fenômeno da causativização. Por sua vez, Ramirez (1997) descreve três construções causativas distintas: duas morfológicas e uma sintática<sup>5</sup>. O objetivo das próximas subseções é então apresentar uma análise descritiva de cada uma dessas construções.

### 1.2.1 Causativas Morfológicas

Conforme Ramirez (1997, p. 49-350), o sufixo causativo {-o} pode ocorrer com algumas raízes que não podem figurar sozinhas, formando um paradigma de pares mínimos com o morfema {-ri}, que codifica a ‘voz média’<sup>6</sup>, conforme exemplificam os dados de (5) a (7) a seguir<sup>7</sup>:

4 Embora os exemplos de (1) a (4) sejam extraídos de West (1980), efetuamos algumas adaptações acompanhando a convenção ortográfica utilizada por Ramirez (1997), de modo a facilitar a compreensão dos dados pelo leitor. Nos dados, as alternâncias observadas nas raízes verbais ocorrem por causa de um conjunto de processos fonológicos de harmonia vocálica que pervagam a fonologia da língua. Para mais detalhes sobre essas alterações fonológicas, referimos o leitor a Ramirez (1997, p. 45-49).

5 De fato, Ramirez chega a mencionar uma quarta construção causativa: a causativa sintática formada utilizando o verbo *duti* ‘mandar (fazer algo)’, mas não elabora acerca do seu funcionamento e da sua relação com as demais construções causativas (Ramirez, 1997, p. 272). Uma vez que essa construção envolve a coocorrência de múltiplos verbos lexicais (um assunto que ainda precisa ser mais bem estudado em Tukano), deixaremos esse tema para uma análise futura.

6 O autor também menciona outros sufixos que podem compor pares mínimos com {-o}. Entretanto, ele fornece mais exemplos com a ocorrência do morfema {-ri}. Por esta razão, os dados vêm apenas com esse sufixo de voz média.

7 Chamamos atenção do leitor para o fato de que, no dado em (7), evidencia-se um dos processos de harmonia vocálica que acaba por modificar o sufixo {-ri}.

- (5) *mirî* ‘estar submerso’ → *mi-ô* ‘(fazer) afundar, submergir’  
 (6) *mi’rí* ‘amamentar (intr.)’ → *mi’-ó* ‘amamentar (tr.)’  
 (7) *ne’rê* ‘lamber’ → *ne’-ó* ‘fazer lamber’

A contribuição de Ramirez (1997) para a compreensão do funcionamento das causativas por meio do sufixo {-o} advém principalmente do fato de que ele apresenta dados que nos permitem ter uma boa compreensão da distribuição desse tipo de causativa, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (8) *pã’kôro-pî yukîsi miri-âpi.*  
 onda-LOC canoa afundar(intr.)-PASS.REC.VIS.3INAN  
 ‘A canoa afundou (alagou) na onda.’
- (9) *yukîsi miô-mi.*  
 canoa afundar(tr.)-PRES.VIS.3MSG  
 ‘(Ele) afundou a canoa.’
- (10) *yî’î akabihi-re mi’rí ni’i-gî*  
 1SG irmão.menor-OBJ amamentar(intr.) ainda-3MSG.SS  
*wee-mí.*  
 fazer-PRES.VIS.3MSG  
 ‘Meu irmão menor ainda está amamentando.’
- (11) *ma’û, yî’î akabihi-re mi’o-ya!*  
 mãe(voc.) 1SG irmão.menor-OBJ amamentar(tr.)-IMP  
 ‘Mamãe, amamente meu irmãozinho!’
- (12) *diâyî bapá ne’rê-mi.*  
 cachorro prato lamber-PRES.VIS.3MSG  
 ‘O cachorro lambe o prato.’
- (13) *wi’magó di’tâ ba’a-kã, biâ ne’o-yá!*  
 menina barro comer-DS pimenta fazer.lamber-IMP  
 ‘Se a menina comer barro, faça-a lamber pimenta.’

Ramirez (1997) apresenta ainda um segundo sufixo causativo, a saber: {-rě́}. Os dados (14) a (17) a seguir fornecem exemplos que ilustram os contextos de ocorrência desse sufixo.

- (14) *utî* ‘chorar’ → *utîrě́* ‘fazer chorar’
- (15) *yũhú* ‘estar cansado’ → *yũhúrě́* ‘cansar’
- (16) *kií* *o’mâ,* *yũhu-mó*  
 mandioca carregar.nas.costas estar.cansado-PRES.VIS.3FSG  
 ‘Carregando mandioca, ela se cansa’
- (17) *yĩ’-re* *yũhú-rě́* *nii-sa’*  
 1SG-OBJ estar.cansado-CAUS estar-PRES.SEN.3INAN  
 ‘(Isso) me cansa’

Tendo em vista os exemplos arrolados anteriormente, conclui-se que o sufixo {-rě́} é de fato um morfema causativo, que introduz um evento de causação à estrutura sintática. Por outro lado, não é imediatamente clara qual é a diferença entre os dois morfemas causativos. Ramirez salienta que o morfema {-rě́} é menos produtivo do que o sufixo causativo {-o}.

A próxima subseção tem por objetivo analisar a construção causativa analítica. A proposta efetuada por Ramirez é a de que essa causativa codifica uma causação menos direta.

### 1.2.2 Causativa Sintática

Ramirez (1997) sustenta que causativas sintáticas analíticas são formadas da seguinte maneira: o verbo lexical recebe o sufixo {-ká} ‘DS’ e é seguido pelo verbo auxiliar *weé* ‘fazer’. Este, por sua vez, recebe os sufixos flexionais de tempo, aspecto, modo, pessoa, número e gênero, conforme exemplificam os dados em (18) a (20) a seguir:

- (18) *yĩ’* *wi’magó-re* *ba’a-ká* *weé-’*  
 1SG menina-OBJ comer-DS fazer-PRES.VIS.1  
 ‘Eu faço a menina comer’ (ou: ‘eu faço (alguém) comer a menina’)

- (19) *koô-re e'katí-kǎ wee-ámi.*  
 3FSG-OBJ ser.feliz-DS fazer-PASS.REC.VIS.3MSG  
 '(Ele) a alegrou' (a fez feliz com uma notícia que trouxe...)
- (20) *naâ-re a'ti-kǎ wee-yá!*  
 3PL-OBJ vir-DS fazer-IMP  
 'Faça-os vir!'

Tendo por base os dados anteriores, Ramirez afirma que as construções causativas analíticas indicam geralmente uma causação involuntária ou indireta, em contraste com as causativas morfológicas que indicam *sempre* (sic) uma causação direta, intencional, manipulativa ou voluntária (implicando *sempre* no envolvimento físico do causador), conforme mostram os dados em (21) a (24) a seguir:

- (21) *ĩ'yâ* 'ver' → *ĩ'yó* 'mostrar' (com o dedo)
- (22) *ĩ'yâ* 'ver' → *ĩ'yakǎ weé* 'fazer ver' (chamando a atenção com um grito)
- (23) *wã'ká* 'acordar(intr.)' → *wã'kó* 'acordar(tr.)' (chamando, sacudindo a rede...)
- (24) *wã'ká* 'acordar(intr.)' → *wã'kakǎ weé* 'acordar(tr.)' (involuntariamente)<sup>8</sup>

Em suma, observamos que há uma escala de causação, a qual, conforme Ramirez, pode ser descrita como em (25). Nessa escala, quanto mais à esquerda estiver um elemento, mais direta será a causação.

- (25) {-rẽ'} > {-o} > causativa analítica

Após a apresentação dos dados empíricos, o objetivo da próxima subseção é problematizar o fenômeno no intuito de buscarmos uma análise teórica unificada para os vários tipos de causativas descritas anteriormente.

8 Para mais detalhes sobre esse tema, referimos o leitor a Ramirez (1997, p. 271).

### 1.2.3 Problemas com a Proposta de Ramirez (1997)

Embora a hipótese em (25) pareça apontar para uma generalização relevante para compreendermos a realização do fenômeno da causativização em Tukano, a proposta teórica de que a diferença entre os tipos de construção causativa reside em quão direta é a causação não é corroborada pelo exemplo a seguir:

- (26) *naâ-re bisi-sé wã'ko-ási.*  
 3PL-OBJ fazer.barulho-NOM.INAN.PL acordar(tr.)-PASS.REC.SEN.3INAN  
 'O barulho os acordou.'

Notem que, na sentença (26), não nos é possível afirmar, com segurança, que *bisisé* 'barulho', pela natureza do próprio DP, possui a característica de [+ controle] ou [+intenção], muito menos que a causação envolveu contato físico. Assim sendo, o dado em (26) demonstra que a correlação da escala em (25) não é confirmada, tendo em vista que a causação aqui é indireta, porém não é a causativa análitica que ocorre como era de se esperar, mas sim a causativa sintética.

Mais evidências a favor dessa intuição advêm dos exemplos arrolados de (27) a (29) a seguir. Notem que apenas a sentença (27) parece produzir uma leitura de causação indireta. Mesmo assim, em (27), nada impede que a notícia tenha sido trazida com o intuito de fornecer alegria à pessoa que a ouviu. Já no exemplo em (28), não há empecilho para que se possa compreender que a causação seja direta (e.g. colocando a comida na boca da criança). A sentença (29) inclusive, por estar no infinitivo, parece presumir que o agente introduzido pela causativa terá algum tipo de controle e estará diretamente envolvido em causar a ação de *a'tí* 'vir'.<sup>9</sup>

9 Obviamente, um dos problemas para definir se as causativas em (27) a (29) são de fato indiretas está relacionado à debilidade da definição de causação direta utilizada por Ramirez (1997), que trabalha simultaneamente com as ideias de controle, volição e contato físico.

- (27) *koô-re*            *e'katí-kǎ*            *wee-ámi.*  
 3FSG-OBJ            ser.feliz-DS            fazer-PASS.REC.VIS.3MSG  
 '(Ele) a alegrou.' (Fê-la feliz com uma notícia que trouxe...)
- (28) *yi'î*            *wi'magó-re*            *ba'a-kǎ*            *weé-'*  
 1SG            menina-OBJ            comer-DS            fazer-PRES.VIS.1  
 'Eu faço a menina comer.' (ou: 'Eu faço (alguém) comer a menina')
- (29) *naâ-re*    *a'ti-kǎ*    *wee-yá!*  
 3pl-OBJ    vir-DS    fazer-IMP  
 'Faça-os vir!'

Em suma, como base nos dados arrolados até o momento, ficamos em condições de propor que a escala em (25) não capta bem a semântica de causação direta e indireta proposta por Ramirez (1997). Em vista disto, questionamos se a diferença entre as três construções causativas está mesmo relacionada somente a fatores semântico-pragmáticos. Assim sendo, na próxima seção, o objetivo é apresentar uma proposta de natureza puramente sintática, de modo a captar as diferenças na composição estrutural das construções causativas da língua Tukano. Mais precisamente, propomos que a diferença entre as causativas morfológicas e sintáticas está diretamente relacionada com o tamanho do complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup>.

#### 1.2.4 Pylkkänen (2008)

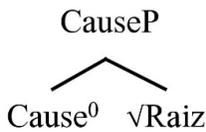
A análise teórica a ser delineada na próxima seção se apoia no pressuposto teórico de Pylkkänen (2008), conforme o qual uma das fontes da variação paramétrica no fenômeno da causativização nas línguas do mundo está diretamente correlacionada ao tamanho do complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup>. Conforme a autora, existem pelo menos três tipos de complementos possíveis para o núcleo causativo:

Nesse sentido, argumentamos que os núcleos causativos podem ser divididos em três tipos: (i) aqueles que podem se combinar com constituintes que contenham um argumento externo, (ii) aqueles que selecionam VPs que não possuem argumento externo, e (iii) aqueles que selecionam algo ainda menor que um verbo, a saber, uma raiz não-categorial. (Pylkkänen, 2008, p. 84)<sup>10</sup>

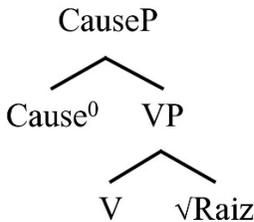
As estruturas sintáticas abstratas mostradas em (30), adaptadas de Pylkkänen (2008, p. 85), ilustram a proposta da autora sobre as possibilidades paramétricas de c-seleção do núcleo CAUSE<sup>0</sup>

(30) Tipos de raízes causativas:

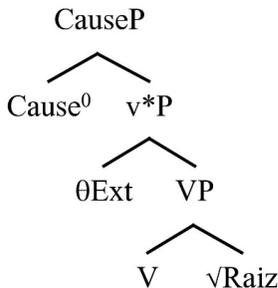
a. Núcleos que selecionam raízes



b. Núcleos que selecionam verbos



c. Núcleos que selecionam v\*P



10 Tradução livre do original: "In this respect, causative heads are argued to divide into three types: (i) those that are able to combine with constituents containing an external argument, (ii) those that select for VPs lacking an external argument, and (iii) those that select for something even smaller than a verb, namely, a category-neutral root."

Vale ressaltar que a proposta de Pylkkänen (2008) visa explicar as diferenças de comportamento do fenômeno da causativização em diferentes línguas, tendo em conta que o núcleo CAUSE<sup>0</sup> de cada língua seleciona um tipo de complemento diferente, e é isto que explica a variabilidade nos tipos das causativas numa mesma língua e entre as línguas em geral. Tendo em conta essas assunções teóricas, a próxima seção do capítulo busca avaliar o tipo de complemento que o núcleo CAUSE<sup>0</sup> em Tukano c-seleciona, ou seja, se este complemento equivale a raiz, a um VP ou a um vP fásico. Mais precisamente, propomos que a diferença entre as três construções causativas da língua Tukano está diretamente relacionada ao tamanho do complemento que esse núcleo seleciona,

### 1.3 Proposta Teórica

A proposta que pretendemos desenvolver nessa seção é a de que a diferença entre as causativas formadas com o sufixo {-o}, as que utilizam o morfema {rẽ'} e as causativas sintáticas analíticas está diretamente correlacionada ao tamanho do complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup> presente em cada uma das construções causativas. Mais precisamente, tendo por base a teoria que estamos adotando neste artigo, propomos que o núcleo CAUSE<sup>0</sup> da causativa que se realiza pelo morfema {-o} seleciona uma raiz; já o núcleo CAUSE<sup>0</sup> da causativa que se realiza pelo morfema {rẽ'} seleciona VP; e, por fim, o núcleo CAUSE<sup>0</sup> da causativa que se realiza pela causativa sintática analítica seleciona um v\*P fásico. Começamos então com a análise teórica da causativa que seleciona raízes.

#### 1.3.1 {-o} como núcleo causativo que seleciona raízes

Um dos indícios de que o núcleo causativo realizado pelo morfema {-o} seleciona mesmo raízes como complemento reside no fato de que

esta é a única construção causativa que causa alterações fonológicas na raiz. Essas alterações podem ser vistas nos dados a seguir:

- (31) *u'á* 'tomar banho' → *í'ó* 'dar banho (em alguém)'  
 (32) *ĩ'yâ* 'ver, olhar' → *ĩ'yó* 'mostrar' (apontando com o dedo)  
 (33) *miû* 'tirar, levar' → *mió* 'fazer levar, mover'  
 (34) *o'mâ* 'carregar nas costas' → *o'mó* 'fazer carregar nas costas'  
 (35) *puû* 'estar molhado' → *pió* 'molhar'  
 (36) *uhû* 'fumar' → *ihíó* 'dar de fumar'

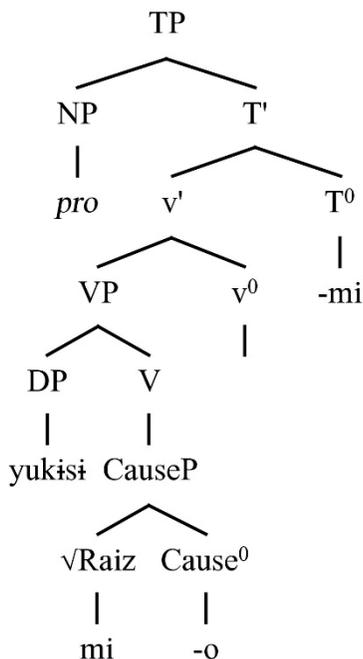
Um fato muito relevante, e não trivial, a favor da proposta de que o sufixo causativo {-o} realmente seleciona uma raiz como complemento advém das mudanças nas qualidades vocálicas das raízes verbais. Salientamos que tais processos fonológicos não se estendem para além da fronteira da palavra (Ramirez, 1997, p. 45-48). Ou seja, caso o sufixo causativo {-o} selecionasse verbos já completos ou estruturas maiores (como um v\*P), os processos fonéticos de alteração na qualidade das vogais não se expandiriam além do domínio fonológico sobre o qual ele mantém escopo. Contudo, o principal argumento a favor de nossa proposta, conforme a qual o sufixo {-o} seleciona raízes, está no fato de que esse morfema ocorre com raízes abstratas que nunca se realizam sozinhas, formando um paradigma de pares mínimos com outros sufixos como {-ri} 'voz média', como já foi demonstrado pelos dados de (5) a (7), repetidos a seguir de (37) a (39):

- (37) *mirî* 'estar submerso' → *miô* '(fazer) afundar, submergir'  
 (38) *mi'rí* 'amamentar (intr.)' → *mi'ó* 'fazer amamentar (tr.)'  
 (39) *ne'rê* 'lamber' → *ne'ó* 'fazer lamber'

Tomando por base essas evidências empíricas, ficamos em condições de propor que o complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup>, realizado na morfologia pelo sufixo {-o}, de fato seleciona raízes e não VPs nem v\*Ps fásicos, conforme demonstra a estrutura sintática em (41).

- (40) *yukîsi mi-ô-mi.*  
 canoa afundar(tr.)-CAUS-PRES.VIS.3MSG  
 '(Ele) afundou a canoa.'

(41)



### 1.3.2 {rě'} COMO NÚCLEO CAUSATIVO QUE SELECIONA VERBOS

Nas construções com o morfema {rě'}, por outro lado, não se observa nenhum processo morfológico que indique que este se combine com raízes não categoriais, como o que ocorre com as raízes que se combinam com o núcleo causativo {-o}. De fato, o morfema {-rě'} nunca parece se fundir (*conflate*) com o seu complemento, como demonstrado nos exemplos de (14) a (17) mostrados anteriormente, e repetidos a seguir de (42) a (45).

(42) *utî* 'chorar' → *utî-rě'* 'fazer chorar'

(43) *yũhú* 'estar cansado' → *yũhú-rě'* 'cansar'

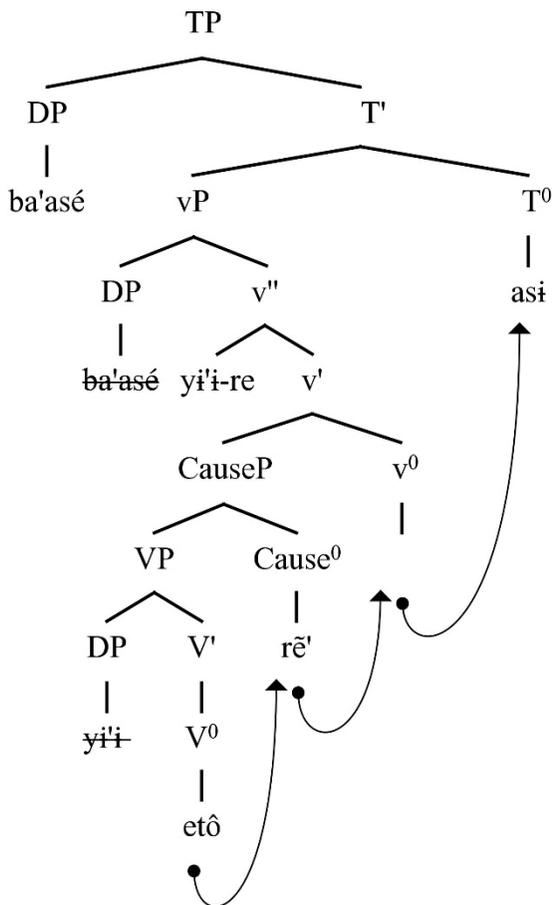
- (44) *kíí*                      *o'mâ,*                      *yũhu-mó*  
 mandioca                  carregar.nas.costas                  estar.cansado-PRES.VIS.3FSG  
 'Carregando mandioca, ela se cansa'
- (45) *yí'i-re*                  *yũhú-rě'*                      *nii-sa'*  
 1SG-OBJ                  estar.cansado-CAUS                  estar-PRES.SEN.3INAN  
 '(Isso) me cansa'

Contudo, não é apenas a ausência de alterações na forma da raiz verbal que indica que o complemento do sufixo {-rě'} não é uma raiz. Observa-se que nos dados (43) e (45) acima, por exemplo, o morfema causativo não forma uma unidade tonal com a raiz verbal. A marcação tonal da língua Tukano está relacionada às regras de acentuação (Lopes, 2021). De forma simplificada, o que ocorre é que a sílaba acentuada é marcada com o tom alto que, então, se espalha para a direita. Raízes que são marcadas com um acento circunflexo (como *utí* 'chorar') tem uma melodia tonal alta [HH – úútí], que é fruto da acentuação na primeira sílaba da raiz. Por sua vez, raízes grafadas com o acento agudo (como é o caso de *yũhú* 'estar cansado') são aquelas que têm uma melodia tonal ascendente [LH–jũhú], resultado do processo de acentuação na segunda sílaba da raiz. Por causa da estrutura métrica, quando as raízes de melodia tonal recebem um sufixo, o seu acento se desloca para a direita, como ocorre no dado em (42) em que o verbo *yũhú* ('estar cansado') recebe o sufixo flexional {-mo} 'PRES.VIS.3FSG', e o tom alto é claramente deslocado para a direita, resultando em *yũhumó* [LLH–jũhùmó] ('ela se cansa').

Assim sendo, o fato de {-rě'} não receber o tom alto da raiz em (43) e em (45) indica que esse morfema causativo difere do causativo {-o}. Este fato demonstra que o complemento do sufixo {-rě'} é um verbo fonologicamente completo. Portanto, tendo em vista essas evidências fonológicas, argumentamos a favor da hipótese de que o morfema {-rě'} seleciona um verbo, não uma raiz, como complemento, conforme indica a derivação sintática em (47).

- (46) *ba'asé*                      *yi'i-re*                      *etô-rẽ'-asi*  
 comida                      1SG-OBJ                      vomitar-CAUS-PAS.REC.SEN.3INAN  
 'A comida me fez vomitar'

(47)



### 1.3.3 CAUSATIVAS SINTÁTICAS COMO ESTRUTURAS QUE SELECIONAM v\*Ps

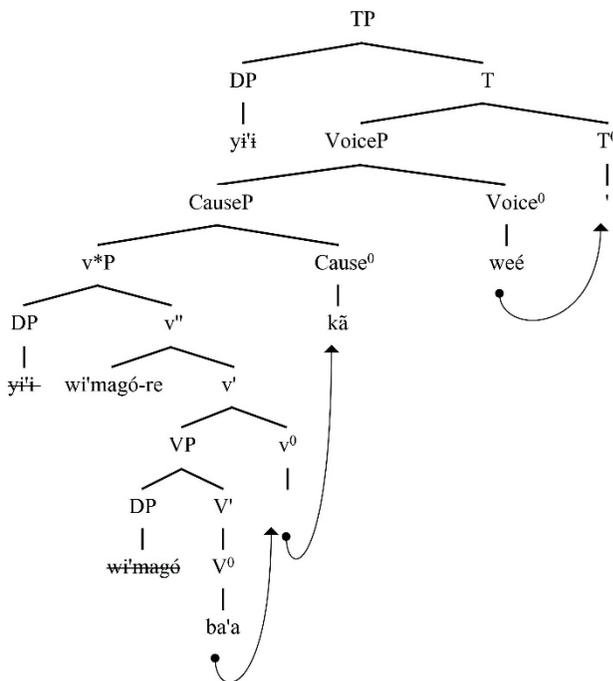
O terceiro tipo de construção causativa corresponde àquela em que o verbo lexical recebe o sufixo {-kã}. Este morfema tem a função de indicar que o sujeito do vP encaixado é correferente ao do

vP mais alto. O verbo lexical, por sua vez, vem acompanhado do verbo causativo *weé* ‘fazer’. Assumiremos que esse verbo realiza o núcleo causativo e que sempre seleciona verbos que já possuem uma estrutura completa, com a projeção de argumento externo com papel theta de agente, o que nos permite, por sua vez, arrematar a proposta de que este complemento é um v\*P fásico. O dado (48) a seguir ilustra uma dessas construções.

- (48) *yí'í*      *wi'magó-re*      *ba'a-ká*      *weé-*.  
 1SG      menina-OBJ      comer-DS      fazer-PRES.VIS.1  
 ‘Eu faço a menina comer’ (ou: ‘eu faço (alguém) comer a menina’)

Uma vez que os verbos selecionados por essa estrutura vêm sempre acompanhados de um argumento externo, propomos que as causativas sintáticas em Tukano selecionam um v\*P como complemento, conforme a estrutura sintática abstrata delineada em (49).

- (49)



#### 1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo fornece uma proposta teórica unificada para analisar as diferentes construções causativas na língua Tukano. A proposta delineada é a de que a diferença entre as três estruturas causativas da língua Tukano tem motivação sintático-semântica, e não somente semântica como outros autores propõem. Mais precisamente, postulamos que a diferença entre as três construções causativas existentes na língua reside no tamanho do complemento selecionado pelo núcleo CAUSE<sup>0</sup> de cada uma delas. Em suma, entretemos a hipótese de que há uma variação interna à própria língua, conforme a qual o núcleo CAUSE<sup>0</sup>, quando realizado pelo sufixo {-o}, seleciona uma raiz. Contudo, quando esse mesmo núcleo vem realizado pelo morfema {-rẽ}, seleciona um VP, enquanto nas causativas analíticas esse núcleo seleciona um *v*\*P fásico. Em suma, a análise apresentada neste capítulo postula que a variação dos complementos do núcleo CAUSE<sup>0</sup> pode ocorrer tanto internamente em uma mesma língua como entre línguas de origem tipológica distinta.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
CAUS	causativo
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estatística
DS	<i>different subject</i> (sujeito diferente)
F	feminino
H	tom alto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMP	imperativo
INAN	inanimado
ISA	Instituto Socioambiental
L	tom baixo
LOC	locativo
M	masculino
NOM	nominalizador
OBJ	objeto
PASS	passado
PL	plural
PRES	presente
REC	recente
REM	remoto
SEN	evidência sensorial
SG	singular
SS	same subject (mesmo sujeito)
TOP	topicalizador
V	vogal
VIS	evidência visual

## REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, north-west Amazonia. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. cap. 14, p. 382-416.
- BARNES, Janet. Tucano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. cap. 7, p. 207-226.
- CHACÓN, Thiago Costa. A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification *International Journal of American Linguistics*, v. 80, n. 3, p. 275-322, 2014.
- DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE), *Censo Nacional de Poblacion de 2005*. Disponível em <[https://www.mininterior.gov.co/sites/default/files/upload/SIIC/PueblosIndigenas/pueblo\\_tukano.pdf](https://www.mininterior.gov.co/sites/default/files/upload/SIIC/PueblosIndigenas/pueblo_tukano.pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Tukano. In: *Povos Indígenas no Brasil*. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- LOPES, Braulio Brandão de Oliveira. *The Syntax of Object Marking in Tukano: a formal approach*. Belo Horizonte. UFMG: Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado, 2021.
- OLIVEIRA, Ana Guita de. *Missionários e Índios do Alto Rio Negro*. Brasília: Jornal de Brasília, 1983
- PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.
- RAMIREZ, Henri. *A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa*: Tomo I Gramática. Manaus: CEDEM, 1997.
- SORENSEN, Arthur P. *Morphology of Tucano*. Tese (Doutorado em Linguística) – Columbia University, 1969
- WEST, Bridie. *Gramatica Popular del Tucano*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verano, 1980
- WÖLCK, Wolfgang. Diglossia, stable bilingualism and minority language maintenance. In: *International Journal of Anthropology*, v. 23, p. 221-232, 2008.

## CAPÍTULO 2

# MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO OBJETO EM BANTU E EM TUPI-GUARANI

Fábio Bonfim Duarte<sup>1</sup>

Este capítulo tem por objetivo mostrar que línguas bantu e línguas da família linguística Tupi-Guarani exibem o fenômeno de marcação diferencial do objeto, doravante DOM. Para examinar tal fenômeno, centro minha atenção principalmente em três línguas, a saber: o Guarani, o Ka'apor e o Changana. É importante salientar que a língua Changana<sup>2</sup>, também conhecida na literatura como Xitchangana, é uma das várias línguas nativas catalogadas pelo Atlas Geográfico de Moçambique. Pertence ao ramo de línguas Níger-Congo e é uma língua majoritariamente falada no distrito de Gaza e em Maputo, região sudeste de Moçambique. Changana é ainda falada

---

1 Professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Linguística e Língua Portuguesa. Contato: fbonfim@terra.com.br

2 Conforme Duarte (2012, p.1), "*Changana, also referred to as Xitchangana in the literature, is one of the several native languages catalogued by the Geographic Atlas of Mozambique. The language belongs to the Bantu branch of the Niger-Congo languages and is mainly spoken in the Gaza District and in Maputo, in the southern region of Mozambique. Changana is also spoken in some of the countries that lie along the boundary line of Mozambique, such as South Africa and Zimbabwe.*"

na África do Sul e no Zimbábue, países esses que se situam na região fronteira com Moçambique. Já o Ka'apor e o Guarani são línguas indígenas brasileiras e ambas pertencem à família linguística Tupi-Guarani, Tronco Tupí. O Ka'apor é falado por cerca de 1000 pessoas, e suas aldeias se localizam a noroeste do estado do Maranhão, na região norte do Brasil. O Guarani, por sua vez, é falado na região sul do Brasil, na Argentina e no Paraguai. Para mais detalhes sobre o Guarani remeto o leitor à tese de doutorado de Martins (2003).

O capítulo está organizado em quatro seções. Na seção 2.1, apresentamos as principais assunções teóricas que fundamentam a análise empírica dos dados colhidos. A seção 2.2. discute o funcionamento de DOM na língua Guaraní. Mostra-se que é DOM regulado pelas propriedades de animacidade e definitude do referente do objeto. A seção 2.3 analisa os dados do Ka'apor. Identificamos que, nessa língua, a partícula [.ke] ocorre em DPs que carregam propriedades semânticas que são mais típicas de argumentos na posição de sujeito. Já a seção 2.4. investiga o intrincado sistema de concordância de objeto em Chanagana. Observa-se que a ocorrência dos prefixos de objeto, que figuram antes da raiz verbal, está diretamente condicionada ao fato de esses argumentos serem definidos ou não, independentemente se se referem a DPs humanos ou não humanos. Por fim, a seção 2.5 apresenta as considerações finais.

## 2.1 APORTE TEÓRICO

A hipótese teórica que exploro neste trabalho é a de que as escalas de animacidade e de definitude desempenham forte papel no engatilhamento da marcação diferencial do objeto nessas línguas. Para ancorar teoricamente a proposta a ser delineada nas próximas seções, assumo as propostas de Silverstein (1976), Givón (1978), Comrie (1989), Aissen (2002) e Haspelmath (2008), segundo as quais há, sim, forte correlação entre marcação diferencial de objeto e o grau de proeminência que o objeto ocupa na escala de animacidade

e definitude. Conforme esses autores, a marcação diferencial de objeto, consiste em um fenômeno, no qual o objeto de verbos transitivos pode receber determinadas marcações morfossintática para codificar nuances semânticas distintas. Essas marcações variam entre realização de caso morfológico no DP e engatilhamento de concordância no verbo. Neste sentido, o surgimento de DOM, em muitas línguas, está diretamente conectado com os traços de definitude e animacidade que o objeto denota, de modo que o fator que regula a marcação diferencial ou não de objetos está estreitamente relacionada a essas propriedades. Aissen (2002), por exemplo, postula dois princípios que operam quando DOM é acionado: o princípio da iconicidade e o princípio de economia. Estes dois princípios dão conta do fato de que será marcado o objeto (direto/indireto) que possuir traços menos previstos na escala de proeminência. Desta maneira, quanto mais atípicos forem os traços de um objeto, mais provável de este argumento ser marcado em determinada língua. Por esta razão, Aissen<sup>3</sup> (2002) propõe duas escalas de proeminência para dar conta do fato de que DPs na posição sintática de objeto (direto ou indireto), quando altos na escala de animacidade e definitude, são mais suscetíveis a apresentarem a marcação diferencial. Em suma, a inter-relação entre função de objeto e a escala de definitude/animacidade produz as seguintes hierarquias de marcação do objeto:

(1) **a. ANIMACY SCALE:**

*human > animate > inanimate*

**b. DEFINITENESS SCALE:**

*Personal pronouns > Proper name > Definite NP > Indefinite specific NP > Non-specific NP*

De acordo com as duas escalas arroladas anteriormente, a previsão é a de que nunca acontecerá uma situação em que

3 Aissen (2002, p. 8) assume o seguinte: "according to these hierarchies, if any clauses are to be avoided because of the animacy of the subject and/or object, it will be clauses with inanimate subjects and/or human objects."

argumentos que ocupam posições baixas na escala de definitude virem marcados, enquanto aqueles argumentos que ocupam uma posição alta nesta mesma escala não sejam marcados. Em suma, esta propriedade tipológica pode ser mais bem percebida pela seguinte generalização de Comrie (1986, p.128):

*[...] the most natural kind of transitive construction is one where the A is high in animacy and definiteness, and the P is lower in animacy and definiteness; and any deviation from this pattern leads to a more marked construction  
[...] the construction which is more marked in terms of information flow should also be more marked formally.*

A previsão anterior de Comrie (1986) fica particularmente evidenciada pelo fato de que, em várias línguas do mundo, os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, que codificam os traços (+participante, +/-falante), são os tipos mais marcados de objeto, enquanto objetos indefinidos e não específicos são os D/NPs menos marcados. As escalas propostas em (1) formam, assim, a base para a explicação de ocorrência de DOM em várias línguas naturais, a qual é inteiramente, ou em parte, determinada pelos traços de definitude e/ou animacidade do objeto. O ranqueamento dessas restrições denota que as ocorrências de objetos pronominais e definidos na posição de objeto tendem a ser mais marcadas formalmente nas línguas humanas. Desta maneira, adotarei nesta pesquisa a assunção, conforme a qual as línguas Guarani, Ka'apor e Changana tendem a realizar uma marcação diferencial de objetos que ocupam as posições mais altas na escala de animacidade e definitude, haja vista que esses argumentos possuem os traços semânticos que, em geral, são menos esperados para esse tipo de argumento. Adicionalmente, o que a literatura vem mostrando é que DOM pode ser realizado por meio de morfologias específicas de caso, por meio do sistema de concordância ou por meio da ordem de constituintes. Começamos então com a análise do DOM na língua Guarani.

## 2.2 EVIDÊNCIAS DO GUARANI

Em Guarani, observa-se que o sufixo/posposição [*pe* ~ *me*] é engatilhado para marcar a animacidade e definitude do objeto. Comparem-se os exemplos a seguir:

### **PRESENÇA DE *pe* CODIFICA QUE O OBJETO TEM INTERPRETAÇÃO DEFINIDA**

(2) *ava o-juka-ségui mborevi-pe*

homem 3SG-matar-INTC anta-PSP

‘O homem de propósito matou a anta (leitura definida).’

### **AUSÊNCIA DE *pe* CODIFICA QUE O OBJETO TEM INTERPRETAÇÃO INDEFINIDA**

(3) *ava o-juka-ségui mborevi*

homem 3-matar-INTC anta

‘O homem de propósito matou uma anta (leitura indefinida).’

Tendo-se em conta os dados do Guarani, nota-se que a marcação diferencial do objeto em Guarani é condicionada pelos traços [+ANIMADO] E [+DEFINIDO]. O dispositivo gramatical utilizado pelo Guarani para expressar DOM dá-se por meio da posposição marcadora de Caso dativo *pe*. O quadro a seguir resume os traços semânticos que o referente do objeto precisar ter para que DOM ocorra em Guarani.

Quadro 1: Traços semânticos do referente do objeto

Função sintática	Traços do referente do objeto
objeto direto	[+ANIMADO]
	[+DEFINIDO]

## 2.3 EVIDÊNCIAS DO KA'APOR

### 2.3.1 O FATOR ANIMACIDADE

Já na língua Ka'apor, observa-se que DOM é requerida nos contextos sintáticos em que o referente do objeto exibe a propriedade

semântica de animacidade. Mais precisamente, objetos pronominais [+participante (+/-falante)] e não pronominais, cujo referente carrega o traço [+ANIMADO] e [+HUMANO] precisam receber sistematicamente uma marcação diferencial. Esta marca realiza-se na morfosintaxe por meio da partícula marcadora de caso dativo [**ke**], que figura enclítica ao NP na posição de objeto. Por este motivo, assumirei, doravante, que uma das funções de DOM em Ka'apor é evitar ambiguidades na identificação das funções sintáticas de sujeito e de objeto em predicados transitivos de ação, particularmente quando esses argumentos competem pelas posições sintáticas nucleares na sentença. Em tais contextos, o objeto deve vir obrigatoriamente marcado pela partícula [**ke**], uma vez que carrega as propriedades semânticas [+ANIMADO (+HUMANO)], conforme mostram os dados a seguir:

(4) *Tuti ke Xa'e Ø-jukwa*

Tuti MO Xa'e 3-matar

'Xa'e matou Tuti.'

(Kakumasu, 1986, p. 351)

(5) *Mataru Xa'e ke Ø-nupã tĩ*

Mataru Xa'e MO 3-bater REP

'Mataru bateu em Xa'e novamente.'

(Kakumasu, 1986, p. 351)

Além dos contextos a seguir, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, singular ou plural, vêm obrigatoriamente marcados pela partícula [**ke**] sempre que ocorrem nas posições sintáticas de objeto. Tendo em conta essa distribuição, a generalização que se pode propor é a de que pronomes pessoais, uma vez que são intrinsecamente [+animados] e [+humano] engatilham a partícula de dativo [**ke**]. Tal fato sinaliza que DOM é sempre acionado em Ka'apor nos contextos em que o objeto vem realizado por meio de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa. Note-se que em tais ambientes sintáticos o sujeito corresponde a um agente típico.

Este sistema coaduna-se com o pressuposto teórico, segundo o qual DNPs [+humanos] e [+animados], que ocupam a posição sintática de objeto, tendem a receber algum tipo de marcação diferencial. É esse fato que explica a razão por que esses NPs recebem a partícula [**.ke**] em Ka’apor nos contextos a seguir. Notem que DOM é particularmente requerido tendo em conta o fato de que o sujeito e o objeto são ambos altos na escala de animacidade. Comparem-se os dados a seguir:

(6) *apo pehẽ ihẽ ke pe-harõ ta*  
 agora tu eu MO 2PL-esperar IMIN  
 ‘Agora você esperará por mim.’

(7) *ihẽ ne ke a-pyhyk ’y*  
 eu tu MO 1SG-pegar IMIN  
 ‘Eu pegarei você.’

(Caldas, 2009, p. 327)

Em suma, pode-se concluir que os dois subsistemas descritos anteriormente estão diretamente relacionados à escala de animacidade. Portanto, o fato de objetos [+ANIMADOS] e [+HUMANOS] forçarem o engatilhamento de DOM em Ka’apor reflete uma tendência tipológica nas línguas de maximamente diferir o objeto do sujeito, particularmente quando os traços semânticos desses dois argumentos nucleares coincidem seja na escala de animacidade seja na escala de definitude.

### 2.3.2 O FATOR DEFINITUDE

Ao contrário dos contextos descritos na seção anterior, há contextos no quais DOM é exigido em Ka’apor, muito embora a ausência da marcação diferencial não conduza à ambiguidade semântica pelo fato de o objeto não ser [+ANIMADO]. Em tais contextos, o fato digno de nota é que, embora o objeto não seja alto na hierarquia de animacidade, ele o é na escala de definitude, em virtude

de corresponder a um NP cujo referente é dado no contexto pragmático. Comparem-se os exemplos (a) e (b) a seguir:

(8a) *ihẽ*      *'ok*      ***ke***      *a-peir*      *ĩ*  
 eu      casa      MO      1SG-varrer      PERF 2  
 'Eu varri a casa.'

(8b) *ihẽ*      *'ok*      *a-peir*  
 eu      casa      1SG-varrer  
 'Eu (usualmente) varro a casa.'

(9a) *a'e*      *'ok*      ***ke***      *Ø-mujã*  
 3      casa      MO      3SG-fazer  
 'Ele tem construído a casa.'

(Silva, 2001, p. 39)

(9b) *ihẽ*      *'ok*      *a-mujã*  
 1      casa      1SG-fazer  
 'Eu (usualmente) construo casa.'

(10a) *a'e*      *i-ky*      ***ke***      *Ø-ji'ok*  
 3      NC-piolho (de alguém) MO      3-extrair  
 'Ele extraiu o piolho.'

(Silva, 2001, p. 37)

(10b) *ihẽ*      *iky*      *a-ji'ok*  
 eu      NC-piolho      1-extrair  
 'Eu extraí um piolho (de alguém).'

(Caldas, 2001, p. 27)

(11a) *ihẽ*      *narãj*      ***ke***      *a-pirok*  
 eu      laranja MO      1SG -descascar  
 'Eu descasquei a laranja.'

(11b) *Ø-pirok*      *narãj*      *tĩ*  
 3SG-descascar      laranja REP  
 'Ele descascou uma laranja.'

(Silva, 2001, p. 38)

Curiosamente, o inverso também ocorre, já que objetos animados nem sempre engatilham DOM. Em tais contextos, o NP na posição sintática de objeto, embora seja [+ANIMADO, +HUMANO], permanece sem marca diferencial. Este fato se explica porque esse NP se refere a uma entidade não definida e não específica, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (12) *t-a'yr*    *Ø-pyhu-katu*                    *i-paj*    *tĩ*  
 g-filho    3SG-respeitar-INTS                    NC-pai    REP  
 'Filho respeita pai.'

(Caldas, 2001, p. 7)

Tendo em conta o exemplo em (12), notamos que objetos [+ANIMADO, +HUMANO] nem sempre engatilham marcação diferencial do objeto, como o leitor, a princípio, podia ter imaginado. Desta forma, uma maneira de contornarmos este problema é propormos que DOM na língua Ka'apor não é regulado pela escala de animacidade, mas sim pela escala de definitude. A principal evidência a favor de assumirmos esta hipótese surge do fato de que DOM é obrigatório em objetos definidos e específicos, independentemente do fato de o objeto ser humano, animado ou inanimado. Conseqüentemente, parece plausível admitirmos que a marcação diferencial de objetos definidos não seja opcional em Ka'apor, mas ao contrário obrigatório. Esta assunção, por sua vez, explica a razão por que pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa (=the local persons (1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup>)), DPs definidos, DPs humanos/animados e DPs definidos não animados, quando estão na posição de objeto, são todos suscetíveis a receberem a marcação diferencial por meio da partícula [.ke]. Em suma, concluo que DOM em Ka'apor é bastante previsível em contextos nos quais os objetos são realizados por meio de pronomes de primeira e segunda pessoa e por DPs definidos. Por conseguinte, a generalização que se pode assumir para explicarmos o engatilhamento da partícula [.ke] em objetos definidos na língua Ka'apor é a seguinte:

- (13) *pronomes de primeira e de segunda pessoas e NPs definidos tendem a receber DOM por serem mais salientes que outros NPs na escala de definitude.*

### 2.3.3 RESUMO DAS PROPRIEDADES DO DOM EM KA'APOR

Tendo por base a análise apresentada até aqui, a generalização que podemos formular é a de que o traço de definitude é o principal fator que obriga o engatilhamento do DOM em Ka'apor. Acompanhando esta proposta, assumirei que objetos que carregam o traço [+DEFINIDO] serão sempre marcados por [.ke], independentemente se o seu referente é animado, humano ou não. A representação no quadro a seguir busca captar esta correlação sintático-semântica.

Quadro 2: Correlação sintático-semântica do engatilhamento de DOM

Função sintática	Traços do referente do objeto
objeto direto	[+ANIMADO]
	[+DEFINIDO]

### 2.4 EVIDÊNCIAS DO CHANGANA

Pode-se afirmar com certa segurança que a marcação diferencial do objeto em Changana dá-se por meio do engatilhamento de prefixos de concordância no complexo morfológico do verbo. Esse morfema corresponde ao que a literatura bantu descreve como sendo concordância do verbo com o objeto em construções com objeto simples. Nesta linha de investigação, o que os dados apontam é que o aparecimento desta marca implica que o referente do objeto precisa necessariamente já ter sido mencionado anteriormente no contexto discursivo. Desse modo, quando este sintagma constituir o tópico discursivo, deve ser referido no complexo morfológico verbal por meio do prefixo de concordância de objeto. Note que tal assunção fica

particularmente instanciada pelo extrato narrativo a seguir, o qual foi colhido a partir da narrativa das peras que foi produzida por um de nossos consultores Changana. Notem que a ocorrência do prefixo de objeto está diretamente relacionada ao DP que figura como o tópico da narrativa.

(14a) *a lew (luwayi) wa mu-fanai luwiya a-nga-dib-a*  
 DET este 1 1-rapaz 1-que 1-REL-cair-VF  
*ni basek-e(ni)*  
 com bicicleta-em  
 ‘Este rapaz que caiu da bicicleta.’

(14b) *a-a-khohlw-e xi-dlqoko xa-kwe*  
 1-TAM-esquecer-VF 7-chapéu 7-ele  
 ‘(Ele) tinha esquecido o chapéu dele.’

(14c) *se... swi-mui-vitan-a*  
 aí... 8MS-1MO-chamar-VF  
 ‘Aí eles o chamaram.’

(14d) *a ku va a-teka xidlqoko lexiya*  
 para 1MS-pegar chapéu aquele  
 ‘Para ele pegar aquele chapéu.’

(14e) *swi-mui-nyik-et-a*  
 8MS-1MO-entregar-CONTACTIVO-VF  
 ‘(Então) eles entregaram (o chapéu) para ele’

Note, em particular, o fato de que o prefixo de objeto {mu-}<sup>4</sup>, que figura nos verbos das sentenças em (14c-e), tem como referente um sintagma em posição de tópico, o que já foi mencionado anteriormente no discurso. Mais precisamente, o que se observa é que esse morfema retoma o sintagma *a luwayi wa mufana* “este rapaz”, o qual

4 Chimbutane (2002, p. 99), por exemplo, postula a seguinte correlação para explicar o engatilhamento da concordância do objeto no verbo: “[...] *the presence or absence of the OM correlates with givenness and newness of the information referred to by the postverbal NP. In this sense, it may be said that object-marking is induced by pragmatic features of the targeted NP; only NPs with specific reference and functioning as discourse top may be object-marked.*”

ocorre na cabeça da oração relativa da sentença (14a). Tal fato corrobora a previsão de que a ocorrência dos marcadores de objeto em Changana está diretamente a um referente definido, o qual equivale ao tópico do discurso. Em suma, assim como se dá em outras línguas da família linguística bantu, esta retomada serve como recurso gramatical para efetuar retomada de DPs já introduzidos anteriormente no discurso e o distingue de DPs não tópicos, não definidos. Tendo em conta a evidência empírica fornecida anteriormente e acompanhando a proposta de Chimbutane (2002), assumo, doravante, que o estatuto do prefixo de objeto em Changana tem como principal função gramatical retomar DPs que sejam necessariamente [+tópicos], [+definidos] e [+referenciais]. A consequência imediata dessa proposta é que a marcação diferencial do objeto em Changana tem a função de diferir objetos referenciais de objetos não referenciais por meio de prefixos de concordância de objeto que ocorrem no *template* morfológico do verbo. Evidências empíricas a favor desta análise pode ser encontrada por meio dos pares mínimos arrolados a seguir, em que os referentes dos objetos devem necessariamente ser interpretados como sendo tópicos e, portanto, devem ser conhecidos previamente pelos interlocutores.

- (15) *xona xi-rhanza a xinwanani*  
 ele 7MS-ama DET menino  
 'Ele ama um menino.' [um referente não definido]
- (16) *xona xa-xi-rhanza a xinwanani*  
 ele 7MS-CL7-ama DET menino  
 'Ele ama O MENINO.' [um referente definido]
- (17) *xinwanani xi-rhandz-a ma-donsi*  
 CL7-criança 7MS-gostar-VF 6-doce  
 'A criança gosta de doce.' [um referente não definido]
- (18) *xinwanani xa-ma-rhandz-a ma-donsi?*  
 7-criança 7MS-MO.6MO-gostar-VF 6-doce  
 'A criança gosta DE DOCE?' [um referente definido]



- (24) **a** *ngwana*<sub>1</sub> *leyi* [<sub>RELATIVE CLAUSE</sub> *ni-nga-yi*<sub>1</sub>-*rhandza*] *yi-f-ile*  
 DEF 3-cachorro<sub>1</sub> que-3 eu-REL -3MO<sub>1</sub>-AMAR 3MS-morrer-PAST  
 ‘Este cachorro que eu (o) amo morreu.’

Para termos certeza de que a partícula **a** nos exemplos anteriores realmente indica definitude do objeto, seria importante averiguarmos se nesses contextos a concordância de objeto pode ou não ser apagada. A expectativa é a de que, sendo o objeto definido, a marca de concordância de objeto no verbo não poderia, em princípio, ser omitida em tais contextos. Contudo, por falta de dados contrastivos mais substanciais, não pudemos averiguar até o momento se tal predição realmente se confirma ou não, de modo que deixaremos o aprofundamento desta questão para uma pesquisa futura.

Outra evidência de que o prefixo de concordância de objeto realmente constitui um dispositivo gramatical para indicar marcação diferencial de objeto advém dos contextos a seguir, retirados de Chimbutane (2002:85). Notem que tais contextos indicam que, de fato, a estratégia de concordância do verbo com o objeto não se aplica, caso o objeto ocupe uma posição baixa na escala de referencialidade, conforme indica a agramaticalidade dos exemplos em (25b) e (26b) a seguir:

- (25a) *mu-hloti*                      *a-dlay-ile*                      *n'-chumu*  
 1-caçador                      1MS-matar-PASS                      3-coisa  
 ‘O caçador matou algo.’

- (25b) \**mu-hloti*                      *a-wu-dlay-ile*                      *n'-chumu*  
 1-caçador                      1MS-3MO-matar-PASS                      3-coisa  
 ‘O caçador matou algo.’

- (26a) *n-ghonyama*                      *yi-dlay-ile*                      *mu-nhu*  
 9-leão                      9MS-matar-PASS                      1-pessoa  
 ‘O leão matou alguém.’

- (26b) \**n-ghonyama yi-mu-dlay-ile mu-nhu*  
 9-leão 9MS-1MO-matar-PASS CL1-pessoa  
 ‘O leão matou alguém.’

Terceira evidência a favor da hipótese de que o traço de definitude realmente desempenha papel proeminente no engatilhamento de DOM em Changana advém de exemplos em que o objeto, embora carregue o traço [+ANIMADO], não engatilha a concordância diferencial por não ser definido. Isto fica particularmente instanciado pelo fato de que os objetos a seguir não vêm acompanhados da partícula *a*, cuja principal função é codificar o traço de definitude. Os dados a seguir mostram, portanto, que a ausência da marca de objeto no verbo está diretamente relacionada ao fato de o objeto ser não definido.

- (27) *ni-tiv-a mu-fana*  
 1SG-conhecer-VF 1-rapaz  
 ‘Eu conheço um rapaz.’
- (28) *ni-ta-vona xi-ngove*  
 1SG-FUT-verei-VF 7-gato  
 ‘Eu verei um gato.’

Em síntese, os dados em (27) e (28) confirmam, portanto, que não basta que o objeto seja animado para que ocorra a concordância diferencial. Na verdade, o fator gramatical que conta para que a marcação diferencial do objeto seja engatilhada é que o referente do objeto precisa carregar necessariamente os traços [+DEFINIDO, +REFERENCIAL], para que a concordância de objeto ocorra no complexo morfológico do verbo.

Outro contexto em que a marcação diferencial do objeto se faz sentir surge das restrições semânticas impostas pela natureza aspectual da sentença. Chimbutane (2002:87), por exemplo, salienta que há, em Changana, dois tipos de aspecto: um que o autor descreve como sendo presente assertivo e outro que ele classifica como

sendo presente pressuposicional.<sup>5</sup> Na verdade, estas duas categorias correspondem, respectivamente, ao que a literatura linguística tradicionalmente descreve como aspecto progressivo e habitual. Com base nesta assunção, o que se observa é que o fato de o evento denotar um evento habitual ou progressivo faz com que o objeto possa ter uma leitura de tópico, portanto o seu referente será necessariamente interpretado como [+REFERENCIAL], ou de foco, contextos nos quais o referente do objeto será interpretado como informação nova no discurso. Em síntese, o que se observa é que o presente assertivo não permite a concordância do verbo com o objeto, porque esta forma verbal denota que o objeto deve ter uma leitura de foco, pois é uma informação nova. Já as sentenças que possui uma forma verbal no presente pressuposicional implica necessariamente que o referente do objeto deve constituir uma informação já dada no discurso. Em outros termos, esta forma verbal, por denotar que o evento se realiza no aspecto habitual, pode engatilhar a concordância de objeto justamente por pressupor que o referente do objeto deve constituir uma informação já partilhada no discurso. Outra diferença formal importante é que somente o presente pressuposicional realiza morfologia de aspecto, a qual é instanciada pelo afixo {-}, enquanto o presente assertivo é morfologicamente não marcado. Seguindo esta linha de raciocínio, a agramaticalidade do exemplo em (29b) a seguir resulta do fato de a escolha do presente assertivo (=aspecto progressivo) resultar na interpretação de que o referente do objeto é informação nova no discurso. Comparem-se os exemplos a seguir:

(29a) *Ndzi-dl-á nyámà*  
 1SG-comer-VF 9-carne  
 ‘Estou comendo carne.’

5 Esta análise se sustenta na hipótese de Chimbutane (2002, p. 88), segundo a qual: “*The choice between present assertive [...] and present presuppositional [...] depends on whether the postverbal NP provides new or old information, that is, whether the postverbal NP is assumed to be FOC or a discourse TOP. [...] Present assertive does not allow object-marking [...], whereas present presuppositional does. [...] The fact that object-marking is possible with present presuppositional is a consequence of the fact that this present tense and the OM pick out arguments assigned the TOP function*”

- (29b) \**Ndzì-yí-dl-à*                      *nyámà*  
 1SG-comer-VF                      9-carne  
 ‘Estou comendo carne.’

Contudo, quando o verbo se reveste da morfologia do presente pressuposicional (=aspecto habitual), a leitura obtida é que o referente do objeto deve ser necessariamente interpretado como sendo alto na escala de referencialidade/definitude. Note que em tais contextos o morfema de aspecto deve necessariamente se realizar por meio do prefixo {a-}, conforme a seguir:

- (30a) *Ndz-a-dl-à*                      *nyámà*  
 1SG-PRES-comer-VF                      9-carne  
 ‘Como carne (habitualmente).’

- (30b) *Ndz-a-yí-dl-à*                      *nyámà*  
 1SG-PRES-9MO-comer-VF                      9-carne  
 ‘Como carne (habitualmente).’

Em suma, a impossibilidade de que a concordância do objeto figure no presente assertivo (=aspecto progressivo) está diretamente conectada com o fato de esta forma verbal impossibilitar uma interpretação definida ao objeto. Todavia, quando a única interpretação possível for a de que o referente do objeto é necessariamente interpretado como sendo definido, por se referir a uma informação já dada no discurso, a concordância entre o verbo e o objeto não é opcional, mas, ao contrário, obrigatória. Para tal, comparem-se os dados a seguir:

- (31a) *ndz-a-∅-rhandz-a*                      *tati*      *wa*      *wena*  
 1SG-PRES-∅-amar-VF                      irmã      CL1      CL1-you  
 ‘Eu amo a sua irmã.’

- (31b) \**ndz-a-∅-rhandz-a*                      *tati*      *wa*      *wena*  
 1SG-PRES-∅-amar-VF                      irmã      CL1      CL1-you  
 ‘Eu amo a sua irmã.’

Em suma, a agramaticalidade de (31b) se deve ao fato de o objeto, por ser altamente definido e referencial, exigir a ocorrência do prefixo de concordância {mu-} no complexo verbal. Há ainda contextos em que a concordância de objeto não pode figurar no verbo por ser o objeto indefinido, especialmente quando vem realizado por pronomes interrogativos. Pronomes interrogativos são, em geral, utilizados para focalizar o objeto e, portanto, introduzir uma informação nova. Este é o caso dos exemplos a seguir:

(32) *u-nyik-é*            *máni?*  
 tu-dar-PASS        quem  
 ‘Você deu (algo) pra quem?’

(33) *u-von-é*            *wíhì?*  
 tu-ver-PASS        qual  
 ‘Você viu qual’

O fato curioso é que não pode ocorrer a concordância de objeto no complexo verbal nos exemplos anteriores, porque os referentes dos pronomes interrogativos são não definidos nem específicos, pois equivalem a foco informacional. Ademais, o verbo está com a morfologia de passado conjuntivo, que licencia apenas DPs focalizados em posição imediatamente após o verbo. Por esta razão, nas sentenças a seguir, o verbo não pode figurar com o prefixo de objeto, visto que só permite leitura de foco informacional ao seu objeto, expresso aqui pelo pronome interrogativo.

(34) *\*u-mu-nyik-é*        *máni?*  
 tu-dar-PASS        quem  
 ‘Você deu (algo) pra quem?’

(35) *\*u-mu-von-é*            *wíhì?*  
 tu-MO.CL1-ver-PASS        qual  
 ‘Você viu qual?’

Contudo, se o objeto for definido/específico, pode ocorrer a concordância do verbo com o objeto. Neste caso, o verbo deve exibir a morfologia de passado disjuntivo {-ile}. Esta previsão é confirmada na oração a seguir, visto que o pronome interrogativo ‘mani+XP’ serve como um delimitador de um conjunto de possíveis crianças, recebendo assim uma leitura definida.

- (36) *u-mu-nyik(il)e mani nwana?*  
 tu-1MO-dar-PASS 1qual 1criança  
 ‘Você deu (algo) pra qual criança?’

O mesmo se dá no exemplo a seguir em que o pronome interrogativo ocorre numa construção de clivagem. Neste contexto, a concordância de objeto é obrigatória, já que, se o marcador de objeto não for realizado no complexo verbal, a sentença torna-se agramatical. Para tal, comparem-se os exemplos a seguir.

- (37) *hi wihi u-nga-mu-ṽon-a?*  
 é qual (pessoa) tu-REL-1MO-ver-VF  
 ‘É qual das pessoas que você viu?’

- (38) *\*hi wihi u-nga-∅-ṽon-a?*  
 é qual (pessoa) tu-REL-∅-ver-VF  
 ‘é qual (pessoa) que você viu?’

Curiosamente, a sentença (37) pode até ocorrer sem a marca de objeto {mu-}. Todavia, neste caso, um pronome lembrete (*returning pronoun*) deve necessariamente figurar na posição pós-verbal para retomar o objeto que encabeça a construção clivada. Tal fato serve de evidência para assumirmos que, de fato, o referente do objeto, em (39) a seguir, embora representado por pronome interrogativo, apresenta leitura referencial.

- (39) *hi wihi u-nga-∅-ṽon-a yena?*  
 é qual tu-REL-∅-ver-VF ele/a  
 ‘É qual pessoa que você viu ela?’

Tendo em conta os dados apresentados até aqui, proporei que a marcação diferencial do objeto em Changana depende dos traços semânticos do referente do objeto. Concluo, portanto, que objetos referências, definidos e específicos favorecem a concordância do objeto no verbo. Já objetos não referenciais e indefinidos não engatilham a concordância de objeto em Changana. Esta correlação pode ser mais percebida pelo Quadro 3:

Quadro 3: Contextos que favorecem concordância de objeto em Changana

Contexto sintático	Traços do referente do objeto
Construções com objeto simples	[+DEFINITUDE] [+ESPECIFICO]

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta a análise comparativa das três línguas, desenvolvida até aqui, é-nos possível apurar algumas conclusões parciais. Primeiramente, notamos que o dispositivo morfossintático de marcação diferencial do objeto varia nas três línguas. Enquanto o Changana utiliza a concordância diferencial, o Guarani e o Ka'apor utilizam marcadores de Caso. Ademais, observou-se que, em Guarani, DPs na posição sintática de objeto recebem marcação diferencial somente se seu referente for [+ANIMADO, +DEFINIDO], enquanto, em Ka'apor e em Changana, objetos altos na escala de definitude recebem marcas diferenciais independentemente se o seu referente é animado ou não. Em suma, embora os dispositivos gramaticais possam variar nas línguas, DOM tem sempre a mesma função semântico-pragmática, a saber: marcar diferencialmente os DPs, cujo referente possui propriedades semânticas que não são prototípicas de constituintes que figuram na posição de objeto.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

1PL	primeira pessoa singular
2PL	segunda pessoa singular
3G	terceira pessoal singular
CONTACTIVO	contativo
DET	determinante
FUT	futuro
G	genérico
IMIN	iminente
INTC	modo intencional
INTS	intensificador
MO	marca de objeto
NC	prefixo de não contiguidade
PASS	passado
PAST	passado
PERF	aspecto perfectivo
PRES	presente
PSP	posposição
REP	aspecto repetitivo
REL	prefixo relacional
TAM	morfemas de tempo aspecto e modo
MS	prefixo de concordância sujeito
VF	vogal final

## REFERÊNCIAS

AISSÉN, J. Differential Object Marking: Iconicity vs. Economy. *Natural Language and Linguistic Theory* n. 21, p. 435-483, 2003.

BAKER, M. On the relationship of object agreement and accusative case: Evidence from Amharic. *Linguistic Inquiry* 43, 2012.

BUTT, M. ; KING, T. H. 1991. Semantic case in Urdu. In *Papers from the 27th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, eds. Dobrin, L., L. Nichols, and R.M. Rodriguez. Chicago: CLS, p. 31-45, 1991.

BUTT, M. Case systems: Beyond structural distinctions. In *New Perspectives on Case Theory*, eds. Brandner, Ellen and Heike Zinsmeister. Stanford: CSLI Publications, p. 53-87, 2003.

BUTT, M. The Dative-Ergative Connection. In *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*, eds. P. Cabredo-Hofherr and O. Bonami. The Hague. Thesus, 2006.

CALDAS, R. B. C. *Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor*. Dissertação [Mestrado]–Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CALDAS, R. B. C. *Uma proposta de dicionário para a língua Ka'apor*. Tese [Doutorado]. Brasília, 2009.

CHIMBUTANE, F. Grammatical functions in Changana: types, properties and function alternations. Tese de mestrado não publicada. The Australian National University, 2002.

CZEPLUCH, H. Case patterns in German: Some implications for the theory of abstract Case. In *McGill Working Papers in Linguistics, Special Issue on Comparative Germanic Syntax*, p. 79-122, 1988. Montreal, Canada: Department of Linguistics, McGill University.

DUARTE, F. B. Tense Encoding, Agreement Patterns, Definiteness and Relativization Strategies in Changana. In *Selected Proceedings of the 40th Annual Conference on African Linguistics*, ed. Eyamba G. Bokamba et al., 80-94. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011. www.lingref.com, document #2567

LEVIN, L.; QUIRKY, J. S. Case and lexical representations of Icelandic verbs.

In *Papers from the Seventeenth Regional Meeting, Chicago Linguistics Society*, p. 185-196, 1981. Chicago Linguistics Society, University of Chicago, Chicago.

MARTINS, M. F. Descrição e análise de aspectos da gramática do Guaraní Mbya. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas–Instituto de Estudos da Linguagem)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.

ORMAZABAL, J.; ROMERO, J. The Object Agreement Constraint, *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 25, p. 315-347, 2007.

SAKSENA, A. The affected agent. *Language*, v. 56, n. 4, p. 812-826, 1980.

SHIBATANI, M. Grammatical relations and surface Cases. *Language*, n. 53, p.789-807, 1977.

SILVA, T. F. *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apor*. Dissertação [Mestrado]–Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R. M. W. (ed.). *Grammatical categories in Australian languages*, p. 112–171, 1976. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies. [Reprinted in P. Muysken, & H. van Riemsdijk. (1986). *Features and projections*, Foris, Dordrecht, p. 163–232.]

URA, H. *Case*. *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, eds. Mark Baltin and Chris Collins (eds.), 2003 Oxford: Blackwell, 2001.

WOOLFORD, E. Object agreement in Palauan: Specificity, humanness, economy, and optimality. *Formal Issues in Austronesian Linguistics*, ed. by I. Paul, V. Phillips, and L. Travis. Kluwer, 2000.

WOOLFORD, E. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry*, v. 37, n.1, p.111-130, 2006.



## CAPÍTULO 3

# **A ALTERNÂNCIA CONJUNTIVA/ DISJUNTIVA NO SHIMAKONDE**

Ronaldo Rodrigues De Paula<sup>1</sup>  
Davety Joaquim João Mpiúka<sup>2</sup>

Este estudo apresenta uma descrição do comportamento dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos em Shimakonde, língua do grupo bantu falada, em maior escala, no norte de Moçambique e no sudeste da Tanzânia. Certos tempos verbais na língua Shimakonde acomodam duas formas morfológicamente distintas de serem expressos. Este fenômeno também ocorre em outras línguas do grupo Bantu e é conhecido como alternância conjuntiva/disjuntiva. O que é exposto na literatura técnica é que não há diferença na interpretação semântica temporal das sentenças quer o tempo verbal esteja na forma conjuntiva, quer esteja na forma disjuntiva, salvo algumas diferenças aspectuais que podem ocorrer especificamente no tempo presente.

---

1 Professor da Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul. Doutor em Linguística Teórica e Descritiva. Contato: ronaldorodriguesdepaula@gmail.com

2 Professor do Secção de Línguas Bantu, Departamento de Línguas da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Mestre em Linguística. Universidade Eduardo Mondlane. Contato: davety.mpiuka@gmail.com

No entanto, diferentemente dos tempos verbais disjuntivos, o verbo não pode figurar na periferia direita da sentença nos tempos verbais conjuntivos. Além disso, verbo e o elemento adjacente à direita estão em uma mesma frase fonológica (Nespor; Vogel, 1986), conforme ficará mais bem explicitado na seção 3.3 deste capítulo.

Antes de explorar os possíveis fenômenos sintático-pragmáticos que regulam a alternância em várias línguas bantu, algo que será abordado na seção 3.1 a seguir, apresentaremos aqui alguns exemplos de pares alternantes do Shimakonde. Os exemplos a seguir mostram o tempo passado imperfeito conjuntivo em (1) e sua contraparte disjuntiva em (2):

- (1a) CJ      *vá-shí-tálék-á*      *\*(ú-gwááli)*<sup>3</sup>  
 MS2-IMP-cozinhar-VF    N14-shima  
 ‘Eles cozinhavam shima.’
- (1b) CJ      *vá-shí-tálék-á*      *\*(líido)*  
 MS2-IMP-cozinhar-VF    ontem  
 ‘Eles cozinhavam ontem.’
- (2a) DJ      *vá-shíndá-táléék-a*      *(u-gwaáli)*  
 MS2-IMP-cozinhar-VF      N14-shima  
 ‘Eles cozinhavam shima.’
- (2b) DJ      *vá-shíndá-táléék-a*      *(líido)*  
 MS2-IMP-cozinhar-VF      ontem  
 ‘Eles cozinhavam ontem.’<sup>4</sup>

Nesses dados iniciais, já é possível perceber que o tempo verbal conjuntivo não pode figurar na periferia direita da sentença, conforme

3 Segundo proposta de padronização ortográfica para o Shimakonde (Liphola, 2010, 2011), adotamos o uso de acento agudo (´) para marcar tons altos, enquanto tons baixos são não marcados. O tom de contorno crescente-decrescente será marcado com acento circunflexo (^).

4 Os exemplos que não aparecerem especificados como retirados de alguma obra de referência foram todos coletados de informantes da língua em análise.

atesta a agramaticalidade dos dados em (1). Já o tempo verbal disjuntivo não tem restrição a este respeito.

Leach (2010) apurou a existência dos seguintes pares temporais alternantes para o Shimakonde:

Tabela 1: Tempos verbais conjuntivos e disjuntivos no Shimakonde

	<b>TEMPOS VERBAIS DISJUNTIVOS</b>	<b>TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS</b>
<b>PASS.</b>	<i>va-ndi-táleék-a</i>   <i>u-gwaáli.</i>	<i>va-talek-e_ ú-gwááli.</i>
<b>REC.</b>	MS2-PERF-cozinhar-VF N14-shima 'Eles têm cozinhado shima.'	MS2-cozinhar-PERF 14-shima 'Eles têm cozinhado shima.'
<b>PASS.</b>	<i>vá-ndí-taléék-a</i>   <i>u-gwaáli.</i>	<i>vá-tálék-é_ ú-gwááli.</i>
<b>REM.</b>	MS2-PERF-cozinhar-VF N14-shima 'Eles cozinharam shima.'	MS2-cozinhar-PERF N14-shima 'Eles cozinharam shima.'
<b>PRE.</b>	<i>vá-ndá-taléék-a</i>   <i>u-gwaáli.</i>	<i>vá-tálék-á_ ú-gwááli.</i>
<b>HAB.</b>	MS2-PRES-cozinhar-VF N14-shima 'Eles cozinham shima.'	MS2-cozinhar-VF N14-shima 'Eles cozinham shima.'
<b>FUT.</b>	<i>va-nda-táleék-a</i>   <i>u-gwaáli.</i>	<i>vá-lótá_ kú-tálék-á_</i> MS2-AUX N15-cozinhar-VF <i>ú-gwááli.</i>   14-shima 'Eles irão cozinhar shima.'
<b>PASS.</b>	<i>vá-shíndá-taléék-a</i>   <i>u-gwaáli.</i>	<i>vá-shí-tálék-á_ ú-gwááli.</i>
<b>IMP.</b>	MS2-IMP-cozinhar-VF N14-shima 'Eles cozinhavam shima.'	MS2-cozinhar-VF N14-shima 'Eles cozinhavam shima.'

Fonte: Adaptado de Leach (2010, p.158-159)

Note que os tempos disjuntivos em sua maioria possuem o morfema temporal {-nda-, -ndi- e -shinda-} antes do radical verbal. Já os tempos conjuntivos possuem os tempos verbais após o radical, na vogal final do complexo {-a, -e,<sup>5</sup>}. A única exceção nos tempos conjuntivos é do passado imperfeito que é codificado pelo morfema {-shi-} antes do radical. O futuro conjuntivo se utiliza

5 A vogal final [-e] nestes exemplos é uma forma reduzida do perfectivo final [-ile]

de um verbo auxiliar. Outra observação importante é que apenas nos tempos disjuntivos os verbos apresentam o processo pós-lexical de alongamento de penúltima sílaba, marcados em negrito. Nesta sílaba é que ocorrem os tons de contorno da língua. Além disso, este alongamento delimita as fronteiras de frases fonológicas, como será mais bem exposto na seção 3.3.

Assim como o Emakhuwa (Van der Wal, 2011), língua bantu também falada no norte de Moçambique, para o Shimakonde se assume que o foco oracional figura necessariamente no elemento imediatamente posterior ao tempo verbal conjuntivo, seja ele argumental ou não, podendo até mesmo ser o sujeito oracional deslocado. Por outro lado, em estruturas disjuntivas, que são tempos verbais mais comuns na língua, o verbo e o complemento estão em frases fonológicas distintas, de modo que não há restrição quanto à posição não final do verbo e não existiria focalização específica em nenhum dos componentes oracionais (Odden, 1996; Liphola, 2001; Kraal, 2005; Leach, 2010). Para outras línguas, como o Zulu (Buell, 2006; Cheng; Downing, 2012; Halpert, 2012), se assume que alternância é regulada pela possibilidade ou não de o verbo fazer parte de um constituinte sintático com algum complemento. Desta forma, se o verbo for final em determinada projeção, ele assumiria a forma disjuntiva, ao passo que se o verbo precisar de algum XP posterior em determinada projeção sintática, ele assume a forma conjuntiva.

Este capítulo está dividido em três seções principais. A seção 3.1 explora de maneira descritiva as principais características do fenômeno da alternância Conjuntivo/Disjuntiva. Ela está subdividida em duas partes. A subseção 3.1.1. demonstra como o fenômeno está relacionado com a estrutura da informação, mais especificamente, diferentes unidades informativas em foco regulariam a ocorrência de tempos verbais conjuntivos ou disjuntivos. O Emakhuwa é um exemplo ilustrativo de uma língua que se comporta desta maneira. Já a subseção 3.1.2. apresenta como em outras línguas não é a estrutura

da informação, mas sim a configuração do verbo e complemento em um mesmo constituinte sintático ou em constituintes sintáticos distintos que engatilha o uso de formas conjuntivas e disjuntivas, respectivamente. Um exemplo de língua que se comporta dessa maneira é o Zulu. Na seção 3.2, voltamos nossa atenção para o Shimakonde. Apresentamos, em duas subseções, dados da língua buscando relacionar o fenômeno da alternância Conjuntiva/Disjuntiva com a estrutura da informação e com a constituência sintática, respectivamente. A seção 3.3 explora as diferenças prosódicas entre os tempos verbais conjuntivos e disjuntivos no Shimakonde e a seção 3.4 apresenta apontamentos finais e encerra o capítulo.

### 3.1 ALTERNÂNCIA CONJUNTIVA/DISJUNTIVA

De acordo com Van der Wal (2017), a alternância Conjuntiva-Disjuntiva está presente em muitas línguas bantu orientais e se manifesta por diferentes mecanismos nas línguas. Ela é mais comumente expressa pela variação morfológica ou tonal nos morfemas aspecto-temporais destas línguas. Todavia, não são todos os tempos verbais das línguas que manifestam essa alternância. Ela é mais comum em tempos afirmativos e muito menos comum em tempos relativos e negativos. A quantidade de tempos verbais disjuntivos e conjuntivos também é variável entre as línguas.

Ainda segundo a autora (*opus cit.*), existem variações consideráveis em relação à forma de manifestação da alternância conjuntiva/disjuntiva nas línguas que apresentam o fenômeno. Todavia, ela é primeiramente determinável por foco ou constituência, ou seja, depende se a relação com a estrutura de informação é direta ou indireta<sup>6</sup>. O termo conjuntiva/disjuntiva foi proposto por Meeussen (1959), embora a alternância tenha sido relatada sob outras terminologias por outros pesquisadores. De acordo com o levantamento feito por Güldemann (2003 *apud* Van der Wal, 2017, p. 15), algumas

---

6 Esta assunção ficará mais bem esclarecida nas seções 3 e 4.

dessas terminologias diferem a forma dos verbos como longa/curta ou abreviada. Outras classificações captaram a relação entre o verbo e o elemento posterior como estável/instável; independente/dependente; e de vínculo forte/fraco. Mesmo a interpretação entre o verbo e elemento adjacente foi o fator determinante para algumas classificações como enfático/não enfático, definido/indefinido, foco verbal/foco nominal etc. Van der Wal (2017, p. 157) categoriza a alternância da seguinte maneira:

A alternância conjuntiva/disjuntiva é uma alternância entre formas verbais que são formalmente distinguíveis, elas são associadas com uma diferença na estrutura informacional da interpretação do verbo e/ou o elemento seguinte e uma das formas não é permitida em posição final da sentença. [Tradução dos autores.]

As formas verbais conjuntivas e disjuntivas são marcadas distintamente em sua morfologia aspecto-temporal. Em algumas línguas, essa marcação é feita por meio de prefixos, outras por sufixos e outras por prefixos e sufixos (como é o caso do Shimakonde). Geralmente, se houver uma forma não marcada, essa será a conjuntiva. Uma vez que as línguas bantu usam tom para fazer distinções lexicais e gramaticais, ele pode ser analisado como um morfema (Hyman, 2011). Por isso, além das línguas em que as formas verbais conjuntivas e disjuntivas são marcadas morfologicamente, existem outras que também podem fazer essa distinção de forma tonal. Contudo, não há uma estratégia tonal definitiva para determinar um tempo verbal conjuntivo ou disjuntivo. Isto é, estratégias tonais que em alguns tempos caracterizam a forma disjuntiva em outros tempos caracterizam a forma conjuntiva e vice-versa. A língua Tswana, de acordo com Creissels (2017), é uma língua que, em alguns tempos

verbais, distingue formas conjuntivas e disjuntivas por morfemas tonais, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (3a) CJ        *Báí-tsamá-íle lé bonék.*  
                  MS2-ir-PERF    com    eles  
                  ‘Eles se foram com eles.’
- (3b) DJ        *Báí-tsáma-ile lé bonék.*  
                  MS2-ir-PERF    com    eles  
                  ‘Eles se foram com eles.’

O critério sintático mais fragrante da alternância consiste na possibilidade ou não do verbo aparecer na posição final da sentença. Diferentemente de sua contraparte disjuntiva, a forma verbal conjuntiva precisa ser seguida de algum elemento, seja um argumento nuclear do verbo, um adjunto, um locativo, uma oração complementar ou mesmo, para algumas línguas, o sujeito da construção, conforme se vê pelos dados a seguir:

Sambaa (G23<sup>7</sup>, Riedel, 2009, p. 32 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (4a) CJ        *Ni-it-iye            \*(kaya.)*  
                  MS1S-ir-PERF    N16.casa  
                  ‘Eu fui para casa.’
- (4b) DJ        *N-za-ita.*  
                  MS1-PERF-ir  
                  ‘Eu fui.’

Ha (JD66, Harjula, 2004, p. 167 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (5a) CJ        *Ba-rima            \*(ibiharagi.)*  
                  MS2-cultivar    N8.feijão  
                  ‘Eles cultivam feijões.’
- (5b) DJ        *Ba-ra-rima            (ibiharagi).*  
                  MS2-PRES-cultivar    N8.feijão  
                  ‘Eles cultivam/ estão cultivando (feijões).’

7 O código de letras e números aqui expresso segue a classificação referencial de Guthrie (1948).

Símákonde<sup>8</sup> (P23, Manus, 2007 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (6a) CJ      *Ngú-súmá*      *\*(sílóólo.)*  
 MS1S-comprar    N7.espelho  
 ‘Eu estou comprando um espelho.’
- (6b) DJ      *Ni-nku-súúma*                      *sílóólo.*  
 MS1S-PRES.PROG-comprar    N7.espelho  
 ‘Eu estou comprando/vou comprar um espelho.’

Xhosa (S41, du Plessis & Visser, 1992, p. 93 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (7a) CJ      *Umfazi*      *u-pheka*      *\*(inyama.)*  
 N1.mulher      MS1-cozinhar    N9.carne  
 ‘A mulher está cozinhando carne.’
- (7b) DJ      *Umfazi*      *u-ya-pheka.*  
 N1.mulher      MS1-PRES-cozinhar  
 ‘A mulher está cozinhando.’

Makhuwa (P31, Van der Wal, 2014, p. 49 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (8a) CJ      *Eshímá*      *e-ruw-iy-é*                      *\*(tsiítsáale.)*  
 N9.shima      MS9-mexer-PASS-PERF    desse jeito.  
 ‘(A) Shima é cozinhada desse jeito.’
- (8b) CJ      *Ni-n-rúpá*                      *\*(wakhaámá-ni.)*  
 MS1P-PRES-dormir    N16.cama  
 ‘Nós dormimos em uma cama.’
- (8c) CJ      *Ki-naan-alé*                      *\*(n’ iipulá.)*  
 MS1S-molhar-PERF    N9.chuva  
 ‘Eu molhei com a chuva.’

Kimatuumbi (P13, Odden, 1984, p. 295 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (9) CJ      *A-gonja*      *\*(Mambóondo.)*  
 MS1-dormir    N1.Mamboondo  
 ‘Mamboondo está dormindo.’

8      Aqui se trata de variante do Shimakonde falada na Tanzânia.

Zulu S42, Halpert, 2012, p. 175 *apud* Van der Wal, 2017, p. 22)

- (10) CJ        *Ngi-cabanga*    [*ukuthi*        *uMlungisi*  
               MS1S-pensar    COMP                N1.Mlungisi  
               *u-ya-bhukuda*                                *manje*].  
               MS1-PRES-nadar                              agora  
               ‘Eu acho que Mlungisi está nadando agora.’

Conforme se nota pelos dados anteriores, conclui-se que as formas verbais disjuntivas podem ou não aparecer na posição final da sentença. Contudo, formas verbais conjuntivas não podem figurar nessa posição.

As línguas também se diferem em relação aos tempos verbais que apresentam a alternância conjuntivo/disjuntiva. Em tempos marcados (relativo, particípio, optativo, negativo), ela é incomum. Se uma língua tem formas conjuntivas e disjuntivas, elas geralmente serão presentes nos tempos indicativos afirmativos. Consoante essa proposta, se uma língua apresenta a alternância em tempos marcados, também apresentará em tempos indicativos afirmativos que são não marcados.

Outro elemento importante envolvido na alternância é o componente prosódico. O fim de uma frase fonológica geralmente é evidenciado pelo alongamento pós-lexical da penúltima sílaba, que consiste no acréscimo de mora extra à referida sílaba. Nos VPs conjuntivos, apenas o elemento pós-verbal terá o alongamento de penúltima sílaba, o que acarreta que verbo e complemento estão em uma mesma frase fonológica (cf. (11a)), enquanto, em VPs disjuntivos, tanto o verbo quanto o complemento apresentam alongamento na penúltima sílaba, o que evidencia frases fonológicas distintas (cf. (11b))<sup>9</sup>.

9 Os alongamentos de penúltima sílaba estão marcados pelo símbolo ‘:’.

Zulu (S42, Van der Spuy, 1993, p. 348, *apud* Van der Wal, 2017, p. 25)

- (11a) CJ            *[Si-bon-e*                            *izitshude:ni.] vP*  
 MS1P-ver-PERF                    N10.estudante  
 ‘Nós vemos os estudantes.’
- (11b) DJ            *[Si-zi-bon-i:le]vP*            *izitshude:ni.*  
 MS1P-MO10-ver-PERF    N10.estudante  
 ‘Nós os vemos, os estudantes.’

Como se nota pelos dados anteriores, na forma conjuntiva em (11a), ocorre apenas alongamento de penúltima sílaba no elemento pós-verbal *izitshude:ni*. No entanto em (11b), ocorre alongamento de penúltima sílaba tanto no verbo *Si-zi-bon-i:le*, quanto no elemento pós-verbal, *izitshude:ni*, o que mostra que estão em frases fonológicas distintas. Além disso, em orações que apresentam apenas um objeto nuclear, a marcação de objeto no verbo ocorre apenas nas formas disjuntivas, de modo que, nessas situações, o objeto pode ser omitido. Vários trabalhos (Van der Spuy, 1993; Buell, 2006; Cheng; Downing, 2012, Harpert, 2012; Zeller, 2012) mostram evidências de que na língua Zulu as formas conjuntivas acarretam forte vínculo entre verbo e complemento, estando necessariamente juntos em uma mesma projeção sintática.

Assim como no Zulu, na língua Tswana, os afixos marcadores de objeto no verbo estão em distribuição complementar com o DP correferente. Desta forma, se a marcação de objeto aparece na estrutura conjuntamente com o DP, conforme o dado (12b), é assumido que este último necessariamente está fora do vP. Se não há marcação de objeto no verbo, o verbo toma a forma conjuntiva e precisa de algum DP realizado. Note que (12c) é agramatical devido à realização da marcação de objeto em uma forma verbal conjuntiva. Por outro lado, (12d) é agramatical pela falta da concordância de objeto na forma verbal disjuntiva.

Tswana (S31, Creissels, 1996, p. 112-113 *apud* Van der Wal, 2017, p. 26)

- (12a) CJ      *Re-thúsá              Kítso.*  
                  MS1P-ajudar    N1.Kitso  
                  ‘Nós ajudamos Kitso.’
- (12b) DJ      *Re-a-mo-thúsá                      Kítso.*  
                  MS1P-PRES-MO1-ajudar            N1.Kitso  
                  ‘Nós o ajudamos, Kitso.’
- (12c) CJ      \**Re-mo-thúsá Kítso.*
- (12d) DJ      \**Re-a-thúsá Kítso.*

Outras línguas não apresentam distribuição complementar entre a marca de concordância de objeto com o DP correferente. Um exemplo é o Emakhuwa (Van der Wal, 2009). A marcação de objeto em Emakhuwa ocorre apenas em objetos de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas e quando o objeto for substantivo das classes 1 e 2. A marca de objeto ocorre conjuntamente com o objeto realizado tanto em frases disjuntivas quanto conjuntivas:

Makhuwa (p. 31, Van der Wal, 2009, p. 244)

- (13a) CJ      *Ki-ni-ń-wéha                      Hamísi / namarokoló / nancoólo.*  
                  MS1S-PRES-MO1-ver    N1.Hamisi / N1.lebre / N1.anzol  
                  ‘Eu vejo Hamisi / (uma/a) lebre / (um/o) anzol.’
- (13b) DJ      *Ki-ná-ń-wéha                      Hamísi / namárokóló / náncóólo.*  
                  MS1S-PRES-MO1-ver    N1.Hamisi / N1.lebre / N1.anzol  
                  ‘Eu vejo Hamisi / (uma/a) lebre / (um/o) anzol.’

Apenas no tempo verbal disjuntivo em (13b), o DP objeto pode ser omitido. Note que similarmente à forma disjuntiva em (13b), a forma conjuntiva em (13a) também apresenta marcação de objeto no complexo morfológico verbal, padrão que não é permitido nas línguas Zulu e Tswana.

Na distinção entre formas conjuntivas e disjuntivas em línguas como o Tswana, o que está em jogo é se há ou não a constituência do verbo com outros elementos em uma determinada projeção sintática, de tal sorte que o que estaria em questão é se o verbo está em posição final ou não em um constituinte. Caso o verbo não for final, ele toma uma forma conjuntiva. No entanto, se for final, ele toma uma forma disjuntiva. Nestas línguas, a correspondência das formas verbais com foco e estrutura da informação é apenas indireta. Veremos como a constituência sintática é determinante na alternância na subseção 3.1.2.

No entanto, para outras línguas, argumenta-se que não é a constituência sintática, mas sim a estrutura da informação que tem um papel crucial na alternância, de tal maneira que o foco oracional recai no XP imediatamente seguinte ao verbo nas formas conjuntivas, diferentemente das formas disjuntivas que podem ou não apresentar uma focalização específica no verbo, conforme veremos mais detalhadamente na seção 3.2. Segundo Van der Wal (2006a, 2011, 2017), a língua Emakhuwa é uma língua com este padrão. Kraal (2005) e Leach (2010) assumem o mesmo padrão para o Shimakonde. Os dados a seguir são do Emakhuwa (14) (Van der Wal, 2011, p. 1735) e do Shimakonde (15) (Leach, 2010, p. 157). Os elementos em foco aparecem em negrito.

- |          |   |                   |                      |
|----------|---|-------------------|----------------------|
| (14a) DJ | <i>nthíyáná</i>                             | <i>o-hoó-c-á</i>  | <i>n-ráma</i>        |
|          | N1.mulher                                   | MS1-PERF-comer-VF | N3-arroz             |
|          | 'A mulher comeu arroz.'                     |                   |                      |
| (14b) CJ | <i>nthíyáná</i>                             | <i>o-c-aalé</i>   | <b><i>n-ramá</i></b> |
|          | N1.mulher                                   | MS1-comer-PERF    | N3-arroz             |
|          | 'A mulher comeu arroz.' (e não outra coisa) |                   |                      |
| (15a) DJ | <i>va-ndy-úŭk-a</i>                         | <i>ku-kaâja</i>   |                      |
|          | MS2-PERF-ir-VF                              | N18-lar           |                      |
|          | 'Eles foram para casa.'                     |                   |                      |

- (15b) cj            *va-uk-ile*            ***kú-káaja***  
                      MS2-ir-PERF    N18-lar  
                      ‘Eles foram para casa.’ (e não outro lugar)

Em (14a), na língua Emakhuwa, o tempo disjuntivo é marcado pelo prefixo de passado perfeito *hoó*. A sua contraparte conjuntiva em (14b) é assinalada, por sua vez, pelo sufixo de passado perfeito *aalé*. No Shimakonde, o passado perfeito disjuntivo, em (15a), também é marcado por um prefixo, no caso *-ndi-*. O passado perfeito conjuntivo, em (15b) é marcado pelo sufixo *-ile*. Apenas os XPs após tempos conjuntivos (14b) e (15b) estariam em foco. Exploreemos um pouco mais essa assunção na próxima subseção.

### 3.1.1 ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

De acordo com Van der Wal (2006a), na Língua Emakhuwa, o verbo assume morfologia conjuntiva quando um elemento focal ocupa a posição pós-verbal imediata, todavia quando essa posição está vazia, o verbo assume morfologia disjuntiva. Tal correspondência pode ser vista no conjunto de perguntas e respostas com pronomes interrogativos. Em tais situações comunicativas, a informação nova da resposta é sempre o elemento em foco na oração, uma vez que é o elemento não pressuposto (Lambrecht, 1994). Uma das estratégias utilizada na língua nestas situações é a clivagem. A outra, demonstrada nos exemplos (16), é utilizar o verbo na morfologia conjuntiva seguido do elemento em foco quer esteja em sua posição base ou não (Van der Wal, 2006a, p. 240-241, adaptado):

- (16a) CJ            *o-m-vah-alé*            *esheení Teresínya?*  
                      MS2S-MO1-dar-PERF    o quê    N1.Teresinha  
                      ‘O que você deu para Teresinha?’
- CJ            *ki-m-vah-alé*            *ekanetá*            (*Teresínya*)  
                      MS1S-MO1-dar-PERF    N9.caneta            N1.Teresínya  
                      ‘Eu dei uma caneta (para Teresinha).’

- (16b) CJ      *o-m-vah-alé*                      *pání ekanetá?*  
 MS2S-MO1-dar-PERF      quem      N9.caneta  
 ‘Para quem você deu a caneta?’
- CJ      *ki-m-vah-alé*                      *Teresínya (ekanetá)*  
 MS1S-MO 1-dar-PERF      N1.Teresinha      N9.caneta  
 ‘Eu dei para Teresinha (uma caneta).’

Além disso, pronomes interrogativos têm grande preferência de ocorrer na posição pós-verbal imediata com verbos em morfologia conjuntiva (Van der Wal, 2006a, p. 240, adaptado):

- (17a) CJ      *o-hiy-alé*                      *esheení*                      *wameétsa?*  
 MS2S-deixar-PERF      o quê                      N6.mesa  
 ‘O que você deixou na mesa?’
- (17b) CJ      *o-hiy-alé*                      *wameétsa*                      *eshéeni?*  
 MS2S-deixar-PERF      N16-mesa                      o quê
- (17c) DJ      *\*woo-híy-á*                      *eshéeni*                      *wameétsa?*  
 MS2S-deixar-VF                      o quê                      N16.mesa
- (17d) DJ      *??woo-híy-á*                      *wameétsa*                      *eshéeni?*  
 MS2S-deixar-VFN                      16-mesa                      o quê
- (17e) CJ      *ki-hiy-alé*                      *eliivurú*                      *wameétsa*  
 MS1S-deixar-PERF                      N9.livro                      N16.mesa  
 ‘Eu deixei o livro na mesa.’

Van der Wal (2011) demonstra que a forma conjuntiva no Emakhuwa apesar de também ser usada para foco informacional, tem uma correlação mais forte com o foco de exclusividade (também conhecido como foco contrastivo (Kenesei, 2006) ou identificacional (É. Kiss, 1998)). Quando um objeto é contrastado, o verbo assume forma conjuntiva. Quando o próprio verbo é contrastado, este assume morfologia disjuntiva (Van der Wal, 2006a, p. 241-245, adaptado):

- (18a) *n-ki-var-álé* *ehópá,*  
 NEG-MS1S-pegar-PERF N9.peixe  
 CJ *ki-var-alé* *e-phwetsá*  
 MS1S-pegar-PERF N9-polvo  
 ‘Eu não pesquei peixe, eu pesquei polvo.’
- (18b) *n-ki-ń-rúp-a* *n-kaláwá-ni*  
 NEG-MS1S-NEG-dormir-VF N18-barco-LOC  
 DJ *ki-náá-lów-á* *(n-kaláwá-ni)*  
 MS1S-PRES-pescar-VF 18-barco-LOC  
 ‘Eu não durmo no barco eu pesco no barco.’

Esta correlação pode ser demonstrada pelo uso de operadores como *paáhi* “apenas” e *hata* “até mesmo”. O primeiro acarreta uma leitura de exclusividade entre alternativas e se mostra incompatível com um verbo na morfologia disjuntiva (19b). Já o segundo acarreta um elemento menos provável dentre um conjunto e se mostra incompatível com um verbo na morfologia conjuntiva (20a) (Van der Wal, 2011a, p. 1739, adaptado):

- (19a) CJ *ki-n-thúm’* *étomati* *paáhi*  
 MS1S-pres-comprar N10.tomate somente  
 ‘Eu comprei apenas tomates.’
- (19b) DJ *\*ki-náá-thúm-a* *etomátí* *paáhi*  
 MS1S-PRES-comprar-VF N10.tomate somente
- (20a) CJ *\*áshííná* *a-ni-ń-khúúr-á* *hatá* *mwálápwa*  
 N2.chinês MS2-PRES-MO1-comer-VF até mesmo N1.cão
- (20b) DJ *áshííná* *a-ná-ń-khúúr-á* *hatá* *mwálápwa*  
 N2.chinês MS2-PRES-MO1-comer-VF até mesmoN 1.cão  
 ‘Os chineses comem até mesmo cachorro.’

Da mesma maneira que *hata*, os operadores *kata* “cada” e *oteene* “todo” não podem oferecer leitura exclusiva e são incompatíveis com a morfologia conjuntiva, exceto quando o substantivo modificado por esses operadores for restringido por uma oração relativa, uma vez que tal



ao uso da morfologia conjuntiva no Emakhuwa para expressar foco estreito (Van der Wal, 2006b, p. 226, 228, adaptado):

- (23) *e-n-kí-tsívé-l-á*                      *eyootsha*              *yoóvíha*  
 REL9-PRES-MS1S-gostar-VF      N9.comida              N9.quente  
 (Forma subjacente: *eyóotshá yoóvíha*<sup>10</sup>)  
 ‘O que eu gosto é de comida quente.’
- (24) *namárokolo*      /      *namarokoló*  
 ‘Lebre’                      /              ‘É a lebre’
- (25a) CJ              *ni-m-váh-á*              *maatsí*              *enúni*  
 MS1P-PRES-dar-VF      N6.água              N10.pássaro  
 ‘Nós damos água aos pássaros.’
- (25b) CJ              *ni-m-váh-á*              *enuní*              *maátsi*  
 MS1P-PRES-dar-VF      N10.pássaro      N6.água  
 ‘Nós damos aos pássaros água.’

No exemplo (23), o item lexical sujeito a abaixamento tonal predicativo não é o final na oração. Note que o tom alto é apagado e nenhum outro tom alto é inserido. Há inserção de tom alto na última sílaba concomitante ao apagamento do tom alto da raiz nos demais exemplos.

Para dar contas dos fenômenos até aqui descritos, Van der Wal (2006a) adota a noção de adjacência estrutural (Fuss, 2004; Halle; Marantz, 1993) em que um nóculo terminal X e o nóculo terminal mais próximo Y c-comandado por X são adjacentes estruturalmente e postula duas projeções focais uma abaixo de TP e outra abaixo de vP.

A projeção abaixo de vP tem sua origem em Baker e Collins (2006). É uma projeção funcional que rotularam de *linker Projection* que teria função de checar caso. No Emakhuwa, essa projeção funcionaria como uma projeção de foco baixo. Nessas situações, o verbo apresenta morfologia conjuntiva. Se um argumento ou advérbio for focalizado

10 Os tons altos no Emakhuwa são sujeitos a duplicação tonal (Van der Wal, 2006b)



de SpecFP. Isso acarreta dizer que quando o verbo assume a morfologia disjuntiva, nada se move para o especificador da projeção de foco mais baixa. Similarmente, quando o núcleo da projeção de foco mais alta não se realiza, o verbo assume morfologia conjuntiva e necessariamente um elemento é movido para SpecFP. Isso implica que, quando o verbo assume morfologia disjuntiva, não há focalização em algum elemento em posição mais baixa na estrutura. Já quando assume morfologia conjuntiva, algo se moveu para a posição de especificador do núcleo focal abaixo de vP.

### 3.1.2 CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA

Buell (2006) afirma que na língua Zulu o que regula a alternância conjuntiva/disjuntiva é o fato de o verbo estar ou não em posição sintática final dentro de determinado constituinte, o qual assume ser AgrSP. Conforme formalização a seguir:

- (28) [ Vconjoint X ]AgrSP (Y)  
       [ Vdisjoint ]AgrSP (X) (Y)

Antes de analisarmos sua proposta, vejamos como o autor demonstra que a ocorrência de tempos disjuntivos e conjuntivos não estão necessariamente relacionados com unidades informativas em foco na língua Zulu. O autor demonstra que nem o argumento pós-verbal em estruturas conjuntivas e nem o verbo em estruturas disjuntivas estão necessariamente em foco. Considere os paradigmas de concordância com sujeito posposto dos exemplos a seguir como (30-31):

- (29) DJ       *Ba-ya-dlal-a*               *a-bafana*  
               MS2-TAM-brincar-VF   N2-menino  
               ‘Os meninos estão brincando.’
- (30) CJ       *ku-dlal-a*                       *a-bafana*  
               MS17-brincar-VF       N2-menino  
               ‘Os meninos estão brincando.’

A forma conjuntiva em (30) pode ser utilizada em contextos em que o sujeito posposto ao verbo está em foco, como no par de sentenças a seguir (Buell, 2005, p. 149, adaptado):

- (31) Q: CJ *ku-cul-e* *bani?*  
 MS17-cantar-VF quem  
 ‘Quem cantou?’  
 R: CJ *ku-cul-e* *u-Sipho*  
 MS17-cantar-VF N1-Sipho  
 ‘Sipho cantou.’

No entanto, outro uso corrente do sujeito posposto em formas conjuntivas é em inversões cotativas. Considere o exemplo a seguir (Buell, 2005, p.150, adaptado):

- (32) CJ ‘*U-zo-phek-a-ni*’ *Kw-a-buz-a* *u-Sipho.*  
 MS2S-FUT-cozinhar-VF-que MS17-PASS-perguntar-VF N1-Sipho.  
 ‘O que irá cozinhar? Perguntou Sipho.’

Note que neste tipo de construção o sujeito posposto não está em foco sozinho. Diferentemente do verbo *kucule* no exemplo (31), o verbo *kwabuz-a* em inversão cotativa no exemplo (32) não é pressuposto. O que denota que o verbo faz parte do foco e não apenas o sujeito.

No Zulu, como em outras línguas bantu, não é possível que haja mais de uma marca de objeto no complexo verbal. Desta forma, para se pronominalizar ambos os objetos em construções de objeto duplo, se torna necessário que um deles seja substituído por um pronome resumptivo, como no exemplo (33c) a seguir: (Buell, 2005, p. 159):

- (33a) CJ *Ngi-cul-el-e* *u-Sipho* *i-ngoma.*  
 MS1S-cantar-AP-PERF N1-Sipho N9-canção  
 ‘Eu cantei uma canção para Sipho.’

- (33b) cj      *Ngi-m-cul-el-e*                      *i-ngoma*  
 MS1-MO1-cantar-AP-PERF      N9-canção  
 ‘Eu cantei uma canção para ele.’
- (33c) cj      *Y-i-ngoma*      *e-ngi-m-cul-el-e*      *yona.*  
 COP-9-canção      REL-MS1S-MO1-cantar-AP-PERFN9.ela.  
 ‘É uma canção que eu cantei (ela) para ele.’

Note que em (33a) a forma verbal conjuntiva não apresenta marcas de concordância de objeto e tanto o objeto direto quanto o objeto aplicado se realizam na sentença. Em (33b) com o objeto aplicado não realizado, a concordância de objeto da mesma classe do objeto aplicado figura no complexo verbal. Já em (33c) o objeto direto é clivado sendo substituído por um pronome resumptivo da mesma classe nominal. Note que o pronome resumptivo segue um verbo em forma conjuntiva. Todavia, este pronome não pode estar em foco, pois retoma um item já pressuposto, o que o torna um tópico da oração. Similarmente, advérbios também podem ser substituídos por pronomes resumptivos após formas conjuntivas, conforme os exemplos a seguir (Buell, 2005, p. 162, adaptado):

- (34a) cj      *i-ndawo*      *lapho*      *ngi-cul-e*                      *khona*  
 N9-lugar      onde      MS1S-cantar-PERF      N17.lá  
 ‘O lugar onde eu cantei.’
- (34b) cj      *i-sikhathi*      *e-ngi-cul-e*                      *nga-so*  
 N7-tempo      REL-MS1-cantar-PERF      por-N7.quando  
 ‘O tempo quando eu cantava.’

Pela mesma razão dos pronomes resumptivos que substituem um objeto direto, também não é possível propor uma leitura focal nestes pronomes pospostos ao verbo conjuntivo.

Outro importante diagnóstico é o comportamento do advérbio *kahle* “bem”. Este advérbio só pode ocorrer com formas verbais conjuntivas. Ele difere, por exemplo, do advérbio *phandle* “fora”

que pode ocorrer com tempos conjuntivos e disjuntivos: Considere os exemplos (Buell, 2005, p. 161):

(35a) CJ        *Ba-dlal-a*                    *phandle*.  
MS2-brincar-VF        fora

(35b) DJ        *Ba-ya-dlal-a*                    *phandle*  
MS2-MTA-brincar-VF        fora  
'Eles estão brincando fora.'

(36a) CJ        *u-cul-a*                            *kahle*  
MS2S-cantar-VF        bem

(36b) DJ        \**u-ya-cul-a*                    *kahle*  
MS2S-PRES-cantar-VF        bem  
'Você canta bem.'

O problema do exemplo em (36a) é que não há nada que impeça de ele ser a resposta para a pergunta: "O que você faz bem?". Na resposta dessa pergunta, a parte não pressuposta (em foco) está no verbo e não no advérbio pós-verbal. Devido a esses e outros testes sintáticos, Buell sugere que a única característica inequívoca de elementos posteriores a verbos conjuntivos é o fato de eles não estarem topicalizados, ou seja, eles não são sobre o que a sentença se trata.

Dentre outras evidências da constituição sintática entre o verbo e o elemento posterior em formas conjuntivas e da não constituição com o verbo em forma disjuntiva elencadas pelo autor, podemos destacar a configuração da partícula interrogativa *na*. Note que em forma disjuntiva, esta partícula pode ocorrer em posições distintas na sentença (Buell, 2006, p.15):

(37a) DJ        *A-bafana*        *ba-ya-dlal-a*                    *phandle*        *na?*  
N2-meninos        MS2-TAM-brincar-VF        fora                    Q

(37b) DJ        *A-bafana*        *ba-ya-dlal-a*                    *na*        *phandle?*  
N2-meninos        MS2-TAM-brincar-VF        Q                    fora  
'Os meninos estão brincando lá fora?'

Todavia, em forma conjuntiva, a partícula interrogativa não pode figurar posterior ao verbo, conforme (38b) (Buell, 2006, p.15):

- (38a) CJ      *ba-dlal-a*                      *phandle*              *na?*  
 MS2-brincar-VF              fora                      Q  
 ‘Eles estão brincando lá fora?’
- (38b) CJ      \**ba-dlal-a*                      *na*      *phandle?*  
 MS2-brincar-VF              Q              fora  
 ‘Eles estão brincando lá fora?’

Buell acompanha a análise de Thwala (2005) em que *na* é a realização do núcleo Force (Rizzi, 1997) localizado em CP. Desta forma, sua ocorrência no final de sentenças se deve ao fato haver movimento em bloco de todo o predicado para a posição de Spec-ForceP. Em (37a) *na* nucleia uma projeção ForceP dominando todo o IP *abafana bayadlala phandle* em (37b) como *bayadlala phandle* não formam constituintes em IP, *abafana bayadlala* pode se deslocar para a esquerda do núcleo *na* independentemente de *Phandle*. Por sua vez, na forma conjuntiva, o verbo não pode ocupar a posição sintática final em IP, destarte, ele não pode se deslocar sozinho para a esquerda do núcleo force sem levar consigo o elemento constituinte final, no caso *Phandle*, causando a agramaticalidade de (38b).

Como vimos, no Zulu, o sujeito sentencial pode ocorrer posposto ao verbo. Nas formas disjuntivas, os paradigmas de concordância de sujeito se manifestam no verbo de acordo com a classe nominal expressa pelo sujeito, considere o exemplo a seguir (Buell, 2005, p. 101, adaptado):

- (39) DJ      *Ba-ya-dlal-a*                      *a-bafana*  
 MS2-PRES-brincar-VF      N2-menino  
 ‘Os meninos estão brincando.’

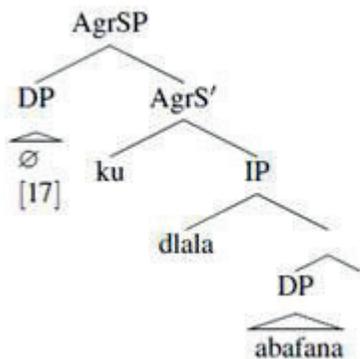
No entanto, se o tempo verbal for conjuntivo, o sujeito posposto ao verbo não engatilha concordância de sujeito de sua classe nominal.

Uma marca de concordância expletiva *default* de classe nominal 17 ocorre no complexo verbal nessas situações: (Buell, 2005, p. 101, adaptado):

- (40) CJ            *ku-dlal-a*                            *a-bafana*  
 MS17-brincar-vF            N2-menino  
 ‘Os meninos estão brincando.’

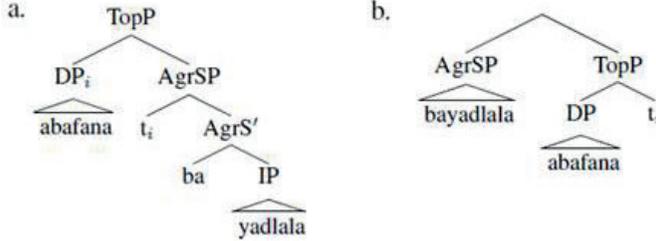
De acordo com a proposta do autor, a concordância default (classe 17) ocorre quando o sujeito não se move para especificador de AgrSP não desencadeando a relação especificador-núcleo. Desta forma ele permanece c-comandado pela projeção em que o núcleo verbal se move, isto é, dentro do mesmo constituinte sintático: (Buell, 2005, p.62):

(41)



Em forma disjuntiva, o sujeito pós-verbal se move para AgrSP engatilhando concordância de classe nominal para depois ser alçado para TopP como em (42a). Como o axioma de correspondência linear que o autor adota em sua proposta (Kayne, 1994) inviabiliza especificadores à direita, após a topicalização do sujeito a projeção frasal AgrSP é alçada a uma posição mais alta, presumivelmente uma projeção recursiva de TopP, conforme formalização a seguir (42b) (Buell, 2005, p.62):

(42)



Note que na configuração sintática apresentada anteriormente, com o verbo na morfologia disjuntiva, o sujeito posposto ao verbo não forma um constituinte sintático com ele.

### 3.2 SHIMAKONDE

Nessa seção, nosso objetivo é averiguar se os tempos verbais conjuntivos e disjuntivos do Shimakonde estão diretamente relacionados com unidades informativas em foco ou se fazem parte de diferentes configurações de constituintes sintáticos.

#### 3.2.1. ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

Nessa subseção, analisamos se há relação da estrutura da informação na realização dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos. Mais precisamente, nessa seção se investiga se as formas disjuntivas e conjuntivas implicam a existência de XPs focalizados em distintas projeções de foco em diferentes domínios do enunciado, como em TP ou em algum nível abaixo dessa projeção.

Por meio de questionários oferecidos a falantes nativos da língua<sup>11</sup>, testamos os cinco tempos verbais alternantes. Em geral, apresentamos sentenças com mais de um objeto ou com um objeto e um adjunto para que os informantes tivessem várias opções focais no enunciado. Nestes questionários era oferecido uma sentença e se apresentava opções de perguntas que aquela sentença em específico

11 Para mais detalhes a respeito dos testes e metodologia, conferir Paula (2020).

poderia responder. Uma vez que o foco informacional é a informação não pressuposta em uma proposição, como a informação que se busca ao fazer uma pergunta com algum pronome interrogativo, se pode averiguar se as formas verbais conjuntivas e disjuntivas são utilizadas para denotar foco de vários escopos, a partir das questões que tais sentenças podem responder. Se, digamos, há uma correlação direta entre foco informacional e o elemento adjacente ao verbo nos tempos conjuntivos, é esperado que a única pergunta que essa frase responderia é a pergunta que questiona este XP pós-verbal.

Conforme ficará claro pelos exemplos a seguir, as respostas dos informantes neste teste apontaram para a falta de correlação entre o foco informacional mais amplo e/ou mais estreito com a preferência pela morfologia disjuntiva ou conjuntiva, uma vez que o uso de uma forma conjuntiva ou disjuntiva não teve qualquer relevância nas escolhas dos escopos focais informativos dos enunciados. Os exemplos a seguir testam o foco em argumentos internos do verbo ou adjuntos. As escolhas dos informantes apontaram que tanto a morfologia conjuntiva quanto a disjuntiva são possíveis, com maior ocorrência das primeiras, conforme exemplos a seguir (os elementos em foco informacional estão em negrito):

- (43) CJ      *Nkóongwe*      *a-n-talak-ad-ile*      ***náng'óolo***  
 N1.mulher      MS1-MO1-cozinhar-AP-PERF      N1.ancião  
*nguluúve.*  
 N9.porco  
 'A mulher cozinhou o porco para o **ancião.**'
- (44) DJ      *Nkóongwe*      *a-ndi-n-táleék-el-a*      ***nguluúve***  
 N1.mulher      MS1-PERF-cozinhar-AP-VF      N9.porco  
*náng'óolo.*  
 N1.ancião  
 'A mulher cozinhou o **porco** para o ancião.'

- (45) CJ      *Nkóongwe*      *a-n-talak-ad-ile*      *ngúlúúve*  
 N1.mulher      MS1-MO1-cozinhar-AP-PERF      N9.porco  
***náng'oólo.***  
 N1.ancião  
 'A mulher cozinhou o porco para o **ancião.**'
- (46) DJ      *Nkóongwe*      *a-ni-n-tálák-eél-a*      *nguluúve*  
 N1.mulher      MS1-PERF-MO1-cozinhar-AP-PERF      N9.porco  
***náng'oólo.***  
 N1.ancião  
 'A mulher cozinhou o porco para o **ancião.**'
- (47) CJ      *Nkóongwe*      *a-n-talek-e*      ***lído***      *nguluúve*  
 N1.mulher      MS1-MO1-cozinhar-PERF      ontem      N9.porco  
 'A mulher cozinhou o porco **ontem.**'
- (48) CJ      *Nkóongwe*      *a-n-talek-e*      *ngúlúúve*      ***lído***  
 N1.mulher      MS1-MO1-cozinhar-PERF      N9.porco      ontem  
 'A mulher cozinhou o porco **ontem.**'
- (49) CJ      *Nkóongwe*      *á-lót-á kú-mw-íng'-á*      ***náng'oólo***  
 N1.mulher      MS1-AUX-VF      15-MO1-dar-VF      N1.ancião  
*nguluúve.*  
 N9.porco  
 'A mulher dará o porco para o **ancião.**'
- (50) DJ      *Nkóongwe*      *a-na-muú-p-a*      *nguluúve*  
 N1.mulher      MS1-FUT-MO1-dar-VF      N9.porco  
***nángoólo.***  
 N1.ancião  
 'A mulher dará o porco para o **ancião.**'
- (51) CJ      *Nkóongwe*      *álótá*      *kú-mw-íng'-á*      *ngúlúúve*  
 N1.mulher      MS1-AUX-VF      15-MO1-dar-VF      N9.porco  
***lundúúnu.***  
 amanhã  
 'A mulher dará o porco **amanhã.**'

- (52) DJ        *Lundunu nkóongwe anamuúpa nguluúve*  
 Amanh      N1.mulher MS1-FUT-MO1-dar-VF    N9.porco  
*náng'oólo.*  
 N1.ancião  
 'Amanhã, a mulher dará o porco para o ancião.'

Os dados anteriores confirmam a falta de correlação direta entre o foco informacional estreito e uma morfologia específica verbal. Este teste também apontou para a inexistência de uma posição dedicada para foco informacional imediatamente posterior ao verbo, como ocorre em determinadas línguas bantu, como o Bemba, Haya, Makhuwa, Matengo, Naki, Zulu, etc. (Gibson *et al.*, 2017), uma vez que o elemento focalizado pode figurar na periferia direita da sentença.

As respostas para perguntas com foco no VP ou em todo enunciado também apresentaram alternância na morfologia verbal preferida, conforme exemplos a seguir:

- (53) CJ        *Nkóongwe a-n-talak-ad-ile nguluúve náng'oólo.*  
 N1.mulher MS1-MO1-cozinhar-AP-PERF    N9.porco    N1.ancião  
 'A mulher cozinhou porco para o ancião.'  
 (escopo focal em todo o VP)
- (54) DJ        *Nkóongwe a-ndi-n-táleék-a nguluúve*  
 N1.mulher      MS1-PERF-MO1-cozinhar-VF    N9.porco  
*wa náng'oólo.*  
 GEN    N1.ancião  
 'A mulher cozinhou o porco do ancião.'  
 (escopo focal em todo o VP)
- (55) DJ        *Nkóongwe a-ná-mw-íng'-a nguluúve náng'oólo.*  
 N1.mulher    MS1-FUT-MO1-dar-VF    N9.porco    N1.ancião  
 'A mulher dará o porco para o ancião.'  
 (escopo focal em todo enunciado)

- (56) CJ      *Nkóongwe*      *á-lót-á*      *kú-mú-p-á*      *ngúlúúve*  
 N1.mulher      MS1-AUX-VF      15-MO1-dar-VF      N9.porco  
*náng'oólo.*  
 N1.ancião  
 (escopo focal em todo enunciado)

Nos dados seguintes analisamos se há correlação entre as formas alternantes e foco identificacional (E. Kiss, 1998). O Foco identificacional denota que determinado elemento escolhido está dentre uma gama limitada de possibilidades. Ou seja, o foco identificacional se trata de um elemento possível dentre um conjunto de elementos que poderiam figurar como a informação não pressuposta de determinado enunciado. Este tipo de foco pode ser elucidado a partir de operadores focais que denotam exclusividade como *somente* ou *apenas*, e é incompatível com outros operadores que denotam inclusão como *até mesmo* ou *também*. A língua Emakhuwa, da mesma zona linguística que o Shimakonde, codificaria este tipo de foco em elementos pós-verbais por meio de tempos conjuntivos. Como apontam os dados a seguir, o uso de determinada morfologia não parece ser determinante para a leitura de foco identificacional, conforme pudemos observar pelos exemplos (os elementos em foco identificacional estão em negrito, já os que denotam uma leitura de incompatível com foco identificacional estão sublinhados):

- (57) CJ      *Nkóongwe*      *á-shí-vá-l-ísh-á*      ***vángúlúúve***  
 N1.mulher      MS1-IMP-comer-CAUS-VF      N2.porco  
***va***      ***náng'oólo***      *báayi*  
 GEN      N1.ancião      somente  
 'A mulher alimentava somente os porcos do ancião.'
- (58) CJ      *Ndyóoko*      *á-shí-vá-l-ísh-á*      *vángúlúúve*  
 N1.menino(a)      MS1-IMP-MO2-comer-CAUS-VF      N2.porco  
*mpááka/yádáao* *váá-nji* *va*      *náng'oólo.*  
 até/também      N2-DEM GEN      N1.ancião  
 'O menino alimentava os porcos até /também estes do ancião.'

- (59) DJ *Nkóongwe* *a-ná-muû-p-a* ***nguluúve*** *tu báayi*  
 N1.mulher MS1-FUT-MO1-doar-VF N9.porco somente  
*nshákuulu*  
 N1.ancião  
 ‘A mulher doará somente o porco para o ancião.’
- (60) DJ *Nkóongwe* *a-ná-muû-p-a* *ata* *dinguluúve*  
 N1.mulher MS1-FUT-MO1-doar-VF até N10.porco  
*moômo* *nshákuulu*  
 mesmo N1.ancião  
 ‘A mulher doará até mesmo os porcos para o ancião.’
- (61) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *kú-mú-p-á* *díngúlúúve*  
 N1.mulher MS1-AUX-VF 15-MO1-doar-VF N10.porco  
***náng’oólo*** *tu báayi*  
 N1.ancião somente  
 ‘A mulher vai dar os porcos somente para o ancião.’
- (62) CJ *Nkóongwe* *á-lót-á* *ku-jáv-á* *díngúlúúve*  
 N1.mulher MS1-AUX-VF 15-oferecer-VF N10.porco  
*mpááka* *kwa* *náng’oólo.*  
 até para N1.ancião  
 ‘A mulher oferecerá os porcos até mesmo para o ancião.’
- (63) DJ *Néemba* *á-ndí-váshum-íd-y-a* *vanguuluúve*  
 N1.rapaz MS1-PERF-MO2-comprar-AP-CAUS-VF N9.porco  
*báayi* ***nakúlúmuunu***  
 somente N1.ancião  
 ‘O rapaz tinha vendido somente os porcos para o ancião.’
- (64) DJ *Nkoôngwe* *á-ndí-shúm-ííd-y-aang-a* *vinu*  
 N1.rapaz MS1-PERF-comprar-AP-CAUS-AMP-VF N8.coisas  
*kwa* *vanu* *uti* *na mpááka* *nang’oólo.*  
 para N2-pessoa até mesmo N1.ancião  
 ‘O rapaz vendeu as coisas para todas as pessoas e até para o ancião.’

Note que nos dados (57) e (58) temos o passado imperfeito conjuntivo. Em (57), temos um elemento em foco identificacional na posição imediatamente pós-verbal. Em (58) temos um item incompatível com a leitura de foco identificacional nesta posição. Em (59) e (60) temos o futuro simples disjuntivo. O dado em (59) apresenta um XP em foco identificacional em posição pós-verbal, e em (60), um XP incompatível com essa leitura nesta posição. Os dados (61) e (62) no futuro simples conjuntivo mostram que a periferia direita da sentença também pode acomodar um XP em foco identificacional ou um XP com leitura incompatível com foco identificacional. Os dados em (63) e (64) mostram o mesmo no tempo passado perfeito remoto disjuntivo.

Pelos dados anteriores, é possível assumir que não existe uma posição dedicada para foco identificacional no Shimakonde, tampouco uma morfologia temporal específica seja conjuntiva ou disjuntiva para especificá-lo. Nos próximos exemplos, apresentamos julgamentos de gramaticalidade das sentenças oferecidas. Confira os exemplos a seguir:

(65) DJ            *ní-shíndá-n-shulááng-a*            *mw-áána,*  
                       MS1-IMP-MO1-bater-VF            N1.CRIANÇA  
  
                       *a-ni-shi-n-kanyóól-a*  
                       NEG-1S-IMP-MO1-repreender-VF  
                       ‘Eu repreendia a criança, não batia nela.’

(66) DJ            *Nkóongwe*            *á-ndí-kood-i*            *in-g'aânde,*  
                       N1.mulher            MS1-PERF-alugar-VF            N9-casa  
  
                       *a-shum-ííle*  
                       NEG.1S-comprar-PERF  
                       ‘A mulher alugou a casa, não comprou.’

Note que em (65) *mwáana* (criança) é um constituinte pressuposto na proposição (Lambrech, 1994). O elemento em questão é objeto direito da sentença, recuperado pela concordância

de objeto nos verbos das duas orações. Em (66), a situação é análoga, com *ing'aânde* (casa) pressuposto, a única diferença é que este objeto, por ser um substantivo que não pertence à classe 1 e não é animado, não engatilha o morfema de concordância de objeto no complexo verbal. Em tais exemplos, o esperado pelo que propõe a literatura técnica, era que o emprego de morfologia conjuntiva rendesse orações agramaticais, uma vez que tal situação denotaria foco estreito no elemento pós-verbal. Todavia, o uso de morfologia conjuntiva é perfeitamente gramatical nestas orações, conforme dados a seguir:

- (67) CJ            *ní-shí-n-shúláng-á*        *mw-áána,*  
 MS1-IMP-MO-bater-VF    N1.CRIANÇA  
  
*a-ni-shi-n-kanyóól-a*  
 NEG-1-IMP-MO1-repreender-VF  
 'Eu repreendi a criança, não bati nela.'
- (68) DJ            *Nkoôngwe*        *a-kodile*                    *ín-g'áande,*  
 N1.mulher        MS1-PERF-alugar-VF    N9-casa  
  
*a-shum-ííle*  
 NEG.1-comprar-PERF  
 'A mulher alugou a casa, não comprou.'

Os dados em (67-68) colocam um sério problema para a hipótese de que as formas conjuntivas denotam foco identificacional no elemento pós-verbal, pois tal elemento nessa posição é claramente um elemento pressuposto da proposição.

Similarmente, quando o objeto é contrastado, o uso de morfologia disjuntiva também é perfeitamente gramatical:

- (69) DJ            *á-ndí-táleék-a*        *u-gwaáli*  
 MS1-MTA-cozinhar-VF    N14-shima  
  
*í*            *mw-áduugwa*  
 NEG        N13-batata  
 'Ele tinha cozinhado Shima, não batata.'

Este exemplo reforça que formas disjuntivas também podem ser utilizadas para indicar foco identificacional.

Em relação a foco informacional, atente para a interação no exemplo a seguir:

- (70) *Petulu a-vel-e kwashi?*  
 N1.Pedro MS1-estar-PERF N17.onde  
 ‘Onde está Pedro?’
- DJ *Nshuwawu a-ndy-uúk-a ku-ma-deéngo*  
 N1.João MS1-PERF-ir-VF N17-N6-trabalho
- DJ *naa Petulu a-ndi-tánd-eél-a moómo.*  
 e N1.Pedro MS1-PERF-fazer-AP-VF mesmo.  
 ‘João foi trabalhar e Pedro fez o mesmo.’

Note que Pedro é o único elemento pressuposto nessa inteiiração. Tomemos em consideração apenas o período coordenado. Neste caso, podemos assumir que todo o VP é não pressuposto. Isto é, temos um foco informacional amplo. Tal situação é plenamente compatível com a hipótese de que a morfologia disjuntiva é utilizada para denotar um escopo focal mais amplo, como no VP ou em todo enunciado. O uso de um tempo conjuntivo no período coordenado, se de fato este codifica foco informacional em algum XP posterior ao verbo, não deveria ser possível neste tipo de interação. Uma vez que *moómo*, (mesmo) por si só não é suficiente para denotar toda a informação não pressuposta no enunciado. Entretanto, a interação em (70) é perfeitamente natural na língua se a oração coordenada estiver em tempo conjuntivo, conforme (71).

- (71) *Petulu a-vel-e kwashi?*  
 N1.Pedro MS1-estar-PERF N17.onde  
 ‘Onde está Pedro?’
- DJ *Nshuwawu a-ndy-uúk-a ku-ma-deéngo*  
 N1.João MS1-PERF-ir-VF N17-N6-trabalho

CJ	<i>na</i>	<i>Petulu</i>	<i>a-tand-ed-ile</i>	<i>móómo.</i>
	e	N1.Pedro	MS1-fazer-AP-PERF	mesmo.

'João foi trabalhar e Pedro fez o mesmo.'

Como ficou claro na interação, a oração coordenada claramente tem um escopo focal informacional mais amplo, portanto não é possível assumir que o tempo verbal conjuntivo esteja necessariamente relacionado com um escopo focal informacional mais estreito.

Além disso, confirmando o que vimos anteriormente, constituintes podem ser contrastados (foco identificacional) em outras posições que não a imediatamente posterior ao verbo. Foi dada a seguinte sentença para o informante:

(72) DJ	<i>Nang'óolo</i>	<i>a-ndi-n-tálak-eél-a</i>	<i>njee</i>
	N1.ancião	MS1-MO1-cozinhar-AP-PERF	N1.menino
	<i>ugwaáli</i>	<i>líido</i>	
	N14-shima	ontem	

'O ancião cozinhou ao menino shima ontem.'

Foi solicitado que ele imaginasse que essa frase foi dita por alguém e que ele deveria corrigir a informação dizendo que o evento tomou lugar não ontem, mas hoje:

(73) CJ	<i>Nang'óolo</i>	<i>a-n-talak-ad-ile</i>	<i>úgwááli</i>
	N1.ancião	MS1-MO1-cozinhar-AP-PERF	N14-shima
	<i>njee</i>	<i>néelo</i>	<i>lyáamba</i>
	N1.menino	hoje	N5.manhã
			NEG
			<i>líido</i>

'O ancião cozinhou shima para o menino hoje de manhã e não ontem.'

Note que o elemento em foco identificacional está em *lyáamba* (hoje) não é o elemento que forma uma frase fonológica com o verbo. Tal elemento é *úgwááli* (shima). Tal elemento é pressuposto no contexto e claramente não pode estar em foco.

Outro forte indício de que as morfologias temporais conjuntivas e disjuntivas não estão diretamente relacionadas com escopos focais advém da possibilidade da alternância de seu uso em expressões idiomáticas. Considere o exemplo a seguir:

- (74) *Kú-já-a/ Kú-jáay-a má-peeta*  
 15-deitar-VF 6-sacola  
 ‘Deitar sacolas = morrer.’
- DJ *Náng’óolo Malukushi a-ndí-jaá-y-a má-peeta*  
 N1.ancião Marcos MS1-PERF-deitar-CAUS-VF N6-sacola  
 ‘O velho Marcos morreu.’
- CJ *á-já-ílé má-peeta kala nameêne*  
 MS1-deitar-PERF N6-sacola antigamente muito  
 ‘Tinha morrido há muito tempo.’

Como na expressão idiomática, os itens lexicais se associam para compor um significado, a expressão toda é entendida em bloco indissociável, tornando bastante improvável a leitura de foco estreito no XP pós-verbal que a compõe. O escopo de foco estreito no XP pós-verbal, possivelmente eliminaria o sentido idiomático da construção, o que não ocorre no exemplo.

A correlação mais direta entre foco e uso de uma morfologia temporal específica ocorreu em uma única situação averiguada; a posposição de sujeitos em verbos intransitivos; considere os exemplos a seguir:

- (75) CJ *Shi-tumbu-ik-e shí-lóngo*  
 MS7-quebrar-EST-PERF N7-panela  
 ‘A panela quebrou.’

Esta sentença pode ser resposta para uma questão com um escopo focal estreito, e é incompatível para uma questão com um escopo focal mais amplo conforme exemplos a seguir:

- (76) CJ      *Shi-tumbu-ik-e*                      *nyámááni?*  
 MS7-quebrar-EST-PERF              o quê  
 ‘O que se quebrou?’
- CJ      *\*Shi-tand-ek-a*                      *nyámááni?*  
 MS7-fazer-EST-PERF              o quê  
 ‘O que aconteceu?’

No entanto, o mesmo enunciado pode ser feito com morfologia disjuntiva, conforme exemplo a seguir:

- (77) DJ      *Shi-ndi-túmb-uúk-a*                      *shi-loôngo*  
 MS7-PERF-quebrar-EST.REV-VF      N7-panela  
 ‘A panela quebrou.’

Para essa sentença, temos o padrão inverso da conjuntiva, isto é, essa sentença só poderia ser resposta com um escopo mais amplo:

- (78) CJ      *Shi-tand-ek-e*                      *nyámááni?*  
 MS7-fazer-EST-PERF              o quê  
 ‘O que aconteceu?’
- CJ      *\*Shi-tumbu-ik-a*                      *nyámááni?*  
 MS7-quebrar-EST-PERF              o quê  
 ‘O que se quebrou?’

Nesta subseção vimos que não é possível assumir uma correlação direta entre diferentes tamanhos de escopo focais e morfologia conjuntiva e disjuntiva na língua Shimakonde. Na próxima seção, analisaremos a possibilidade de o tempo verbal conjuntivo formar um constituinte sintático com o XP contíguo e de o tempo verbal disjuntivo formar um constituinte sintático por si próprio.

### 3.2.2 CONSTITUÊNCIA SINTÁTICA

Tendo em conta a análise levantada por Buell (2005, 2006) para a língua Zulu, segundo a qual, em formas disjuntivas, mas não

em formas conjuntivas, o verbo ocupa a fronteira de um constituinte sintático, o qual corresponde a uma frase fonológica, desenvolveremos a tese de que tal análise enfrenta dificuldades de se manter na língua Shimakonde, principalmente em contextos com sujeitos pospostos ao verbo, interpolação de vocativos, e possibilidade de ocorrência em períodos coordenados.

Como vimos na língua Zulu, formas conjuntivas e disjuntivas se comportam de formas distintas quando um sujeito é posposto ao verbo. Na forma disjuntiva, o verbo concorda com o sujeito em classe nominal. Todavia, quando o verbo apresenta morfologia conjuntiva, o sujeito posposto não pode engatilhar concordância no verbo, que apresenta uma concordância expletiva *default* de classe nominal 17.

Já em relação à língua Shimakonde, sujeitos pospostos são possíveis tanto na forma conjuntiva, quanto na forma disjuntiva, conforme vimos na seção anterior. Observa-se ainda que nas duas situações o sujeito engatilha concordância no verbo, conforme se vê a seguir:

(79a) DJ	<i>A-ndí-teém-a</i>	<i>Juuma</i>
	MS1-PERF-vencer-VF	N1.Juma
	'Juma venceu.'	
(79b) CJ	<i>A-tem-ile</i>	<i>Juuma</i>
	MS1-vencer-PERF	N1.Juma
	'Juma venceu.'	

Note que na oração anterior, o elemento pós-verbal é sujeito, o que pode ser atestado pela ausência do morfema de concordância de objeto no complexo verbal. Desta forma, é presumível assumir que o sujeito nas formas conjuntivas no Shimakonde também é alçado ao domínio flexional da sentença. E para proporcionar a ordem linear anterior, o verbo teria de ir para uma posição ainda mais alta na estrutura,

no domínio de CP, tal qual como é proposto nas construções disjuntivas na língua Zulu.

Todavia, para assumir constituição sintática entre o verbo e o sujeito na forma conjuntiva em (79b) seria necessário que o sujeito tenha permanecido numa projeção abaixo do nível flexional em uma posição que o núcleo verbal o C-comande. No entanto, como justificar a concordância de sujeito no verbo? Para os casos de sujeito pós-verbal no Shimakonde, que tanto em tempos conjuntivos quanto disjuntivos engatilham concordância no verbo, destarte, a solução mais econômica, seria assumir, como Buell (2005), que houve movimento remanescente de AgrSP para uma posição de especificador de alguma projeção no domínio de CP, de forma que não há relação de c-comando entre o verbo e o sujeito (conferir esquema arbóreo em 42b) e, portanto, verbo e sujeito posposto não fazem parte do mesmo constituinte sintático, tal qual é proposto para o tempo disjuntivo no Zulu.

O exemplo em (80), a seguir, é de um período coordenado. Note que as orações do período dividem o mesmo objeto, o que pode ser observado pela marcação de objeto no complexo verbal de ambas:

- (80) DJ            *Maama á-shíndá-m-pembed-y-ááng-a*            *naa*  
                       N1.mãe MS1-IMP-MO1-tocar-CAUS-AMP-VF            e  
                       *á-shíndá-mw-akang-ííl-a*            *mwánáá-gwe*  
                       MS1-IMP-MO1-sorrir-AP-VF            N1.criança-POSS  
                       ‘A mãe acariciava e sorria para seu filho.’

Note que o exemplo anterior está em um tempo verbal disjuntivo. Os verbos das duas orações dividem um objeto comum *mwánáá-gwe* (sua criança), o que pode ser visto pelos morfemas de objeto no complexo verbal. Observe que o objeto só se realiza na oração final. O verbo na primeira oração está anterior à conjunção coordenativa. Numa análise de que o verbo se encontra em posição final de constituinte este dado não oferece nenhum problema.

A movimentação do objeto da primeira oração coordenada para a segunda deixaria um vestígio de seu movimento na primeira oração. Como ele não necessariamente forma um constituinte sintático com o verbo, tal movimento não cria problemas para a construção. Contudo a construção em (81) é perfeitamente gramatical na forma conjuntiva, conforme o exemplo a seguir:

- (81) CJ            *Maáma*            *á-shí-m-pémbéd-y-áng-á*            *naá*  
                          N1.mãe            MS1-IMP-MO1-tocar-CAUS-AMP-VF    e  
                          *á-shí-mw-ákáng-il-á*            *mwáná-gwe*  
                          MS1-IMP-MO1-sorrir-AP-VF        N1.criança-POSS  
                          ‘A mãe acariciava e sorria para seu filho.’

Se o verbo em tempos conjuntivos forma um constituinte sintático com o XP posterior, a extração deste elemento da primeira oração coordenada para a segunda não deveria ser possível. Diante de tal dado, a pergunta que se coloca é a seguinte: em que o verbo *áshímpémbédyángá* estaria em constituição nesta situação? Com o vestígio do objeto? Tal situação não faz sentido prosódico. Como um verbo que não forma uma frase fonológica própria poderia completar este domínio prosódico com um elemento sem conteúdo fonológico? Ele estaria em constituição sintática com a conjunção coordenativa e por assim dizer por todo período coordenado? O verbo da primeira oração coordenada não tem qualquer dependência sintática ou semântica com a segunda oração. Pensamos que o exemplo anterior deixa fora de questão qualquer análise de constituição sintática entre verbo e XP posterior em tempos conjuntivos. Tal situação coloca em xeque a hipótese de que o verbo e XP contíguo formam um constituinte sintático dentro do complexo vP-VP. Para eliminar qualquer possibilidade entre de constituição sintática entre o verbo e um vestígio sem realização fonológica (ainda que prosodicamente, tal situação não faria sentido) considere o exemplo a seguir:

(82) cj	<i>Maáma</i>	<i>á-shina-ákáng-á</i>	<i>naá</i>
	N1.mãe	MS1-IMP-sorrir-AMP-VF	e
	<i>á-shí-m-pémbéd-y-áng-á</i>		<i>mwánáá-gwe</i>
	MS1-IMP-MO1-TOCAR-CAUS-AMP-VF		N1.criança-POSS
	'A mãe sorria e acariciava seu filho.'		

Note que em (82) a primeira oração coordenada é de um verbo intransitivo em tempo conjuntivo. Não há objeto aplicado, como pode ser observado pela ausência do morfema aplicativo e de marcação de objeto, de tal sorte que não é possível assumir que o verbo forme um constituinte sintático com o vestígio de um eventual objeto movido para a segunda oração. Como os períodos das orações coordenadas não possuem qualquer dependência sintática um com o outro, propor uma leitura de que o verbo e a conjunção coordenativa formem um único constituinte sintático não faz sentido em nenhuma teoria sintática. Diante de tais dados, é razoável assumir que verbo em tempos conjuntivos formam constituintes sintáticos sem a necessidade de um XP complementar, tal como os verbos em tempos disjuntivos. Mais essencialmente, assumimos que a necessidade de um verbo em tempo conjuntivo ser não final em um enunciado não se dá por razões sintáticas ou pragmáticas, mas sim por razões prosódicas como ficará mais bem exposto no próximo capítulo.

### 3.3 PROSÓDIA

No Shimakonde, e outras línguas bantu, o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba serve como diagnóstico para detectarmos fronteiras de frases fonológicas (Leach, 2010; Kraal, 2005). Como a prosódia é comprovadamente um nível em que os tempos verbais conjuntivos e disjuntivos se diferem faz-se pertinente revisitarmos o conceito de frases fonológicas e analisar como essa diferença pode impactar outros fenômenos linguísticos. Kraal (2005), que analisou a variante Chinnima do Makonde, argumenta que a escolha entre

uma forma verbal conjuntiva (que está na mesma frase fonológica que o complemento) e uma forma verbal disjuntiva (que está em frase fonológica diferente da do complemento) é determinada pela pragmática em termos de foco e de unidades informativas. Assim sendo, a frase fonológica é o ponto de encontro entre fonologia, morfologia, sintaxe e pragmática (Kraal, 2005, p. 13).

Em seu trabalho pioneiro, Nespor e Vogel (1986) descrevem vários domínios da hierarquia prosódica, desde o nível silábico até o nível de enunciado. Cada um destes domínios é composto de ao menos um elemento do domínio inferior. Tais domínios não necessariamente são equivalentes aos domínios sintáticos. Como demonstram por uma série de processos, muitos fenômenos fonológicos não possuem seu campo de ocorrência dentro das fronteiras morfossintáticas conhecidas. Tais fenômenos são mais bem compreendidos se forem analisados dentro dos domínios hierárquicos próprios que as pesquisadoras chamaram de fonologia prosódica. Um desses domínios é o da frase fonológica  $\phi$ . A frase fonológica é o quinto nível hierárquico dentro da fonologia prosódica, (logo após a sílaba, o pé, a palavra fonológica e o grupo clítico). Nespor e Vogel (1986) postulam que a frase fonológica nas línguas naturais se forma da seguinte maneira. (Nespor; Vogel, 1986, p. 169):

(83) Formação da frase fonológica  $\phi$ :

#### I. Domínio de $\phi$

O domínio de  $\phi$  consiste de um C (grupo clítico)<sup>12</sup> que contém um núcleo lexical (X) com ao menos uma especificação positiva de acordo com o sistema categorial de traços (N, V, A) e de todos os Cs (grupos

12 O grupo clítico é o domínio da hierarquia prosódica imediatamente superior ao domínio da palavra fonológica, e é composto por ao menos uma palavra fonológica. Ele foi proposto devido ao comportamento híbrido de clíticos. Eles não são nem afixos nem elementos independentes. Além disso, certas regras fonológicas se aplicam apenas em combinações específicas entre palavras e clíticos, o que motiva a constituição deste grupo na hierarquia prosódica. Conferir discussão em (Nespor; Vogel, 1986)

clíticos) no seu lado não recursivo até o C (grupo clítico) que contenha outro núcleo fora da projeção máxima de (X)

## II. Construção de $\phi$

Junte em uma ramificação n-aria todos os Cs incluídos numa coda delimitada pela definição do domínio de  $\phi$ .

## III. Proeminência relativa $\phi$

Em línguas cujas árvores sintáticas recursivas estão à direita, o nóculo mais à direita de  $\phi$  é rotulado de (forte); em línguas recursivas à esquerda, o nóculo mais à esquerda é rotulado S (forte). Todos os demais nóculos irmãos são rotulados w (fracos).<sup>13</sup>

Dentre vários fenômenos que as autoras apontam para justificar a existência de um domínio prosódico de frase fonológica podemos destacar o fenômeno fonológico conhecido como *raddoppiamento* sintático na língua italiana. Este fenômeno se trata do alongamento de uma consoante inicial de uma palavra em uma sequência de duas palavras contíguas se (e apenas se) essa consoante for seguida de soante não nasal e a última sílaba da palavra anterior conter acento tônico, desde que esteja dentro de uma mesma frase fonológica de acordo com a definição dada em (83). Os alongamentos consonantais decorrentes do *raddoppiamento* sintático estão assinalados com o símbolo ‘:’ em negrito (Nespor; Vogel, 1986, p.170, adaptado). Comparem-se os exemplos a seguir:

13 *Phonological Phrase Formation*

### I. $\phi$ domain

*The domain of  $\phi$  consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside of the maximal projection of X.*

### II. $\phi$ construction

*Join into an n-ary branching  $\phi$  all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of  $\phi$ .*

### III. $\phi$ relative prominence

*In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of  $\phi$  is labeled s; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of  $\phi$  is labeled s. All sister nodes of s are labeled w. (Nespor; Vogel, 1986, p. 169, tradução nossa)*

(84a) [Avrá *t:rovato*] [*il pescecane*]

“Ele deve ter encontrado o tubarão.”

(84b) [*Devi comprare*] [*delle mappe*] [*di città*] [*molto vecchie*].

“Você deve comprar alguns mapas da cidade muito velhos.”

Repare que em (84a) ocorre raddopimento sintático em *t:rovato*, mas em (84b) não ocorre tal fenômeno com *molto*. As duas palavras são iniciadas por consoantes seguidas de soantes não nasais e a palavra imediatamente anterior tem acento tônico na última sílaba. A única diferença entre os exemplos é que em (84a) *t:rovato* está na mesma frase fonológica da palavra anterior marcada por colchetes [] e em (84b) *molto* está em frase fonológica distinta da palavra anterior.

Nos tempos verbais disjuntivos no Shimakonde, os alongamentos pós-lexicais de penúltima sílaba tanto no verbo quanto no complemento satisfazem a definição de frase fonológica, proposta em (83).

(85) [vá-ndí-taléék-a]ϕ      [u-gwaáli]ϕ

MS2-PERF-cozinhar-VF    N14-shima

‘Eles tinham cozinhado shima.’

Como visto, nos tempos disjuntivos, os verbos encontram-se em frases fonológicas distintas dos seus complementos. No exemplo (85) o núcleo nominal *ugwaáli* está contido em uma única frase fonológica. Pela definição, a frase fonológica engloba todos os grupos clíticos de um núcleo em seu lado não recursivo até o grupo clítico de outro núcleo com ao menos uma especificação positiva no sistema de traços categoriais (isto é, +N, +V, ou +A)] fora de sua projeção máxima. O verbo *vándítalééka* preenche tais requisitos, e está, portanto, contido em frase fonológica distinta do objeto.

Voltemo-nos agora para os tempos conjuntivos:

(86) [vá-talék-é                      ú-gwaáli]ϕ

MS2-cozinhar-PERF      N14-shima

‘Eles tinham cozinhado Shima.’

Em tempos conjuntivos, verbo e complemento se encontram em uma frase fonológica conjunta. Tal distinção pode ser notada pela ausência de alongamento pós-lexical de penúltima sílaba no verbo. Outra característica importante dos tempos conjuntivos é o espraiamento de tom alto do complexo verbal para o complemento. Tal espraiamento para o complemento verbal não ocorre a partir de complexos verbais disjuntivos, uma vez que o alongamento pós-lexical de penúltima sílaba do próprio complexo verbal disjuntivo é uma condição de bloqueio do processo para além do radical verbal<sup>14</sup>. Note que *ugwaáli*, como já dito anteriormente, é um núcleo nominal, complemento do núcleo verbal *vátáléká*. Pela definição da formação de frases fonológicas, *ugwaáli* não deveria estar na mesma frase fonológica do verbo *vátáléka*, uma vez que pela definição em (83), o verbo deveria se configurar em frase fonológica distinta.

No entanto, Nespor e Vogel (1986, p. 173) atentam para condições de “reestruturação” das frases fonológicas, conforme formulação a seguir:

(87) Restruturação  $\phi$

Uma  $\phi$  não ramificada que seja o primeiro complemento de um núcleo (X) em seu lado recursivo se junta a uma  $\phi$  que a contém (X).<sup>15 16</sup>

Desta forma, no caso do exemplo (86), é viável assumir que houve reestruturação de frase fonológica em que o complemento do núcleo verbal se juntou à frase fonológica do núcleo verbal. Note que o espraiamento de tom se dá até o limite das frases fonológicas. Se o tempo

14 Conferir Liphola, 2001; Leach, 2010; Paula, 2020

15  $\phi$  restructuring (optional)

A nonbranching  $\phi$  which is the first complement of X on its recursive side is joined into the  $\phi$  that contains X. (Nespor; Vogel, 1986, p. 173, tradução nossa)

16 Algumas línguas não necessitam que o complemento seja ramificado para que haja reestrutururação de frases fonológicas. Como as línguas bantu Chimwi:ni e Kimatuumbi.

verbal for disjuntivo, este limite estará dentro do próprio complexo verbal na penúltima sílaba. Por outro lado, se o tempo for conjuntivo, sejam garantidas as condições da ocorrência do fenômeno, o processo se desencadeia não além da penúltima sílaba do item lexical adjacente. Assumimos então que este processo fonológico de espraiamento de tom se dá no domínio da frase fonológica.

Voltemos então às diferenças entre conjuntivas e disjuntivas. A forma verbal conjuntiva, pela definição da frase fonológica, é o elo não terminal dela de tal sorte que precisa de um complemento fonológico para se tornar completa. Já os núcleos verbais disjuntivos são capazes de formar uma frase fonológica própria. Até aqui, não há novidades. Porém, nesta análise envolvendo frases fonológicas, é interessante ressaltar que quando um verbo com a morfologia conjuntiva precisa ocorrer em uma única frase fonológica por si só, ele geralmente é reinterpretado como uma relativa de sujeito. Isso fica mais claramente observado no tempo imperfectivo, pois a única diferença entre o tempo imperfectivo afirmativo e a relativa de sujeito imperfectivo é o alongamento da penúltima sílaba, de tal maneira que todos os tons do complexo verbal serão altos, a única diferença é que no tempo relativo, o espraiamento de tom alto vai apenas até a penúltima sílaba do complexo verbal, considere os exemplos a seguir:

- (88a) CJ            [á-shí-tálék-á            úgwááli]  $\phi$   
 MS1-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘Cozinha shima.’
- (88b) REL        [á-shí-taléék-a]  $\phi$         [ugwááli]  $\phi$   
 MS1-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘(Aquele) que cozinha Shima.’
- (88c) NEG        [a-shi-taléék-a]  $\phi$             [ugwááli]  $\phi$   
 NEG.MS1-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘Não cozinha shima.’

Na língua Shimakonde, a negativa dos tempos simples é feita por intermédio do prefixo [a-] anterior à concordância de sujeito. Desta forma, a negativa só seria homônima à afirmativa e à relativa de sujeito em situações como a constatada anteriormente, isto é, quando o sujeito é de classe 1, uma vez que o morfema de negação [a-] entra em processo de fusão vocálica com o prefixo de concordância de classe 1 [a-] formando uma só vogal e conservando o tom da negativa. Se o sujeito for de outra classe, tal ambiguidade não ocorreria, conforme dados a seguir:

- (89a) CJ            [vá-shí-tálék-á            úgwááli] φ  
 MS2-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘Cozinhavam shima.’
- (89b) REL            [vá-shí-taléék-a] φ            [ugwaáli] φ  
 MS2-IMP-cozinhar-vf   N14-shima  
 ‘(Aqueles) que cozinhavam shima.’
- (89c) NEG            [a-va-shi-taléék-a] φ            [ugwaáli] φ  
 NEG-MS2-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘Não cozinhavam shima.’

Note que a negativa em (89c) anterior a um prefixo de sujeito de classe 2, não é homônima da afirmativa e da relativa neste ambiente, pois o prefixo de sujeito se inicia com uma consoante, impedindo o processo de fusão vocálica. Contudo, atestamos em campo a existência de negativas que não demandam a utilização do prefixo de negação [-a]. Conforme dado a seguir:

- (90) NEG            [va-shi-taléék-a] φ            [ugwaáli] φ  
 NEG.MS2-IMP-cozinhar-VF   N14-shima  
 ‘Não cozinhavam shima.’

Note que esta forma negativa sem o prefixo de negação [a-] inicial é morfologicamente idêntica à conjuntiva e à relativa de sujeito, variando da primeira na configuração tonal e pelo fato de formar

sua própria frase fonológica e da última apenas na configuração tonal, ou seja, o tempo passado imperfeito conjuntivo, passado imperfeito relativo de sujeito e passado imperfeito negativo só se diferem tonalmente e pelo fato de o primeiro não formar uma frase fonológica própria. Em relação ao passado perfeito recente e remoto encontramos situações semelhantes:

## PASSADO PERFEITO RECENTE:

- (90a) CJ            [va-talek-e                      úgwááli]  $\phi$   
 MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘Cozinharam shima.’
- (90b) REL        [va-táleek-e]  $\phi$                 [ugwááli]  $\phi$   
 MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘(Aqueles) que cozinhavam shima.’
- (90c) NEG        [va-táleék-e]  $\phi$                 [ugwááli]  $\phi$   
 NEG.MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘Não cozinhavam shima.’

## PASSADO PERFEITO REMOTO:

- (91a) CJ            [vá-tálék-é                      úgwááli]  $\phi$   
 MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘Tinham cozinhado shima.’
- (91b) REL        [va-taléék-é]  $\phi$                 [ugwááli]  $\phi$   
 MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘(Aqueles) que tinham cozinhado shima.’
- (91c) NEG        [va-taléék-e]  $\phi$                 [ugwááli]  $\phi$   
 NEG. MS2-cozinhar-PERF    N14-shima  
 ‘Não tinham cozinhado shima.’

É possível assumir que a existência de negativas de tempos simples morfologicamente idênticas aos tempos conjuntivos afirmativos pode ser devido à importância da prosódia em fazer distinções de ordem lexical e gramatical na língua. De tal sorte que a negativa sempre

se realiza nestes tempos simples em uma única frase fonológica, ao passo que a conjuntiva nunca se realiza em frase fonológica própria. Por este motivo, se faz necessária uma estratégia na língua para que uma forma afirmativa seja capaz de formar uma frase fonológica própria para figurar em finais de enunciados, como é o caso das disjuntivas.

Além disso, é possível que as relativas de sujeito também já foram distintas morfológicamente das formas afirmativas conjuntivas. Para o tempo relativo de sujeito do passado perfeito remoto, apuramos a existência de uma forma morfológicamente distinta, pelo acréscimo de uma partícula relativa.

- (92) REL      *Maáma é a-mw-akang-id-ílé mwánáágwe*  
 N1.mãe REL MS1-MO1-sorrir-AP-PERF N1.criança-POSS  
 'A mãe que tinha sorrido para seu filho.'

Tal partícula não foi registrada em outros tempos verbais. É possível que esta partícula relativa seja um resquício passado de uma época em que a língua distinguia as conjuntivas das relativas não apenas prosodicamente, mas também morfológicamente. Estratégia que se tornou redundante pela distinção prosódica. Tal desenvolvimento pode ser o que tem motivado o surgimento de negativas que não demandam o uso do morfema de negação [a-]. Tais observações apenas reforçam a importância da prosódia em fazer distinções gramaticais na língua.

Como foi apurado pelos questionários, existe uma maior ocorrência de tempos verbais conjuntivos e foco estreito em algum XP pós-verbal. Todavia, a relação entre foco e forma conjuntiva não é direta. Uma vez que foco estreito pode ocorrer com formas disjuntivas também, assim como foco amplo. No entanto, assumimos que existem boas razões dentro da prosódia para justificar a preferência da forma conjuntiva para denotar foco estreito.

Em primeiro lugar, a posição pós-verbal é uma posição preferencial para alocação de foco nas línguas (Lambrecht,



Em formas conjuntivas com mais de um XP pós-verbal existe mais opções para alocar a ênfase prosódica focal, uma vez que há mais frases fonológicas, conforme exemplo a seguir:

- (95) CJ            [Nkóongwe] φ [a-talek-e                      úgwááli] φ [líido] φ  
 N1.mulher      MS1-cozinhar-PERF   N14-shima   ontem  
 'A mulher cozinhou shima ontem.'

No exemplo anterior, temos três XPs com proeminência prosódica relativa forte: *Nkóongwe* (mulher), *ugwaáli* (shima) e *líido* (ontem). Isso explicaria porque XPs focalizados podem ocorrer em outras posições além da direita imediata do verbo, como na periferia direita da sentença, conforme vimos pelos dados obtidos com os informantes.

### 3.4 CONCLUSÕES

Por se tratar em essência de um fenômeno de interface, isto é, está intimamente relacionado com várias áreas de extrema relevância linguística como fonologia, prosódia, morfologia, sintaxe, estrutura da informação e pragmática, a alternância Conjuntiva/ Disjuntiva tem despertado bastante interesse de linguistas nos últimos tempos. Se trata de um tópico com grande potencial para revelar e apresentar vários novos paradigmas descritivos e teóricos. Neste capítulo, apresentamos um pequeno esboço das principais propostas de alocação dessas formas alternantes dentre outros fenômenos linguísticos já conhecidos. Vimos que este fenômeno no Shimakonde não se encaixa em nenhuma das duas propostas mais proeminentes dentro da literatura técnica, isto é, a formação de constituintes sintáticos conjuntos ou distintos ou a expressão focal em diferentes unidades informativas do enunciado. Também vimos que, por hora, a prosódia é o único nível em que podemos apresentar conclusivamente diferenças entre as formas alternantes nesta língua. Cabe a futuros estudos apontar se este nível é de fato o único que subjaz à manifestação dos tempos verbais conjuntivos e disjuntivos ou se ela é reflexo de outro(s) fenômeno(s) ainda não elucidado(s) nesta língua.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

1S	primeira pessoa do singular
2S	segunda pessoa do singular
3S	terceira pessoa do singular
1P	primeira pessoa do plural
2P	segunda pessoa do plural
3P	terceira pessoa do plural
AP	extensão verbal aplicativa
AUG	prefixo augment
AUX	auxiliar
AMP	extensão pluracional ou amplificativa
CAUS	extensão verbal causativa
CJ	morfologia verbal conjuntiva
COP	cópula
DJ	morfologia verbal disjuntiva
EST	extensão verbal estativa
FUT	tempo futuro
GEN	genitivo
HAB	habitual
IMP	tempo passado imperfeito
M.T.A.	morfema de tempo e aspecto
MS	marca de concordância com o sujeito (esta abreviação sempre vem acompanhada do número de classe do referido ítem lexical ou pessoa do discurso)
MO	marca de concordância com o objeto (esta abreviação sempre vem acompanhada do número de classe do referido ítem lexical ou pessoa do discurso)

N	prefixo de classe nominal (esta abreviação sempre vem acompanhada do número de classe do referito ítem lexical)
NEG	prefixo de negação
PAS	extensão verbal passiva
PASS	tempo verbal passado
PERF	tempo passado perfeito
POS	possessivo
PRES	tempo presente
PROG	tempo presente progressivo
REC	recente
REM	remoto
REL	morfema de oração relativa
VF	vogal final

## REFERÊNCIAS

- BAKER, M.; COLLINS, C. Linkers and the internal structure of vP. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 24, 2006. p. 307-354.
- BUELL, L. C. *Issues in Zulu Verbal Morphosyntax*. Ph.D. thesis, University of California, Los Angeles. 2005.
- BUELL, L. C. The Zulu conjoint/disjoint verb alternation: focus or constituency? *ZAS Papers in Linguistics*, n. 43, 2006. p. 9-30.
- CHENG, L. L.; DOWNING L. J. Against FocusP: Arguments from Zulu. In: KUCEROVA, I. ;Ad NEELEMAN (eds.). *Information structure. Contrasts and positions*, Cambridge: Cambridge University Press. 2012. p. 247-267.
- CREISSELS, Denis. Conjunctive and disjunctive verb forms in Setswana. *South African Journal of African Languages*, v.16, n. 4, 1996. p. 109-115.
- CREISSELS, D. The conjoint/disjoint distinction in the tonal morphology of Tswana. In: VAN DER WAL, J.; HYMAN, L. M. (eds.). *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- DU PLESSIS, J. A.; VISSER M. *Xhosasyntax*. Pretoria: Via Afrika. 1992.
- FUSS, E. *The rise of agreement. A formal approach to the syntax and grammaticalization of verbal inflection*. Ph. D. thesis, University of Frankfurt/Main. 2004.
- GIBSON, H.; KOUMBAROU, A.; MARTEN, L.; VAN DER WAL, J. Locating the Bantu conjoint/disjoint alternation in a typology of focus marking. In: VAN DER WAL, J.; HYMAN, L. M. (eds.). *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- GÜLDEMANN, T. Present progressive vis-à-vis predication focus in Bantu: A verbal category between semantics and pragmatics. *Studies in Language*, v. 27, n. 2, p. 323-360, 2003.
- GUTHRIE, M. *The classification of the Bantu languages*. London: Oxford University Press, 1948.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. eds. *The view from Building*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993. p. 111-176.
- HALPERT, C. *Argument licensing and agreement in Zulu*. Cambridge, MA: MIT dissertation. 2012.

- HARJULA, L. *The Ha Language of Tanzania: Grammar, text and vocabulary*. Cologne: Rüdiger Köppe Verlag. 2004.
- HYMAN, L. M. Tone: Is it different? In: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A. (eds.). *The handbook of phonological theory*. 2nd ed., Oxford: Blackwell, 2011. p. 197–239.
- KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- KENESEI, I. Focus as identification. In: MOLNÁR, V.; WINKLER, S. (Eds.). *The Architecture of Focus*. Mouton de Gruyter, Berlin, 2006. p. 137–168
- KISS, K. Identificational focus vs. information focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245–273, 1998.
- KRAAL, P. J. *A Grammar of Makonde (Chinnima, Tanzania)*. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies CNWS, Faculty of Arts, Leiden University Dissertations Online, p. 433, 2005.
- LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge University Press, Cambridge. 1994.
- LEACH, M. B. *Things Hold Together Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimakonde*. The Netherlands.LOT.p. 421, 2010.
- LIPHOLA, M. *Aspects of phonology and morphology of shimakonde*. Ohio: Ohio state University. Dissertation.2001.
- LIPHOLA, M. Propondo o encontro entre a fala e a escrita: da necessidade de inclusão do tom na ortografia padronizada de Shimakonde. In : LANGA, P. (ed.) *Folha de Linguística e Literatura*. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Departamento de Linguística e Literatura, n. 16, p. 6-15, 2010.
- LIPHOLA, M. A Problemática do tom na escrita de línguas moçambicanas. In: NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º seminário*. Maputo, CEA/ UEM, 2011. p. 313-335
- MANUS, S. *Phrasal tone & the conjoint/disjoint distinction in Símákonde*. Paper presented at ZAS Berlin. 2007.
- MEEUSSEN, A. E. *Essai de grammaire Rundi*. Tervuren: Musée Royale de l'Afrique Central. 1959.
- NDAYIRAGIJE, J. Checking economy. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 3, 1999. p. 399-444.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.

- ODDEN, D. Formal correlates of focusing in Kimatuumbi. *Studies in African Linguistics* v. 15, n. 3, 1984. p. 275–299.
- ODDEN, D. *The phonology and morphology of Kimatuumbi*. Oxford: Clarendon Press. 1996.
- PAULA, R.R. de. *Alternância Conjuntivo/Disjuntiva em Shimakonde*. Tese [Doutorado]–Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2020.
- RIEDEL, K. *The syntax of object marking in Sambia: A comparative perspective*. Utrecht: LOT. 2009.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*, Dordrecht: Kluwer. 1997. p. 281–337.
- SCHADEBERG, T. C.; MUCANHEIA, F. U. *Ekoti: The Maka or Swahili Language of Angoche*. Rudiger Koppe Verlag, Cologne. 2000.
- THWALA, N. *Pied-piping and feature movement in the syntax of questions in Nguni languages*. Unpublished manuscript. 2005.
- VAN DER SPUIY, A. Dislocated noun phrases in Nguni. *Lingua* 90, 1993. p. 335-355.
- VAN DER WAL, J. The disjoint verb form and an empty Immediate After Verb position in Makhuwa. In: DOWNING, L.; MARTEN, L.; ZERBIAN S. (eds.). *ZASPiL* 43, 2006a. p. 233-256.
- VAN DER WAL, J. Predicative Tone Lowering in Makhuwa. *Linguistics in the Netherlands*, v. 23, p. 224-236. Amsterdam: John Benjamins, 2006b.
- VAN DER WAL, J. *Word order and information structure in Makhuwa-Enahara*. Utrecht: LOT. 2009.
- VAN DER WAL, J. Focus excluding alternatives: Conjoint/disjoint marking in Makhuwa. *Lingua*, v. 121. 2011. p. 1734-1750.
- VAN DER WAL, J. Subordinate clauses and exclusive focus in Makhuwa. In: VAN GIJN, R. ET AL (eds.) *Information structure and reference tracking in complex sentences*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 45–70.
- VAN DER WAL, J. What is the conjoint/disjoint alternation? In: VAN DER WAL, J. & HYMAN, L. M. (eds.) *The conjoint/disjoint alternation in Bantu*. Trends in Linguistics series. Berlin: Mouton de Gruyter. 2017.
- ZELLER, J. Object marking in isiZulu. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, v. 30, n. 2, 2012. p. 219–235.



## CAPÍTULO 4

# THE PASSIVE EXTENSIONS IN CINYUNGWE<sup>1</sup>

Crisófia Langa da Câmara<sup>2</sup>

Studies have shown that passivization is most commonly a verbal morphological process even in languages where other strategies exist (see Kawasha 2007; Siteo 2009).

In a passive construction, the subject of an active clause is demoted to an oblique phrase or remains unexpressed and the object is promoted to the subject position (Siewierska 2005; Kula and Marten 2010; Waweru 2011). In Bantu languages, passivization is typically expressed with a derivational suffix. This is illustrated by the Kikongo examples in (1) where the addition of a passive morpheme to the verb

---

1 I would like to extend my gratitude to the conveners and all the participants at the Eroding Dichotomies Writing Workshop held in Stellenbosch, in South Africa. Indeed, the insights shared in the group sessions were quite incisive and they contributed to the completion of the research paper. I am particularly grateful to Prof. Alfred Buregeya and Dr Awino Ogelo for their contributions.

I am also grateful to Hannah Lippard for her comments on the first draft of this paper and during the data analysis process.

2 Doutora em Linguística. Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. Contato: languinha.cris@gmail.com

changes its argument structure. Kikongo is a Bantu language spoken in Democratic Republic of the Congo.

(1a) *tata ke-bul-a ba-ana*  
 father PRS-beat-FV NP2-child  
 ‘father beats the children.’

(1b) *ba-ana ke-bul-am-a (na tata)*  
 NP2-child PRS-beat-PASS-FV (by father)  
 ‘The children are beaten (by Father).’

(Bostoen & Mundeke 2011: 73)

The sentence in (1a) is in the active voice and the sentence in (1b) is its passive voice counterpart, marked by the suffix *-am-* on the root verb *-bul-* ‘beat’. The object *baana* of (1a) is promoted to subject position in (1b) where it now controls agreement on the verb. The subject *tata* in (1a) can become the object of the passive sentence introduced by the oblique phrase *na tata*, or it can remain unexpressed. Therefore, prototypically a passive construction involves the fronting of the object and the detopicalization or demotion of the subject to an oblique phrase.

Taking into account constructions similar to (1b), a passive construction typically displays the following characteristics:

- it applies to an underlying transitive clause and makes it syntactically intransitive;
- it displays some special morphological marking on the verb (Siewierska 2013);
- it contrasts with another construction, the active counterpart;
- the subject of the active clause is demoted to a non-obligatory oblique phrase or is not overtly expressed;
- the subject of the passive sentence is the direct object of the active sentence (Dixon and Aikhenvald 2005; Siewierska 2013);
- the construction is pragmatically restricted relative to its active counterpart.

In contrast to Kikongo, in Lunda, a Bantu language spoken in the northwest corner of Zambia, the morphological marking on the verb root is no longer productive and instead the language uses a construction in which the subject is a class 2 third-person prefix and the object retains its syntactic function (2b) below.

- (2a) *a-tw-ánsi*                      *a-a-nat-a*                      *nyi-kabu*  
 1-13-child                      SA2-TNS-throw-FV                      4-fruit  
 ‘The children throw the fruits.’
- (2b) *a-a-nat-a*                      *nyi-kabu*                      *kúdi*                      *a-tw-ánsi*  
 SA2-TNS-throw-FV                      4-fruit                      by                      1-13-child  
 ‘The fruits were thrown by the children.’

(Kawasha 2007:39)

According to Kawasha (2007), from the active sentence in (2a) to the passive one in (2b), two changes have taken place. First, the subject *atwánsi* ‘children’ has moved to an oblique position preceded by *kúdi* ‘by’, just like in Kikongo, while the patient object *nyikabu* ‘fruits’ remains in its postverbal position. Second, the subject is the class 2 third-person subject prefix *a-* ‘they’.

Kawasha (2007) also argues that Lunda speakers prefer constructions like (2c) where the object is fronted, the agent occurs in an oblique position, the subject slot is filled by the class two subject prefix *a-*, and the object agreement marker *-yi-* in the verb is triggered by the preverbal object.

- (2c) *nyi-kabu*                      *a-a-yi-nat-a*                      *kúdi*                      *a-tw-ánsi*  
 4-fruit                      SA2-TNS-OM4-throw-FV                      by                      2-13-child  
 ‘the fruits were thrown by the child.’

Cinyungwe is more similar to Kikongo than Lunda in that morphological marking on the verb is the only strategy for deriving passive verbs. However, unlike in Kikongo, the passive extension in Cinyungwe can add an argument which in some cases can play a

‘benefactive/malefactive’ role. That is, the passive extension can play a role that is typically played by the applicative extension. This additional role of the passive extension when attached to certain verbs is the motivation for this paper.

As will be shown, Cinyungwe uses two passive morphemes to form passive constructions, which can be applied to both intransitive and transitive verbs as shown in (3).

- (3a) *Kapenu a-wereng-a livu*  
 Kapenu 1SG.PERF-read-FV 5.book  
 ‘Kapenu read a book.’
- (3b) *livu la-wereng-e(d)w-a (na Kapenu)*  
 5.book 5SG.PERF-read-PASS-FV by Kapenu  
 ‘The book was read by Kapenu.’

The sentence in (3a) is the active counterpart of the passive sentence presented in (3b). The first difference between these sentences is that the passive morpheme is attached to the verb in (3b). As a consequence, the NP object in (3a) is promoted to the subject position in (3b) and the subject of the active sentence occurs as an oblique phrase introduced by the preposition *na* ‘by’.

Considering the examples in (3), one might conclude that passive morphemes in Cinyungwe are in free variation. This is consistent with some verbs but not with others. There are interpretive differences between the two derived verbs, as illustrated in (4) and (5).

- (4a) *mw-ana a-meny-a bwaya.*  
 1-child 1SG.PERF-beat-FV 9.dog  
 ‘The child hit the dog.’
- (4b) *bwaya ya-meny-ew-a (\*(na) mw-ana).*  
 9.dog 9SG.PERF-beat-FV by 1-child  
 ‘The dog was beaten (by the child).’

- (4c) *bwaya ya-meny-edw-a mw-ana*  
 9.dog 9SG.PERF-beat-FV 1-child  
 ‘The dog was beaten for the child.’

The sentence in (4c) is appropriate in a context where the dog was biting the child and someone beat the dog to help the child. It is similar to saying that the dog was beaten to save to child. However, it is important to note that the benefactive interpretation available in (4c) disappears and became similar to (4b) if the prepositional phrase is added. Another example is presented below in (5):

- (5a) *Suwe a-b-a mbuzi n'-thengo*  
 Suwe 1SG.PERF-steal-FV 9.goat 18-bush  
 ‘Suwe stole a goat in the bush.’
- (5b) *mbuzi yi-da-b-ew-a n'-thengo (na Suwe)*  
 9.goat 9SG- PERF-steal-PASS-FV 18-bush (by Suwe)  
 ‘The goat was stolen in the bush (by Suwe).’
- (5c) *mbuzi yi-da-b-edw-a Suwe n'-thengo.*  
 9.goat 9SG-PERF-steal-PASS-FV Suwe 18-bush  
 ‘The goat was stolen from Suwe in the bush.’

(5c) is appropriate in a context where someone was going to receive visitors but there was not enough meat for everyone, so they decided to hide the goat far from the village, in the bush. Someone discovers that there is no goat anymore because it was stolen. This person comes back and says (5c), ‘*Mbuzi yidabedwa Suwe n'thengo*’. In this context, the addressees didn’t know what happened or who owned the goat. In other words, ‘Poor Suwe, the goat they’re saying was stolen was her goat. They stole it from her’. Crucially, the sentences in (4c) and (5c), where the passive construction is obtained by the addition of the morpheme *-idw-*, differentiate Cinyungwe from other Bantu languages because the arguments *mwana* ‘child’ and *Suwe* are not optional as in (4b) and (5b).

The aim of this paper is to provide a preliminary descriptive overview of the properties of these passive morphemes in Cinyungwe, which are quite different from those in certain other Bantu languages. In Cinyungwe, the passive extension can be a transitivizing morpheme.

This paper addresses the following questions: How can we explain the presence or absence of a benefactive/malefactive meaning in verbs containing the long passive morpheme *-idw-*? Does the syntactic position of the passive extension account for these variations?

This study uses data from a database of more than one thousand Cinyungwe verbs used by Langa da Câmara (2018) to analyze the verbal extensions in Cinyungwe. The paper proceeds as follows: Sections 4.1 and 4.2 are overviews of the uses of passives and statives in Cinyungwe, respectively, along with their cooccurrence with other verbal extensions. Section 4.3 presents a preliminary analysis of the data. Section 4.4 concludes.

#### 4.1 PASSIVE CONSTRUCTIONS IN CINYUNGWE

In Cinyungwe, passive verbs are formed by the addition of the derivational morphemes *-iw-*<sup>3</sup> and *-idw-* (Courtois 1899; Martins 1991; Langa da Câmara 2021). I will refer to these as the short and long passive morphemes, following the distinction given to other verbal extensions in many Bantu languages (see Ngunga 2000 and Jerro 2017 on short and long causative in Kinyarwanda).

Contrary to what is expected in passive constructions based on their prototypical characterization, the long passive morpheme in Cinyungwe can occur in intransitive verbs. In such cases, the passive turns the intransitive verb into a semantically transitive one. Moreover,

3 the distribution of the back vowels that occur in the initial position of the passive extension allomorphs is determined by the features of the last vowel of the radical. Meaning that, if the last vowel of the radical is middle ([-high, -low]), the initial vowel of the allomorph of the passive extension shall also be middle ([-high, -low]). If the last vowel of the verb radical is not middle, the front vowel in the initial position of the passive extension allomorph is high front ([+ high, + ant]).

new arguments can be added to the argument structure of the verb. See (6), (7) and (8) below.

- (6) *ku-dok-e\*(d)w-a*  
 EXPL-nightfall-PASS-FV  
 ‘to nightfall for someone’ (i.e., the nightfall occurs to affect someone)  
 (Ngunga and Langa da Câmara 2019: 203-204)

As can be seen, only the long passive extension (-*edw-*) can be used here. This is true whether or not an additional argument (beneficiary) is present.

- (6a) *ma-muna*            *a-da-dok-e\*(d)w-a*            *ku-munda*  
 1-man                    1SG-PERF-nightfall-PASS-FV            17-field  
 ‘The man in the field was surprised by the nightfall.’ (*lit.* ‘It nightfell for the man in the field.’)

- (6b) *dzuwa*    *la-dok-e\*(d)w-a*                    *ka-nstikana*  
 5.sun    5SG.PERF-nightfall-PASS-FV            12-girl  
*approx.* ‘The sun was made to set to affect the girl.’ (*Possible context:* It’s summer and the days are long, so it’s surprising that the sun set so early. Something supernatural happened to cause this, maybe so the girl would be lost—she is affected negatively.)

If the verb also has an applicative extension, the situation seems to be the same. However, it is important to note that the addition of an argument after the verb is strange when the argument has [-human] features but accepted when the postverbal argument has the feature [+human].

- (6c) *ma-muna*            *a-da-dok-er-e?(d)w-a*                    *ku-munda.*  
 1-man                    1SG-PERF-nightfall-APPL-PASS-FV            17-field  
 ‘The man in the field was surprised by the nightfall.’

- (6d) *dzuwa*    *la-dok-er-e\*(d)w-a*                    *ka-nstikana*  
 5.sun    5SG.PERF-nightfall-APPL-PASS-FV            12-girl  
*approx.* ‘The sun was made to set to affect the girl.’ (*Same context as with (b).*)

The same is partially true with a causative and passive extension. The long passive is preferable regardless of the features of the postverbal argument.

(6e) *ma-muna*            *a-da-dok-es-e?(d)w-a*            *ku-munda*  
 1-man                    1SG-PERF-nightfall-CAUS-PASS-FV            17-field  
 ‘The man in the field was made to be surprised by the nightfall.’

(6f) *ma-muna*            *a-da-dok-es-e?(d)w-a*            *ka-nstikana*  
 1-man                    1SG-PERF-nightfall-CAUS-PASS-FV            12-girl  
 ‘The man was made to be surprised by the nightfall for the girl.’

With the verb *kucena* ‘to dawn’, only the long passive extension (-*edw-*) can be used and adding an extra argument after the derived verb is strange or unacceptable. Thus, (7b) is ungrammatical if the verb is derived from the short passive because the derived verb does not allow an extra argument after the verb.

(7) *ku-cen-e\*(d)w-a*  
 EXLP-dawn-PASS-FV  
 ‘the dawn occurring to affect someone’

(7a) *mayi*                    *a-da-cen-e\*(d)w-a*                    *(\*ka-ntsikana)*.  
 1.mother                    1SG-PERF-dawn-PASS-FV                    12-girl  
 ‘Mother was surprised by the dawn.’

(7b) *\*mayi*                    *a-da-cen-er-e(d)w-a*                    *ka-ntsikana*  
 1.mother                    1SG-PERF-dawn-APPL-PASS-FV                    12-girl  
 Attempted: ‘Mother was surprised by the dawn for the girl.’

The long passive extension, however, is acceptable when an applicative extension is also present—when the additional argument is a locative (7c) rather than a noun (7b).

(7c) *mayi*                    *a-da-cen-er-e(d)w-a*                    *ku-munda*  
 1.mother                    1SG-PERF-dawn-APPL-PASS-FV                    17-field  
 ‘Mother was surprised by the dawn in the field.’

In this case, both extensions are possible with an additional argument, but not otherwise. The example in (7b) would be grammatical if the subject is sun instead of *mayi* ‘mother’.

There is also an additional meaning that is available when the long passive morpheme cooccurs with the causative.

- (7d) *mayi*                      *a-da-cen-es-edw-a*                      *ka-ntsikana*  
 1.mother                      1SG-PERF-dawn-CAUS-PASS-FV 12-girl  
 ‘The mother was made to be clean for the girl’ OR ‘Mother was completely surprised by the dawn for the girl.’

In (d), the ‘clean’ interpretation is more natural. This sentence could be used in a context where, hearing that the mother’s daughter was coming to visit, people gave her soap to wash her clothes.

- (7e) *mayi*                      *a-da-cen-es-ew-a*                      *ka-ntsikana*  
 1.mother                      1SG-PERF-dawn-CAUS-PASS-FV 17-field  
 ‘The mother was made to be clean for the girl.’

In (e), the ‘dawn’ interpretation is unavailable. Moreover, for the ‘clean’ interpretation, (7d) is still a more natural sentence than (7e).

The last verb we will test is *kuyetima* ‘to lighten/to illuminate with lightning’. As with *kudoka* and *kucena*, only the long passive extension (-*idw-*) can be used to derive a passive verb.

- (8) *ku-yetim-i\*(d)w-a*  
 EXPL-lighten-PASS-FV  
 ‘to lighten for someone’

However, with both passive and applicative extensions, the sentence is possible with either passive morpheme but requires a specific context. This is true with (8a) or without (8b) a beneficiary.

- (8a) *Mbwaya*                      *yi-ndza-yetim-ir-i(d)w-a*  
 9.dog                      9SG-FUT-lighten-APPL-PASS-FV  
 ‘The dog will be surprised by lightning.’

- *Possible context:* The speaker is telling someone not to leave their dog outside in the rain because it will be scared of the lightning. It's culturally taboo to leave your dog outside in a storm.
- With the long passive morpheme—but not with the short morpheme—there is a sense that another (benefactive) argument could be added.

(8b) *mbwaya yi-ndza-yetim-ir-i(d)w-a ka-ntsikana*  
 9.dog 9SG-FUT-lighten-APPL-PASS-FV 12-girl  
 'The dog will be surprised by lightning for the girl.'

- *Possible context:* There has been a long period without rain. People with spiritual powers are preventing the rain. They are having problems with the girl; she doesn't believe in their power. So they will do this to show her their power.

For (8b) to be acceptable, the girl must be the beneficiary of a natural process. It is important to note that, in this case, we are sure that what happened was directed to the girl and no one else. These powerful people did it to affect her and no one else.

With a passive and causative extension, only the long passive morpheme can be used if there is an additional argument (8c); if there is no beneficiary, either morpheme can be used (8e).

(8c) *mbwaya yi-ndza-yetim-is-idw-a Maria.*  
 9.dog 9SG-FUT-lighten-CAUS-PASS-FV Maria  
 'The dog will be surprised by lightning directly/specifically for Maria.'

(8d) *\*mbwaya yi-ndza-yetim-is-iw-a Maria.*  
 9.dog 9SG-FUT-lighten-CAUS-PASS-FV Maria

(8c) is similar to the applicative example, but there seems to be an emphasis that all this was done to affect Maria. (8d) is unacceptable because it no longer sounds like Maria is the beneficiary.

- (8e) *mbwaya*                    *yi-ndza-yetim-is-i(d)w-a*.  
 9.dog                            9SG-FUT-lighten-CAUS-PASS-FV  
 ‘The dog will be made to light up.’

The meaning of (8e) is very different. This sentence suggests that the dog has light inside its body and someone will make the lights switch on.

These examples illustrate that the passive allomorph *-idw-* can be attached to an intransitive verb, turning it into a semantically transitive verb with both passive and benefactive/malefactive meanings. Thus, if a Cinyungwe speaker hears *kudokedwa*, *kucenedwa*, or *kuyetimidwa*, they will understand that there must be a subject that benefited from or was affected by the nightfall, the dawn, or the lightning. The passive verbs derived through the addition of *-idw-* suggest that the action described by the passivized verb is performed and affects someone not expressed in the discourse. The ungrammatical examples in (6b) and (7b) demonstrate that although there are two passive morphemes, only the long passive (*-idw-*) is used in meteorological intransitive verbs.

The data presented in (6), (7) and (8) were first described in Langa da Câmara (2018), and Ngunga and Langa da Câmara (2019) proposed a tentative explanation for the preference for the long passive to derive passive verbs from intransitive verbs. According to Ngunga and Langa da Câmara (2019), the allomorph *-idw-* is preferred in the derivation of passive verbs from intransitive verbs like *kucena*, *kudoka*, and *kuyetima* because it is a compound morpheme composed of the applicative, which increases the number of arguments of the verb, and the passive, which reduces the number of arguments (cf. Ngunga and Langa da Câmara 2019 for further details).

Table 1: Summary

Verb	with PASS	with APPL + PASS	with CAUS + PASS
kudoka	* short ✓ long	* short (with beneficiary) ? short (no beneficiary) * long (with beneficiary) ✓ long (no beneficiary)	* short (with beneficiary) ? short (no beneficiary) * long (with beneficiary) ✓ long (no beneficiary)
kucena	* short ✓ long	* short * long (with beneficiary) ✓ long (no beneficiary)	✓ short (with beneficiary) ?? short (no beneficiary) ✓ long (with beneficiary) ?? long (no beneficiary)
kuyetima	* short ✓ long	✓ short ✓ long	✓ short ? long (with beneficiary) ✓ long (no beneficiary)

Note: ‘short’ refers to the passive morpheme *-ew-/-iw-* and ‘long’ refers to the passive morpheme *-edw-/-idw-*.

Following this assumption, one could argue that *-idw-* can occur in transitive and intransitive verbs because it is a transitive morpheme. In this paper, I refer to Ngunga and Langa da Câmara (2019) to explain the presence or absence of a benefactive/malefactive meaning in some verbs when the long passive morpheme *-idw-* is attached in (4) and (5). Taking into account the data analysed in this paper I suggest two positions for the passive *-idw-* to account for the differences in the interpretation of the derived verbs. See the examples in (9) and (10) with other intransitive verbs to see if the differences described above still hold.

(9a) *ku-gak-i(d)w-a*  
EXPL-burn-PASS-FV  
‘to have burnt’

(9b) \**nyumba*            *ya-gak-idw-a*                            *mayi*.  
9.house                    9SG.PERF-burn-PASS-FV                    1.mother  
Attempted: ‘The house was burned for the mother.’

(Ngunga and Langa da Câmara 2019: 206)

(9a) illustrates that the intransitive verb *kugaka* can be passivized by the two passive morphemes without a benefactive interpretation, but the addition of an extra argument is ungrammatical. This differs from what happens with *-sv-* ‘to break’. Consider the following example.

- (10a) *poto la-sv-e(d)w-a (na baba).*  
 5.pot 5SG.PERF-break-PASS-FV (by father)  
 ‘The pot was broken (by the father).’

The example in (10a) illustrates that the verb *kusva* can be passivized by *-iw-* and *-idw-* without a benefactive/malefactive interpretation. However, the benefactive reading can arise if instead of a ‘by’ phrase we have a new argument. (10b) emphasizes that Maria was the person who benefited from the breaking of the pot.

- (10b) *Poto li-da-sv-e\*(d)w-a Maria*  
 5.pot 5SG.PERF-break-PASS-FV Maria  
 ‘The pot was made to break for Maria.’

If the passive extension co-occurs with the applicative extension (in the order APPL-PASS), only the long passive morpheme (*-edw-*) can be used naturally. There is a benefactive interpretation (as expected, given by the applicative morpheme) but, more than that, the applicative + long passive combination seems to emphasize the beneficiary. This is illustrated in (c) and (d) below.

- (10c) ??*Poto la-sv-er-ew-a ka-ntsikana*  
 5.pot 5SG.PERF-break-APPL-PASS-FV 12-girl  
 Attempted: ‘The pot was broken for the girl.’

- (10d) *Poto la-sv-er-edw-a ka-ntsikana*  
 5.pot 5SG.PERF-break-APPL-PASS-FV 12-girl  
 ‘The pot was broken for the girl.’ (It was broken specifically for her, so don’t take it or use it.)

The situation is similar if the passive extension co-occurs with the causative (in the order CAUS-PASS). Only the long passive morpheme is acceptable, and the benefactive argument is emphasized (which is more surprising than with APPL-PASS, as there's no applicative morpheme here).

(10e) \**Poto li-da-sv-es-ew-a Maria*

5.pot 5SG-PERF-break-CAUS-PASS-FV Maria

Intd: 'The pot was made to break for Maria.'

(10f) *Poto li-da-sv-es-e\*(d)w-a Maria*

5.pot 5SG.PERF-break-CAUS-PASS-FV Maria

'The pot was made to break for Maria.' (*This emphasizes that Maria was the person who benefited.*)

With the verb *kubwedza* 'to break or tear (like clothing)' presented below, either passive extension morpheme can be used, but the long morpheme adds a benefactive meaning. Consider the following examples:

(11a) *ci-gwe ci-da-bwedz-ew-a*

7-rope 7SG.PERF-break-PASS-FV

'The rope was broken.'

(11b) *ci-gwe ci-da-bwedz-edw-a*

7-rope 7SG.PERF-break-PASS-FV

'The rope was broken.' (*And someone was affected by the rope breaking.*)

An agent phrase is fine with either morpheme, as shown in (11c) below.

(11c) *ci-gwe ci-da-bwedz-e(d)w-a (na Kapenu).*

7-rope 7SG-PERF-break-PASS-FV by Kapenu

'The rope was broken by Kapenu.'

With an applicative and passive extension (APPL-PASS), either passive morpheme can still be used, but the long morpheme seems to emphasize the beneficiary.

(11d) *ci-gwe ci-da-bwedz-er-ew-a ka-ntsikana*  
 7-rope 7SG-PERF-break-APPL-PASS-FV 12-girl  
 ‘The rope was broken for the girl.’

(11e) *ci-gwe ci-da-bwedz-er-edw-a ka-ntsikana*  
 7-rope 7SG-PERF-break-APPL-PASS-FV 12-girl  
 ‘The rope was completely broken for the girl.’

The example in (e) illustrates that the presence of the long passive morpheme gives rise to a new interpretation that is absent (d). The APPL-PASS in (e) emphasizes that the girl benefited/was affected and that the rope was broken completely.

In contrast to the above examples, with a causative and passive extension (CAUS-PASS), only the long passive morpheme sounds fully natural, and it seems to emphasize the beneficiary.

(11f) *?ci-gwe ci-da-bwedz-es-ew-a Maria*  
 7-rope 7SG-PERF-break-CAUS-PASS-FV Maria  
 Attempted: ‘The rope was made to break for Maria.’

(11g) *ci-gwe ci-da-bwedz-es-edw-a Maria*  
 7-rope 7SG-PERF-break-CAUS-PASS-FV Maria  
 ‘The rope was made to break for Maria.’ (Not for someone else, for her. Don’t even touch it—it was made for Maria.)

The two ‘break’ verbs have something in common with regard to passive morphemes: an extra argument (a beneficiary) can only be added if the long morpheme (*-idw-/-edw-*) is used.

#### 4.2 THE STATIVE EXTENSION IN CINYUNGWE

In addition to the morphemes *-iw-* and *-idw-*, Cinyungwe also has the so-called stative extension *-ik-/-ek-*. Schadeberg (2003)

characterizes stative morphology as indicating that the subject is potentially or factually affected by the action expressed by the verb. Like passives, stative morphology derives intransitive verbs from transitive verbs, but unlike passive morphology, in statives, the object cannot occur as an oblique phrase (Kula and Marten 2010). In Cinyungwe, the stative extension is still productive, as shown in (12).

(12a) *baba a-nyamul-a mw-ala.*  
 1.father 1SG.PERF.carry-FV 3-stone  
 ‘The father carried the stone.’

(12b) *mw-ala u-da-nyamul-ik-a (\*na baba).*  
 3-stone 3SG-PERF.carry-FV by father  
 ‘The stone was carryable.’

In (12b), as is expected, the agent cannot be expressed by an oblique phrase. However, it is possible to add the agent in an oblique phrase if it has a [-human] feature. The agents *condzi* in (13a) and *ndeke* in (14a) can optionally occur in prepositional phrases as in (13b) and (14b).

(13a) *condzi ca-fungul-a jhanela.*  
 7.wind 7SG.PERF-open-FV 5.window  
 ‘The wind opened the window.’

(13b) *jhanela la-fungul-ik-a (na condzi)*  
 5.window 5SG.PERF-open-STAT-FV (by 7.wind)  
 ‘The window was opened (by the wind).’

(14a) *ndeke ya-nyamul-a mwala.*  
 9.plane 9SG.PERF-carry-FV 3-stone  
 ‘The plane carried the stone.’

(14b) *mwala wa-nyamul-ik-a (na ndeke)*  
 3-stone 3SG.PERF-carry-STAT-FV (by the plane)  
 ‘The stone was carryable (by the plane).’

Syntactically, both the passive and stative promote the theme argument to the subject position and demote the subject to an oblique phrase or omit it. Therefore, the occurrence of both morphemes in the same verb is not expected. This prediction seems to be upheld with both *-iw-* and *-idw-*:

(15a) \**jhanela la-fungul-uk-i(d)w-a* (na condzi)  
 5.window 5SG.PERF-open-STAT-FV (by 7.windy)  
 Attempted: ‘The window was opened (by the wind).’

(15b) \**jhanela la-fungul- i(d)w-ik-a* (na condzi)  
 5.window 5SG.PERF-open-STAT-FV (by 7.windy)  
 Attempted: ‘The window was opened (by the wind).’

(16a) \**mwala wa-nyamul-ik-i(d)w-a* (na ndeke)  
 3-stone 3SG.PERF-carry-STAT-FV (by the plane)  
 Attempted: ‘The stone was carried (by the plane).’

(16b) \**mwala wa-nyamul-i(d)w-ik-a* (na ndeke)  
 3-stone 3SG.PERF-carry-STAT-FV (by the plane)  
 Attempted: ‘The stone was carried (by the plane).’

The ungrammatical sentences in (15) and (16) illustrate that the passive and stative morphemes in Cinyungwe cannot cooccur, regardless of their order. This challenges Ngunga and Langa da Câmara’s (2019) assumption that *-idw-* can occur in intransitive verbs because it is a compound morpheme with applicative and passive meanings. If this assumption were true, *-idw-* would be expected to occur in intransitive verbs like the statives in (15a) and (16a), but this is not the case. As (15b) and (16b) illustrate, the ungrammaticality of these constructions is unrelated to their order. Syntactically, these morphemes are promoting the non-agent to the subject and demoting the agent. In terms of information structure, *-idw-* promotes the non-agent to the topic and demotes of the agent to a non-topic. The semantic transitivity of *-idw-* appears to be restricted to a specific morpho-syntactic context.

### 4.3 ANALYSIS

This section describes the Cinyungwe verbs for which *-iw-* and *-idw-* can be used to derive passive verbs. I also consider the semantics of the derived verbs. I classify the verbs as unergative, unaccusative, and transitive.

As we saw above, agent oblique phrases are available in many contexts in *-iw-* and *-idw-* passive constructions. However, I argue that the use of each morpheme depends on the context and verb type. In this section, I address the following questions: What determines whether the long passive morpheme is used in an intransitive verb in Cinyungwe? How do we explain the presence or absence of a benefactive/malefactive meaning in certain verbs when the long passive morpheme *-idw-* is attached? Does the syntactic position of the passive extension account for this variation? First, consider examples (6) and (7), repeated below as (17) and (18).

(17a) *ku-dok-e\*(d)w-a*

EXPL-nightfall-PASS-FV  
'to nightfall for someone'

(17b) *ku-dok-edw-er-a*

EXPL-nightfall-PASS-APPL-FV  
'to nightfall for someone'

(17c) *ku-dok-er-edw-a*

EXPL-nightfall-APPL-PASS-FV  
'to nightfall for someone'

(18a) *ku-cen-e\*(d)w-a*

EXPL-dawn-PASS-FV  
Intd: 'to down for someone'

(18b) *\*ku-cen-edw-er-a*

EXPL-dawn-PASS-APPL-FV  
Attempted: 'to dawn for someone'

(18c) \**ku-cen-er-edw-a*

EXPL-dawn-APPL-PASS-FV

Attempted: ‘to dawn for someone’

I previously used the examples in (17b-c) and (18b-c) to suggest that *-idw-* in this context is a compound morpheme, as proposed by Ngunga and Langa da Câmara (2019). My intuition comes from the fact that, if it was only used as a passive morpheme, the cooccurrence of the applicative and passive extension in the order proposed in (17c) and (18c) would be acceptable because, in Cinyungwe, these extensions cannot cooccur in the order illustrated in (18b). See the examples below:

(19a) *Tsoka a-da-chol-er-a mw-ana mu-ti.*  
 Tsoka 1SG-PERF-break-APPL-FV 3-child 3-stick  
 ‘Tsoka broke the stick for the child.’

(19b) *mw-ana a-da-chol-er-e??(d)w-a mu-ti (na Tsoka).*  
 3-child 1SG-PERF-break-APPL-PASS-FV 3-stick (by Tsoka)  
 ‘The stick was broken for the child (by Tsoka).’

The example in (19b) illustrates that the verb *-chol-* can be passivized with the attachment of *-idw-* instead of *-iw-*. This is unexpected because *-idw-* is seen as a compound morpheme, a transitive morpheme. Moreover, I suggest that the preference for one of the passive morphemes in Cinyungwe has nothing to do with the structure of the verbal root, as proposed by Courtois (1899) and Martins (1991), because the two morphemes can be attached to different verbal roots. As the passive verbs presented in (20) show, the use of each morpheme is related to the speaker’s intention.

(20a) *ku-ph-a* ‘to kill’  
*ku-ph-iw-a* ‘to be killed’  
*ku-ph-edw-a* ‘to have a parent killed’

- (20b) *ku-b-a* 'to steal'  
*ku-b-iw-a* 'to be stolen/the person was stolen'  
*ku-b-edw-a* 'to have your belongings stolen'
- (20c) *ku-f-a* 'to die'  
*ku-f-iw-a* 'to have many deaths'  
*ku-f-edw-a* 'to lose someone close'

These morphemes are not used randomly. The passive verbs with *-iw-* are impersonal; no subject is related to or affected by the action described by the verb. The derivation with *-idw-* means that the action described by the verb affects the speaker themselves or someone close to them. This distinction does not hold with the transitive verbs below:

- (21a) *Siriza a-ni-pas-a yavu ci-sayi.*  
 Siriza 1SG-FUT-give-FV 1.grandma 7-curry  
 'Siriza will give the curry to grandma.'
- (21b) *ci-sayi ci-ni-pas-i??(d)w-a yavu (na Siriza)*  
 7-curry 7SG-FUT-give-PASS-FV 1.grandma by Siriza  
 'The curry will be given to grandma (by Siriza).'
- (21c) *yavu a-ni-pas-i(d)w-a ci-sayi (na Siriza)*  
 1.grandma 1SG-FUT-give-PASS-FV 7-curry (by Siriza)  
 'Grandma will be given curry (by Siriza).'
- (22a) *Maria a-da-yikh-a ma-dosi pa-mpando.*  
 Maria 1SG-PERF-put-FV 6-sweets 16-chair  
 'Maria put the sweets on the chair.'
- (22b) *ma-dosi ma-da-yikh-i(d)w-a pa-mpando (na Maria).*  
 6-sweets 6PL-PERF-put-PASS-FV on the chair (by Maria)  
 'The sweets were put on the chair (by Maria).'
- (22c) *pa-mpando pa-da-yikh-i(d)w-a ma-dosi.*  
 on the chair 16LOC-PERF-put-PASS-FV 6-doces  
 'On the chair, sweets were put.'

The examples in (21b-c) and (22b-c) indicate that transitive verbs can be passivized by the two passive morphemes; both objects can be promoted to be subject position and the subject demoted to an oblique phrase. However, it is important to note that in (21b), where the passive theme is the argument promoted to the subject position, the preferable passive morpheme is *-iw-* instead of *-idw-*. It applies to an underlying transitive clause and makes it syntactically intransitive.

Passive constructions in Cinyungwe display some special morphological marking on the verb. The passive sentence or verb contrasts with the active counterpart, the subject of the active clause is demoted to a non-obligatory oblique phrase or is not overtly expressed, and finally, the subject of the passive sentence is the direct object of the active sentence. This means that the two morphemes are passive. However, *-idw-* can be used with meteorological verbs, as well as some unergative and unaccusative verbs.

#### 4.4 PRELIMINARY CONCLUSIONS

The aim of this paper was to provide a descriptive overview of the properties of passive morphemes in Cinyungwe and the verbs in which each extension occurs. I sought to answer the following questions: How can we explain the presence or absence of a benefactive/ malefactive reading in verbs with the long passive morpheme *-idw-*? Does the passive syntactic position account for this variation?

It is difficult to explain the variation of the passive morphemes through the semantics of the verbs, as the variation is not consistent. The same holds for their syntactic function. Therefore, I argue that sometimes it is the semantics of the verb that determines which morpheme is used and the semantics of the passive verb. I also show that the passive morphemes occur in both intransitive and transitive verbs. Therefore, *-iw-* and *-idw-* are two competing morphemes that are used to form passive constructions in Cinyungwe. The passive

morpheme *-idw-* can be considered in some cases as a compound. This intuition comes from the fact that if it was only a passive morpheme, the co-occurrence of applicative and passive extensions would be acceptable.

In addition to being a compound morpheme, *-idw-* is permitted in some verbs and not in others because the semantics of the verb influences the selection of the passive morpheme, determining which morpheme will be used.

Apart from this, I do not dissociate the transitivity of *-idw-* from the context, as it appears to be restricted to a specific morpho-syntactic context.

## ABBREVIATIONS AND ACRONYMS

APPL	applicative
CAUS	causative
FUT	future
FV	final vowel
LOC	locative
OM	object marker
PASS	passive
PERF	perfective
PRS	present
PL	plural
SA	subject agreement
STAT	stative
SG	singular
TNS	tense

## REFERENCES

- BOSTOEN, K.; MUNDEKE, L. Passiveness and inversion in Mbuun (Bantu B87, DRC). *Studies in Language* v. 35, n. 1, 2011. p. 72-111.
- COURTOIS, V. *Elementos de Grammatica Tetense: Língua Chinyungwe, Idioma fallado no Distrito de Tete e em toda a vasta Região do Zambeze Inferior*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1899.
- GIVÓN, T.; KAWASHA, B. Indiscrete grammatical relations. The Lunda passive (unpublished manuscript), 2007.
- GUÉROIS, R.; BOSTOEN, K. On the origins of passive allomorphy in Cuwabo (Bantu P34). *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, 2018.
- GUTHRIE, M. *Classification of the Bantu Languages*. London: Pall Mall, 1967.
- KAWASHA, B. Passivization in Lunda. *Journal of African Languages and Linguistics*, v. 28, n. 1, p. 37-56, 2007.
- KULA, N. C.; MARTEN, L. Argument structure and agency in Bemba passives. In LEGÈRE, K.; THORNELL, C. (eds.). *Bantu Languages: Analyses, Description and Theory* (East African Languages and Dialects, 20). Cologne: Rüdiger Köppe, 2010, p. 115-130.
- KHUMALO, L. *An Analysis of the Ndebele Passive Construction*. PhD thesis. University of Oslo, 2007.
- LANGA DA CÂMARA, C. *Extensões Verbais em Nyungwe*. Curitiba: Appris, 2021.
- MARTINS, M. *Elementos da Língua Nyungwe*. Lisboa: Editorial Além-mar, 1991.
- NGUNGA A.; LANGA DA CÂMARA, C. Passive Constructions in Bantu. In: DOERR, M. et al. (eds.). *Humanists and the digital toolbox*. Oslo: Novus Forlag, 2019. p. 197-217.
- SITOE, B. A Categoria das extensões verbais em Changana. *Folha Linguística*, [s. l.], Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, v. 14, 2009.
- SCHADEBERG, T. Derivation. In: Derek Nurse and Gérard Philippson (eds.) *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003. p. 71-89.

SIEWIERSKA, A. Passive constructions. In Martin Haspelmath, M.S. Dryer, D. Gil and Bernhard Comrie (eds.). *World Atlas of Language Structure*, ch. 107:434437. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VAN DER WAL, J. A note on the (non) existing passive in Matengo. *Linguistique et Langues Africaines*, 01, p. 59-81, 2015.

WAWERU, M. *Gĩkũyũ Verbal Extensions: A Minimalist Analysis*. PhD thesis. Kenyatta University, 2011.



## CAPÍTULO 5

# A MARCAÇÃO DO PASSADO EM COPI À LUZ DA TEORIA DA OTIMALIDADE

Nelsa João Nhantumbo<sup>1</sup>

A coocorrência dos sons em línguas naturais pode desencadear processos fonológicos diversos, tais como: elisão, fusão, palatalização, semivocalização e outros. A língua Copi, ou simplesmente Cicopi, tal como todas as línguas bantu, é uma língua aglutinante (Ngunga, 2014), pois a constituição das palavras da maioria das categorias gramaticais resulta na concatenação de diferentes morfemas.

A análise das formas de superfície resultantes dessa concatenação de diferentes morfemas pode ser enquadrada no estudo da interface entre a morfologia e a fonologia. Por exemplo, a formação do passado em Copi é marcada pela afixação do morfema **/-ile/** (morfologia), cuja forma de superfície é condicionada por fatores tais como: o tipo de radical/**raiz** a que se agrega, o segmento final, a semântica da raiz

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Línguas da Universidade Eduardo Mondlane. Doutora em Linguística. Membro do Laboratório de Línguas Africanas da Faculdade de Letras-UFMG. Contato: nelsanhantumbo@gmail.com

e outros elementos que podem ocasionar processos fonológicos produzindo diferentes resultados, entre os quais a variação da realização da marca de tempo (**-ile**, **-ite** e **-e**), elisão de material em alguns casos e imbricação em outros.

A análise do verbo derivado neste estudo deve-se à interface morfologia e sintaxe, pois, quando há afixação de morfemas derivacionais ao radical verbal, pode haver alterações das propriedades sintáticas do verbo.

É no âmbito dos processos morfofonológicos de que a língua se socorre para a formação dos tempos verbais que surgem restrições em relação à ocorrência das diversas realizações de superfície dos morfemas de tempo. A presente investigação propõe-se a mostrar como é possível representar na Teoria da Otimalidade (TO) a variação dos morfemas que marcam o tempo passado em Copi, como representar os diferentes processos fonológicos e, ainda, que formas verbais são consideradas gramaticais mesmo que tenham violado uma restrição na formação dos diferentes tempos verbais.

A língua Copi (S63, na classificação de Guthrie (1967-71)), é falada, predominantemente, nas províncias de Gaza e Inhambane, por cerca de 303 740 pessoas (INE, 2010). Embora não existam, ainda, estudos dialetológicos sobre a língua, há dados que apontam que a língua Copi possui seis variantes (Ngunga; Faquir, 2011) distribuídas segundo a Tabela 1:

Tabela 1: Variantes de Cicopi e sua distribuição geográfica

<b>Variante</b>	<b>Província</b>	<b>Distrito</b>	<b>Localidade e/ou Vila</b>
<i>Cindonje</i>	Inhambane	Inharrime	
<i>Cilenge</i>	Gaza	Manjacaze	Chidenguele, Nhamavila e Chongoene
<i>Citonga</i>	Inhambane	Zavala, Jangamo	Mavila, Quissico, Guilundo e
<i>Cicopi</i>	Gaza	Manjacaze	De Mavila a Madendere
<i>Cilambwe</i>	Inhambane	Zavala	Quissico
	Gaza	Manjacaze	Chidenguele
<i>Cikhambani</i>	Inhambane	Homoíne, Panda	
	Gaza	Manjacaze	Manjacaze e Chibuto

Fonte: Ngunga e Faquir (2011)

O presente estudo toma como base a variante Cicopi falada na província de Gaza, mais especificamente entre as localidades de Mavila e Madendere.

Como objetivo geral, busca-se estudar o funcionamento da marcação do passado na língua Copi, à luz da Teoria de Otimalidade (Prince; Smolensky 1993, McCarthy; Prince, 1993). Como forma de alcançar o principal objetivo, foram definidos como objetivos específicos, os seguintes:

- Descrever, à luz da TO, a variação dos morfemas que marcam o tempo passado em Copi;
- Descrever as implicações morfofonológicas decorrentes da aplicação de extensões verbais em Copi.

Em termos metodológicos, na recolha de dados serão usados três métodos:

- a) O da entrevista, que consiste na gravação dos dados em fita magnética e posterior transcrição para constituir o corpus;
- b) O filológico, que consiste na recolha de material disponível a nível da seção de línguas bantu da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a consulta a outros autores como Prince e Smolensky (1993) e McCarthy e Prince (1993);
- c) O de introspecção, pois a língua em estudo é de conhecimento da autora da presente investigação.

Como mencionado, pretende-se descrever as formas verbais não derivadas e derivadas em Copi, olhando para os morfemas que compõem a estrutura do verbo na marcação do tempo passado; as condições que determinam a sua sequência; os processos morfológicos e fonológicos envolvidos na formação do passado; as extensões verbais e os fatores que determinam a sua combinação; e, ainda, os aspectos que determinam a (a)gramaticalidade de algumas estruturas (restrições morfofonológicas) na gramática da língua Copi.

É na esteira dos objetivos anteriormente definidos que se propôs responder as seguintes questões: como representar, na TO, a variação dos morfemas que marcam o tempo verbal em Copi? Como explicar a gramaticalidade de algumas restrições verificadas na formação do tempo verbal em Copi? Assim, pode-se resumir como problema o seguinte: qual é a morfofonologia do verbo no passado (não derivado e derivado) em Copi, à luz da TO?

Face ao problema anteriormente colocado, as hipóteses que orientam este estudo são as seguintes:

- i. A morfologia do verbo é determinada pela forma e pelo tempo gramatical;

- ii. A fonologia do verbo é desencadeada pela combinação de morfemas, quer derivacionais, quer flexionais;
- iii. A estrutura do verbo no passado é definida pela combinação de aspectos morfológicos e fonológicos da língua.

O texto está organizado em quatro seções, a saber: esta introdução, em que se apresentam os objetivos do estudo, o problema, as hipóteses, a metodologia de estudo, o quadro teórico usado na análise dos dados e a estrutura do estudo; a seção 5.1, em que se apresentam conceitos e estudos que norteiam a pesquisa; a seção 5.2, em que se delineiam a descrição e a análise dos dados acerca da marcação do passado em Copi, à luz da TO; e, por fim, a seção 5.3 que fornece as considerações finais.

## 5.1 APORTE TEÓRICO

Esta seção apresenta a revisão de literatura, visando aos seguintes objetivos: (1) passar em revista a TO, pois este é o modelo que norteia o nosso estudo; (2) visitar alguns estudos descritivos à luz da TO.

### 5.1.1 TEORIA DA OTIMALIDADE

A análise dos dados da pesquisa baseia-se na Teoria da Otimalidade (TO), um modelo de análise gramatical cujos principais objetivos são: (a) estabelecer as propriedades universais da linguagem; e (b) caracterizar os limites possíveis da variação entre as línguas naturais.

Este modelo, proposto por Prince e Smolensky (1993) e desenvolvido por McCarthy e Prince (1993), preconiza que a gramática de cada língua é determinada por diferentes hierarquias de restrições linguísticas universais, e as diferenças gramaticais de uma língua para outra podem ser explicadas pela rehierarquização de restrições. Segundo Costa (2001), um candidato que viole uma dada restrição pode ser gramatical, desde que as violações dos outros candidatos

sejam piores de acordo com a hierarquia de violações definida para a língua.

Embora sejam permitidas, as violações devem ser mínimas, visto que a proposta feita neste modelo (TO) prevê que determinada regra ou princípio possa ser violada ou violado desde que a sua violação permita satisfazer outra regra ou princípio. Assim, se todos os candidatos apresentados violarem um conjunto de infracções, o candidato vencedor será aquele que obtiver as infracções menos graves.

A TO dispõe de uma metalinguagem própria que se usa na expressão das várias noções que contribuem para a eleição do candidato ótimo da forma de superfície. As principais noções expressas por essa metalinguagem são: marcação, universalidade, inclusão, paralelismo, fidelidade, violabilidade, dominação estrita, hierarquia de restrições, tabela e outras. Dentre essas noções, destaca-se a dominação estrita, que indica que a violação da hierarquia de restrições mais altas não pode ser compensada pela satisfação da hierarquia de restrições mais baixas. De acordo com essa definição, há uma única hierarquia de restrições que deve ser observada e não há compensações a serem feitas.

Os componentes da Gramática na TO são o léxico, o gerador e o avaliador. Segundo Archangeli (1997), citado por Alves (2011), a relação entre o *input* e o *output* é mediada por dois mecanismos formais, o gerador ou *generator* (GEN) e o avaliador ou *evaluator* (AVAL/EVAL). O primeiro cria estruturas linguísticas e verifica suas relações de fidelidade com a estrutura subjacente. O segundo usa a hierarquia de restrições da língua para selecionar o melhor candidato entre todos os candidatos criados.

Kager (1999) afirma que a TO consegue explicar vários fenômenos fonológicos, mas alguns deles ainda merecem um tratamento mais adequado, como a variação livre, isto é, os casos em que um único *input* é mapeado em duas formas de *output*, ambas gramaticais. O autor

sugere a possibilidade de existir um ordenamento livre, ou seja, a avaliação do grupo de candidatos é dividida em duas sub-hierarquias, cada uma das quais selecionando um *output*. Tal abordagem leva a um melhor entendimento do conceito de *input* no modelo da TO.

### 5.1.2 ABORDAGENS DESCRITIVAS NA PERSPECTIVA DA TO

Nesta secção propomo-nos a apresentar alguns estudos realizados na perspectiva da TO. Rodrigues (s/d) aborda a questão da variação e mudança da língua portuguesa segundo a TO, mostrando as estratégias usadas para que ocorra uma rehierarchicalização e as mudanças que se operam a nível do *input*. Estudando os hiatos na língua portuguesa, a autora afirma que, durante o processo de variação, é possível que algumas formas sejam postas na forma subjacente, uma vez que o *input* é escolhido com base no que chega à superfície e ainda que há casos em que o *input* é mantido. Nessa abordagem, ela considera três momentos para a história dos hiatos. No primeiro momento, os hiatos apresentam uma grande produtividade; no segundo, a sua produtividade cai e emerge a estrutura do ditongo, o que resulta na variação; finalmente, o terceiro momento é o da mudança.

Martini (2012) analisa os hipocorísticos do Português brasileiro sob a perspectiva da TO. Nessa abordagem, a autora argumenta que hipocorísticos compreendem a morfologia não concatenativa porque têm acesso a informações prosódicas e estão sujeitos às exigências fonológicas da língua. Na percepção da autora, os hipocorísticos, assim como as operações morfológicas, implicam modificações no conteúdo material, podendo gerar acréscimos, alterações ou mesmo apagamentos nas formas de superfície.

Lazarotto-Volcão (2011) analisa a fala de um sujeito com desvio fonológico, que consistem em uma demora no processo de aquisição e/ou um processo diferenciado do observado na maioria das crianças, sendo, por vezes, mais consistente ou, ainda, perdurando por mais

tempo que na aquisição considerada normal. De acordo com a autora, no processo de aquisição da fonologia da língua materna, a fala da criança apresenta variações que podem corresponder a duas situações diversas: realizações fonéticas variadas que refletem variações presentes também na fala do adulto; e realizações fonéticas variadas que antecedem a aquisição de segmentos novos. Isso significa que, na tentativa de produzir determinados segmentos, a criança realiza foneticamente diversas formas até adquirir o sistema fonológico da sua comunidade. Analisados os dados, Lazzarotto-Volcão (2011) conclui que uma fonologia desviante pode ser caracterizada por uma hierarquia em que as restrições permanecem por mais tempo numa relação de dominação flutuante dentro do estrato e/ou por uma hierarquia composta por várias restrições que compartilham o mesmo estrato.

Mashauri (2018) discute a interação entre morfologia e a fonologia na formação de nomes compostos em Swahili. O autor argumenta que as restrições morfológicas e fonológicas interagem na formação de nomes compostos na gramática do Swahili padrão. A análise é feita baseando-se nos princípios da TO. Para o autor, numa determinada língua, as palavras são aceites pelos falantes quando elas conjugam todos os requisitos gramaticais definidos pela língua, isto é, para que uma palavra seja considerada gramatical e aceita pela comunidade, é necessário que se conjuguem aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos.

Os aspectos fonológicos que interagem com os aspectos morfológicos são o acento, a duração vocálica e o tom que jogam um papel importante na formação de nomes compostos ótimos. Quando um nome composto satisfaz as restrições fonológicas, mas viola as restrições morfológicas como a afixação, o *output* do nome composto perde a oportunidade de ser ótimo na gramática do Swahili. Outro aspecto que mostra a interface é o fato de que, em operações morfológicas, combinando duas ou três palavras para formar um nome

composto, o acento primário de todas as palavras cai, exceto o da última. Isso, porque fonologicamente em Swahili uma das palavras tem apenas um acento primário. A nível do sintagma fonológico, o tom tem alguns efeitos de gramaticalidade na forma composta. As fronteiras do sintagma fonológico entre duas ou três palavras formando um composto devem ser eliminadas, sendo o composto pronunciado como única palavra. São estes aspectos que permitem estabelecer uma interação entre a morfologia e fonologia em Swahili.

Outro autor que mostra a interação entre a morfologia e a fonologia à luz da TO é Mtenje (2007). Na sua análise das sequências vocálicas em Cindali, Citonga e Cinyika (línguas faladas em Malawi), o autor mostra que, embora na maior parte dos casos sequências vocálicas sejam eliminadas pela elisão, inserção de consoantes ou semivocalização, há casos em que a contiguidade de vogais se mantém. A análise de Mtenje (2007) mostra que um conjunto de padrões fonológicos está associado a construções morfológicas específicas e que, dentro de uma mesma língua, um certo conjunto de restrições pode mostrar uma relação precedente numa construção morfológica e hierarquização inversa noutra.

## 5.2 MARCAÇÃO DO PASSADO EM COPI SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA OTIMALIDADE

A marcação do passado em Copi é feita com recurso a diferentes morfemas. Tendo em conta o modelo da Teoria da Otimalidade, as estruturas das palavras resultam da aplicação de um certo tipo de operações formais através da confrontação de um *input* com uma série de restrições hierarquizadas com vista à seleção dentre vários candidatos do *output* ótimo que viole as menos importantes de tais restrições (Prince, Smolensky, 1993; McCarthy e Prince 1993).

É na senda deste pressuposto que se propõe explicar a variação do morfema que marca o passado em Copi, uma vez que a teoria permite

sugerir que a referida língua disponibiliza um conjunto de morfemas para a formação do tempo passado, cabendo ao falante a tarefa de selecionar o candidato ótimo para se juntar a um determinado radical verbal, levando em consideração a presença de consoantes (C) e vogais (V). Veja-se a tabela seguinte:

Tabela 2: Morfemas do passado e respectivas restrições

Candidatos	Restrições		
	-CVC- (l/t)	-C-	-CVC-
☞-ile	*!	*	
☞-ite	*		*!
☞-e	*	*!	

Na tabela anterior, o gerador (GER) disponibiliza três candidatos a *output* do passado em Copi (**-ile**, **ite** e **-e**). Esses candidatos gerados pela língua encontram-se armazenados na gramática do falante e são colocados como candidatos a *output* em igualdade de circunstâncias para uma seleção. A seleção é feita tendo em conta restrições hierarquicamente ordenadas de acordo com o tipo de radical (-CVC-, onde a última consoante é l/t, -C- e -CVC-).

Dos candidatos anteriormente apresentados, constata-se que todos são selecionados pelo AVAL como candidatos ótimos, marcados pelo sinal (☞). Todos os candidatos violam pelo menos duas das restrições (\*) e cada um deles faz uma violação fatal (!). Então, estando todos em pé de igualdade, significa que são todos candidatos ótimos.

Mas, essa seleção não encerra a explicação da variação morfé mica. É preciso que se olhe cada caso de forma particular para que se perceba claramente o que significa ter três candidatos ótimos à marca do passado.

Como estratégia de análise, primeiro, tomar-se-ão verbos do tipo -C-. De seguida, verbos do tipo -CVC-, cuja última consoante é l/t. Depois, serão tomados verbos com radical do tipo -CVC-, em que a última consoante não tenha características específicas (diferentes de l/t). Por fim, serão tomados os verbos de estrutura derivada.

Antes de se passar à análise da marca do passado relativa aos verbos do Copi, é preciso recordar a noção de radical e os seus diferentes tipos. Radical “é uma base à qual os afixos podem ser adicionados” (Bauer, 1988, p. 253).

Miti (2006) considera a existência de dois tipos de radicais: simples (não extensos) e extensos. Os simples são desprovidos de qualquer afixo, enquanto os extensos carregam consigo uma extensão verbal. Ainda segundo Miti (2006), os radicais simples podem se subcategorizar em três: -C-, -CVC- e -CVCVC- (esta última pode se estender mais, significando apenas mais longo que -CVC-). A seguir, passamos à análise de cada um desses tipos.

### 5.2.1 RADICAIS SIMPLES COM ESTRUTURA -C-

Os exemplos em (1) mostram radicais do tipo -C- em Copi:

- |     |      |             |
|-----|------|-------------|
| (1) | -c-  | ‘amanhecer’ |
|     | -f-  | ‘morrer’    |
|     | -h-  | ‘dar’       |
|     | -n-  | ‘chover’    |
|     | -ny- | ‘defecar’   |
|     | -p-  | ‘roubar’    |

Veja-se o que acontece em termos de seleção do morfema do passado com verbos de radical do tipo -C-. Os candidatos serão apresentados na primeira pessoa do singular.

Tabela 3: Seleção do candidato ótimo para o verbo -p- ‘roubar’

<b>-pa ‘roubar’</b>			
-p-	C-ite	C-ile	C-e
nipile	*	*	*
<del>ni</del> nipite		*	*
nipe	*	*	*!

O exemplo anterior mostra a seleção do candidato ótimo para o verbo -p- ‘roubar’. Dos três candidatos disponíveis na língua para o passado de -p-, em Copi, o candidato vencedor é o candidato **-p~~i~~te**, ou seja, para a formação do passado do verbo -p- os falantes selecionam o morfema **-ite**. Note-se na tabela que há uma violação fatal para a restrição **C-e**. Essa violação fatal pode se justificar por razões morfofonológicas. Primeiro, o radical apresenta uma estrutura monossilábica. Segundo, a marca de tempo **-e** é também monossilábica. Ao se afixar o morfema de tempo ao radical, tem-se como resultado uma estrutura do tipo **-CV-**, o que fonologicamente a língua não aceita. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (2) \*pa!      ‘roube!’      cf. pana!  
 \*ha!      ‘dê!’      cf. hana!  
 \*ta!      ‘venha!’      cf. tana!

Nos exemplos em (2) têm-se as formas imperativas com verbos monossilábicos. A agramaticalidade mostra que a estrutura do verbo não aceita a afixação de um único morfema a encerrar o verbo. É preciso que se façam compensações. E isto pode explicar a violação fatal da restrição ao morfema **-e**. Essa seleção do candidato **-e** pode ser ainda confirmada pelos exemplos a seguir:

(3)	-c-	dicite	‘amanheceu’	*dicile
	-f-	afite	‘morreu’	(* )afile
	-h-	nihite	‘dei’	*nihile
	-n-	kunite	‘choveu’	(* )kunile
	-ny-	ninyite	‘defequei’	(* )ninyile

Colocada a possibilidade de se afixar o morfema **-ile** aos radicais do tipo -C-, os falantes consideraram as formas resultantes como agramaticais, embora tenham reconhecido algumas como sendo possíveis. Mas, sublinharam tratar-se de formas usadas em variantes com grande influência do Changana, não pertencentes à língua Copi, tal é o caso das formas representadas por um asterisco num interior de parênteses curvos (\*). Portanto, para o Copi, a troca do morfema **-ite** pelo morfema **-ile** resultaria em sequências agramaticais. Sendo assim, o candidato ótimo para estruturas do tipo -C- é o morfema **-ite**.

Porém, nem todos os verbos de estrutura -C violam fatalmente a restrição C-e. Vejam-se os exemplos que se seguem:

(4a)	-t-	nitile	‘vim’	*nitite/ *nite
(4b)	-v-	nive	‘era/fui’	*nivile/ *invite

Tabela 4: Seleção do candidato ótimo para o verbo -t- ‘vir’

-t- ‘vir’			
-ta	C-ile	C-ite	C-e
nitile		*	*
nitite	*	*	*
nite	*	*	*!

Os exemplos em (4) mostram que nem todos os radicais do tipo -C- violam fatalmente a restrição C-e. Para o verbo -t- ‘vir’, o AVAL seleciona como candidato ótimo o candidato **nitile**, o que significa

que o morfema **-ile** pode ser visto como um candidato ótimo, como se vê na Tabela 4.

A escolha de um candidato ótimo para a formação do passado parece não estar ligada apenas à questão morfológica (estrutura do radical), pois os dados mostram que outras formas com a mesma estrutura selecionam outros candidatos como ótimos. Um olhar atento aos dados pode mostrar-nos haver também razões fonológicas.

### 5.2.2 RADICAIS SIMPLES DE ESTRUTURA -CVC-

Os verbos do tipo -CVC- são radicais simples, conforme os exemplos em (5):

- (5) -sin- 'apodrecer'  
 -song- 'ser magro'  
 -pim- 'medir'  
 -pend- 'pintar'  
 -pind- 'ultrapassar'  
 -samb- 'tomar banho'  
 -sek- 'rir'

Veja-se o comportamento dos candidatos com a estrutura -CVC- no que toca às restrições para formação do passado em Copi.

Tabela 5: Seleção do candidato ótimo para o verbo -dim- 'cultivar'

<b>-dim- 'cultivar'</b>			
-dim-	CVC- ile	CVC-ite	CVC-e
<sup>168</sup> nidimile		*	*
nidimite	*		*!
nidime	*	*	*

O exemplo anterior ilustra a seleção do candidato ótimo para a realização do passado do verbo -pim- 'medir'. Dos três candidatos

apresentados, nota-se que dois deles não violam pelo menos uma das restrições, mas o candidato **nidimite** apresenta uma violação fatal e por isso é excluído. O candidato vencedor é **nidimile**, ou seja, o morfema **-ile** mostra-se ótimo para se concatenar ao radical **-dim-**. Vejam-se mais exemplos de formação do passado com radicais do tipo -CVC-:

Tabela 6: Seleção do candidato ótimo para o verbo -tek- ‘levar’

<b>-tek- ‘levar’</b>			
-tek-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
☞ nitekile		*	*
nitekite	*		*!
niteke	*	*	*!

Tabela 7: Seleção do candidato ótimo para o verbo -pend- ‘pintar’

<b>-pend- ‘pintar’</b>			
-pend-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
☞ nipendile		*	*
nipendite	*		*!
nipende	*	*	*!

Tabela 8: Seleção do candidato ótimo para o verbo -xav- ‘comprar’

<b>-xav- ‘comprar’</b>			
-xav-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
☞ nixavile		*	*
nixavite	*		*!
nixave	*	*	*!

Os exemplos das tabelas anteriores demonstram a formação do passado para verbos com estrutura -CVC-. Esses dados revelam que as restrições aos morfemas **-ite** e **-e** conduzem à seleção do morfema **-ile** como candidato ótimo. No entanto, nem todos os verbos com a estrutura -CVC- aceitam afixar-se ao morfema **-ile**.

Algumas formas mostraram um comportamento diverso. Vejam-se os exemplos seguintes:

Tabela 9: Seleção do candidato ótimo para o verbo -dul- ‘arrancar da terra’

<b>-dul- ‘arrancar da terra’</b>			
-dul-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
nidulile	*	*	*
nidulite	*	*	*!
nidule	*	*	*!
☞ nidute	*		*

Tabela 10: Seleção do candidato ótimo para o verbo -bal- ‘contar/dizer’

<b>-bal- ‘contar/dizer’</b>			
-bal-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
nibalile	*	*	*
nibalite	*	*	*!
nibale	*	*	*!
☞ nibate	*		*

Os exemplos anteriores ilustram candidatas a *outputs* do passado em Copi cuja estrutura verbal é -CVC-. Note-se que todos os radicais apresentados têm em comum a consoante líquida [l] como última consoante. Diferente dos outros verbos anteriormente apresentados, estes exemplos apresentaram quatro candidatas a *output* para um único *input*. Na Tabela 9, o candidato considerado ótimo foi **-dute**. Na tabela 10 foi selecionado o candidato **-bate**.

Destes dados era de se esperar que, dos candidatos gerados na língua, a restrição ao morfema **-ile** não fosse violada por nenhum dos candidatos, mas não foi o que se verificou. A restrição não violada foi a do morfema **-ite** para todos os casos. Porém, note-se ainda que o *output* selecionado como ótimo, apesar de ocorrer com o morfema -ite, sofre algumas alterações morfofonológicas. A formação do passado

é feita através do processo de imbricação (Ngunga, 1999). Este processo pode ser descrito da seguinte forma:

(6)	-bal-	contar
	-bal-ite	afixação do morfema do passado (morfologia)
	-ba-it-l-e	imbricação do morfema (fonologia)
	-ba-it-e	elisão da consoante [l] (fonologia)
	-ba-te	elisão da vogal [a] (fonologia)
	-bate	<i>output</i>

Ao radical -bal afixa-se o morfema -ite do passado. Em seguida, este morfema sofre uma imbricação, ou seja, é colocado entre a vogal e a última consoante do radical, provocando uma contiguidade de consoantes e vogais. Essa contiguidade resulta na elisão de um dos sons envolvidos. No caso das consoantes, é elidida a consoante do radical e, no caso das vogais, elide-se a vogal do morfema do passado. Como resultado, tem-se **-bate**.

Este é um exemplo da interação entre morfologia e fonologia, prevista pela teoria da morfologia e fonologia lexical, proposta por Kiparsky (1985). Esta teoria pressupõe que processos morfológicos estão interligados a processos fonológicos. Mais tarde, Katamba e Stonham (2006) recuperam a mesma ideia, considerando que existe uma relação entre as regras que definem a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas responsáveis pela maneira como uma palavra é pronunciada. Todas essas regras serão encontradas no léxico e organizadas hierarquicamente em níveis.

Quando os afixos são adicionados às bases, pode haver uma alteração de ordem fonológica. As regras fonológicas estão intimamente ligadas às regras morfológicas aplicadas na estrutura da palavra. Normalmente, quando se aplica uma regra morfológica, as regras fonológicas são automaticamente ativadas no nível lexical.

Veja-se o comportamento de outros verbos com a mesma estrutura -CVC- e terminação em -l, que confirmam que a terminação do radical influencia na realização do morfema do passado.

(7)	-rwal-	nirwate	‘carreguei’	*nirwalile
	-tul-	nitute	‘abri’	*nitulile
	-vhal-	nivhate	‘fechei’	*nivhalile
	-fol-	nifote	‘fiz a fila’	*nifolile
	-gel-	nigete	‘disse’	*nigelile
	-gul-	nigute	‘carreguei’	*nigulile

Quando perguntados sobre a possibilidade de alternância do morfema do passado de **-ite** para **-ile**, os falantes consideraram os *outputs* agramaticais, o que significa que o candidato ótimo para a formação do passado em radicais do tipo -CVC- com terminação el **-l** será sempre o morfema **-ite**.

### 5.2.3 RADICAIS SIMPLES DE ESTRUTURA -CVCVC- OU MAIS LONGAS

Ainda sobre radicais não extensos, pode-se encontrar em Copi radicais com estruturas maiores que -CVC-, que são as do tipo -CVCVC- ou mais longas. São exemplos dessas estruturas:

(8a)	-fenengel-	‘cobrir’
	-malal-	‘calar-se’
	-sawul-	‘escolher coisas’
	-hehel-	‘peneirar’
(8b)	-phazam-	‘falhar’
	-sakan-	‘brincar’
	-thavis-	‘tirar’
	-satis-	‘despedir-se’
	-sambet-	‘nadar’
	-hambuk-	‘afastar-se’
	-basis-	‘limpar’

Os exemplos em (8) representam radicais com estruturas mais longas. Em (8a), os radicais formam uma classe específica por possuírem a terminação comum em -l. Em (8b), têm-se radicais com diversas terminações. Veja-se o comportamento desses radicais mais longos na formação do passado em Copi:

Tabela 11: Seleção do candidato ótimo para o verbo -malal- ‘calar-se’

<b>-malal- ‘calar-se’</b>			
-malal-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
nimalalile	*	*	*
nimalalite	*	*	*!
nimalale	*	*	*!
<sup>12</sup> nimalate	*		*

Tabela 12: Seleção do candidato ótimo para o verbo -kusul- ‘despejar’

<b>-kusul- ‘despejar’</b>			
-kusul-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
nikusulile	*	*	*
nikusulite	*	*	*!
nikusule	*	*	*!
<sup>12</sup> nikusute	*		*

Os exemplos nas Tabelas 11 e 12 mostram o comportamento de estruturas mais longas que -CVC- em relação à escolha do candidato ótimo para a formação do passado em Copi. Como resultado da avaliação, os falantes consideraram o morfema -ite resultante também do processo de imbricação como candidato ótimo.

Portanto, à semelhança dos dados em (6) e (7), os dados em (8a) selecionam o morfema -ite para a formação do passado. Isso confirma que não é a estrutura morfológica do radical que afeta a seleção do morfema do passado, mas trata-se de uma restrição fonológica, no caso, a qualidade da consoante final que condiciona a seleção

da forma -ite como candidato ótimo que vai garantir uma comunicação saudável entre os falantes.

Para as formas em (8b), a seleção resultou no candidato -ile, como mostram os exemplos que se seguem:

Tabela 13: Seleção do candidato ótimo para o verbo -satis- ‘despedir-se’

<b>-satis- ‘despedir-se’</b>			
-satis-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
<sup>139</sup> nisatisile		*	*
nisatisite	*		*!
nisatise	*	*	*!

Tabela 14: Seleção do candidato ótimo para o verbo -phazam- ‘falhar’

<b>-phazam- ‘falhar’</b>			
-phazam-	CVC-ile	CVC-ite	CVC-e
<sup>140</sup> niphazamile		*	*
niphazamite	*		*!
niphazame	*	*	*!

Os exemplos nas tabelas anteriores ilustram os candidatos a *output* do passado de -satis- e -phazam- respectivamente. Esses *inputs* encontram à disposição três candidatos e, como candidato ótimo, selecionam o morfema -ile para a formação do passado. Isso, pois, é a única restrição não violada e, por sinal, a mais importante. Observem-se os exemplos que se seguem:

- (9) -wombomb- ‘falar’ niwombombile  
 -sakan- ‘brincar’ nisakanile  
 -thavis- ‘tirar’ nithavisile  
 -alakany- ‘lembrar-se’ nialakanyile  
 -hambuk- ‘afastar-se’ nihambukile  
 -basis- ‘limpar’ nibasisile

Os exemplos anteriores mostram a escolha do morfema para a formação do passado em estruturas mais longas com uma terminação adversa do -l. Pode-se notar pelos exemplos que a natureza da consoante final do radical é diversa e todas selecionam o morfema -ile. Mais uma vez, confirma-se que a natureza da consoante final condiciona a seleção do morfema do passado e esta se resume na consoante líquida.

Para além dos morfemas **-ile** e **-ite**, os falantes dispõem de outro morfema para a formação do passado, o morfema **-e**. Este morfema também é gerado pela língua, mas, embora disponível na gramática do falante, mostrou-se pouco frequente na seleção. Vejam-se alguns exemplos a seguir:

(10)	-won-	‘ver’	niwone	‘vi’
	-khur-	‘saciar’	nikhure	‘saciei’
	-dhán-	‘chamar’	nidháne	‘chamei’

Quando questionados sobre a possibilidade de se alternar o morfema -e, os falantes consideraram as formas resultantes como gramaticais.

(11)	-won-	niwone	‘vi’	niwonile
	-khur-	nikhure	‘saciei’	nikurile
	-dhán-	nidháne	‘chamei’	nidhanile

Como se pode observar, a sugestão de se afixar o morfema **-ile** às mesmas bases resultou em formas também gramaticais.

Esta secção se propôs a analisar a formação do passado à luz da Teoria da Otimalidade. De acordo com os dados, constata-se que a língua dispõe de três morfemas para realizar o passado: **-ile**, **-ite**, **-e**. Este último, embora gerado pela língua, mostrou-se pouco frequente e ainda como uma variação livre para os poucos casos em que ocorre. A seleção do morfema **-ite** é feita pelo processo de imbricação, que pode ser assim representado:

## (12) -CVC-

i. -CV-it-C-	infixação do -it-	morfologia
ii. -CV-it-	elisão (C)	fonologia
iii. -CVt-	elisão (i)	fonologia
iv. -CVt-e	sufixação	morfologia

O sufixo -it- é infixado dentro da última sílaba da base (i); a seguir apaga-se a última consoante (ii); depois aplica-se a regra de elisão também para a contiguidade de vogais e neste caso elide-se a vogal /i/ do -it e, por fim, acrescenta-se a vogal final.

Os morfemas gerados pela língua são colocados à disposição do falante para uma avaliação e seleção no momento da fala. Os candidatos a *output* são todos colocados em igualdade de circunstâncias para que sejam selecionados tendo em conta as restrições que a língua impõe. Estas restrições são ordenadas hierarquicamente de acordo com a regularidade na escolha do candidato ótimo.

A escolha do candidato ótimo à formação do passado não mostrou ser um ato aleatório. Fatores morfológicos, como a estrutura do radical, bem como aspectos fonológicos, como a qualidade da última consoante do radical, são tomados em consideração. Isso corrobora a teoria da interação entre a morfologia e a fonologia.

A análise anterior feita tomou como base radicais simples, ou seja, não extensos. Importa olhar também para radicais extensos para ver que comportamentos terão as bases no processo de formação do passado.

#### 5.2.4 RADICAIS EXTENSOS

Radical extenso refere-se ao radical que comporta raiz mais afixos derivacionais (dois ou mais morfemas). Ngunga (2014) refere-se

à extensão como sufixo derivacional que se adiciona ao radical (simples ou extenso). Segundo o autor, “as extensões verbais são morfemas derivacionais que permitem derivar verbos a partir de outros verbos acrescentando-se ao radical verbal para lhes modificar o sentido, a morfologia e, geralmente, alterar-lhe as relações de transitividade” (Ngunga, 2014, p. 197-198).

Hyman (2007) considera que as extensões verbais têm uma função derivacional, embora certas categorias flexionais sofram implicações pela adição das extensões verbais. Segundo esse autor, as extensões verbais podem aumentar a valência do verbo, diminuir a valência, (re) orientar a ação e marcar o aspecto.

É importante que se olhe para a realização do verbo na forma derivada para que se perceba o comportamento dos morfemas que marcam o tempo em Copi e sua influência na estrutura morfofonológica do verbo.

#### 5.2.4.1 RADICAIS COM EXTENSÃO APLICATIVA (-EL-)

A extensão aplicativa, segundo Mutaka e Tamanji (2000, p. 179), descreve uma ação realizada em benefício de outrem. Veja-se o comportamento dos verbos quando acrescidos desta extensão. Os dados serão apresentados, observando-se a estrutura dos radicais (-C-, -CVC- e -CVCVC- ou mais longos), iniciando-se pela estrutura -C-:

(13a) *ciwonga cipite cihaka*

ci-wonga	ci-p-it-e	ci-haka
7-gato	7-roubar-PST.PERF-VF	7-peixe
‘o gato roubou peixe’		

(13b) *ciwonga cipela cihaka yimbwa*

ci-wonga	ci-p-el-a	ci-haka	yi-mbwa
7-gato	7-PRES-roubar-APPL-VF	7-peixe	9-cão
‘o gato está a roubar peixe para o cão’			

(13c) *ciwonga cipete cihaka yimbwa*

ci-wonga	ci-p-el-it-e	ci-haka	yi-mbwa
7-gato	7-roubar-APPL-PST.PERF-VF	7-peixe	9-cão

‘o gato roubou peixe para o cão’

(14a) *Jesus afite*

Jesus	a-f-it-e
Jesus	3SG-morrer-PST.PERF-VF

‘Jesus morreu’

(14b) *Jesus afela athu*

Jesus	a-f-el-a	athu
Jesus	3SG-morrer-APPL-VF	nós

‘Jesus morre por nós’

(14c) *Jesus afete athu*

Jesus	a-f-el-it-e	athu
Jesus	3SG-morrer-APPL-PST.PERF-VF	nós

‘Jesus morreu por nós’

Nos exemplos em (13) e (14), alíneas (a), o verbo é apresentado no passado sem nenhuma extensão. Como já se tinha dito, o tempo com esse tipo de radicais é marcado pelo morfema *-ite*. Nas alíneas (b) é afixada a extensão applicativa, no presente. Como resultado, há alteração sintática do verbo. Em (13b) torna-se num verbo de três lugares e em (14b), tratando-se de um verbo intransitivo, aumenta-se a valência, tornando-o num verbo transitivo. Por fim, nas alíneas (c), tem-se o verbo já extenso no passado também formado pelo morfema *-ite* através do processo de imbricação.

Isso mostra que o acréscimo da extensão applicativa ao radical simples do tipo *-C-* fonologicamente provocou alguma alteração na forma verbal. Morfologicamente, a marca de tempo continua sendo a mesma e ocupando a mesma posição, mas pode-se acrescentar a mudança das propriedades sintáticas do verbo. Veja-se o que acontece com estruturas do tipo *-CVC-* e mais longas:

(15a) *mwanana apimile tinyume*

mu-anana	a-pim-il-e	ti-nyume
1-criança	1-medir-PST.PERF-VF	10-amendoim

‘a criança mediu o amendoim’

(15b) *mwanana apimela tinyume mame*

mu-anana	a-pim-el-a	ti-nyume	mame
1-criança	1-PRES-medir-APPL-VF	10-nyume	1-mãe

‘a criança mede amendoim para a mãe’

(15c) *mwanana apimete tinyume mame*

mu-anana	a-pim-el-it-e	ti-nyume	mame
1-criança	1-medir-APPL-PST.PERF-VF	8-sapato	1-mãe

‘a criança mediu o amendoim para a mãe’

(16a) *m’fana axavile sifambu*

m’-fana	a-xav-il-e	si-fambu
1-rapaz	1-comprar-PST.PERF	8-sapato

‘o rapaz comprou sapatos’

(16b) *m’fana axavela sifambu tate*

m’-fana	a-xav-el-e	si-fambu	tate
1-rapaz	1-PRES-comprar-APPL-VF	8-sapato	1-pai

‘o rapaz está a comprar sapatos para o pai’

(16c) *m’fana axavete sifambu tate*

m’-fana	a-xav-el-it-e	si-fambu	tate
1-rapaz	1-comprar-APPL-PST.PERF-VF	8-sapato	1-pai

‘o rapaz comprou sapatos para o pai’

(17a) *Valerio athavisile maparatu*

Valerio	a-thavis-il-e	ma-paratu
Valério	1-tirar-PST.PERF-VF	6-prato

‘o Valério tirou os pratos’

(17b) *Valerio athavisela maparatu hahani*

Valerio	a-thavis-el-a	ma-paratu	hahani
Valério	1-PRES-tirar-APPL-VF	6-prato	1-tia

‘o Valério tira os pratos para a tia’

(17c) *Valerio athavisete maparatu hahani*

Valerio a-thavis-el-it-e ma-paratu hahani  
 Valério 1-tirar-APPL-PST.PERF-VF 6-prato 1-tia  
 ‘o Valério tirou os pratos para a tia’

Os exemplos em (15-17) ilustram a ocorrência do morfema da extensão aplicativa em radicais do tipo -CVC- e mais longos. Nas alíneas (a), o verbo ocorre na sua forma simples, e o passado é marcado pelo morfema **-ile**. Nas alíneas (b), adiciona-se a extensão ao radical com o verbo no presente e a valência do verbo muda, os verbos de um argumento interno passam a selecionar dois argumentos internos. Por fim, nas alíneas (c), forma-se o passado do verbo na sua forma extensa. A valência continua sendo de dois argumentos, mas a marca de tempo altera para **-ite**. Isso significa que a extensão verbal afixada ao radical não extenso provoca alterações na seleção do morfema de tempo. Veja-se a seleção à luz da TO:

Tabela 15: Seleção do candidato ótimo para o verbo -pimel- ‘medir’

<b>-pimel- ‘medir’</b>			
<b>-pimel-</b>	<b>-CVCVC-ile</b>	<b>-CVCVC-ite</b>	<b>-CVCVC-e</b>
nipimelile	*	*	*
nipimelite	*	*!	*
nipimele	*	*	*!
<sup>13</sup> nipimete	*		*

Olhando para a tabela anterior, nota-se que o candidato vencedor deixa de ser a forma com o morfema **-ile**. Isso pode ser explicado pelo fato de a extensão aplicativa carregar consigo a consoante líquida [l], que, na seção anterior, mostrou ser um critério forte para a escolha do morfema **-ite** como marca do tempo passado em Copi. Mas, note-se ainda que não é a forma *nipimelite* que se coloca como ótima. Embora ocorra com o morfema **-ite**, a fonologia não permite a sequência -el-it-, aplicando-se assim regras que permitam uma harmonia sonora.



(19c) *Arlindo apisile mame dipawa*

Arlindo a-p-is-il-e mame di-pawa  
 Arlindo 1-roubar-CAUS-PST.PERF-VF 1.mãe 5-pão  
 'o Arlindo fez a mãe roubar pão'

(20a) *Pedro awite*

Pedro a-w-it-e  
 Pedro 1-cair-PASS.PERF-VF  
 'Pedro caiu'

(20b) *Pedro awisamamanga*

Pedro a-w-is-a ma-manga  
 Pedro 1-cair-PASS.PERF-VF 6-manga  
 'Pedro faz cair as mangas'

(20c) *Pedro awisile mamanga*

Pedro a-w-is-il-e ma-manga  
 Pedro 1-cair-PASS.PERF-VF 6-manga  
 'Pedro fez cair as mangas'

À semelhança da extensão aplicativa, a extensão causativa muda a valência dos verbos que a recebem. Nos exemplos anteriores, as alíneas (a) mostram os radicais simples do tipo -C- conjugados no passado perfectivo. Este é marcado pelo morfema **-ite**. Nas alíneas (b), afixa-se a extensão causativa ao radical simples. Como resultado, o verbo torna-se transitivo. Em (c), forma-se o passado do verbo extenso, e o tempo é marcado pelo morfema **-ile** por sufixação. À luz da TO, isso pode ser demonstrado pelo seguinte:

Tabela 16: Seleção do candidato ótimo para o verbo extenso -wis- 'fazer cair'

<b>-wis- 'fazer cair'</b>			
<b>-wis-</b>	<b>-CVC-ile</b>	<b>-CVC-ite</b>	<b>-CVC-e</b>
<b>niwisile</b>		*	*
<b>niwisite</b>	*!	*!	*
<b>niwise</b>	*	*	*
<b>niwisete</b>	*	*	*

Na tabela anterior, dos quatro candidatos gerados pela língua, apenas um candidato foi eleito como ótimo à formação do passado *niwisile*. Esse candidato foi o único que não violou a restrição mais alta na hierarquia das restrições. Na sua forma simples, o radical teria selecionado o morfema **-ite**, mas quando se torna extenso ganha novas características morfofonológicas. Uma dessas características é a terminação que não apresenta nenhum traço que defina o uso do morfema **-ite**. Confirmam-se outros dados com a extensão causativa:

(21a)	-dilis-	nidilisile	‘fiz chorar’	cf.	-dil-	nidite	‘chorei’
	-divalis-	nidivalisile	‘fiz esquecer’	cf.	-dival-	nidivate	‘esqueci’
	-hális-	nihalisile	‘fiz ferver’	cf.	-hal-	nihate	‘fervi’
(21b)	-dimis-	nidimisile	‘fiz cultivar’	cf.	-dim-	nidimile	‘cultivei’
	-gondis-	nigondisile	‘fiz estudar’	cf.	-gond-	nigondile	‘estudei’
	-gayis-	nigayisile	‘fiz moer’	cf.	-gay-	nigayile	‘moí’

Os dados em (21) confirmam a teoria, segundo a qual a extensão causativa também altera as propriedades morfofonológicas e sintáticas do verbo não extenso. O verbo intransitivo torna-se transitivo, o verbo de um argumento seleciona mais outro.

Contrariamente à aplicativa, com a causativa o morfema eleito é o **-ile**. Em (21a) os radicais não extensos são de terminação em **-l** e quando adicionados o morfema de extensão perdem essa particularidade, assumindo assim a característica geral. Em (21b) tem-se radicais com qualquer tipo de consoante em posição final e quando se lhes adiciona a extensão causativa e estes formam o passado com **-ile**.

#### 5.2.4.3 RADICAIS COM EXTENSÃO RECÍPROCA (-AN-)

A extensão recíproca reflete uma ação feita de um para outro e vice-versa. Observem-se os exemplos seguintes:

(22a) -los-	nilosile	‘cumprimentei’	cf. -losan-	hilosane	‘cumprimentámo-nos’	
	-nyunt-	ninyuntile	‘beije’	cf. -nyuntan-	hinyuntane	‘beijámo-nos’
	-ning-	niningile	‘dei’	cf. -ningan-	hiningane	‘dêmo-nos’
	-pek-	nipekile	‘bati’	cf. -pekan	hipekane	‘batémo-nos’
(22b) -won-	niwone	‘vi’	cf. -wonan-	hiwonane	‘vimo-nos’	
	-dhan-	nidhane	‘chamei’	cf. -dhan-	hidhanane	‘chamámo-nos’

Nos exemplos anteriores, na primeira coluna à esquerda, apresenta-se o radical simples e, em seguida, a sua forma no passado. Esse é marcado pelo morfema **-ile** nos exemplos da alínea (a) e **-e** nos exemplos da alínea (b). Os exemplos em (b) apresentam uma característica comum, qual seja a terminação em **-n**. Essa terminação impõe a escolha do morfema **-e**. Nas colunas mais à direita, depois de sufixado o morfema da extensão causativa, o passado deixa de ser formado pelo morfema **-ile** e passa a ser formado pelo morfema **-e**.

### 5.3 CONCLUSÕES DO ESTUDO

O presente estudo propõe-se mostrar a variação dos morfemas do tempo em Copi, explicando como os mesmos podem ser representados à luz da TO e que explicação se pode dar à gramaticalidade de algumas restrições verificadas na formação do tempo verbal.

A análise dos dados confirma a hipótese (iii), pois se constatou que a estrutura do verbo em Copi resulta da combinação de aspectos morfológicos e fonológicos.

A análise dos dados da pesquisa baseou-se na Teoria da Otimalidade, modelo de análise gramatical que procura estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação entre as línguas naturais. Este modelo permite violações/restrições linguísticas, mas que as mesmas devem

ser mínimas e podem ser explicadas pela rehierarquização de restrições. Dos candidatos apresentados, vence aquele que obtiver as infracções menos graves.

Da análise, conclui-se que tanto o verbo de radical simples quanto o de radical extenso têm a sua estrutura definida por aspectos morfológicos e fonológicos; a aplicação de extensões a radicais simples não só altera a estrutura morfofonológica do verbo como também mexe com propriedades sintáticas dos verbos, alterando a valência dos verbos, passando uns de intransitivos para transitivos, outros de transitivos para bitransitivos; a aplicação de regras morfológicas desencadeia processos fonológicos o que comprova a interação entre a morfologia e a fonologia.

No que toca à seleção de candidatos ótimos, observou-se que a escolha dos morfemas gerados pela língua para a formação do passado (**-ile**, **-ite** e **-e**) toma em conta aspectos morfológicos (estrutura do radical) e fonológicos (natureza do segmento).

ABREVIATURAS E SIGLAS

1, 2, 3...	classes nominais
APPL	aplicativo
C	consoante
CAUS	causativa
GEN	gerador ou <i>generator</i>
INE	instituto nacional de estatística
PASS	passado
PERF	perfectivo
PRES	presente
PST	passado
SG	singular
TO	teoria da otimalidade
UEM	universidade Eduardo Mondlane
V	vogal
VF	vogal final

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. M. Harmonia Vocálica e Redução Vocálica à Luz da Teoria da Otimalidade. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, v. 2, n. 2, 2011.
- ARCHANGELI, D. Optimality Theory: an introduction to linguistics in 1990s. In: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D.T. *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell Publishers. 1997. cap.1, p. 1-32.
- Bauer, L. *Introducing Linguistic Morphology*. J.W. Arrowsmith Ltd, 1988. 272p.
- Costa, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da Otimalidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001. 155p.
- Guthrie, M. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*. V. I-IV. Claredon: Oxford University, 1967/71.
- Hyman, L. *Reconstructing the Proto-Bantu*. Unite: Internal Evidence, 2007.
- INE. *III Recenseamento Geral da População e Habitação 2007*. Indicadores Socio-Demográficos. Maputo. Instituto Nacional de Estatística. 2010.
- Kager, R.. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, 452p.
- KATAMBA, F.; STONHAM, J. *Morphology*. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2006. 400p.
- KIPARSKY, P. Some Consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook 2*, 1985. p. 83-136.
- LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. A Variação Fonológica na Aquisição com Desvios. *Working Papers in Linguistics*, v. 12, p. 1-10, jan./jun. 2011.
- MARTINI, L. D. Hipocorísticos Sensíveis ao Acento Primário da Forma de Base. *Entrepalavras*, v. 2, p. 9-24, jan./jul. 2012.
- MASHAURI, M. A. *Interface between Morphology and Phonology in the Formation of Swahili Compound Nouns*. University of Dar es Salaam. 2018.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. New Brunswick: Rutgers University Center For Cognitive Science. 1993.
- MITI, L. *Comparative Bantu Phonology and Morphology: A Study of the Sound Systems and Word Structure of the Indegenous Lnguages of Southern Africa*. Pretoria: CASAS. 2006.

MTENJE, A. On Recent Trend in Phonology: Vowel Sequences in Bantu Languages. *SOAS Working Papers in Linguistics*, v. 15, 2007. p 33-48.

MUTAKA, N.; TAMANJI, P. *An Introduction to African Linguistics*. Munich: Lincom Europa, 2000.

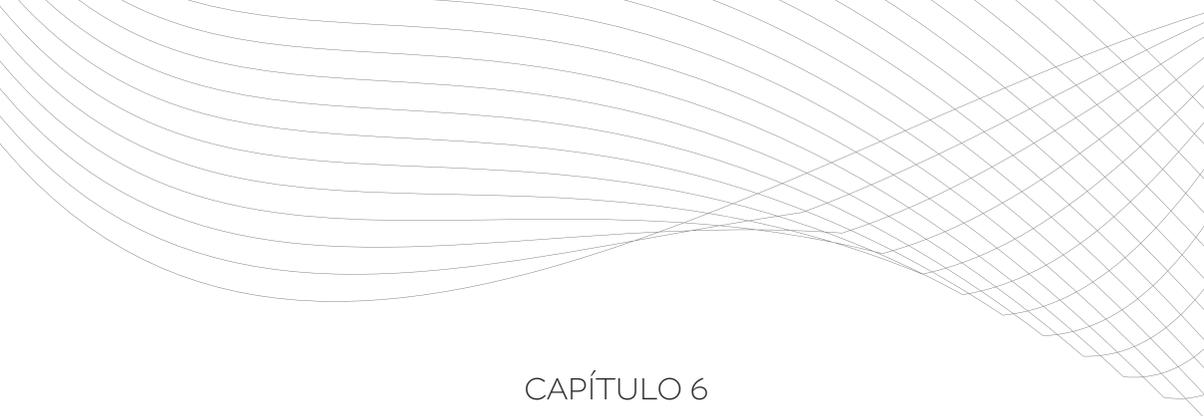
NGUNGA, A. Restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao. In: SIMANGO, A. (ed.). *Foha Linguística* nr 3. Maputo: Imprensa Universitária, 1999. p. 8-18

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária. Universidade Eduardo Mondlane, 2014.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. (eds.). *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Coleção "As Nossas Línguas" III. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane, 2011.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction and Generative Grammar*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993. 256p.

RODRIGUES, M. C. *Variação e Mudança Segundo a Teoria da Otimalidade: uma visão baseada na competição entre rankings*. (s/d).



## CAPÍTULO 6

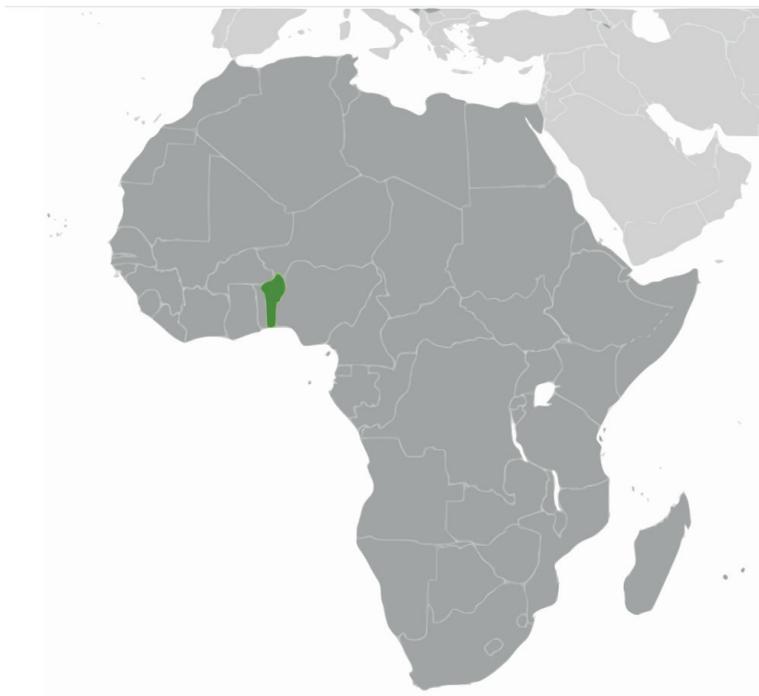
# ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA FONGBE

Fábio Bonfim Duarte<sup>1</sup>  
Tânia Brittes Ottoni Valias<sup>2</sup>

Benin, ou República do Benin, é um país localizado no chamado *bulge* da África, ou seja, na parte convexa da África ocidental, e faz fronteira com Burkina Faso, Níger, Nigéria e Togo, conforme mostra o mapa da Figura 1:

- 
- 1 Professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Linguística e Língua Portuguesa. Contato: fbonfim@terra.com.br
  - 2 Doutoranda em Estudos Linguísticos. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: taniavalias@hotmail.com

Figura 1: Mapa do Benin



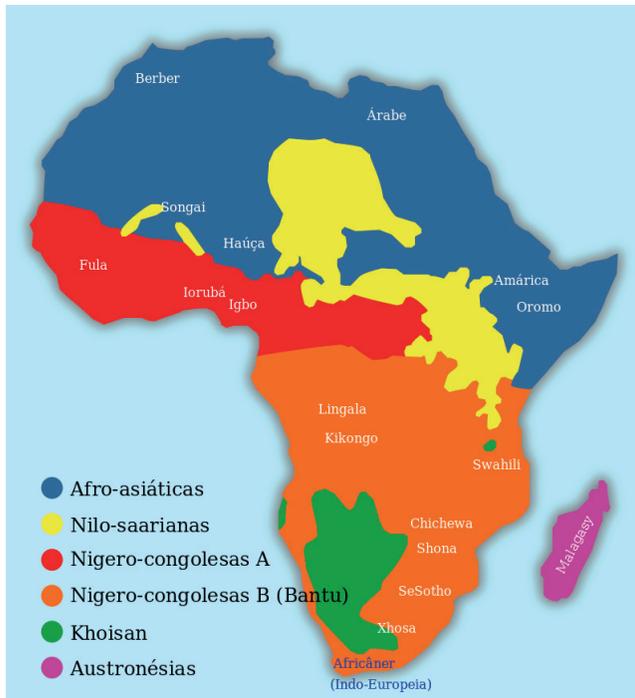
Fonte: Openclipart (2017)

O idioma oficial do Benin é o francês, apesar de não ser sequer o mais falado pela população. O país, como a maioria dos países africanos, é multilíngue, contando com cerca de 60 línguas em seu território, tais como Fonbge, Adja, Bariba, Yoruba e Dendi. A este estudo interessa o Fongbe (ou língua Fon), falado na África ocidental na Nigéria, no Haiti e na República Dominicana. Dentre esses países, o Benin é o que possui a maior parcela de falantes de Fongbe, sendo este o idioma mais falado no território beninense. De acordo com Lefebvre e Brousseau (2002), o número de falantes de Fongbe no Benin chega a 1 milhão e 400 mil pessoas e mais de 2 milhões, se considerarmos todos os demais países.

Tendo em conta as propriedades gramaticais das línguas faladas em África, autores como Guthrie (1967) e Greenberg (1963) classificaram

as línguas africanas de acordo com suas similaridades, chegando a cinco grandes famílias, a saber: (1) Afro-asiáticas; (2) Nilo-saarianas; (3) Kongo-Cordofanianas; (4) Khoisan e (5) Austronésias, sendo esta última de origens polinésios. A família Kongo-Cordofanianas se divide em duas subfamílias, denominadas Níger-congo A e Níger-congo B. O mapa a seguir ilustra tais informações:

Figura 2: Famílias linguísticas da África



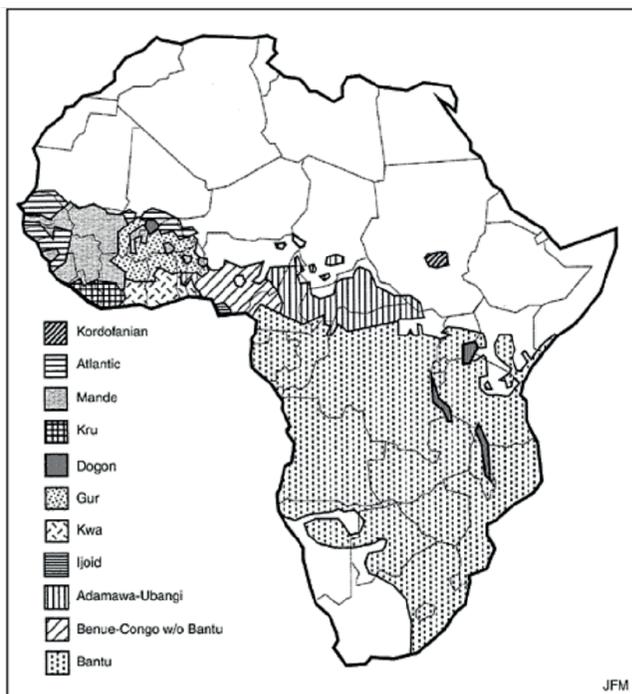
Fonte: Dingemans (2004)<sup>3</sup>

Segundo Childs (2003) e Nurse e Philippson (2003), são cerca de 1650 línguas nígero-congolesas, faladas por aproximadamente 750 milhões de africanos. Pertencem ao Níger-Congo A os grupos Korfofarian, Atrântico, Mande, Kru, Drogon, Gur, Kwa, Ijoid, Adamawa-

<sup>3</sup> *Permission is granted to copy, distribute and/or modify this document under the terms of the GNU Free Documentation License, Version 1.2 or any later version published by the Free Software Foundation.*

Ubangi e Benue-Congo. A maior parte do Níger-Congo B, por sua vez, é ocupada pelo grupo Bantu, conforme demonstra o próximo mapa:

Figura 3: Família Níger-Congo



Fonte: Nurse e Philippson (2003, p. 2)

O Fongbe é uma língua que pertence ao grupo Kwa. Mais especificamente, compõe o subgrupo Gbe, juntamente com Vhegbe<sup>4</sup>, Genbge<sup>5</sup>, Ajágbe e Phla-pherá (Lefebvre e Brousseau, 2002).

Este estudo tem como objetivo descrever preliminarmente alguns aspectos gramaticais do Fongbe, com o foco em aspectos da fonética e fonologia e da morfossintaxe da língua. Para isso, realizamos coleta de dados presencial, pelo método da elicitación, com um consultor nativo, do sexo masculino.

4 Também conhecido como Ewe

5 Também conhecido como Mina

O capítulo está organizado em cinco seções, a saber: esta seção apresenta o contexto linguístico em que se insere a língua Fongbe; a seção 6.1 descreve alguns aspectos relevantes da sonoridade, percorrendo pelas características das vogais, das consoantes, dos padrões silábicos e da tonologia; já a seção 6.2 tem por objetivo investigar questões da morfossintaxe, tais como a classificação tipológica do Fongbe, a marcação de gênero, os empréstimos nominais, a estrutura do sintagma nominal, a flexão verbal, as sentenças interrogativas e as sentenças locativas. A seção 6.3 conclui o capítulo.

## 6.1 ASPECTOS DA SONORIDADE DO FONGBE

Conforme Ngunga (2012, p. 25), a fonética é o estudo dos sons da fala apenas como fenômenos físicos, enquanto a fonologia buscar identificar os sons fônicos que estabelecem distinções de significado que são relevantes para compor o quadro fonêmico de uma língua. Nesse sentido, o objetivo dessa seção é apresentar o inventário dos sons que encontramos na coleta que fizemos como os informantes. Apuramos até o momento 38 segmentos fônicos, dentre esses, 12 sons vocálicos e 26 sons consonantais.

### 6.1.1 AS VOGAIS

Os sons vocálicos podem ser definidos como aqueles em que, para serem produzidos, o ar percorre livremente desde o pulmão, por meio da laringe, faringe e cavidade bucal, sem qualquer obstrução no percurso. No caso das vogais nasais, parte do ar é encaminhada também para a cavidade nasal. Em vista disto, o quadro a seguir apresenta as vogais orais e nasais que encontramos até o momento.

Quadro 1: Vogais do Fongbe

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Posterior</b>
<b>Fechada</b>	[i] [ĩ]		[u] [ũ]
<b>Meio-Fechada</b>	[e]		[o]
<b>Meio-Aberta</b>	[ɛ] [ẽ]		[ɔ] [õ]
<b>Aberta</b>		[a] [ã]	

A terminologia proposta leva em consideração os aspectos articulatórios, a distribuição e a localização do maior volume da língua na boca, em relação à posição neutra da língua. Propomos que as vogais acima podem ser assim descritas: (i) as vogais fechadas ou altas (i, ĩ, u, ũ); as vogais meio-fechadas ou semialtas (e, o); as vogais meio-abertas ou semibaixas (ɛ, ẽ, ɔ, õ); e, por fim, as vogais abertas ou baixas (a, ã). Pensando horizontalmente na expansão da língua para frente ou para trás, propomos a classificação das vogais em anteriores (i, ĩ, e, ɛ, ẽ), centrais (a, ã) e posteriores (u, ũ, o, ɔ, õ). Torna-se importante frisar que o sinal ~ (til) indica a nasalização das vogais, ou seja, que em sua produção o ar é direcionado tanto para a cavidade oral quanto para a cavidade nasal. As vogais nasais compreendem ao todo cinco vogais, a saber: ĩ, ẽ, ã, ũ e õ.

### 6.1.2 CONSOANTES

Por sua vez, para a produção de consoantes, o ar que sai dos pulmões passa por obstruções específicas na boca, fossas nasais, faringe e/ou glote, gerando diferentes qualidades de consoantes. A tabela a seguir apresenta os sons consonantais do Fongbe:

Quadro 2: Consoantes do Fongbe

	Labial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Labio-Velar
<b>Oclusiva</b>	[b]	[t] [d]			[k] [g] [k <sup>w</sup> ] [g <sup>w</sup> ]	[kp] [gb]
<b>Nasal Oclusiva</b>	[m]	[n]		[ɲ]	[ŋ]	
<b>Fricativa</b>	[f] [v]	[s] [z]			[x] [ɣ]	[x <sup>w</sup> ] [ɣ <sup>w</sup> ]
<b>Aproximante</b>	[w]	[l]		[j]		
<b>Africada</b>			[tʃ] [dʒ]			

Os termos usados para estruturar a tabela das consoantes do Fongbe são baseados na articulação do aparelho fonador durante o percurso do ar desde os pulmões até as cavidades. Os sons labiais são aqueles produzidos com a intervenção dos lábios, sejam ambos os lábios, como no caso dos sons [p], [b], [m] e [w], ou com os lábios inferiores e os dentes, como no caso de [f] e [v]. No Fongbe, esses sons aparecem em palavras como:

- (1a) [bo]      bruxaria  
 (1b) [mã]     tipo de sopa beninense  
 (1c) [fevi]    quiabo  
 (1d) [wevi]    peixe

Os sons produzidos quando a ponta da língua encosta nos alvéolos são os sons alveolares, sendo eles [t], [d], [n], [s], [z] e [l]. Esses sons ocorrem em palavras como:

- (2a) [do] ali  
 (2b) [lo] conto  
 (2c) [nã] mãe  
 (2d) [tɔ] rio  
 (2e) [zã] madrugada  
 (2f) [sɔ] cavalo

Quando os sons são produzidos com a língua um pouco depois dos alvéolos e antes ainda do palato, eles são classificados como pós-alveolares, como é o caso dos sons [tʃ] [dʒ] presentes nas seguintes palavras do Fongbe:

- (3a) [dʒeke] algo pequeno  
 (3b) [tʃuku] cachorro

Os sons que se realizam com a elevação da lâmina da língua em direção ao palato são os sons palatais, sendo eles [ɲ] e [j] no Fongbe, como nas palavras do exemplo a seguir:

- (4a) [ɲõnu] mulher  
 (4b) [javi] chorar

Os sons velares são produzidos como resultado do contato da raiz da língua na parede da faringe, como nos casos das palavras a seguir que levam os sons [k], [g], [k<sup>w</sup>], [g<sup>w</sup>], [x<sup>w</sup>] e [ɣ<sup>w</sup>]:

- (5a) [leke] cana de açúcar  
 (5b) [go] garrafa  
 (5c) [k<sup>w</sup>ek<sup>w</sup>e] banana  
 (5d) [g<sup>w</sup>e] avareza  
 (5e) [x<sup>w</sup>e] ano, festa  
 (5f) [ɣ<sup>w</sup>e] casa

A combinação de duas formas de articulação diferentes gera consoantes complexas. No Fongbe, há o caso dos sons [kp] e [gb], que são tanto labiais quanto velares, isso é, durante a passagem de ar, tanto os lábios se ocluem quanto a língua toca na parede da faringe, simultaneamente. Vemos esses sons nas palavras arroladas a seguir:

- (6a) [fong**be**]            língua do povo Fon  
 (6b) [**kp**ede]            pouquinho

Além do ponto de articulação, que discutimos anteriormente, as consoantes podem ser descritas levando-se em conta o modo da articulação. Os modos podem ser: (1) oclusivo, no qual há obstrução momentânea da passagem de ar seguida de uma explosão; (2) oclusivo nasal, no qual no momento da oclusão, parte do ar passa pela cavidade nasal; (3) fricativo, que ocorre quando a passagem de ar é parcialmente ocluída, possibilitando a passagem parcial do ar e (4) aproximante, quando o ar sofre obstrução, mas não o suficiente para se formar uma consoante fricativa.

### 6.1.3 SÍLABA

De acordo com Silva (2003), a sílaba consiste em cada movimento de força muscular responsável por expelir um pequeno jato de ar. Portanto, as estruturas consonantais e vocálicas de cada língua se organizam em padrões silábicos adequados ao seu sistema fonológico e, geralmente, são compostas por um núcleo, geralmente uma vogal (V) e pelas margens silábicas, geralmente consoantes (C). O número de sílabas das palavras em Fongbe pode variar, conforme prova o exemplo a seguir:

- (7a) [bo]                    macumba  
 (7b) [ɲi.bu]                boi  
 (7c) [dã.xo.me]            daomé  
 (7d) [ki.ni.ki.ni]            leão

Além disso, é possível analisar a existência de, pelo menos, três padrões silábicos, conforme ilustram os dados a seguir:

- (8a) [        a.     li     ]        estrada  
           (V)    (CV)
- (8b) [        kle    ]            limão  
           (CCV)

Notem que os dados anteriores demonstram que a sílaba em Fongbe pode realizar-se por, pelo menos, três padrões, a saber: (i) (V), ou seja, apenas uma vogal; (ii) (CV), sendo a combinação entre uma consoante e uma vogal; e (iii) (CCV), a combinação de duas consoantes (sendo uma delas uma consoante aproximante) e uma vogal. Todas as sílabas são constituídas por uma vogal, sendo esta o elemento proeminente e nuclear da sílaba.

#### 6.1.4 TONOLOGIA

O Fongbe pode ser considerado uma língua tonal, ou seja, a mora da sílaba pode ter altura variada e distintiva do som. Altura designa o maior ou menor estiramento das pregas vocais. Quanto mais estirada, mais agudo (ou alto) é o som e quando menos estirado mais grave (ou baixo) o é. No Fongbe, as moras podem ter tons alto, médio ou baixo. Assim a sequência sonora [midele] pode ter dois significados, a depender do padrão tonal. Se este for [médio-baixo-baixo], a sequência codifica a primeira pessoa do plural nós. Todavia, se o padrão tonal for [médio-alto-alto], apuramos o significado de que a sequência corresponde à segunda pessoa do plural. Comparem-se os padrões tonais mostrados a seguir.

- (9a) /midèlè/        nós  
 (9b) /midélé/        vós

O tom baixo é marcado pelo diacrítico decrescente, o médio é não marcado e o tom alto é marcado pelo diacrítico crescente. Nas palavras *midèlè* e *midélé*, é o padrão distinto de tom das duas últimas sílabas das palavras que acarreta mudança de significado. Não obstante, observa-se que há contextos em que o tom médio pode operar contraste com os tons alto e baixo, conforme se vê nos pares mínimos a seguir.

- |            |                           |
|------------|---------------------------|
| (10a) /so/ | cavalo (tom médio)        |
| (10b) /só/ | pegar (tom alto)          |
| (10c) /sò/ | ontem, amanhã (tom baixo) |

Dessa forma, tomando o conjunto de pares mínimos analisados até o momento, ficamos em condições de propor que o Fongbe é, de fato, uma língua tonal com, pelo menos, três tons distintivos, sendo esses o baixo, o médio e o alto. Tendo sido efetuada a descrição de aspectos da sonoridade que consideramos serem relevantes, passemos agora à parte da descrição de aspectos da morfologia.

## 6.2 ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE

Os estudos da morfologia e da sintaxe estão interligados entre si. A primeira se dedica ao estudo da estrutura interna da palavra (Monteiro, 2002), enquanto a segunda estuda como os sintagmas e seus constituintes imediatos são concatenados hierarquicamente a partir de núcleos lexicais e funcionais (Azeredo, 1999; Miotto et al. (2002). Nesta seção, apresentamos os resultados alcançados com a descrição dos dados no que diz respeito à morfossintaxe do Fongbe.

### 6.2.1 CLASSIFICAÇÃO DO FONGBE

Para um estudo mais acurado da morfologia da língua, é preciso entender a sua tipologia, ou seja, qual padrão morfológico que possui. Em 1954, Greenberg (1954) propôs alguns parâmetros para se fazer

tal classificação. Dentre eles, a síntese é determinada pela relação M/P, na qual M é igual a morfema e P é igual a palavra (do inglês, *word*). As línguas analíticas darão resultados baixos neste índice, as sintéticas um resultado superior e as polissintéticas o mais alto de todos. Vejamos alguns exemplos do Fongbe, fornecidos por Lefebvre e Brousseau (2002, p. 39):

- (11a) *asɔn*                    ɔ  
           carangueijo        DEF  
           ‘carangueijo’
- (11b) *asɔn*                    ɔ        *lɛ*  
           carangueijo        DEF    PL  
           ‘os carangueijos’
- (12) *fɔtoo*    *Kɔku*    *tɔn*    *lɛ*  
       foto      Koku    GEN    PL  
       ‘as fotos feitas pelo Koku’

Levando em consideração a classificação de Greenberg (1954), notamos que o índice sintético é baixo, haja vista que não há segmentação morfológica nas palavras ou junções de morfemas. Informações gramaticais como definitude, plural e genitivo, por exemplo, são codificados por meio de vocábulos formais que equivalem, em muitos casos, a partículas funcionais dependentes. Sendo assim, podemos concluir que o Fongbe é uma língua de características analíticas.

De posse dessas informações de natureza tipológica, investigamos, nas próximas seções, os dados da morfologia nominal do Fongbe com o intuito de verificar como se realiza a marcação de gênero nas palavras e os mecanismos gramaticais de rearranjos morfofonêmicos dos empréstimos nominais. Começamos, então, com a realização da categoria gramatical de gênero.

### 6.2.2 MARCAÇÃO DE GÊNERO

Um dos aspectos da morfologia que chama bastante atenção se refere à oposição entre masculino e feminino em Fongbe, visto ser essa distinção não tão clara como nas línguas românicas. Alguns nomes são capazes de designar tanto elementos do gênero masculino como do feminino. Todavia, a língua usa diferentes expedientes gramaticais para marcar o gênero na língua. Em nossos dados, deparamo-nos com três estratégias distintas. A primeira delas é apresentada nos exemplos a seguir, em que são usados itens lexicais distintos para indicar o elemento do gênero masculino e do gênero feminino.

(12a) [ɲibu] ‘boi’

(12b) [malu] ‘vaca’

(13a) [nyɔnu] mulher

(13b) [sunu] homem

Já nos exemplos (14a) e (14b), usam-se vocábulos que indicam o gênero, quais sejam: sunũ ‘masculino’ e ηɔnũ ‘feminino’. Observa-se:

(14a) sunũ                      vi  
       masculino                criança  
       ‘menino’

(14b) ηɔnũ                     vi  
       feminino                 criança  
       ‘menina’

Sendo assim, há uma palavra *vi* ‘criança’, com significado comum e sem gênero identificado. Para dizer se a criança é do gênero feminino ou masculino, concatenam-se os vocábulos indicados, conforme mostrado anteriormente.

### 6.2.3 EMPRÉSTIMOS NOMINAIS

Outra questão de morfologia nominal que constatamos com a análise dos dados tem a ver como os empréstimos lexicais são adaptados ao sistema fonológico da língua. O Fongbe está em uma região africana que foi colonizada por franceses. O resultado desse intenso contato linguístico pode ser percebido por interferências de uma língua em outra. Tal fato se observa na área do léxico, visto que empréstimos lexicais do francês são comuns, conforme mostram os dados a seguir:

(15a) [amãga]	<i>mangue</i>
(15b) [anana]	<i>ananás</i>
(15c) [mõto]	<i>moteur</i>
(15d) [papa]	<i>papa</i>
(15e) [pê]	<i>pain</i>
(15f) [balõ]	<i>ballo</i>

Como é possível perceber, os exemplos anteriores mostram uma apropriação dos vocábulos do francês para o Fongbe, de tal sorte que sofrem alterações morfofonológicas para se adequarem ao padrão fonético da língua. Ponto interessante a ser destacado é que o fone [p] não existe no sistema fonético do Fongbe, mas é empregado para a realização de empréstimos, conforme ilustram os dados em (15d) e (15e).

### 6.2.4 ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL

Em relação à realização da categoria de número, observa-se que o plural em Fongbe se realiza por meio da partícula de plural *lɛ*, que figura ao final do D/NP, conforme mostram os exemplos a seguir:

(16a) [pipã]	trem
(16b) [pipã lɛ]	trens
(17a) [kle]	limão

(17b) [kle lɛ]                      limões

Já em relação à sintaxe dos determinantes, nota-se que o artigo é realizado por meio da partícula [ɔ], que, além de codificar a categoria de definitude, também expressa a categoria de número singular, conforme ilustra o exemplo a seguir:

(18) *sɔ*            *daxo*    ɔ  
       cavalo    forte    DET  
       ‘O cavalo forte.’

Nota-se ainda que a partícula de final de sintagma *lɛ* cumula duas funções gramaticais, a saber: codifica número plural e a categoria definitude, conforme mostra o exemplo a seguir:

(19) *sɔ*            *daxo*    *lɛ*  
       cavalo    forte    DET-PL  
       ‘os cavalos fortes.’

Evidência adicional de que a partícula final *lɛ* realmente cumula as funções gramaticais de plural e de definitude surge do fato de que não pode coocorrer com o determinante singular ɔ ‘o/a’. Esta restrição fica particularmente evidente pela agramaticalidade dos dados a seguir:

(20) \**sɔ*            *daxo*    ɔ            *lɛ*  
       cavalo    forte    DET    PL  
       ‘Os cavalos fortes.’

(21) \**sɔ*            *daxo*    *lɛ*            ɔ  
       cavalo    forte    DET    PL  
       ‘Os cavalos fortes.’

Em suma, concluímos que a coocorrência do determinante [ɔ] e da marca de plural [lɛ], em sequência, independentemente da ordem em que apareçam, é bloqueada pelas regras da sintaxe da língua. Dessa forma, a pluralização de uma sentença com o traço [+DEFINITUDE] é realizada por meio da partícula [lɛ], que cumula as duas categorias:

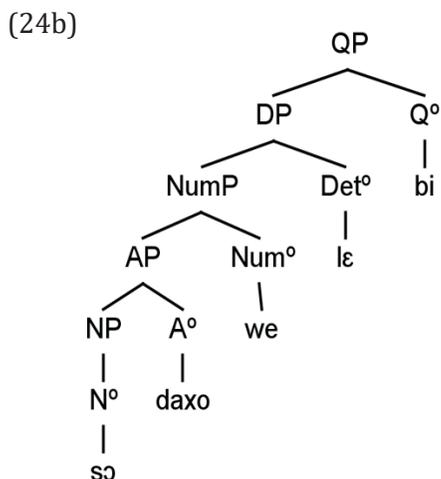
número e determinante. Em uma estrutura que contenha além do nome, outros vocábulos, tais como adjetivos e numerais, a partícula de plural sempre figura em posição final de sintagma, mas antes de partículas quantificadoras, fato que sinaliza que a ordem sintática desses itens no interior do DP é [ N<sup>o</sup> + Adj<sup>o</sup> + Num<sup>o</sup> + D<sup>o</sup> + Q<sup>o</sup>]. Comparem-se os exemplos a seguir:

(22) *sɔ daxo we lɛ*  
 cavalo forte dois PL  
 'Dois cavalos fortes.'

(23) *sɔ daxo wiwi we lɛ bi*  
 cavalo forte preto dois PL todos  
 'Todos os dois cavalos pretos e fortes'

Tendo por base as ordens sintáticas dos núcleos que compõem o domínio da frase nominal, ficamos então em condições de assumir que a estrutura sintagmática abstrata dos sintagmas nominais com esses núcleos estendidos possui a representação arbórea apresentada a seguir:

(24a) *sɔ daxo we lɛ bi*  
 cavalo forte dois PL todos  
 'todos os dois cavalos fortes'



### 6.2.5 FLEXÃO VERBAL

Para iniciarmos a análise sobre a flexão verbal, buscamos primeiramente identificar o *template* de ordenamento dos principais morfemas que coocorrem com a raiz verbal. Essencialmente, podemos assumir, com certa segurança, que os morfemas flexionais do verbo ocorrem à esquerda da raiz. Apuramos até o momento que o *template* do verbo se constitui de prefixos de pessoa, prefixos do complexo TAM (tempo, aspecto e modo) e raiz verbal, conforme mostramos pela representação a seguir:

(25) [morfema de pessoa + morfema de tempo e aspecto + radical]

Na estrutura verbal do Fongbe, o sujeito pode ser marcado tanto lexicalmente por meio da presença de um pronome ou por meio de um morfema correferente ao sujeito, ou morfema de pessoa. Essa marcação ocorre mediante morfemas de concordância homofônica aos pronomes pessoais, conforme se vê nos dados a seguir.

Quadro 3: Pronomes Pessoais e Marca de Pessoa

Pronomes pessoais em português	Pronomes Pessoais em Fongbe	Marca de concordância de pessoa
Eu	[nɛ̃]	N-
Tu	[wue]	a-
Ele/Ela	[eɲɛ]	e-
Nós	[mìdɛɛ]	mì-
Vós	[mídɛɛ]	mí-
Eles	[yedɛɛ]	ye-

Os exemplos a seguir mostram o paradigma de ocorrência dos prefixos número-pessoais que figuram na raiz verbal:

- (26) **mõ**      **ver**  
 m-mõ    eu vejo  
 a-mõ    tu vês  
 e-mõ    ele/ela vê  
 mî-mõ   nós vemos  
 mí-mõ   vós vedes  
 ye-mõ   eles veem

- (27) **xu**      **matar**  
 ŋ-xu    eu mato  
 a-xu    tu mata  
 e-xu    ele/ela mata  
 mî-xu   nós matamos  
 mí-xu   vós matais  
 ye-xu   eles matam

A marca de primeira pessoa é assinalada pelo arquifonema /N/, já que, dependendo do ambiente morfológico, a nasal poderá realizar-se por meio de diferentes alofones, os quais ocorrem, então, em distribuição complementar.

A marcação de tempo se dá por meio de morfemas que figuram após os prefixos pessoais. Apuramos até o momento morfemas de passado, presente e futuro e morfemas que codificam a oposição imperfectivo/durativo e progressivo/habitual. Nesse sentido, comparem-se as sentenças a seguir:

- (28) *n-Ø-wa*                      *sɔ*  
 1SG-PST-chegar    ontem  
 ‘Eu cheguei ontem.’

- (29) *n-dʒa-we*                      *dĩ*  
 1SG-IMP-chegar    agora  
 ‘Eu estou chegando agora.’

- (30) *n-ã-wa*                      *do*      *xwe-gbe*                      *sɔ*  
 1SG-FUT-chegar    em      casa-lar                      amanhã  
 ‘Eu chegarei habitualmente em casa/no lar.’

- (31) *n-nõ-wa*            *daj*  
 1SG-HAB-chegar habitualmente  
 ‘Eu chegava habitualmente.’
- (32) *n-lo*                *nu*    *plo-we*  
 1SG-estar            coisa    estudar-PROG  
 ‘Eu estou estudando algo’

Tendo em conta a análise dos dados anteriores, podemos apurar os seguintes morfemas que marcam tempo e aspecto em Fongbe, saber:

- (33) {Ø-}      passado  
 {ɖga-}      imperfectivo/durativo  
 {ã-}        futuro  
 {nõ-}        habitual  
 {-we}        progressivo

É interessante ressaltar que, diferentemente do português que possui o tempo presente não marcado, em Fongbe, é o tempo passado que corresponde ao par não marcado, visto que o morfema de passado vem sistematicamente realizado por meio do prefixo zero {Ø-}, conforme indica o exemplo a seguir:

- (34) *kinikini* Ø-*xu*            *kpakpa do*    *gbo*    *mẽ*  
 leão    PST-matar    pato    em    mata    dentro de  
 ‘O leão matou o pato dentro da mata.’

Notem ainda que, em relação à expressão do sujeito de terceira pessoa, os morfemas de pessoa de terceira pessoa {-e} estão em distribuição complementar com a expressão fonética do sujeito. Ou seja, quando o DP sujeito se realiza, como em (33) anterior, o prefixo de terceira pessoa {-e}, que retoma o DP na posição de sujeito, não ocorre no verbo, o que sinaliza para o fato de que esse morfema é, na verdade, uma forma pronominal clítica, que se incorpora ao complexo verbal. Essa hipótese é sustentada pelos dados a seguir, visto que, em (33) e (34), o morfema {e-} de terceira pessoa não ocorre quando o sujeito vem expresso.

(35) kinikini lo kpakpa xu-we do gbo me  
 leão PROG pato matar-PROG em mata/floresta dentro de  
 “O leão está matando o pato dentro da mata”.

Todavia, a forma pronominal dependente de terceira pessoa {-e} pode figurar no verbo se o sujeito vier omitido, conforme mostra o dado em (35). Tal fato confirma nossa hipótese, consoante a qual esse morfema não corresponde a um morfema de concordância, mas sim a um clítico pronominal, que ocorre em distribuição complementar com DPs na função sintática de sujeito.

(36) e-lo kpakpa xu-we do gbo me  
 3SG-PROG pato matar-PROG em mata/floresta dentro de  
 ‘O leão está matando o pato dentro da mata.’

A proposta anterior ganha mais reforço pelo fato de que, se tentamos inserir o DP sujeito *kinikini* ‘o leão’ na posição sintática de sujeito, o clítico pronominal não pode coocorrer com esse sintagma, conforme fica evidente pela agramaticalidade do exemplo a seguir.

(37) \*kinikini e-lo kpakpa xu-we do gbo me  
 leão 3SG-PROG pato matar-PROG em mata/floresta dentro de  
 ‘O leão está matando o pato dentro da mata.’

O objetivo da próxima seção é discutir aspectos da sintaxe do Fongbe com foco especial nas orações afirmativas e interrogativas.

### 6.2.6 SENTENÇAS INTERROGATIVAS

As sentenças interrogativas podem ocorrer de duas formas: perguntas com pronomes interrogativos e perguntas com resposta sim/não. Em Fongbe as duas são realizadas, mas de maneiras distintas, assim como no português. Nas perguntas de resposta sim/não, uma partícula ‘a’ é acrescentada ao final da sentença para marcar a interrogação. Comparem-se os dados a seguir:

(38a) *a-nõ-xo*            *balõ*            *a*  
 2SG-PRES-jogar    futebol            Q  
 ‘Você joga futebol?’

(38b)  $\epsilon$             *n-nõ-xo*            *balõ*  
 sim            1SG-PRES-jogar            futebol  
 ‘Sim, eu jogo futebol.’

Quando a sentença interrogativa está no progressivo, a ordem muda de VO para OV, devido à restrição sintática que força o movimento do objeto para antes do verbo quando a sentença carrega o traço aspectual progressivo. Compare-se o exemplo a seguir com os dados em (39).

(39) *a-lo*            *balõ*            *xo-we*            *a*  
 2SG-estar            futebol            jogar-PROG            Q  
 ‘Você está jogando futebol?’

Já as perguntas que envolvem foco informacional engatilham um conjunto de pronomes interrogativos que são inseridos em posição inicial de sentença, conforme ilustra o paradigma a seguir:

Quadro 4: Paradigma dos pronomes interrogativos

<b>Pronomes interrogativos no Português</b>	<b>Pronomes interrogativos no Fongbe</b>
quem	mẽwe
que	ete
de que	ete
com quem	kpodo ete
a quem	nũ mẽwe
onde	fitε
quando	we te nũ
como	ně

Os exemplos, a seguir, ilustram alguns contextos com oração interrogativa realizada por meio de um pronome interrogativo. Notem que o pronome interrogativo figura sistematicamente em início de oração.

(40) *mẽwe lo balõ xo-wε kpodo Mário sɔ do teĩ?*  
 quem estar bola jogar-PROG com Mário ontem na quadra  
 ‘Quem estava jogando bola com Mário na quadra ontem.’

(41) *fite Fábio lo balõ xo-wε kpodo Mário sɔ?*  
 onde Fábio estar bola jogar-PROG com Mário ontem  
 ‘Onde Fábio estava jogando bola com Mário ontem.’

(42) *nẽ a-degbõ*  
 como 2SG-estar bem  
 ‘Como tu estás?’

A próxima seção tem por objetivo a análise de sentenças locativas. Conforme veremos, esta língua apresenta propriedades sintáticas de línguas de núcleo final e de núcleo inicial. Enquanto conjunções, pronomes interrogativos, auxiliares e verbos ocorrem antes de seus complementos, determinadas adposições ocorrem em posição posposta aos seus complementos, emergindo a ordem [complemento-posposição].

### 6.2.7 SENTENÇAS LOCATIVAS

Os sintagmas locativos em geral são introduzidos por posposições com valores semânticos diversos, tais como [mẽ], que significa ‘dentro de (algo)’, [to] ‘na beirada de (algo)’ e [dʒi] ‘sobre (algum lugar)’. Note que esses itens figuram sistematicamente após o NP, conforme mostram os exemplos a seguir:

(43) *kinikini lo gbo mẽ*  
 leão estar mata dentro de  
 ‘O leão está dentro da mata.’

- (44) *wemã*    *ɔ*        *lo*        *tavo*    *dʒi*  
 livro        DET        estar    mesa    sobre  
 ‘O livro está sobre a mesa.’
- (45) *wemã*    *ɔ*        *lo*        *tavo*    *to*  
 livro        DET        estar    mesa    na beirada  
 ‘O livro está na beirada da mesa.’

Tomando por base os dados anteriores, nossa proposta é a de que a estrutura abstrata das sentenças locativas possui a estrutura sintática abstrata: [NP [ D<sup>o</sup> [P<sup>o</sup>]]].

### 6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem por objetivo fornecer um panorama descritivo de alguns aspectos da língua Fongbe. Essa análise visa cobrir uma lacuna, visto que há poucos trabalhos de documentação escritos em português sobre essa língua. Apresentou-se uma análise preliminar de aspectos da sonoridade, tais como o inventário de consoantes, de vogais, de tipos de tons e do padrão silábico da língua. Investigou-se ainda o sistema de concordância da língua, de modo a efetuar um levantamento dos principais morfemas de pessoa. Arrolaram-se ainda os morfemas de tempo e aspecto. Em relação à estrutura do sintagma nominal, notou-se que essa língua aciona partículas em final de sintagma, as quais podem codificar as categorias definitude e número. Em suma, esperamos que, com esse trabalho, tenhamos apresentado um panorama geral do funcionamento gramatical do Fongbe, visto ser esta uma língua muito pouco conhecida entre os linguistas brasileiros.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJ	Adjetivo
C	Consoante
DEF	Definido
DET	Determinante
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HAB	Habitual
IMP	Imperfectivo
M	Morfema
N	Nome
NUM	Numeral
P	Phrase
PL	Plural
Poslin	Programa de pós-graduação em estudos linguísticos
PRES	Presente
PROG	Progressivo
PST	Passado
Q	Quantificador
SG	Singular
T	Tempo
TAM	Tempo, aspecto e modo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
V	Vogal

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. 5. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1999. p. 9-10.
- CHILDS, G. T. *An Introduction to African Languages*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamin's, 2003
- DINGEMANSE, M. *African language families*. Wikipédia, 2004. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African\\_language\\_families\\_pt.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_language_families_pt.svg)>. Acesso em: 31 ago. 2019.
- GREENBERG, J. A quantitative approach to the morphological typology of language. *International Journal of American Linguistics*, n. 26, 1960[1954]. p. 178-194.
- GREENBERG, J. H. *Universal of Language*. 2. ed. Massachusetts: MIT Press, 1963.
- GUTHRIE, M. *Classification of the Bantu Languages*. London: Pall Mall, 1967.
- LEFEBVRE, C.; BROUSSEAU, A.-M. *A grammar of Fongbe*. Berlim; Now York: Mouton de Gruyter, 2002.
- MIOTO, C. *et al. Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- NGUNGA, A. SIMBINE, M. C. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM. 2012.
- NURSE, D.; PHILIPPSON, G. *The Bantu Languages*. London: Curzon Press, 2003.
- OPENCLIPART. Mapa de Localização do Benin na África. PublicDomainVectors.org. Domínio Público. 12 maio. 2017. Disponível em: <<https://publicdomainvectors.org/pt/vetorial-gratis/Imagem-de-estado-do-Benin/67831.html>>. Acesso em: 01 set. 2023.
- PAULA, R. R. de; DUARTE, F. B. Diversidade linguística em Moçambique. *In: Kadila: culturas e ambientes–Diálogos Brasil-Angola*. São Paulo: Blucher, p. 343-362, 2016. ISBN: 9788580392111, DOI 10.5151/9788580392111-19
- SILVA, T. C.. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.



## CAPÍTULO 7

# **ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA CHANGANA**

Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino<sup>1</sup>

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma descrição preliminar de aspectos da gramática da língua Changana em que investigamos tópicos relacionados à fonética, à fonologia e à morfossintaxe da língua. O intuito é fornecer ao leitor um panorama gramatical com base em dados secundários apurados a partir dos trabalhos de Ngunga e Simbine (2012) e Langa (2013). O objetivo é fornecer ao leitor uma visão geral sobre o funcionamento da língua, de modo a permitir análises teóricas futuras sobre a fonética e a morfossintaxe da língua.

O capítulo está organizado em seis seções. A seção 7.1 apresenta informações sobre o povo e a língua Changana; a seção 7.2 discute aspectos da fonética e da fonologia; a seção 7.3 investiga aspectos da morfologia e da sintaxe. Por fim, a seção 7.4 apresenta as considerações finais do capítulo, acompanhadas das referências bibliográficas.

---

1 Mestra em estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: clauane.carolino@gmail.com

## 7.1 A LÍNGUA CHANGANA

A língua Changana — também conhecida como Xichangana ou Tsonga — faz parte do grupo linguístico bantu, pertencente à família Congo-Kordofaniana e subfamília Níger-Congo (Ngunga, 2004), que se estende pela área destacada em verde no mapa a seguir:

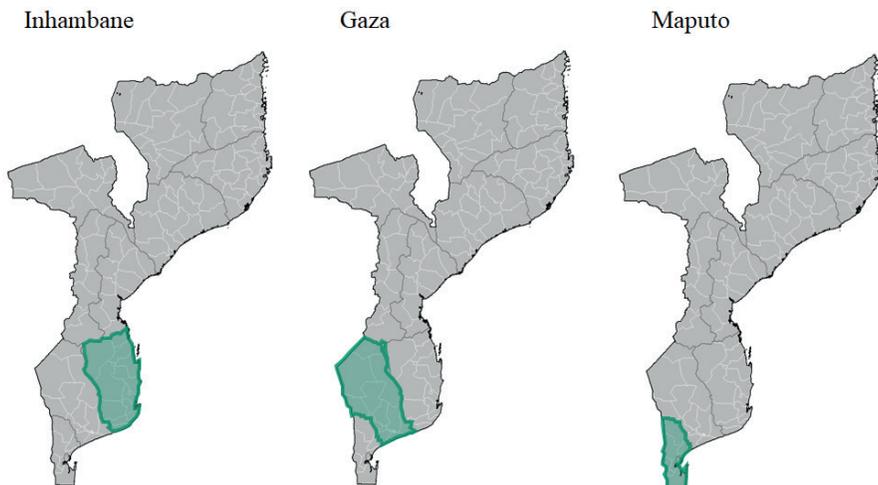
Figura 1: Mapa da distribuição das línguas bantu



Fonte: Manual de Línguas Moçambicanas (2018)

A língua é falada na região austral do continente africano, em países como Moçambique, África do Sul e Zimbábue. Em Moçambique, o Changana é uma das línguas nacionais, sendo falada nas províncias de Inhambane, Gaza e Maputo, destacadas no mapa a seguir:

Figura 2: Províncias moçambicanas que falam Changana



Fonte: Adaptada de Portal do Governo de Moçambique

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017), a língua Changana possui uma população de 1 919 217 falantes, sendo a terceira língua mais falada em Moçambique. Em primeiro lugar está a língua Emakhuwa com 5 813 083 falantes, seguida do Português com 3 686 890.

A partir da classificação de Guthrie (1967/71), a língua Changana (S.53) pertence ao grupo Tshwa-Rhonga (S.50), neste grupo há também as línguas Tshwa (S. 51), Gwamba (S.52) e Rhonga (S.54). Autores como Ngunga e Simbine (2012) e Langa (2013) apontam que a língua Changana possui cinco variantes, a saber:

- “a) Xihlanganu (falada nos distritos de Namaacha, Muamba e Magude);
- b) Xidzonga (falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir);
- c) Xin’walungu (falada no distrito Massingir);

d) Xibila (falada no vale do Limpopo e parte do distrito de Chibuto);

e) Xihlengwe (falada nos distritos de Xai-xai, Manjacaze, Chibuto, Guija, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculos e Guvuro.”

(Langa, 2013, p.22-23)

## 7.2 ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Nesta seção abordaremos aspectos da fonética e da fonologia da língua Changana. Para tal, apresentaremos o inventário fonológico, os principais processos fonológicos, a estrutura silábica e o padrão tonal da língua.

### 7.2.1 OS SEGMENTOS VOCÁLICOS

Os segmentos vocálicos, ou vogais, são sons produzidos sem a obstrução da passagem do ar. Na análise desses segmentos são levadas em consideração a altura da língua: baixa, média (média-baixa e média-alta) e alta; o posicionamento da língua na cavidade oral: anterior ou posterior; e o arredondamento ou não arredondamento dos lábios.

Na língua Changana, observa-se que há um conjunto de cinco vogais. Na figura a seguir, observamos as vogais primárias baixa [a] e altas [i, u] e as vogais secundárias médias [e, o]:

Figura 3: Vogais do Changana

	<b>anteriores</b>	<b>centrais</b>	<b>recuadas</b>
<b>altas</b>	i		u
<b>médias</b>	e		o
<b>baixa</b>		a	

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, p. 25)

Conforme Ngunga e Simbine (2012), não há em Changana um uso distintivo do alongamento das vogais, ou seja, não se distingue semanticamente palavras por alongamento de vogais. Entretanto, o alongamento de vogais acontece em palavras do Changana de modo que “a localização da vogal na palavra pode fazer com que ela seja pronunciada com maior ou menor duração” (Ngunga; Simbine, 2012, p. 26). Isso acontece porque quando a vogal ocupa a penúltima sílaba da palavra ela é pronunciada de forma alongada. Observe os dados a seguir:

(1a) [vâ:.nhù.] ‘pessoas’

(1b) [á.nsá:.vá.] ‘grão de areia’

(1c) [vá.và.sá:.tí.] ‘mulheres’

(Langa, 2013, adaptado)

Nos dados anteriores, observamos palavras com diferentes números de sílabas — 2 sílabas em (1a); 3 sílabas em (1b) e 4 sílabas em (1c) —, entretanto em todos os casos a penúltima sílaba é alongada.

É comum em Changana, assim como em outras línguas bantu, a ocorrência de estratégias para desfazer hiatos, ou seja, o encontro de sons com mesma qualidade dentro das palavras. Langa (2013), apresenta alguns processos fonológicos que visam desfazer os encontros vocálicos na língua, tais como a semivocalização, a fusão ou coalescência e a elisão.

O primeiro deles é a semivocalização, que consiste no processo de alteração de uma vogal para uma semivogal. Por exemplo, na palavra *xitùlwini* ‘na cadeira’ temos o nome *xitùlù* ‘cadeira’, ao qual é afixado o sufixo locativo {-inì}. No processo de derivação dessa palavra, ocorre o encontro da vogal final do tema [u] e da vogal inicial do sufixo [i], isso faz com que a última vogal do tema sofra semivocalização, alterando para a semivogal [w].

O segundo processo é a fusão (também conhecido como coalescência), processo no qual duas vogais semelhantes são fundidas. Esse processo pode ser observado analisando-se a palavra *mìsaveni* ‘na terra’, neste caso temos o nome *mìsava* ‘terra’ e o sufixo locativo {-inì}, novamente temos um encontro vocálico dessa vez entre as vogais primárias [a] e [i]. O encontro dessas vogais gera a vogal derivada [e].

Por fim, o terceiro processo é a elisão, que consiste no apagamento de uma das vogais, como pode ser observado na palavra *ndlèveni*, onde temos o nome *ndlèvè* ‘orelha’ e o sufixo locativo {-inì}. O encontro das vogais [e] e [i] gera o apagamento desta última.

## 7.2.2 OS SEGMENTOS CONSONANTAIS

Os segmentos consonantais, ou consoantes, são sons que apresentam algum tipo de obstrução da passagem de ar em sua produção. Ao analisar esses sons são levados em consideração o estado da glote, o ponto de articulação e o modo de articulação. Em Changana é possível encontrar consoantes simples e consoantes combinadas, na tabela a seguir é possível observar as 22 consoantes simples:

Tabela 1: Consoantes simples da língua Changana

Fone	Grafema	Descrição e exemplo
b	b	Oclusiva bilabial vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kubala</i> ‘marcar’; <i>wobiha</i> ‘feio’; <i>kubangalaza</i> ‘fazer confusão’;
ɓ	b’	Oclusiva bilabial vozeada com ar faringal inspirado. Ex.: <i>b’ava</i> ‘pai’; <i>b’ala</i> ‘dizer’;
c	c	Oclusiva palatal não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kucina</i> ‘dançar’; <i>kucakuna</i> ‘mastigar’; <i>kucaca</i> ‘perseguir’;
d	d	Oclusiva alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kudunga</i> ‘mexer’; <i>kudinga</i> ‘ser necessitado’; <i>dina</i> ‘meio-dia’;

d	d'	Oclusiva alveolar vozeada com ar faringal inspirado. Ex.: <b>d'</b> am <sup>h</sup> psa 'lamber'; <b>d'</b> in'wa 'laranja';
f	f	Fricativa labiodental não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kufamba 'andar'; faduku 'lenço'; xifaki 'maçaroca';
g	g	Oclusiva velar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: wogoma 'baixinho'; kugama 'acabar de fazer algo'; kugalha 'atropelar';
h	h	Fricativa glotal não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuhuma 'sair'; kuhumula 'descansar'; <b>he</b> le 'barata';
ʈ	j	Oclusiva palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: jaha 'rapaz'; kujoha 'pecar'; kujika 'contornar, desviar';
k	k	Oclusiva velar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kukarhala 'cansar'; kanyi 'canhu'; kukasa 'gatinhar';
l	l	Lateral alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: lelo 'esse(a)'; kulahla 'perder'; woleya 'alto';
m	m	Nasal bilabial vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: munhu 'pessoa'; moya 'ar, vento'; lirimi 'língua';
n	n	Nasal alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: nala 'inimigo'; munene 'bom'; nenge 'perna';
ŋ	n'	Nasal velar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>n'</b> wana 'criança'; mun'wani 'outro (a)';
p	p	Oclusiva bilabial não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kupandza 'rasgar'; kupepa 'refrescar'; mpupu 'farinha';
ʦ	q	Implosiva palatal não vozeada com ar bucal inspirado (Clique). Ex.: xiqamelo 'almofada'; kuqeka 'incitar pessoas à luta';
r	r	Vibrante múltipla alveolar com ar pulmonar expirado. Ex.: kurila 'chorar'; rito 'voz'; murimi 'camponês';
s	s	Fricativa alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kusala 'ficar'; kusiyela 'deixar para outrem'; sirha 'campa';

t	t	Oclusiva alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: tiko ‘terra’; kutima ‘apagar’; torha ‘sede’;
v	v	Aproximante labiodental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: vito ‘nome’; vanhu ‘pessoas’; kuvita ‘chamar’
ʃ	x	Fricativa palatal não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: xaka ‘família’; xikwa ‘faca’; xitimela ‘comboio’;
z	z	Fricativa alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuzama ‘tentar’; xiziva ‘remendo, chapa’; kuzondha ‘detestar’.

Fonte: Adaptado de Ngunga e Simbine (2012)

De acordo com Ngunga e Simbine (2012), há no Changana 16 consoantes combinadas que são sons que não podem ser grafados com grafemas simples e em geral são representados por um dígrafo, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 2: Consoantes combinadas da língua Changana

FONE	Grafema	Descrição e exemplo
bv	bv	Africada lábio-dental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kub <b>veb</b> venyenye ‘estar com cabelo despenteado’;
bz	bz	Africada lábio-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>bz</b> anyi ‘capim, erva’; kub <b>zeketa</b> ‘inclinár’; <b>bz</b> ala ‘bebida’;
ɓ	dl	Fricativa lateral pós-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kud <b>l</b> aya ‘matar’; mud <b>l</b> omu ‘lata de água’; kud <b>l</b> id <b>l</b> imeta ‘empurrar’;
dz	dz	Africada alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>dz</b> ana ‘cem’; kud <b>z</b> uka ‘assustar-se’; kud <b>z</b> aha ‘fumar’;
gq	gq	Implosiva velar vozeada com ar bucal inspirado (Clique). Ex.: xig <b>q</b> oko ‘chapéu’; <b>gq</b> eke ‘pátio’;

t	hl	Fricativa pós-alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuh <b>h</b> leka ‘rir’; kuh <b>h</b> lengeleta ‘acumular’; mu <b>h</b> loti ‘caçador’;
ʎ	lh	Fricativa lateral palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kul <b>h</b> uma ‘conviver, estar na moda’; kul <b>h</b> ongozela ‘fazer preparativos para festa’;
ɲ	ny	Nasal palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>ny</b> ama ‘carne’; <b>ny</b> imba ‘gravidez’; <b>xiny</b> ama ‘escuridão’;
pf	pf	Africada lábio-dental não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kup <b>pf</b> ula ‘abrir’; (xi) <b>pf</b> unyi ‘areal’; mu <b>pf</b> umeli ‘crente’;
ps	ps	Africada lábio-alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kup <b>ps</b> iyota ‘assobiar’; kup <b>ps</b> inya ‘amarrar fortemente’; mu <b>ps</b> ali ‘progenitor’;
ʂ	sv	Fricativa lábio-alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kus <b>v</b> eka ‘cozinhar’; kus <b>v</b> ikita ‘enxotar’; kus <b>v</b> iyela ‘varrer’;
tʎ	tl	Fricativa lateral pós-alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kut <b>l</b> anga ‘brincar’; mut <b>l</b> uti ‘barqueiro, marinheiro’; kut <b>l</b> akuxa ‘levantar’;
ts	ts	Africada alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kut <b>ts</b> ema ‘cortar’; kut <b>ts</b> emakanya ‘atravessar’; kut <b>ts</b> uva ‘não mais querer, recusar’;
v	vh	Fricativa lábio-dental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>vh</b> iki ‘semana’; kuv <b>h</b> ika ‘esquivar’; kuv <b>h</b> umbata ‘advinhar’;
ʒ	xj	Fricativa palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <b>xj</b> aradi ‘jardim’; kux <b>j</b> urara ‘jurar’
ʒ	zv	Fricativa lábio-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuz <b>v</b> iyala ‘estar sujo’.

Fonte: Adaptado de Ngunga e Simbine (2012)

Em Changana, assim como ocorre nos casos de combinações de vogais, os encontros consonantais também têm uma tendência de serem desfeitos. Para tanto, alguns processos fonológicos são aplicados em tais contextos, como aponta Langa (2013, p. 77):

A ocorrência de processos fonológicos envolvendo consoantes prende-se com o facto de a língua exibir tipicamente sílabas abertas do tipo (CV). Por isso, no encontro entre sons da mesma qualidade, sejam vogais ou consoantes, a sílaba reestrutura-se de modo a evitar tal sequência indesejada.

A seguir podemos observar resumidamente alguns dos processos fonológicos apresentados por Ngunga e Simbine (2012) e Langa (2013).

O primeiro deles é o processo de pré-nasalização ou a nasal homorgânica. Esse processo consiste na assimilação do ponto de articulação entre o som nasal e a consoante seguinte, tal fenómeno pode ser observado em palavras como *mbuti* ‘cabrito’ e *ndota* ‘homem ancião’. No primeiro contexto, há um som nasal realizado como uma consoante bilabial [m] pela influência da consoante [b] que o sucede e apresenta a mesma característica. Já no segundo caso, a consoante alveolar [n] se realiza dessa forma por assimilação do ponto de articulação da consoante [d].

Na tabela a seguir é possível observar as combinações de consoantes pré-nasalizadas que ocorrem na língua Changana:

Tabela 3: Consoantes pré-nasalizadas da língua Changana

Articulação	Ponto				
	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	mp mb	nt nd	nc nj	nk ng	nq ngq
Africada	mpf mbv	nts ndz			
Fricativa	mf				
Lateral		ntl ndl	nhl		

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

O segundo processo fonológico é o de elisão nasal, no qual a nasal inicial da palavra, que realiza o prefixo de concordância da classe 9, é apagada. Esse fenómeno acontece “quando a posição inicial do tema

nominal é apenas ocupada por uma consoante fricativa glotal [h]” (Langa, 2013, p. 78), tal como se pode observar em palavras como **huku** ‘galinha’ e **hova** ‘caracol’.

O terceiro processo é a velarização, processo que “consiste na conversão de sons labiais em velares, por meio do processo de assimilação de traços dos sons vizinhos” (Langa, 2013, p. 79). Podemos observar esse processo analisando a palavra *n’wana* ‘filho(a)’ que é derivada a partir do prefixo de classe 1 {mù-} e o tema nominal anà, (mù-anà). Na derivação desta palavra, temos a resolução do encontro vocálico entre [u] e [a] por meio do processo de semivocalização, visto na subseção 7.2.1, que transforma as vogais primárias na semivogal [w], (mwanà). A semivogal [w] é um som aproximante labiovelar que faz com que a consoante nasal [m] assimile seu traço, tornando-se a consoante nasal velar [ŋ].

Um processo similar ao de velarização é o de labialização, segundo Ngunga e Simbine (2012, p. 54), este acontece “se as consoantes em causa forem não-labiais”, enquanto aquele acontece “se as consoantes em causa forem labiais”. Esse quarto processo pode ser observado na palavra *ngwana* ‘cão’.

O quinto processo fonológico é a aspirantização que consiste na possibilidade de consoantes labiovelares vozeadas serem realizadas como africadas labiovelares em contextos em que a consoante antecede uma vogal arredondada. Tal processo pode ser exemplificado por palavras como *nambzini* ‘no rio’ e *ndlubzini* ‘no feijão jugo’, no processo de formação dessas palavras temos o tema nominal *nambu* e *ndluvu* com o sufixo locativo {-ini}, respectivamente. A consoante bilabial [b] e a consoante labiodental [v] diante da vogal arredondada [u] sofrem modificação para a consoante africada lábio-dental [bz].

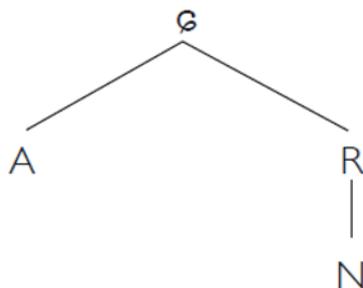
O sexto processo fonológico que pode ser aplicado às consoantes desvozeadas oclusivas e africadas é a aspiração. Nesse processo

observa-se que “o volume do ar proveniente dos pulmões continua a libertar-se continuamente após a explosão inicial” (Ngunga; Simbine, 2012, p. 60). Tal fenômeno pode ser observado em palavras como **-phamela** ‘servir’ [p<sup>h</sup>], **mathomo** ‘felicidades, boa sorte’ [t<sup>h</sup>], **Xichangana** ‘língua dos changanas’ [c<sup>h</sup>] e **khele** ‘cova’ [k<sup>h</sup>].

### 7.2.3 PADRÃO SILÁBICO

De acordo com Langa (2013), estudos relacionados a línguas bantu (Meeussen, 1967; Hyman, 1975; Ngunga, 2000) demonstram que essas línguas possuem uma tendência de realizarem sílabas abertas, isto é, sílabas que são constituídas por uma consoante e uma vogal ou apenas por uma vogal. A estrutura apresentada por Langa (2013 *apud* Katamba,1989) demonstra o comportamento silábico em Changana:

Figura 4: Estrutura silábica do Changana



Fonte: Langa, 2013 (*apud* Katamba,1989)

Portanto no que diz respeito ao padrão silábico do Changana, percebe-se que este é “um sistema de sílabas abertas, cujo núcleo [N] é uma vogal e a margem pré-nuclear [A] pode ser preenchida ou não por uma consoante” (Langa, 2013, p.78). Cabe ressaltar que a consoante que ocupa a posição de ataque pode ser uma consoante

simples (2a), uma consoante complexa (2b) ou não haver consoante (2c):

(2a) **hu**.ku ‘galinha’

(2b) **ngwa**.na ‘cão’

(2b) á.há.ndzú ‘fruto’

As extensões verbais, no entanto, apresentam um comportamento diferenciado. Tome como exemplo o morfema {-el-} que codifica a extensão aplicativa ou o morfema {-iw-} que codifica a extensão passiva. Esses exemplos demonstram que embora o padrão silábico siga a estrutura consoante + vogal (CV), a extensão aplicativa, passiva e outras seguem o padrão vogal + consoante (VC).

#### 7.2.4 TOM

Em conformidade com Ngunga e Simbine (2012, p. 69), Changana tal qual outras línguas bantu possui marcação de tom, uma vez que “duas ou mais palavras podem ter uma sequência igual dos mesmos elementos segmentais e exprimirem significados diferentes por causa da sua diferença no timbre de voz em alguma(s) sílaba(s)”. Na grafia das palavras é utilizado o diacrítico grave (´) para representar o tom baixo e o diacrítico agudo (´) para representar o tom alto. O tom recai sobre a mora da sílaba, podendo esta ser uma mora simples ou uma mora longa.

Em Changana o tom apresenta função lexical, tendo em vista o caráter distintivo no sentido das palavras. Esse fenômeno pode ser observado nos dados arrolados a seguir:

(3a) *mávèlè* ‘seios’ vs. *màvèlé* ‘milho’

(3b) *nàlá* ‘inimigo’ vs. *nálà* ‘palmeira’

(3c) *kámbà* ‘casca’ vs. *kámbá* ‘ladrão’

(3d) *músi* ‘pau de pilar’ vs. *músí* ‘fumo’

Nos dados anteriores, percebemos que o padrão tonal dos pares de palavras é o que define a distinção semântica das palavras, uma vez que a sequência dos sons não se difere dentro de cada par de palavras.

No entanto, em Changana o tom apresenta também função gramatical, uma vez que a diferença da marcação tonal pode codificar diferentes informações gramaticais como, por exemplo pessoa (4a), modo (4b) e polaridade (4c):

(4a) *wàjá* ‘(tu) comes’ vs. *wájà* ‘ele come’

(4b) *ùfàmbà* ‘ires?’ vs. *ùfàmbà* ‘que vás’

(4c) *áhifàmbì* ‘andemos’ vs. *áhifàmbí* ‘não andamos’

Nos dados anteriores, observamos diferentes informações gramaticais sendo codificadas por meio do padrão tonal em cada par de palavras, visto que a sequência de sons não se altera. Notamos que em (4a) há a dicotomia entre a segunda e terceira pessoa do singular; em (4b) há a diferenciação entre o modo infinitivo pessoal e subjuntivo e em (4c) distinguem-se a forma afirmativa e a forma negativa.

### 7.3 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS

Nesta seção investigaremos aspectos da morfologia e sintaxe da língua Changana. Com essa finalidade, analisaremos a estrutura do nome, a estrutura do verbo e a estrutura da sentença na língua.

#### 7.3.1 ESTRUTURA DO NOME

Nas línguas bantu os nomes apresentam uma estrutura básica composta por um prefixo nominal e um tema nominal. O prefixo nominal é a parte do nome que varia conforme o gênero – singular ou plural – e a classe semântica a qual o nome pertence. Já o tema nominal é fixo, pois esta é a parte que carrega o conteúdo semântico

da palavra. Podemos observar em Changana essa estrutura nominal em palavras como *ntsongwana* ‘criança’ e *vatsongwana* ‘crianças’ que exemplificam o par das classes 1 e 2 e em palavras como *xingove* ‘gato’ e *svingove* ‘gatos’ que são exemplos das classes 7 e 8, respectivamente.

Outra estrutura possível de ser encontrada nos nomes em línguas bantu é composta pela estrutura constituída por um pré-prefixo seguido do prefixo nominal e do tema nominal. Em Changana tal estrutura não parece ser produtiva dada a escassez dos dados.

Consoante Katamba (2003), o pré-prefixo é uma categoria morfológica que não ocorre necessariamente em todas as línguas bantu, mas quando ocorre pode variar tanto com relação à sua forma quanto com relação à sua função. Ainda segundo o autor, raramente poderá ser definida uma única função para pré-prefixo, estudos de Hyman e Katamba (1991, 1993) sobre a língua Ganga mostram que o pré-prefixo pode desempenhar papel pragmático indicando definitude, especificidade ou foco.

### 7.3.1.1 AS CLASSES NOMINAIS

As classes nominais representam o sistema de concordância nominal amplamente encontrado nas línguas bantu. Bleek (1869) foi o estudioso que observou e propôs inicialmente a reconstrução de 18 classes nominais do Proto-Bantu. Desde então, outros estudiosos adaptaram e propuseram novas classes nominais para o sistema. Na tabela a seguir, retirada do trabalho Langa (2013), são apresentados os prefixos de concordância descritos em trabalhos sobre a língua Changana:

Tabela 4: Realização das classes nominais em Changana

Classes nominais	Prefixos nominais					
	Junod (1929)	Ouwehand (1965)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1970)	Baumbach (1987)	Sitoe (1996)
1	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}
2	{va-}	{va-}	{va-}	{va-}	{va-}	{va-}
3	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}	{mu-}
4	{mi-}	{mi-}	{mi-}	{mi-}	{mi-}	{mi-}
5	{ri-}	{ri-}	{ri-}	{ri-}	{ri-}	{ri-}
6	{ma-}	{ma-}	{ma-}	{ma-}	{ma-}	{ma-}
7	{xi-}	{xi-}	{chi-}	{xi-}	{xi-}	{xi-}
8	{swi-}	{swi-}	{bsi-}	{swi-}	{swi-}	{svi-}
9	{yi (n)-}	{yi-}	{yi-}	{yi-}	{yi (n)-}	{yi (n)-}
10	{ti(n)-}	{Ti-}	{ti-}	{tiyin-}	{ti(n)-}	{ti(n)-}
13	{ri-}	{Ri-}	{ri-}	{ri-}	{ri-}	{ri-}
14	{vu-}	{wu-}	{wu-}	{wu-}	{wu-}	{vu-}
15	{ku-}	{ku-}	{ku-}	{ku-}	{ku-}	{ku-}
16	-	-	-	{ha-}	{ha-}	{ha-}
17	-	-	-	{ku-}	{ku-}	{ku-}
18	-	-	-	{mu-}	{mu-}	{mu-}
21	-	-	-	{dyi-}	{ji-}	{ji-}

Fonte: Langa (2013)

A partir da análise dessa tabela é possível notar uma distinção na descrição das classes nominais de um autor para outro:

Desta tabela, pode-se depreender que o Changana apresenta classes e prefixos nominais diferentes. Junod (1929), Ouwehand (1965) e Ribeiro (1965) apresentam as classes nominais da classe 1 à 15, sem incluir as classes 12 e 13; Baumbach (1970, 1987) e Sitoe (1996) contemplam, para além das classes e prefixos nominais referidos anteriormente, as classes 16, 17, 18 e 21. (Langa, 2013, p. 99)

No trabalho de Ngunga e Simbine (2012), são identificadas em Changana 15 classes nominais que ocorrem de forma produtiva na língua. De acordo com os autores, embora o sistema de prefixos

nominais do Changana apresenta uma certa regularidade há algumas inconsciências no que diz respeito às classes que designam os locativos (cl. 16, 17 e 18). Tal fato se deve ao “quase desaparecimento dos prefixos nominais locativos (Ngunga, 2004) cujas funções são exercidas por sufixo **-ini** e em alguns casos por prefixo **ka-**” (Ngunga; Simbine, 2012, p.92)”.

Na tabela a seguir, podemos analisar as classes nominais que ocorrem no Changana e os prefixos nominais de cada classe, além de suas formas alomórficas:

Tabela 5: Classes nominais do Changana

Classe	Prefixo	Exemplo	Tradução
1	{mu-} {n'w-} {n-} {Ø}	<b>munhu</b> ajile <b>n'wana</b> wa mina <b>ajile</b> <b>ntsongwana</b> <b>ajile</b> sivale <b>ajile</b>	'a pessoa comeu' 'o meu filho comeu' 'a criança comeu' 'o(a) cunhado(a) comeu'
2	{va-} {v-}	<b>vanhu</b> <b>vajile</b> <b>vana</b> va mina <b>vajile</b> <b>vatsongwana</b> <b>vajile</b> <b>vasivale</b> <b>vajile</b>	'as pessoas comeram' 'os meus filhos comeram' 'as crianças comeram' 'o(a)s cunhado(a)s comeram'
1a	{wa-}	<b>wasati</b> <b>ajile</b> <b>wanuna</b> <b>ajile</b>	'a mulher comeu' 'o homem comeu'
2a	{vava-}	<b>vavasati</b> <b>vajile</b> <b>vavanuna</b> <b>vajile</b>	'as mulheres comeram' 'os homens comeram'
3	{mu-} {n-} {n'w-} {Ø}	<b>muntwa</b> <b>wutshovekile</b> <b>munti</b> <b>wuhahlukile</b> <b>ncila</b> <b>wutsemekile</b> <b>ntsuvi</b> <b>n'wamba</b> <b>wukulile</b> <b>n'wan'</b> waselo <b>wuwomile</b> khancu <b>wuwile</b>	'o espinho quebrou-se' 'a casa destruiu-se' 'a cauda cortou-se' 'água em que se pôs grãos a fermentar' 'sp. árvore cresceu' 'a irrigação secou' 'o vestido caiu'

4	{mi-} {mimi-}	<b>min</b> cila <b>yit</b> semekile <b>min'</b> wamba <b>yik</b> ulile <b>min'</b> wan'waselo <b>yiw</b> omile <b>mikh</b> ancu <b>yiw</b> ile <b>mim</b> intwa <b>yit</b> shovekile <b>mim</b> inti <b>yih</b> ahlukile	'as caudas cortaram-se' 'as árvores cresceram' 'as irrigações secaram' 'os vestidos cairam' 'os espinhos quebraram-se' 'as casas destruíram-se'
5		<b>rito</b> <b>rit</b> wiwile <b>rihlevo</b> <b>rit</b> wiwile bomu <b>riw</b> upfile d'in'wa <b>riw</b> upfile	'a palavra foi ouvida' 'a calúnia foi ouvida' 'o limão amadureceu' 'a laranja amadureceu'
6	{ma-}	<b>marito</b> <b>mat</b> wiwile <b>mahlevo</b> <b>mat</b> wiwile <b>mabomu</b> <b>maw</b> upfile	'as palavras foram ouvidas' 'as calúnias foram ouvidas' 'os limões amadureceram'
7	{xi-}	<b>xingove</b> <b>xif</b> ile <b>xikhovha</b> <b>xiy</b> etlelile	'o gato morreu' 'o corvo dormiu'
8	{svi-}	<b>svingove</b> <b>svif</b> ile <b>svikhovha</b> <b>sviy</b> etlelile	'os gatos morreram' 'os corvos dormiram'
9	{(yi)N-} {ny-} {Ø-}	<b>m</b> buti <b>yij</b> ile <b>y</b> ingwe <b>yij</b> ile <b>ny</b> ala <b>yib</b> olile huku <b>yif</b> ile	'a cabra comeu' 'o leopardo comeu' 'a cebola apodreceu' 'a galinha morreu'
10	{ti(N)-}	<b>t</b> imbuti <b>tij</b> ile <b>t</b> yingwe <b>tij</b> ile <b>t</b> inyala <b>tib</b> olile <b>t</b> ihuku <b>tif</b> ile <b>t</b> itiho <b>tit</b> shovekile <b>t</b> igaja <b>tit</b> shovekile	'as cabras comeram' 'os leopardos comeram' 'as cebolas apodreceram' 'as galinhas morreram' 'os dedos partiram-se' 'os ramos partiram-se'
11	{ri-}	<b>riti</b> ho <b>rit</b> shovekile <b>rig</b> aja <b>rit</b> shovekile	'o dedo partiu-se' 'o ramo partiu-se'
14	{wu-}	<b>w</b> ulombe ( <b>ri</b> ) <b>bzi</b> holile <b>w</b> ukwele ( <b>ra</b> ) <b>bza</b> simama	'o mel arrefeceu' 'os ciúmes persistem'
15	{ku-}	<b>k</b> urila <b>kus</b> ungulile <b>k</b> ufamba <b>kuh</b> elile <b>k</b> uyan'wa <b>kuh</b> elile	'o chorar começou' 'o andar terminou' 'o mamar já acabou'

Fonte: Ngunga e Simbine (2012)

Ngunga e Simbine (2012) apontam que existe um padrão nas classes 1 a 10, sendo elas organizadas em pares nos quais o número ímpar indica a forma singular e o número par a forma plural, isto é 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10. No entanto esse padrão é desfeito ao analisarmos as três últimas classes — 11, 14 e 15 — pela ausência das classes 12 e 13 que no Proto-Bantu designam noções de diminutivos. Sendo assim, segundo os autores, o plural das classes 11 e 14 é feito com as classes 10 e 6, respectivamente. Ainda segundo os autores, a estratégia de apresentar os alomorfes dos prefixos de classes serve para ilustrar que estes são suscetíveis a sofrerem alterações de acordo com os sons que o seguem.

Conforme Katamba (2003), as classes nominais desempenham um papel importante na descrição das línguas Bantu, pois elas se configuram como uma maneira de realização do gênero nestas línguas, além disso, elas são responsáveis por codificar informações semânticas. Um ponto importante ressaltado pelo autor é o fato de que, apesar de as classes nominais serem referência nos estudos de línguas Bantu, elas não devem ser utilizadas como forma de incluir ou excluir línguas do grupo linguístico Bantu. Isso porque existem línguas Bantu que apresentam um sistema de prefixos nominais mais robusto, assim como existem outras que possuem um sistema de prefixos nominais mais compacto. Essa distinção é conhecida como sistema canônico e sistema não canônico.

Consoante o autor, o sistema canônico apresenta seis pares de classes para singular e plural, mais aproximadamente o mesmo número de classes que não estão organizadas em pares como, por exemplo, as classes dos infinitivos (cl.15) e dos locativos (cls. 16, 17 e 18). Ainda de acordo com o autor, a língua Bantu que apresenta o maior número de classes é a língua Ganda com 21 classes. Em contrapartida, no sistema não canônico pode haver línguas que não apresentam classes nominais, como é o caso da língua Komo, ou que possuem apenas três classes, como é o caso da língua Kako.

Ao observar as línguas que constituem o grupo Bantu, percebemos que o sistema canônico é o mais recorrente, sendo o sistema não canônico exceção. Cabe ressaltar, novamente, que o número de classes nominais que uma língua possui não a torna uma candidata mais ou menos forte a compor o grupo linguístico Bantu.

Além de codificar a informação gramatical de singular e plural, as classes nominais apresentam um conteúdo semântico que as diferencia entre si. A tabela a seguir, adaptada de Katamba (2003), resume as características semânticas predominantes que podem ser verificadas em cada classe nominal nas línguas Bantu:

Tabela 6: Semântica das classes nominais

Classe	Conteúdo semântico
1	Seres humanos.
1a	Nomes próprios; termos de parentesco; personificação.
2	Plural regular da classe 1.
2b	Plural regular da classe 1a.
3	Fenômenos naturais; partes do corpo; plantas e animais.
4	Plural regular da classe 3.
5	Fenômenos naturais; animais; partes do corpo; substantivos coletivos; pessoas indesejáveis; aumentativos e depreciativos.
6	Plural regular das classes 5 e 14; termos de massa e líquidos; referências de tempo; maneirismos e modos de ação.
7	Partes do corpo; ferramentas, instrumentos e utensílios; animais e insetos; línguas; doenças; pessoas excelentes; apreciativos; depreciativos; aumentativos e curtativos (shortness e stoutness) e maneirismos.
8	Plural regular da classe 7.
9	Animais; pessoas; partes do corpo; ferramentas, instrumentos e objetos domésticos.
10	Plural regular da classe 9

11	Entidades longas e finas; línguas; partes do corpo; fenômenos naturais; implementos, utensílios e outros artefatos.
12	Aumentativos; apreciativos e depreciativos; diminutivos.
13	Plural regular da classe 12.
14	Abstratos e coletivos.
15	Infinitivos; algumas partes do corpo, por exemplo braço, perna.
16	Termos locativos.
17	Termos locativos.
18	Termos locativos.
19	Diminutivos.
20	Depreciativos e apreciativos; aumentativos; diminutivos e maneirismos.
21	Aumentativos e depreciativos.
22	Plural da classe 20
23	Termos locativos.

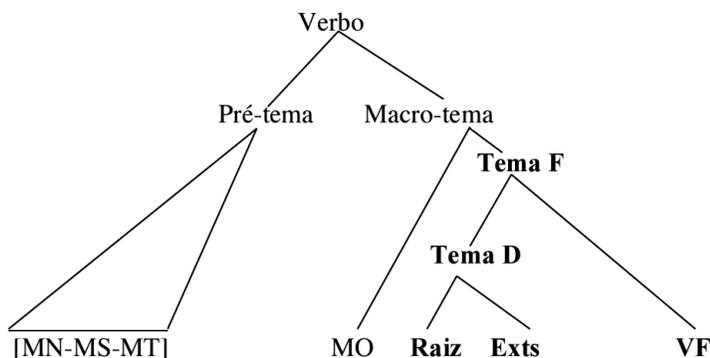
Fonte: Katamba (2003, adaptado)

Como apontado anteriormente, em Changana, há a ocorrência das classes de 1 a 15 nas quais aparecem as semânticas apontadas na tabela anterior.

### 7.3.2 ESTRUTURA DO VERBO

A língua Changana, assim como outras línguas do grupo Bantu, apresenta uma estrutura verbal que é composta por uma parte pré-tema e outra parte macro-tema que pode ser observada na estrutura a seguir:

Figura 5: Estrutura do verbo



Fonte: Ngunga e Simbine (2012)

De acordo com a figura anterior, no pré-tema encontram-se as marcas de negação (MN), de sujeito (MS) e de tempo (MT). Já no macro-tema encontram-se a marca de objeto (MO) e os temas derivacional (D) e flexional (F), sendo que do primeiro fazem parte a raiz verbal e as extensões verbais (Exts) e do último faz parte a vogal final (VF) ou vogal terminal.

Conforme Langa (2013), as raízes verbais em Changana podem ser formadas a partir de uma estrutura -C- (5a); uma estrutura -CVC- (5b); uma estrutura -CVCVC- ou mais longo (5c) ou uma estrutura -CVCVCV- ou mais longo (5d), como mostram os dados a seguir:

(5a) -f- ‘morrer’

(5b) -von- ‘ver’

(5c) -mphumun- ‘sacudir, limpar’

(5d) -chùkùvany- ‘debater-se para se soltar (...)’

A essas raízes verbais são afixados prefixos de marca de sujeito, negação, tempo, aspecto e modo (TAM), marca de objeto, também são afixados sufixos derivacionais (as extensões), negação, TAM e vogal final. Vejamos alguns exemplos:

- (6a) *a-svi-f-a-nga*  
 NEG-8MO-morrer-VF-NEG  
 ‘Não morreram.’
- (6b) *a-xi-von-ile*  
 1MS-7MO-ver-PSD  
 ‘Viu-o (o gato).’
- (6c) *ku-tsal-iw-e*  
 15MS-escrever-PAS-PSD  
 ‘Foi escrito.’
- (6d) *hi-ta-f-el-an-a*  
 1MS-FUT-morrer-APPL-REC-VF  
 ‘Morreremos um pelo o outro.’

Observamos, em (6a), o circunfixo de marca de negação descontínuo {a-...-nga} e o prefixo de marca de sujeito {-svi-}. Em (6b), encontramos a marca de sujeito {a-}, o prefixo de marca de concordância {-xi-} e a marca de tempo passado {-ile}. Em (6c), analisamos o prefixo de marca de sujeito {ku-} e os sufixos de extensão verbal passiva {-iw-} e de marca de tempo passado {-e}. Por fim, em (6d) observamos os prefixos de marca de sujeito {hi-} e de tempo futuro {-ta-} e os sufixos derivacionais do aplicativo {-el-} e da passiva {-iw-} e a vogal final {-a}. Os exemplos em (6) demonstram a rica morfologia verbal da língua Changana que espelha o fato de se tratar de uma língua aglutinante.

### 7.3.2.1 AS EXTENSÕES VERBAIS

As extensões verbais são posições na estrutura verbal ocupadas por sufixos que apresentam comportamentos distintos. De acordo com Schadeberg (2003), uma extensão verbal pode ser analisada quanto à forma e significado. No que diz respeito à forma, é possível perceber que as extensões verbais apresentam canonicamente o padrão silábico -VC-. No que tange ao significado, as extensões verbais

apresentam semânticas distintas. Segundo Langa (2013), no Changana ocorrem 11 extensões verbais de forma produtiva, sendo elas:

- (7a) Aplicativa: {-el-}
- (7b) Causativa: {-is-}
- (7c) Intensiva: {-isis-}
- (7d) Neutra: {-ek-}
- (7e) Passiva: {-iw-}
- (7f) Persistiva: {-elel-}
- (7g) Recíproca: {-an-}
- (7h) Reversiva (separativa): {-ul-}
- (7i) Frequentativa: {-etel-}
- (7j) Contactiva: {-et-}
- (7k) Posicional: {-am-}

De acordo com Hyman (2007, apud Langa, 2013, p. 121) as extensões verbais podem ser classificadas como aquelas que “(i) aumentam a valência do verbo (causativa, aplicativa); (ii) reduzem a valência do verbo (passiva, recíproca, estativa) e (iii) reorientam a acção (reversiva, direcional)”. As extensões que aumentam a valência possibilitam a introdução de um novo argumento à estrutura verbal, as extensões que reduzem a valência apagam um argumento da estrutura verbal base, já as extensões que reorientam a ação não alteram o número de argumentos da estrutura verbal.

A extensão aplicativa é uma das extensões do tipo de aumento de valência. Em Changana, conforme Chimbutane (2002), essa extensão introduz argumentos com semântica de BENEFICIÁRIO, GOAL, RAZÃO, LOCATIVO. No exemplo (8) a seguir é possível observar o comportamento deste tipo de extensão:

(8) *Hahani axavile svidonsana.*

Ø-Hahani	a-xav-ile	svi-donsana.
----------	-----------	--------------

1-tia	1MS-comprar-PSD	8-doce
-------	-----------------	--------

Minha tia comprou alguns doces.

(9) *Hahani axavelile svidonsana.*

Ø-Hahani	a-xav- <b>el</b> -ile	<b>va-tsongwana</b>	svi-donsana
----------	-----------------------	---------------------	-------------

1-tia	1MS-comprar-APPL-PSD	2-criança	8-doce
-------	----------------------	-----------	--------

Minha tia comprou alguns doces para as crianças.

Chimbutane (2002, adaptado)

Em (8) encontra-se a estrutura verbal não derivada, enquanto em (9) a forma derivada pelo processo de aplicativização. Nesta última observamos a introdução da extensão applicativa por meio sufixo {-el-}. Além disso, notamos a inserção do argumento *vatsongwana* ‘crianças’, que é o objeto aplicado, a este motivo deve-se a classificação da extensão applicativa como de aumento de valência.

A extensão passiva é uma das extensões do tipo de redução de valência. Neste caso observamos o apagamento de um argumento da estrutura do verbo. Em Changana, essa extensão é realizada por meio do sufixo {-iw}, tal qual demonstram os dados a seguir:

(10) *Mamani atasveka muphungu.*

Ø-Mamani	a-ta-svek-a	mu-phungu
----------	-------------	-----------

1-Mamãe	1MS-FUT-cozinhar-VF	3-mingau
---------	---------------------	----------

‘Mamãe vai cozinhar mingau.’

(11) *Muphungu wu-ta-svek-iw-a (hi mamani).*

Muphungu	wu-ta-svek- <b>iw</b> -a	(hi	Ø-mamani).
----------	--------------------------	-----	------------

3-mingau	3MS-FUT-cozinhar-PAS-VF	por	1-Mamãe
----------	-------------------------	-----	---------

‘O mingau será cozido (pela mamãe).’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

O dado em (10) é um exemplo de estrutura verbal não derivada, já em (11) a forma derivada pelo processo de passivização. Nos dados anteriores, notamos que a partir da introdução da extensão passiva realizada pelo sufixo {-iw-}, há a demissão do argumento que ocupa a posição de sujeito em (10) para uma posição de adjunção e o argumento que ocupa a posição de objeto da sentença em (10) é alçado para a posição de sujeito em (11). Em (11) a ocorrência do NP *mamani* ‘mamãe’ é opcional, por este motivo a extensão passiva é classificada como sendo do tipo de redução de valência.

Por fim, as extensões do tipo que não alteram a quantidade de argumentos da estrutura verbal, mas reorientam a ação descrita pelo verbo. A exemplo deste caso, observamos a extensão frequentativa, realizada pelo sufixo {-etel-}:

(12) *Majaha lawaya motsema khumbi.*

Ma-jaha lawaya ma-tsem-a                      Ø-khumbi.  
6-rapaz DEM    6MS.PRES-escrever-VF    5-parede  
‘Aqueles rapazes escreverem na parede.’

(13) *Majaha lawaya motsemetela khumbi.*

Ma-jaha lawaya m-o-tsem-**etel**-a                      Ø-khumbi  
6-rapaz DEM    6MS-PROG-escrever-FREQ-VF    5-parede  
‘Aqueles rapazes estão a escrever na parede. (escrevem de forma repetitiva ou contínua)’

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Nos dados anteriores, observamos que a introdução da extensão frequentativa, que se realiza por meio do sufixo {-etel-} não altera a quantidade de argumentos na estrutura verbal. O que se observa é a modificação da semântica do verbo que passa de uma ação pontual (12) para uma ação repetitiva ou contínua (13). Tal mudança é codificada também pelo prefixo de aspecto progressivo {-o-} em (13).

### 7.3.3 ESTRUTURA DA SENTENÇA

Conforme Ngunga e Simbine (2012), em Changana a sentença é estruturada a partir da ordem canônica SUJEITO, VERBO e OBJETO (SVO), como pode ser observado no dado a seguir:

(14) *Mina niyile xikolweni*

Mina	ni-y-ile	xi-kolweni
1ªP.S.	MS-ir-PSD	7-escola

'Eu fui à escola'

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Em (14), *Mina* 'Eu' é o sujeito; *niyile* 'fui' é o verbo e *xikolweni* é o objeto. Entretanto é possível que a ordem dos constituintes seja alterada sem prejuízo à gramaticalidade da sentença, como afirmam Ngunga e Simbine (2012, p. 214) "devido ao carácter altamente aglutinante da língua, muitas vezes esta ordem pode ser violada sem que, contudo, daí resulte frase agramatical ou ambígua". Os dados a seguir demonstram essa possibilidade de alteração da ordem SVO:

(15) *Niyile xikolweni mina?*

Ni-y-ile	xi-kolweni	mina
MS-ir-PSD	7-escola	1ªP.S.

'Fui à escola eu?'

(16) *Niyile mina xikolweni?*

Ni-y-ile	mina	xi-kolweni
MS-ir-PSD	1ªP.S.	7-escola

'Fui eu à escola?'

(17) *Xikolweni niyile mina?*

Xi-kolweni	ni-y-ile	mina
7-escola	MS-ir-PSD	1ªP.S.

'À escola fui eu?'

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Nos dados anteriores, notamos que: em (15), a ordem VOS; em (16), a ordem VSO e em (17), a ordem OVS. Cabe reforçar que estas são construções marcadas uma vez que a ordem básica é SVO, porém elas não trazem prejuízo à interpretação semântica uma vez que a marca de sujeito {ni-} concorda com o constituinte *mina* ‘eu’, resultando assim em sua interpretação como sujeito da sentença independentemente de onde ele ocorra na sentença. Em geral, construções não derivadas apresentam a ordem canônica SVO, como demonstrado anteriormente em (14).

Ainda segundo os autores, a restrição da ordem sintática para identificação das funções sintáticas se aplica aos contextos em que os argumentos que ocupam a posição sujeito e de objeto pertencem a mesma classe nominal. Nesse caso apenas a marca de sujeito não é o suficiente para desfazer a ambiguidade, sendo necessário que se aplique a ordem canônica SVO. Observe os exemplos:

(18) *Mujondzisi amuvonile mujondzi.*

Mu-jondzisi	a-mu-von-ile	mu-jondzi
1-professor	1MS-MO-ver-PSD	1-aluno
‘O professor viu o aluno’		

(19) *Mu-jondzi amuvonile mujondzisi.*

Mu-jondzi	a-mu-von-ile	mu-jondzisi
1-aluno	1MS-MO-ver-PSD	1-professor
‘O aluno viu o professor’		

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Nos dados anteriores, o argumento na posição pré-verbal é interpretado como sujeito e o argumento pós-verbal como objeto. Sendo assim, em (18) *mujondzisi* ‘professor’ é gerado na posição de *Spec-vP* e depois se move para *Spec-TP*, enquanto *mujondzi* ‘aluno’ é gerado em complemento de VP. Por outro lado, em (19) *mujondzi* ‘aluno’ é gerado na posição de *Spec-vP* e depois se move para *Spec-*

TP, enquanto *mujondzisi* ‘professor’ é gerado em complemento de VP, seguindo a proposta de derivação de sentenças do Programa Minimalista (Chomsky, 2012).

#### 7.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, apresentei de forma panorâmica alguns aspectos descritivos da gramática da língua Changana, contemplando a apresentação da língua; o inventário fonológico, os principais processos fonológicos, a estrutura silábica, o padrão tonal da língua; além das estruturas do nome, do verbo e da sentença na língua.

A descrição de processo fonético-fonológicos e morfossintáticos presentes neste capítulo servem para munir o leitor de conhecimentos básicos da língua Changana, e de modo geral das línguas bantu, a fim de favorecer a compressão de questões fonético-fonológicas e morfossintáticas mais complexas em leituras futuras.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

1<sup>a</sup> P.S. primeira pessoa do singular

APPL extensão applicativa

DEM pronome demonstrativo

FUT tempo futuro

FREQ extensão frequentativa

MO marca de sujeito

MS marca de sujeito

NEG negação

PAS extensão passiva

PRES tempo presente

PROG aspecto progressivo

PSD tempo passado

REC extensão recíproca

VF vogal final

## REFERÊNCIAS

CHIMBUTANE, F. *Grammatical functions in Changana: types, properties and function alternations*. Dissertação [Mestrado não publicadp]. The Australian National University. 2002.

CHOMSKY, N. In: Graff; Peter; van Urk Coppe (eds.). *Chomsky's linguistics*. MIT Working Papers in Linguistics, 2012.

GUTHRIE, M. *Comparative Bantu*. Vols I-IV. Clarendon. Oxford. University Press. 1967-1971.

KATAMBA, F. Bantu nominal morphology. In: NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (eds.). *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003

LANGA, D. *Morfologia do verbo em Changana*. Maputo: CEA, 2013.

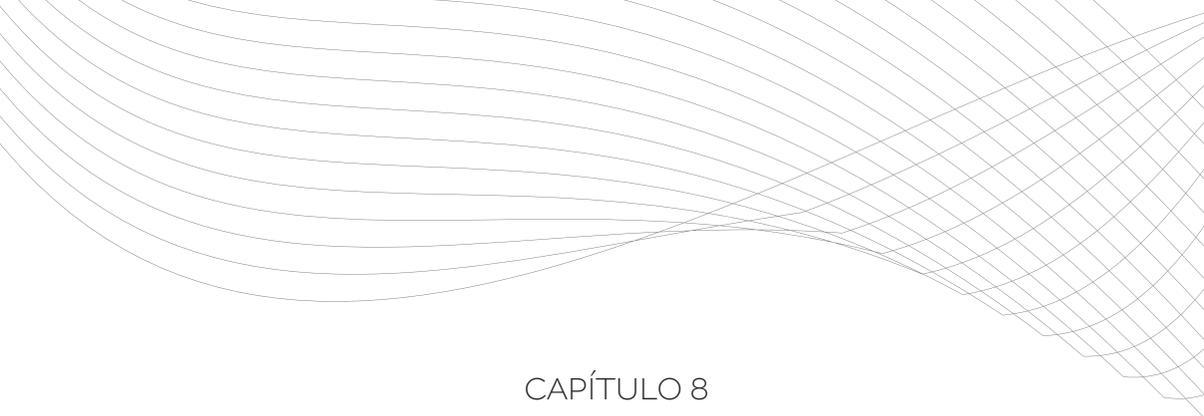
MANUAL de Línguas Moçambicanas. Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos. Projecto Better, 2018. Disponível em: <<http://ead.mined.gov.mz/manuais/Linguas%20Mocambicanas/>> Acesso em: 21 abr. 2023

NGUNGA, A. *Introdução à linguística bantu*. Moçambique: Imprensa Universitária, 2004

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. Coleção: As nossas línguas. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, 2012.

SCHADEBERG, T. C. Derivation. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (eds.). *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003





## CAPÍTULO 8

# **INFORMATIONAL PROPERTIES OF APPLIED ARGUMENTS IN BANTU LANGUAGES**

Bárbara Guimarães Rocha<sup>1</sup>

It has been noted in linguistic literature that goal arguments are high in topic properties (Dalrymple; Nikolaeva, 2011, Polinsky, 1998, Dryer, 1986, Haspelmath, 2004, among others). Rocha (2021), observing data on applicative structures in a handful of languages, including Bantu languages, shows that other applied arguments also display properties associated with the informational notion of topic. In this work we intend to analyze applicative structures from five Bantu languages already discussed in the literature, aiming to confirm or disprove the proposed correlation between applicativization and the linguistic representation of topics, and also aiming to explain how such a relation is implemented syntactically.

---

1   Doutoranda em linguística teórica e descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Este trabalho foi financiado pela bolsa de pesquisa da CAPES.

This chapter is organized as follows: section 8.1 provides the theoretical framework adopted in this paper. Section 8.2 presents the hypotheses and the methodology that are assumed in this research. Section 8.3 presents the data analysis. Section 8.4 presents the theoretical proposal. Section 8.5 concludes with the final remarks. Let us then start with the discussion of the theoretical framework that will support our proposal.

## 8.1 THEORETICAL FRAMEWORK

In this section I will provide the framework assumed in this paper through the discussion of two questions: (i) what are applicatives? and (ii) what are topics?

### 8.1.1 WHAT ARE APPLICATIVES?

In Bantu literature, authors such as Guthrie (1962) describe applicatives as a verbal extension (morpheme) that licenses the occurrence of an additional object which can be assigned a range of thematic roles such as beneficiary, maleficiary, goal, instrument, reason, and locative. The data below from Venda illustrate the construction.

VENDA

(1a) *Mukasa o-amb-a.*

Mukasa 3SG.PAST-speak-FV

‘Mukasa spoke.’

(1b) *Mukasa o-amb-el-a*

Mukasa 3SG.PAST-speak-APPL-FV

‘Mukasa spoke for Katonga (= benefactive reading)

***Katonga.***

**Katonga**

(adapted from Pylkkänen (2002: 10))

Many authors such Marantz (1993), Baker (1988), Pylkkänen (2002), Rocha (2017), among others, compare the Bantu applicative structure and the double object construction that arises in the dative shift phenomenon. In this construction we see the verb occurring with two direct objects, the goal being adjacent to the verb, as the examples below demonstrate.

ENGLISH

(2a) I baked a cake.

(2b) I baked **John** a cake.

However, the double object construction, at least in English, only occurs with a subset of transitive verbs, ruling out intransitives and statives, with which beneficiary applied objects do not seem to occur, at least in English. Compare the examples below:

ENGLISH

(3a) I ran.

(3b) \*I ran John.

(4a) I held the purse.

(4b) \*I held John the purse.

(5a) I donated money to charity.

(5b) \*I donated charity money.

In order to explain the similarities and differences between the two structures, Pylkkänen (2002, 2008) proposes two functional Applicative heads, HIGH APPL and LOW APPL. High applicative would be the Bantu extension that introduces the beneficiary/instrument/locative argument, whereas Low applicative introduces goal arguments. The two heads also differ in their merging properties, a fact that justifies their names: High applicative takes the VP-shell as its complement, semantically and syntactically relating the argument in its specifier directly to the event described by the verb, whereas Low applicative



Regarding the Low Applicative, also based on Pylkkänen (2002), Wood (2015: 214) proposes the following formal semantic definition. The example (9) is from English.

(8)  $[\text{APPL}_{\text{RELATION}}] = \lambda x e \lambda y e \lambda s s_{\text{POSS}}(x, y, s)$

(9) John gave Mary a book.  
 = John caused the book to go to the possession of Mary's.  
 =  $\lambda x \lambda y \lambda s . \text{give}(e) \&_{\text{AGENT}}(e, \text{John}) \&_{\text{THEME}}(e, \text{book}) \&_{\text{POSS}}(e, \text{Mary})$

Bresnan and Moshi (1990) observe symmetries and asymmetries in the behavior of objects in ditransitive/applicative constructions in Bantu languages. They propose a typology of SYMMETRICAL and ASYMMETRICAL: in symmetrical languages both objects display the same properties, but in asymmetrical languages only the “indirect”/ applied/goal/beneficiary object can behave as a “true object” – what Baker (1988) calls “Marantz’s Paradox”. The properties taken into consideration for differentiating the two applicative construction are: (i) passivization, (ii) word order and (iii) object marking. The following table illustrates the typology for both symmetrical and asymmetrical languages, taken into consideration the syntactic behavior of applied object (AO) and direct object (DO).

Table 1: Typology of asymmetries in Bantu applicative structures

	<b>passivization</b>	<b>word order</b>	<b>object marking</b>
<b>symmetrical</b>	AO	V AO DO	AO
	DO	V DO AO	DO
<b>asymmetrical</b>	AO	V AO DO	AO
	*DO	*V DO AO	*DO

The analysis I will pursue in section 8.3 will be based on the theoretical assumptions outlined above. In the next subsection I will attempt to present a formal definition for the term ‘TOPIC’.



Lambrecht (1994:136) notes non-pro-drop languages such as English allow for subject drop of topic referents (12), and Kuno (1972) observed that when deleted arguments in Japanese texts are made overt via lexical material this overt NP must be marked with the topic particle *wa*, never *ga*.

(12a) Who did John marry?

John married ROSA, but — didn't really love her.

(12b) Who married Rosa?

\*JOHN married Rosa, but — didn't really love her.

Reinhart (1982) proposes the test 'about x...' (13).

(13a) The children went to school.

(13b) About the children, they went to school.

Payne (1985) proposes the negation test ((14), from Karttunen (1969)) – topics cannot be negated, since the hearer would not be able to make sense of the proposition.

(14a) Bill has a car. It is black.

(14b) Bill does **not** have a car. #It is black.

Based on the definition and tests above-mentioned, the next section will provide the hypotheses and methodology adopted in this work.

## 8.2 HYPOTHESIS AND METHODOLOGY

The hypothesis investigated in this paper is that there is a correlation between applicativization and topicality. Rocha (2021) raised this hypothesis by observing topic properties displayed by applied arguments in a handful of languages, both symmetrical and asymmetrical. These properties include pronominalization and deletion. We suggest that the possibility of passivization is also a topic property, given that subjects are generally interpreted

as unmarked topics (Lambrecht, 1994: 131-150). As we'll see in the analysis in the next section, not all applied objects can behave as topics regarding passivization and object marking, and there has been proposed in the literature that these differences may come from animacy restrictions, semantic interpretation restrictions, and specific syntactic properties of the heads involved in the structures.

The methodology adopted in this work consists in the collection of data from already published work on applicative structures and topicality. Unfortunately, there was no way of collecting new data for the analysis. However, this investigation consists in a new step into a research project that I intend to develop in order to understand the grammatical effects of informational-structural properties on valency alternations.

The aim of the next section is to present the empirical data that will support the theoretical proposal that is developed in section 8.3.

### 8.3 DATA ANALYSIS

In this section I will discuss applicative constructions in five Bantu languages: Chingoni, Nyanja, Smbaa, Kikuyu and Haya. Following the typology proposed by Bresnan and Moshi (1990), I will divide the languages into SYMMETRICAL and ASYMMETRICAL. In the next subsection I will show data from asymmetrical languages.

#### 8.3.1 APPLICATIVES IN ASYMMETRICAL LANGUAGES

The first language I will show is Chingoni, as analyzed by Ngonyani & Githinji (2006). This language is classified as N.12 and spoken in Zambia, Tanzania, and Mozambique. As in other Bantu languages, Chingoni has a derivational suffix that introduces an “extra” argument in a sentence. See the data below.

CHINGONI

(15a) *Kuku*                    *i-geg-a*                    *li-gela*  
 1grandpa                    1SM-carry-FV    5-hoe  
 ‘Grandpa is carrying the hoe.’

(15b) *Kuku*                    *a-ku-va-geg-el-a*                    ***va-jukulu***                    *li-gela*  
 1grandpa    1SM-PR-2OM-carry-APPL-FV    **2-grandchildren**    5-hoe  
 ‘Grandpa is carrying a hoe for the grandchildren.’

(Ngonyani & Githiji, 2006: 32)

Sentence (15a) has the basic transitive verb with the subject prefix. The verb takes one object *ligela* ‘hoe’. In (15b) the suffix {-*el*-} is added to the verbal complex and a new object *vajukulu* ‘grandchildren’ is introduced. The result is that the verb becomes ditransitive. Observe that this “new” object triggers object marking (or incorporated pronoun) in the verb. Applicatives in Chingoni can receive a range of thematic roles, such as beneficiary, recipient, goal, locative and reason. Following the typology proposed by Bresnan and Moshi (1990), we assume that this language is classified by Ngonyani and Githinji (2006) as an asymmetrical language. This means that in this language the applied object and the basic direct object differ as to what object properties they can display. In this language only the applied argument can trigger object-marking, as is shown by the examples in (16)-(17). Unless the applied argument triggers object marking, as in (17a), the direct object cannot occur adjacent to the verb (compare examples (16b) and (17c)). Chingoni allows for the realization of the full DP that agrees with the object marking, as opposed to other languages such as Kikuyu.

## CHINGONI

(16a) *m-ge**ni*    *i-gul-i*                    *va-ndu*                    *u-gimbi*  
 1-guest    PR-buy-APPL    2-person                    14-beer  
 ‘the guest is buying beer for people’

- (16b) \**m-geni i-gul-i*                      *u-gimbi*                      *va-ndu*  
 1-guest PR-buy-APPL 14-beer 2-person  
 ‘The guest is buying beer for people’

## CHINGONI

- (17a) *M-geni a-m-let-i*                      *kuku*                      *va-jukulu*  
 1-guest 1SM-1OM-bring-APPL 1grandfather 2-grandchildren  
 ‘the guest brought grandchildren to the grandfather’

- (17b) \**M-geni a-va-let-i*                      *kuku*                      *va-jukulu*  
 1-guest 1SM-2OM-bring-APPL 1grandfather 2-grandchildren  
 ‘the guest brought the grandchildren to (the) grandfather’

- (17c) *M-geni a-m-let-i*                      *va-jukulu*                      *kuku*  
 1-guest 1SM-1OM-bring-APPL 2-grandchildren 1grandfather  
 ‘the guest brought the grandchildren to (the) grandfather’

(Ngonyani & Githinji, 2006: 37)

Nyanja ((N.31), spoken in Malawi, Zambia, Mozambique, and Zimbabwe), as analyzed by Rocha (2014), is also an asymmetrical language. In this language, only the applied object can trigger object-marking and can be deleted when this morpheme is morphologically realized in the verb stem, as is shown in the examples in (18).

## NYANJA

- (18a) *Kondwane wa-mu-gwil-il-a*                      (*Mingas*)                      *thumba*  
 Kondwane SM-OM-hold-APPL-FV (**Mingas**)                      purse  
 ‘Kondwane held the purse for Mingas’

(Rocha, 2014: 73)

## NYANJA

- (18b) *Kondwane wa-mu-tumiz-il-a*                      *Mingas kalata*  
 Kondwane SM-OM-send-APPL-FV Mingas letter  
 ‘Kondwane sent the letter for Mingas’

- (18c) *Kondwane wa-mu-tumiz-il-a kalata*  
 Kondwane SM-OM-send-APPL-FV letter  
 ‘Kondwane sent him/her the letter’
- (18d) \**Kondwane wa-yi-tumiz-il-a Mingas kalata*  
 Kondwane SM-OM-send-APPL-FV Mingas **letter**  
 ‘Kondwane sent Mingas for the letter’

(Rocha, 2014: 76)

As we see in (18), the object marker in applicative structures in Nyanja seems to be interpreted as the beneficiary, and the ‘theme’ or ‘patient’ argument cannot trigger the marker. This is evidence that the interaction between syntactic and thematic properties of the arguments is an important part of the hierarchies that define which object will be topical in applicative constructions in this language.

Sambaa ((G.23), spoken in Tanzania) is also an asymmetrical language, since only the goal/beneficiary object of ditransitives can occur adjacent to the verb (19). Moreover, it can be passivized, as is shown in (20) and must be the first object marked on the verb (21). Here the restriction is that the “basic” object can be marked if only if the goal/beneficiary object is also marked, as the reader can observe in (21).

## SAMBAA

- (19a) *N-za-m-nka Stella kitabu*  
 1SG.SM-PERF.DJ-1OM-give 1.Stella 7.book  
 ‘I gave Stella a book’
- (19b) \**N-za-m-nka kitabu Stella*  
 1SG.SM-PERF.DJ-1OM-give 7.book 1.Stella  
 ‘I gave a book (to) Stella’

## SAMBAA

- (20a) *Ni-za-inkwa kitabu*  
 1SG.SM-PERF.DJ-give.PASS 7.book  
 ‘I was given the book’

- (20b) \**Kitabu chi-za-inkwa imi*  
 7.book 7SM-PERF.DJ-give.PASS 1SG.PRO  
 ‘The book was given (to) me’

## SAMBAA

- (21a) *N-za-chi-m-nka Stella kitabu*  
 1SG.SM-PERF.DJ-7OM-1OM-give 1.Stella 7.book  
 ‘I gave Stella a book’
- (21b) \**N-za-chi-nka Stella (kitabu)*  
 1SG.SM-PERF.DJ-7OM-give 1.Stella 7.book  
 ‘I gave Stella a book.’ / ‘I gave it to Stella.’

(Riedel, 2009:79)

Givón (1976) and Bresnan & Mchombo (1987) argue that object marking is actually a strategy to mark the topicality of the argument. In the presence of the object marker, the object DP can be deleted, given its topic properties. Therefore, we can suggest that in the asymmetrical languages seen above only the applied object can be interpreted as a topic referent, the exception being VP ellipsis, in which Ngonyani & Githinji (2006) observe that the direct object can be deleted alone, but the applied object cannot, (evidence for Pylkkänen’s proposal of High Applicative). These observations apply to virtually all Bantu languages observed in the present work.

In the next section I present data from symmetrical languages.

### 8.3.2 APPLICATIVES IN SYMMETRICAL LANGUAGES

The first symmetrical language I will present is Kikuyu (E.51, spoken in Kenya), as described by Ngonyani & Githinji (2006). In this language the applied and direct objects both display object properties which can be associated with topicality. Regarding word order, the language allows both objects to appear adjacent to the verb, as follows:

## KIKUYU

(22a) *Mũ-geŋi a-ra-gũr-ĩ-ire ci-ana mũ-bira*  
 1-guest 1SM-PRG-buy-APPL-PF 8-child 3-ball  
 ‘the guest bought children a ball’

(22b) *Mũ-geŋi a-ra-gũr-ĩ-ire mũ-bira ci-ana*  
 1-guest 1SM-PRG-buy-APPL-PF 3-ball 8-child  
 ‘the guest bought a ball for the children.’

(Ngonyani & Githinji 2006:35)

Note that in (22) there is no object marker in the verbal complex. According to Ngonyani & Githinji, Kikuyu does not allow for the co-occurrence of the object marker and a post-verbal DP. Compare the examples below.

## KIKUYU

(23a) \**Kamau ne-a-mo-ku:-ire mw-ana*  
 Kamau FOC-1SM-1OM-carry-PF 1-child  
 ‘Kamau carried (the) child.’

(23b) *Kamau ne-a-mo-ku:-ire.*  
 Kamau FOC-1SM-1SM<sup>2</sup>-carry-PF  
 ‘Kamau carried him/her’

(23c) *Kamau ne-a-ku-ire mwana*  
 Kamau FOC-1SM-CARRY-PF 1-child  
 ‘Kamau carried a child’

(23d) \**Kamau ne-a-ku-ire*  
 Kamau FOC-1SM-carry-PF  
 ‘Kamau carried.’

(Ngonyani & Githinji 2006:36)

The examples in (23) suggest that, in Kikuyu, the object marker is indeed a topic marker or incorporated pronoun. Observe that that

2 [sic]

in (23c) the translation uses the indefinite article, which generally introduces a “new” referent that is not yet activated/accessible. The presence of the marker in the example (23b) indicates the deletion or pronominalization of the argument, which serves as a diagnostic for us to assume that the argument exhibits a topical property. However, unlike Chingoni and other Bantu languages, in Kikuyu the direct/patient/theme object can also be pronominalized in the verbal complex, as is evidenced in (24).

## KIKUYU

- (24a) *Mũ-geŋi a-ra-ci-gũ-ĩ-ire* ——— *mũ-bira*  
 1guest 1SM-PRG-8OM-buy-APPL-PF ——— 3-ball  
 ‘The guest bought them (children) a ball’
- (24b) *Mũ-geŋi a-ra-ũ-gũ-ĩ-ir-e* ——— *ci-ana*  
 1guest 1SM-PRG-3OM-buy-APPL-PF ——— 8-child  
 ‘The guest bought it (ball) for the children’

(Ngonyani & Githinji 2006: 37)

Another symmetrical language described in the literature is Haya ((JE22), spoken in Tanzania). In this language, like in Kikuyu, both objects can occur adjacent to the verb (25), can be passivized (26) and can trigger object-marking on the verb stem (27), as is shown below:

## HAYA

- (25a) *N-ka-gul-ira*                      *omwana*              *ebitooke*  
 1SG.SM-PAST3-buy-APPL 1.child              8.banana  
 ‘I bought the child food’
- (25b) *N-ka-gul-ira*                      *ebitooke*              *omwana*  
 1SG.SM-PAST3-buy.APPL 8.banana              1.child  
 ‘I bought food for the child’

HAYA

(26a) *Kato a-shaz-iir-w-e enyama na John*  
 1.Kato 1SM-cut-APPL-PASS-PAST 9.meat by 1.John  
 ‘Kato was cut meat by John’

(26b) *Enyama e-shaz-iir-w-e Kato na John*  
 9.meat 9SM-cut-APPL-PASS-PAST 1.Kato by 1.John  
 ‘The meat was cut for Kato by John’

HAYA

(27a) *A-ka-mú-cumb-il’ ébitooke*  
 1SM-PAST3-1OM-cook-APPL 8.bananas  
 ‘He cooked bananas for him’

(27b) *A-ka-bí-cumb-il’ ómwáana*  
 1SM-PAST3-8OM-cook-APPL 1.child  
 ‘He cooked them for the child’

(Riedel, 2009: 81)

Thus, in symmetrical languages, both objects can be associated with a topic feature, which seems to not be directly related to the Applicative head. Therefore, the empirical data from symmetrical languages shown above demonstrate that the correlation between applicatives and topicality is not biunivocal, and other factors are in play. Bresnan and Moshi (1990) analyze this crosslinguistic variation considering syntactic, thematic, and pragmatic factors. The authors propose a hierarchy of the thematic roles of the applied argument, as well as so-called “topicality hierarchies” (Duranti, 1978) – participant and animacy hierarchies taken together. Based on these assumptions, in the next section we present the theoretical proposal put forward in the present paper, aiming to explain how the correlation between topic properties and applied arguments can be derivationally implemented.

## 8.4 THEORETICAL PROPOSAL

Aboh (2010), following Rizzi (1997) and others, proposed that Focus and Topic are formal heads that may enter the numeration, so that they can constitute a maximal functional category in syntax as FocP and TopP. In some languages, they are phonetically realized, akin to Case features. This is borne out of analysis of data from languages such as Gungbe, which has phonetically realized topic and focus markers, as the examples below illustrate:

- GUNGBE
- (28a) ùn sè dḡ dān ló yà Kòfi hù i  
 1SG hear that snake DET TOP kofi kill 3SG  
 ‘I heard that, as for the snake, Kofi killed it’
- (28b) ùn sè dḡ dān ló wè Kòfi hù  
 1SG hear that snake DET FOC Kofi kill  
 ‘I heard that Kofi killed THE SNAKE’
- (28c) ùn kànbíó dḡ étè wè Kòfi hù?  
 1SG ask that what FOC Kofi kill  
 ‘I asked what did Kofi kill?’

(Aboh, 2010: 26)

As can be seen in the examples in (28), in Gungbe the particle *yà* marks the topical status of the argument to its left, whereas the particle *wè* marks the focus status of the argument or *wh*-word to its left. As Aboh argues, this language supports Rizzi’s (1997) split-C hypothesis in a transparent way: topic and focus markers that occupy different positions in the structure. These markers can freely co-occur, as they are not in complementary distribution, which can be seen in the example (29).

- (29) ùn sè dḡ xwé ló Yà Kòfi wè Àsíbá  
 1SG hear that house DET TOP Kofi FOC Asiba  
 gbá-e ná  
 build-3SG for  
 ‘I heard that, as for the house, Asiba built it for KOFI’

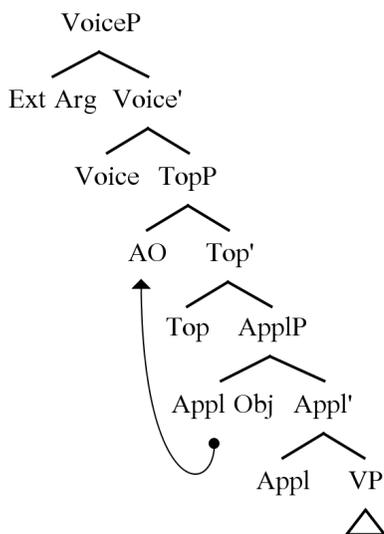
(Aboh, 2010: 26)

Some Bantu languages also have a phonetically realized focus marker, as seen in the data in (23) from Kikuyu, but this family does not seem to possess phonetically realized morphemes to encode the head TopP. Topicality is implemented in this family through pronominalization (or subject/object markers), ellipsis/deletion, passivization and word order (syntactic movement). Given that in many cases applied arguments have topic properties that are manipulated in the syntax (word order, for instance), there remains the question as to how the correlation occurs. How to formalize the association between topic properties and the argument introduced by the applicative extension in some languages?

Rocha (2017, forthcoming), analyzing the ethical dative as a High Applicative structure which occurs in dialectal Brazilian Portuguese, proposes that this construction derives from two formal projections: the null applicative head introduces the dative clitic in its specifier, and then is taken as a complement by the projection of a Participant operator that guarantees the interpretation of the clitic as a speech participant (1<sup>st</sup> or 2<sup>nd</sup> person). There are authors, such as Aboh (2010) and others, which propose Topic and Focus projections inside the DP, which could potentially head a syntactic phase (Svenonius, 2003; Hiwaiwa, 2005 *apud* Chomsky 2008). Authors such as Pylkkänen (2002, 2008) propose that the Bantu extension is a High Applicative head, and authors such as McGinnis (2001, 2005) propose that High Applicatives head syntactic phases (whereas Low Appl does not). Based on these analyses, I propose that, in asymmetrical languages, ApplP can be merged into a Topic head/operator that will enter a probe-goal relation with the applied argument and guarantee the presupposition that it is indeed a topic referent. Based on these assumptions, I will advocate that this extended topic projection is merged above the high applicative category into which referential and topic constituents

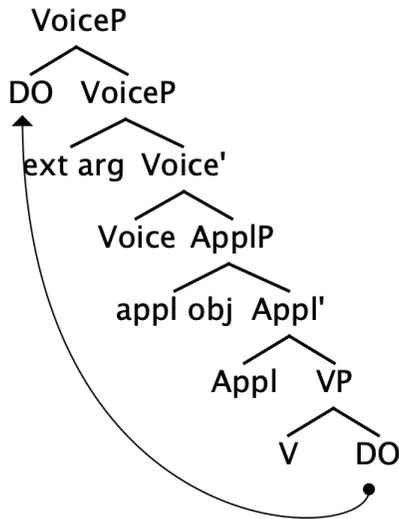
are moved. Therefore, the tree diagram below depicts the abstract derivation of such structures.

Figure 3: asymmetrical Top-AppI Shell



When the applied argument is not a topic, as in symmetrical languages, then the Topic feature is not associated with ApplP, the phase is closed and sent to spell-out. When the direct object can be moved, it might be the case that this object moves to the edge of the phase, perhaps to a low TopP at the edge of the phase, such as to an external specifier position of the  $vP/VoiceP$  domain, thereby still being accessible to further computation, while the applied argument is inert in its base position, where it receives inherent Case from the Appl<sup>0</sup> head. The syntactic structure as follows illustrates the phenomenon.

Figure 4: symmetrical appl



Taking into consideration the syntactic structures presented above, we thus propose that Topic features are present in the lexicon and can optionally enter the derivation and project the TopP category above the ApplP phrase, thereby guaranteeing the interpretation of the applied argument as a topic referent. However, just as not all topics are applied arguments, not all applied arguments are topics, and the possibilities depend on the parametric setting across languages. My hypothesis is that the difference between symmetrical and asymmetrical languages corresponds to the scope of TopP: in asymmetrical languages TopP can only have scope over the applied argument, whereas in symmetrical languages TopP has scope over both arguments. This difference in scope is derived syntactically via the mapping of the TopP projection: a lower projection (above the Appl phase) would only take the applied argument as a Topic, while a higher projection (at the edge of the VoiceP phase) would take any of the two objects as a Topic.

In the section I will present the final remarks.

## 8.5 FINAL REMARKS

In this paper I investigated the possible correlation that may exist between applicativization and topicality. In order to do this, I analyzed empirical data from five Bantu languages, namely Chingoni, Nyanja, Smbaa, Kikuyu and Haya. My proposal is that in asymmetrical languages the TopP category is merged between VoiceP and Applicative phase, so that the head Top<sup>o</sup> enters a probe-goal relation with the applied object in order to value the topic feature of this argument. On the other hand, in symmetrical languages the Applicative head is not directly associated with a Topic projection, which is potentially merged in a position at the edge of vP/VoiceP, so that any object can enter into a relation with this head.

This paper is intended as a first step into a deeper investigation of the relation between argument structure and informational structure.

## ABBREVIATIONS AND ACRONYMS

1SG	1st person singular;
SM	subject marker;
OM	object marker;
PAST	past tense;
PASS	passive;
APPL	applicative;
FV	final vowel;
PERF	perfective aspect;
DJ	disjunctive;
FOC	focus;
PRES, PR	present tense;
PRG	progressive aspect;
POSS	possessive, possession;
FEM	feminine;
MASC	masculine;
DET	determinant;
PL	plural;
SG	singular;
DE	definite;
PF	perfect aspect marker.

## REFERENCES

- ABOH, Enoch Oladé. Information structuring begins with the numeration. *Iberia: An International Journal of Theoretical Linguistics*, 2010.
- BAKER, Mark C. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BRESNAN, Joan; MCHOMBO, Sam A. Topic, pronoun, and agreement in Chicheŵa. *Language*, v. 63, p. 741–782, 1987.
- BRESNAN, Joan; MOSHI, Lioba. Object asymmetries in comparative Bantu syntax. *Linguistic inquiry*, v. 21, n. 2, p. 147–185, 1990.
- CHOMSKY, Noam. On phases. *Current Studies in Linguistics Series*, v. 45, p. 133, 2008.
- DALRYMPLE, Mary; NIKOLAEVA, Irina. *Objects and information structure*. [s.l.]: Cambridge University Press, 2011.
- DRYER, Matthew S. Primary objects, secondary objects, and antitopic. *Language*, v. 62, n. 4, p. 808–845, 1986.
- DURANTI, Alessandro. Object clitic pronouns in Bantu and the topicality hierarchy. *Studies in African Linguistics*, v. 10, n. 1, p. 31–45, 1979.
- GIVÓN, Talmy. Topic, pronoun and grammatical agreement in subject and topic. In: LI, Charles (Org.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 57–98.
- GUTHRIE, Malcolm. The status of radical extensions in Bantu languages. *Journal of African Languages*, v. 1, n. 3, p. 202–220, 1962.
- HASPELMATH, Martin. Explaining the ditransitive person-role constraint: A usage-based approach. *Constructions*, v. 1, 2004.
- HIRAIWA, Ken. *Dimensions of symmetry in syntax: Agreement and clausal architecture*. PhD Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 2005.
- KARTTUNEN, Lauri Juhani. *Problems of reference in syntax*. [s.l.]: Indiana University, 1969.
- KUNO, Susumu. Functional sentence perspective: A case study from Japanese and English. *Linguistic inquiry*, v. 3, n. 3, p. 269–320, 1972.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MARANTZ, Alec. Implications of asymmetries in double object constructions. In: MCHOMBO, Sam A (Org.). *Theoretical aspects of Bantu grammar*. Leland: Standard Junior University, 1993, p. 113–150.

MCGINNIS, Martha. UTAH at Merge: Evidence from multiple applicatives. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 49, p. 183–200, 2005.

MCGINNIS, Martha. Variation in the phase structure of applicatives. *Linguistic variation yearbook*, v. 1, n. 1, p. 105–146, 2001.

NGONYANI, Deo; GITHINJI, Peter. The asymmetric nature of Bantu applicative constructions. *Lingua*, v. 116, n. 1, p. 31–63, 2006.

PAYNE, John R. Negation. *Language typology and syntactic description*, v. 1, p. 197–242, 1985.

POLINSKY, Maria. A non-syntactic account of some asymmetries in the double object construction. In: KOENIG, Jean-Pierre (Org.). *Conceptual structure and language: Bridging the gap*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1998, p. 403–423.

PRINCE, Ellen F; COLE, Peter. Toward a taxonomy of given-new information. In: *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981, p. 223–255.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. MIT, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT press, 2008.

RIEDEL, Kristina. *The syntax of object marking in Samba: A comparative Bantu perspective*. Utrecht: Netherlands Graduate School of Linguistics, 2009.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*. Dordrecht: Springer, 1997, p. 281–337.

ROCHA, Bárbara G. *Aplicativo: definição e propriedades*. Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ROCHA, Barbara G. *Applicatives in dialectal brazilian portuguese*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ROCHA, Bárbara G. Investigando a relação entre a categoria aplicativo e a função informacional de tópico. In: XII SETED: seminário de teses e dissertações

do programa de pós-graduação em estudos linguísticos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

SVENONIUS, Peter. On the edge. *In: Peripheries: Syntactic edges and their effects*. Dordrecht: Springer, 2004, p. 259–287.

WOOD, Jim. *Icelandic morphosyntax and argument structure*. Dordrecht: Springer, 2015.

## CAPÍTULO 9

# **NATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: EVIDÊNCIA DA FORMAÇÃO DA SUBVARIEDADE DO PORTUGUÊS COM BASE NOS SUBSTRATO DAS LÍNGUAS DO GRUPO TSONGA**

David Alberto Seth Langa<sup>1</sup>  
Luís António Chaúque<sup>2</sup>

O presente artigo é exploratório e visa descrever e analisar, comparativamente, a fonologia do Português de Moçambique (PM), tendo como referência o Português Europeu (PE). Moçambique é um país multilingue e multicultural, onde a língua portuguesa (LP), língua oficial, coexiste, em todo território nacional, com as línguas nativas do grupo bantu (LB) e focos de línguas de origem asiática, bem como

---

1 Professor titular da Universidade Eduardo Mondlane. Doutor em Linguística. Departamento de Línguas/Secção de Línguas Bantu. Contato: [daslanga@gmail.com](mailto:daslanga@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-3887-2539>

2 Mestre em Bilinguismo e Educação Bilingue. Instituto Nlíia, Maputo, Moçambique. Contato: [luishangul@gmail.com](mailto:luishangul@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-8762-7679>

línguas de sinais (Lopes, 2004; Firmino, 2002). A relação entre a LP e as LB, principal foco de estudo, é diglósica<sup>3</sup> (Fishman, 1965; Firmino, 2002), onde a LP tem um estatuto de língua com o maior prestígio (H) e as outras com o menor prestígio (L). Apesar de o seu uso tender a penetrar nas áreas associadas ao domínio da LP (Langa, 2019), as LBs, estão grosso modo, confinadas ao uso familiar ou domínios não formais ou oficiais (Firmino, 2002). A coexistência da LP e das LBs fazem de Moçambique um país com crescente bilinguismo, conforme mostram os Censos (1980; 1997; 2007; 2017); (Firmino, 2000, Chimbutane, 2012,) em que se verifica um aumento do número de falantes da LP, no passar dos anos, quer como L1 (de 1.2% em 1980 para 16,2% em 2017), quer como falantes bilingues, de um pouco mais de 20% em 1980 para cerca de 40% em 2007 (Gonçalves *et al.*, 2019; Langa, 2019). A metodologia adotada é qualitativa (Dorneye, 2007, Coutinho, 2014) onde os dados são recolhidos de uma forma aberta e não numérica. Os dados são recolhidos de uma gravação de uma mesa-redonda organizada pelo grupo GELLBAA<sup>4</sup> com falantes de perfis académicos de nível superior (graduação e pós-graduação). A sistematização dos dados foi organizada em processos envolvendo segmentos, vogais e consoantes, e suprasegmentos, a sílaba, o acento e o tom. Em relação às vogais, no PM ocorre os processos de abaixamento de vogais e a monotongação. Em relação às consoantes, verificam-se processos fonológicos envolvendo laterais, vibrantes, fricativas e a tendência de formação de africados e metátese. Finalmente, a nível suprasegmental, ocorre fenómeno de realização de sílabas fechadas em abertas no PM. Em síntese, o texto apresenta evidências de que

3 “Na noção de diglossia de Ferguson, as duas variedades designadas H(igh) [Alta] e L(ow) [Baixa], distinguem-se por um certo número de factores: a H é usada nos domínios formais, goza de mais prestígio na comunidade, tem tradição literária, é adquirida através do ensino formal e foi objecto de descrição e padronização linguística. Por seu turno, a L só é adequada para conversa informal, tem menos prestígio, não é usada para a escrita literária, é aprendida em casa ou em ambiente de amigos, de modo informal, e não é sujeita a tratamento linguístico” (Firmino, 2002, p. 53)

4 GELLBAA- Grupo de Estudos em Línguas, Linguística Bantu e Áreas Afins, Secção de Línguas Bantu da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique.

o Português de Moçambique (PM) está nativizado (cf. Firmino, 2002), pois desenvolveu uma estrutura peculiar constituindo uma variedade sólida distinta de outras variedades mais conhecidas do Português.

O presente artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: após a introdução, apresenta-se a metodologia, bem como o perfil sociolinguístico dos participantes (seção 9.1 e 9.2). Em seguida faz-se a contextualização do estudo (seção 9.3), que incide sobre as variedades do Português, seguido do panorama linguístico de Moçambique. A seção 9.4 discute o quadro teórico que baseia esta pesquisa. A seção 9.5 é a revisão de literatura, onde apresentam-se os estudos anteriores e os conceitos operatórios envolvendo as vogais, as consoantes e os suprasegmentos. Segue-se a apresentação e análise de dados (seção 9.6), onde se descrevem e se analisam os fenômenos fonológicos do PM envolvendo vogais, consoantes e suprasegmentos. Por fim, seção 9.7, apresenta as conclusões.

## 9.1 METODOLOGIA

Neste artigo, optou-se pela metodologia qualitativa (Dornyei, 2007, Coutinho, 2014) de natureza descritiva e interpretativa. O grupo-alvo é a população universitária, com enfoque aos graduados e pós-graduados. A escolha deste grupo-alvo foi inspirada no projeto “Comunidade Moçambicana Bilingue L1-Bantu e Português-L2” (Gonçalves *et al* 2019) realizado de 2015-2018 pela Cátedra do Português Língua Segunda e Língua Estrangeira da FLCS da UEM. Os pressupostos da escolha deste grupo-alvo foi por ter considerado que, “nesta faixa populacional, é possível detetar, de forma mais clara, o comportamento da comunidade bilingue” (Gonçalves *et al.*, 2019, p. 12). Os dados são recolhidos de uma gravação de uma mesa-redonda organizada pelo grupo GELLBAA. A gravação tem a duração de 1h:47min. Transcrita a gravação, seguiu-se à identificação de dados do Português oral que eram “estranhos” ao Português Europeu (PE) –

norma de referência em Moçambique. Assim, o artigo descreve apenas os dados que aparecerem dessa gravação.

## 9.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS PARTICIPANTES

A mesa-redonda em referência era de entrada livre e essencialmente virada à população universitária. Como se pode depreender da natureza do evento, o perfil dos participantes apenas foi possível definir após as intervenções dos mesmos. Assim, nesse evento entrevistaram 10 pessoas, dentre oradores, moderador e a plateia participante, cujo perfil se discrimina na Tabela 1, que se segue:

Tabela 1: Perfil sociolinguístico dos participantes

<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Código</b>	<b>FA</b>
	Doutorado	D	2
	Mestrado	M	2
	Licenciado	L	2
	Estudantes	E	4
	Total		10

Fonte: Elaboração própria

Por se tratar de um contexto formal, considera-se que os participantes deram o seu melhor registo linguístico, o que valida os dados, visto que os participantes são todos instruídos, com formação superior desde a graduação até à pós-graduação. Todos os participantes têm o Português/L2 e Língua Bantu (LB)/L1, com a maior predominância do *Citshwa* (S51), *Xichangana* (S53) e *Xirhonga* (S54), portanto, línguas do grupo tsonga (cf. Guthrie, 1967/71)

Na codificação dos participantes, usou-se a letra maiúscula da inicial da formação académica do participante, seguido de um numeral árabe, que corresponde ao universo. Assim, a codificação ficou: Doutores (D1) e (D2); Mestrado (M1) e (M2); Licenciado (L1) e (L2), bem como Estudante (E1, E2, E3 e E4).

### 9.3 CONTEXTUALIZAÇÃO

#### 9.3.1 SOBRE AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

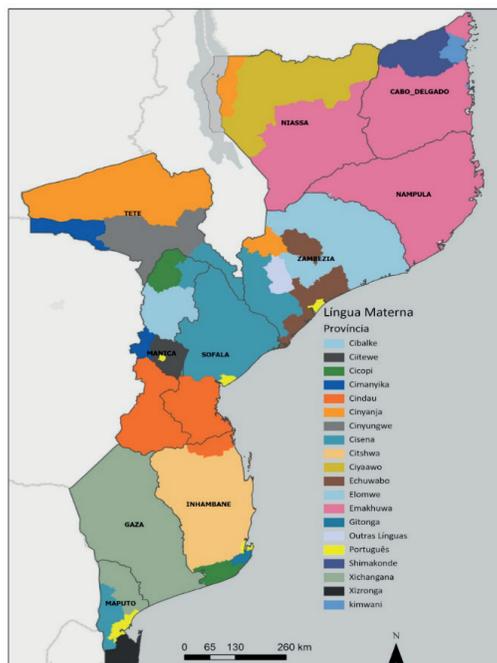
Estudos sobre as novas variedades do Português têm-nas associado a fatores históricos de contactos dos povos portugueses com as suas ex-colônias. Para os dialetos do PE (dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais), Cunha e Cintra (2008) afirmam que a principal distinção entre eles consiste no sistema das sibilantes. Para o caso do Português Brasileiro (PB), para além do contacto com o povo Português a partir de 1500, os fatores históricos, incluindo a escravatura levaram com que os povos indígenas brasileiros e africanos aprendessem a LP para satisfazer as suas necessidades comunicacionais, bem como o contacto no pós-independência com os emigrantes europeus e asiáticos, que se aculturaram e se fundiram na sociedade brasileira (Teyssier, 2014). Assim, a história sociolinguística de “Português do Brasil foi marcada pelo contacto da língua portuguesa com os falantes de línguas indígenas e os africanos, e pela aquisição de português pelos imigrantes europeus e asiáticos” (Araújo, 2009, p. 116). Em Moçambique, como em outros países africanos, o surgimento de novas variedades do Português, está associada também à chegada dos portugueses no território motivada pela colonização e à adoção da LP, como língua oficial dos países depois das suas independências formais. Assim, a LP coexiste com uma grande diversidade de línguas nacionais de Moçambique (pertencentes à família Bantu e não só). Atualmente, na área rural de Moçambique, tanto aos jovens como aos adultos, o Português é considerado mais como uma língua estrangeira (LE), pois essa língua é aprendida em contexto formal escolar, enquanto os falantes usam as suas línguas nacionais (línguas Bantu) para comunicação diária. Diferente da primeira situação, na área urbana, a língua portuguesa é usada como a segunda língua (L2) e as LBs, como línguas maternas, são L1. Em São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa foi difundida como

a língua segunda (L2) no século XX, e com a independência, em 1975, tornou-se língua oficial. Neste país, segundo o censo demográfico de 2012, o Português é a língua mais falada no país, ocupando 91% da população (Gomes, 2018).

### 9.3.2 PANORAMA LINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país multilingue e multicultural. A situação linguística de Moçambique é complexa na medida em que o número total das línguas faladas no país, bem como as suas variantes variam de autor para autor (Nelimo, 1989; Kroger, 2005, Siteo, 2014, Siteo; Ngunga, 2000). Os dados atuais da diversidade linguística de Moçambique encontram-se no mapa que se segue extraído de Ngunga *et al.* (2022) e Chimbutane *et al.* (2022)

Mapa 1: Diversidade linguística de Moçambique



Fonte: Ngunga *et al.* (2022, p.297) e Chimbutane *et al.* (2022, p.23)

Do ponto de vista legal, a Constituição da República de Moçambique (Moçambique, 2004) é inequívoca em relação ao uso da língua portuguesa no país, ao afirmar no seu artigo décimo, sobre a língua oficial que “Na República de Moçambique, a língua portuguesa é a língua oficial.” Em relação às LB faladas no território (Línguas nacionais), o artigo nono da mesma constituição diz que “O Estado valoriza as línguas nacionais como patrimônio cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade.” Como se pode depreender, o artigo nono em alusão é esvaziado em termos da especificação dos nomes das línguas nacionais (LB), o que confere o estatuto baixo destas línguas em comparação com o Português, língua oficial (Langa, 2019a). Este vazio abre espaço para diferentes designações das línguas nacionais, bem como para o relativo desconhecimento das mesmas e dos locais onde são faladas, visto que Moçambique carece de um levantamento linguístico exaustivo das suas línguas, acrescido ao facto de a fronteira entre língua e dialeto não estar muito clara em Moçambique, como em África no geral (Batibo, 2012)

Apesar desta complexidade linguística de Moçambique e a sua relação oficial com o Estado, decorrem políticas e práticas linguísticas no país, como é o caso da Educação Bilingue<sup>5</sup> e o fomento do uso das línguas moçambicanas em meios de comunicação social (rádio e televisão). Sobre a educação bilingue em Moçambique, por exemplo, o número de escolas que implementam o Ensino Bilingue no país cresceu de 14, em 2003, para 3.161 em 2020. O número de professores cresceu de 14, em 2003, para 10.812 em 2020. O número de alunos passou de 700, em 2003, para 683.607 em 2020<sup>6</sup>.

5 O Ensino Bilingue em Moçambique iniciou “em 2003, cobrindo nas províncias de Maputo (*Xirhonga e Xichangana*), Gaza (*Xichangana e Cicopi*), Sofala (*Cisena e Cindau*), Nampula (*Emakhuwa*), Niassa (*Ciyaawo e Cinyanja*) e Cabo Delgado (*Emakhuwa, Shimakonde e Kimwani*). Em 2004 cobriram-se as restantes províncias, nomeadamente: Inhambane (*Citshwa, Gitonga e Cicopi*), Manica (*Cindau*), Tete (*Cinyungwe, Cisena e Cinyanja*) e Zambézia (*Echuwabo e Elomwe*).” (Minedh, 2020, p.3-4).

6 Fonte: Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (Minedh). Período da recolha: março-abril de 2020.

Apesar de haver uma evolução na implementação desta modalidade, o crescimento do número de matriculados constitui apenas 10.7% dos alunos matriculados do ensino primário (6.368.196), em 2020. Este dado é indicador da mudança de paradigma na educação, passando-se de uma educação em que o Português era imposto aos moçambicanos através da escolarização (cf. Chimbutane, 2011) seguindo assim o modelo de educação assimilacionista da ideologia colonial, que condicionavam a língua portuguesa como o único veículo da civilização dos nativos (cf. Firmino, 2002), para uma educação bilíngue em que as línguas maternas (diferentes do Português) são veículo de educação dos moçambicanos, conforme Lei 18/2018 de 28 de dezembro, do Sistema Nacional de Educação, a qual preconiza a lecionação do ensino primário em duas modalidades (monolíngue e bilingue), garantindo, assim, a equidade no acesso, participação e retenção escolar das crianças no sistema educacional.

Além do uso das línguas locais na educação bilíngue, ONG's<sup>7</sup>, cultos religiosos e contexto familiar, pode-se mencionar o papel dos meios de comunicação – rádios e TVs – na promoção e valorização das LB, atuando como uma forma de política linguística. A Rádio Moçambique (RM), por exemplo, definiu na sua política o uso de LB, tendo-se organizado em dois grandes vetores, uma de emissão nacional com o uso do Português e outro de emissão nas províncias em línguas locais [LB] (Veterano, 2011; Ngunga, 2011). De uma forma geral, a RM usa 19 línguas nas suas emissões (Ndapassoa; Balango, 2015; Firmino; Ndapassoa, 2019).

O multilinguismo e multiculturalismo, bem como os usos e atitudes linguísticas dos moçambicanos favorecem ao crescente bilinguismo no país (Langa, 2019a; 2019b) e, por conseguinte, o uso e manipulação da LP/L2, originando assim novas formas de falar a LP, o que Gonçalves (2001) intitula por Português de Moçambique (PM). Esta variedade do Português faz com que o

---

7 ONG – Organizações não governamentais.

português sofra interferências fonético-fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas (Gonçalves, 2001; Firmino, 2002; Lopes, 2004; Chimbutane, 2011; Ngunga, 2012). Das diversas áreas que influenciam o Português, o foco do presente estudo é o fonético-fonológica.

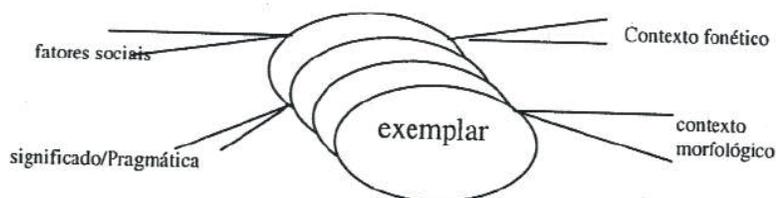
#### 9.4 QUADRO TEÓRICO: FONOLOGIA DO USO E A TEORIA DOS EXEMPLARES

Na fonologia de uso (Bybee, 2001) e teoria de exemplares (Pierrenhumbert, 2000), os processos fonéticos fazem parte da representação mental, o que ajuda a organizar os processos fonológicos. Numa teoria da linguagem, a teoria de Fonologia de Uso envolve todos os subsistemas (fonologia, sintaxe, semântica), onde, para ela, estudar só as estruturas não é suficiente. Daí que o foco na estrutura precisa de ser suplantado numa perspectiva que envolve mais do que uma estrutura, deve incluir dois fenômenos linguísticos importantes: o conteúdo material ou a substância da língua, e o uso da língua, (Bybee, 2001). O conteúdo material ou a substância da língua envolve a fonética e a semântica. O uso da língua envolve todo o processamento, bem como as interações sociais. Nesta teoria, a frequência com que uma palavra ou estrutura é usada, pode ter impacto na sua estrutura morfológica (Hora; Collischonn, 2003). i.e. a frequência na qual as palavras são usadas afeta a natureza da representação mental, sendo as palavras mais frequentes acedidas mais facilmente na memória do que as menos frequentes, (Bybee J. , 2001). Há duas maneiras de se avaliar a frequência na língua: frequência de ocorrência, que é a frequência de uma unidade num determinado corpus, onde conta-se cada ocorrência da palavra, e frequência tipo, (destacar os nomes dos dois tipos) que se refere à frequência de um padrão particular, onde contam-se todas as ocorrências do fenômeno na língua. As frequências tipo e de ocorrência desempenham papel fundamental na organização das representações fonológicas (Miranda; Guimarães, 2013). Daí haver mudanças que afetam as palavras mais frequentes e as que afetam

as menos frequentes (Hora; Collischonn, 2003). Segundo esta teoria, a palavra é a unidade de categorização mental para a criança, ou seja, na aquisição da linguagem as sequências fonológicas são aprendidas como partes da palavra e não independentemente da palavra (Miranda; Guimarães, 2013). Assim, as mudanças foneticamente motivadas afetam as palavras mais frequentes.

Segundo o Modelo de Exemplos, o falante tem conhecimento probabilístico da língua, o qual se relaciona à frequência de ocorrência e de tipo. As palavras são armazenadas com o detalhe fonético e podem ser categorizadas mais de uma vez, associadas a formas fonéticas diferentes (Miranda; Guimarães, 2013). Veja-se, a seguir, a representação de uma nuvem de exemplares.

Figura 1: Representação da nuvem de exemplares



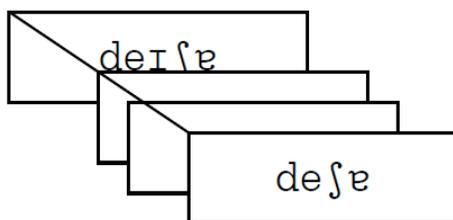
Fonte: Bybee (2001, p. 52)

Como se pode notar, todas as variedades fonéticas estão armazenadas na memória. Para (Pierrenhumbert, 2000), estas variantes estão organizadas em *clusters*, dito de outro modo, em nuvens de exemplares. Uma nuvem é um conjunto de exemplares com mais similaridades do que os outros. Essas nuvens de exemplares não são estáticas, elas alteram em função da experiência e do uso da língua.

Assim, os exemplares mais frequentes, em uma nuvem, tornam-se mais fortes, e os menos frequentes, com o tempo deixam de ser usados. Sendo assim, o nível de variação fonética de uma palavra pode mudar gradualmente com o tempo, a partir das experiências do falante com a língua. Tomemos a palavra *deixa*: nela podemos

ter vários exemplares armazenados desta palavra, exemplares que vão captar os detalhes fonéticos que vão desde ditongos até monotongos. Os exemplares com maior uso vão se fortalecer, os outros cairão em desuso e podem trazer mudanças. Veja-se a seguir a figura de exemplares da palavra *deixa*.

Figura 2: Exemplares da palavra *deixa*



Fonte: Haupt (2011, p. 95)

O modelo de exemplares é vantajoso porque as nuvens de exemplares se apresentam em associações entre palavras que norteiam a similaridade em todos os níveis. Portanto, palavras com propriedades fonéticas similares são associadas. Estas associações são usadas para dar conta das regularidades e padrões no uso da língua. Sendo a palavra o *locus* no modelo exemplar, ela constitui uma unidade passível de armazenamento, todavia elas não são armazenadas em forma de uma lista, mas como uma rede de interconexões, onde relações morfológicas surgem de relações alicerçadas em similaridades fonéticas e semânticas (Miranda; Guimarães, 2013).

## 9.5 REVISÃO DE LITERATURA

Na presente seção apresentam-se os principais conceitos operatórios e se caracteriza o PE e as LB, com maior enfoque ao *Xichangana*. Sobre o PE, com estudos mais sistematizados sobre a sua fonologia, apenas apresenta-se o seu sistema vocálico e consonântico, com recurso à literatura ou à *internet*, sobretudo para se poder

ouvir os sons em causa. O *Xichangana* é trazido como uma das LB/L1 dos falantes, que constitui o substrato com o PE se assenta<sup>8</sup>. Como mostraram os estudos anteriores, a aquisição das estruturas fonético-fonológicas das LB vão influenciar a aprendizagem do PE, originando uma nova variedade do Português, o PM. Desta maneira, as vogais e as consoantes são apresentados sistematicamente de forma comparativa, i.e. sistema vocálico do PE e o sistema vocálico das LB.

### 9.5.1. VOGAIS DO PORTUGUÊS E DAS LÍNGUAS BANTU DO GRUPO TSONGA

Do ponto de vista articulatorio, “na produção de um segmento vocálico a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção no trato vocal” (Silva, 2003, p. 66). O sistema vocálico fonémico do PE difere do sistema das vogais das línguas bantu (LB). O PE apresenta um sistema mais complexo, conforme apresenta vogais semifechadas produtivas [e] e [ø] e de mais duas vogais centrais [i] e [e].

Tabela 2: Sistema de vogais do PE

Tabela 10. Classificação articulatória das vogais do PE (Duarte, 2000; Mateus et al., 2005)

		Posição dos lábios		
		Não arredondados		Arredondados
Grau de abertura da boca	Fechado/Alta	[i]	[i]	[u]
	Médio	[e]	[ø]	[o]
	Aberto/Baixa	[e]	[a]	[ø]
		Não recuado/anterior ou palatal	Central	Recuado/posterior ou velar
		Posição da língua		

Fonte: Charrua (2011, p. 21)

Como se depreende o PE tem um sistema de 9 vogais contrastivas, sendo 3 anteriores, 3 centrais e 3 recuadas. Diferente do PE, o PM apresenta um sistema reduzido em que as vogais abertas e as vogais

8 Note-se que as LB moçambicanas apresentam características fonético-fonológicas diferentes, tal que a língua materna de um dado falante influencia o Português oral do mesmo. Assim, por hipótese, cada falante de uma região de Moçambique, provavelmente terá um Português oral diferente.

centrais média e alta são todas neutralizadas. Assim, o sistema de vogais de PM é de 5 vogais contrastivas – um sistema idêntico ao das línguas do grupo tsonga (*Xichangana*, *Xirhonga* e *Citshwa*) que apresenta um sistema simples de 3 vogais principais [i a, u], i.e. duas vogais altas e uma baixa central, e duas secundárias [e, o], i.e. vogais médias centrais.

Tabela 3: Sistema de vogais do *Changana* (S63)

	Anteriores	Central	Posteriores
Fechada	i		u
Média	e		o
Aberta		a	

Fonte: Ngunga e Faquir (2012, p. 226)

No geral, nestas línguas as vogais são breves, podendo exibir vogais longas em ideofones (Doke, 1931; Fortune, 1962; Baumbach, 1987; Siteo, 1996).

### 9.5.2 DITONGOS: PE E PM

Ditongos são sequências de segmentos vocálicos. Eles podem ser crescentes e decrescentes. Os primeiros apresentam uma semivogal seguida de uma vogal, os segundos, a semivogal vem depois da vogal (Mateus *et al.*, 2005). Na perspetiva fonológica, os ditongos são sequências de duas vogais, por exemplo /pauta/ ao passo que na perspetiva fonética, eles transformam-se em vogal e semivogal, por exemplo [pawta]. Portanto, foneticamente uma das vogais do ditongo transforma-se em semivogal, assumindo a função assilábica, isto é, ocupa a posição da margem do núcleo silábico. As semivogais do português são: [w] e [j] (cf. Bisol (1994) *apud* Carvalho, 2007). Segundo (Mateus *et al.*, 2003, p. 994), o PE distingue os seguintes ditongos:

## (1) Ditongos

<b>IPA</b>	<b>PE</b>
[ɛj]	papéis
[ɐj]	lei
[aj]	pai
[oj]	rói
[oj]	noite
[uj]	cuida
[iw]	riu
[ew]	meu
[ɛw]	véu
[ɐw]	saudade
[aw]	pau

O PE não possui ditongos crescentes, uma vez que a sequência glide-vogal (GV), a semivogal geralmente está em variação livre com a vogal homorgânica (Carvalho, 2007). Este autor divide os ditongos em fonológicos e fonéticos (verdadeiros e falsos). O verdadeiro, invariante (reitor, Paula), está representada na estrutura subjacente da língua por duas vogais, como autêntico ditongo (o decrescente em que a segunda vogal é a semivogal), já o fonético (falso) manifesta-se (peixe-peixe), possui, na estrutura subjacente, apenas uma vogal, estando a semivogal em nível mais próximo à superfície. Assim, os ditongos com duas posições são preservados (boi, pai, céu), os de única posição no esqueleto prosódico são suscetíveis de monotongar (caixa, feira, peixe). Os de duas posições são pesados e criam pares mínimos com a vogal simples se forem apagadas, alteram o significado da palavra (pauta-pata). Os de única posição são ditongos leves (ligados a único V) alternam com a vogal e não ocorre mudança de significado [feira/fera] (Silva, 2003).

Se olharmos para a classificação de verdadeiros e falsos ditongos no português de Moçambique (PM), pode-se deparar com dificuldades na sua classificação, porque as palavras que são tidas como verdadeiros ditongos e não são passíveis de serem monotongadas, como geleira e reitoria, no PM, se monotongam.

Diferente do PE, as línguas do grupo tsonga (LB) não têm ditongos. As sílabas são simples e apenas apresentam uma vogal no seu núcleo. Comumente, nestas línguas, no geral, fala-se de peso vocálico, cuja unidade é mora (Ngunga, 2000; Hyman, 2003). A mora dita se uma vogal é breve ou longa. No *Changana*, as vogais são leves (apresentam uma mora do seu peso), contudo podem ser pesados (apresentando mais de uma mora, em ideofones).

Em resumo, os ditongos caracterizam o PE ao passo que as LB caracterizam-se por vogais simples. Os dois sistemas vocálicos (LP e LB) apresentados permitem aventar a hipótese segundo qual na LP/L2 por o seu substrato ser de LB é pouco provável a produção de ditongos na fala destes.

### 9.5.3 CONSOANTES: PE VS LB

Na presente seção apresentam-se e se descrevem as consoantes do PE e das LB, com principal incidência no *Changana*. Ao assim proceder, o objetivo é de, tal como se fez com o sistema vocálico, mostrar-se a estrutura das consoantes e identificar as possíveis áreas de mudanças ou variação linguística do PE para o PM. O PE é uma língua com um sistema predominado por consoantes simples, distribuídos por oclusivos, fricativos e líquidas (laterais e vibrantes), conforme a tabela de consoantes do PE, extraído de (Charrua, 2011; Vicente, 2018)

Tabela 4: Sistema consonântico do PE

Tabela 11. Classificação articulatória das consoantes do PE (Duarte, 2000; Mateus et al., 2005)

Modo de articulação		Constritivas						
		Oclusivas				Fricativas		
		Nasais		Orais		Orais		Líquidas
Nasalidade	Nasais		Orais		Orais		Laterais	Vibrantes
Vozeamento		Vozeadas	Não Vozeadas	Não Vozeadas	Não Vozeadas	Vozeadas	Vozeadas	Vozeadas
Ponto ou zona de articulação	Bilabiais	m	p	b				
	Labiodentais				f	v		
	Dentais		t	d	s	z		
	Alveolares	n					l	r
	Palatais	ɲ			ʃ	ʒ	ʎ	
	Velares		k	g				
	Uvulares							ʀ

Fonte: Charrua (2011, p. 21-22)

A tabela anterior mostra as 19 consoantes do PE. Por sua vez, usando o *Changana* para ilustrar o funcionamento das línguas do grupo tsonga, apresenta um sistema consonântico de 39 consoantes, como se pode ver na Tabela 5:

Tabela 5: Sistema consonântico do *Xichangana*.

Modo/Lugar	Labial	Lábio-dental	Alveolar	Retroflexo	Álveo-palatal	Palatal	Lábio-velar	Velar	Glotal
Explosiva	p b		t d			c j		k g	
Implosiva	b'		d'						
Nasal	m		n			ny		n' n'q	
Africada	ps bz	pf bv	ts dz						
Fricativa		f vh	s z	sv zv	x xj				h
Lateral			tl dl			hl lh			
Lateral aprox.			l						
Vibrante			r						
Aproximante		v							
Semivogal						Y	w		
Clique								gq	

Fonte: Ngunga e Faquir (2012, p. 226-227)

Fazendo uma análise comparativa, para além dos 4 modos de articulação do PE (oclusivos, fricativos e líquidas (laterais e vibrantes)), o *Changana* apresenta sons implosivos, africados, sistema complexo de laterais e cliques. As 39 consoantes do *Changana*

são potencialmente modificáveis de forma contrastiva através de articulações secundárias, conforme se apresenta na seção, que se segue.

#### 9.5.4 MODIFICAÇÃO CONTRASTIVA DE CONSOANTES DO CHANGANA

##### 9.5.4.1 ASPIRAÇÃO

Aspiração é a pequena quantidade de ar que sai depois da explosão resultante da produção de uma consoante não vozeada. Na ortografia, a aspiração é representada por **h**, como nos seguintes exemplos.

- (2) *kukala* ‘estar desaparecido’ vs. *kukhala* ‘protestar’/‘reclamar’  
*kuta* ‘vir’ vs. *kutha* ‘jogar, ex.: a neça’

##### 9.5.4.2 LABIALIZAÇÃO E VELARIZAÇÃO

Labialização é a produção de uma consoante não labial influenciada por arredondamento dos lábios. Por outro lado, velarização é a produção de uma consoante labial influenciada por arredondamento dos lábios. Em ambos casos, tais sons são escritos antes de uma semivogal labiovelar. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (3) *kuta* ‘vir’ vs. *kutwala* ‘ouvir-se’  
*Kukata* ‘benfazejo’ vs. *kukwata* ‘zangar-se’  
*Kugala* ‘subir’ vs. *kugwala* ‘semear’

##### 9.5.4.3 PRÉ-NASALIZAÇÃO

Pré-nasalização é o processo que resulta do abaixamento da úvula imediatamente antes da produção de uma consoante oclusiva não nasal, o que permite a passagem do ar em simultâneo pelas cavidades oral e nasal. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (4) *buti* ‘irmão’ vs. *mbuti* ‘cabrito’  
*jombo* ‘suor’ vs. *njombo* ‘sorte’  
*sila* ‘moer’ vs. *nsila* ‘sujidade’

Como se pode depreender, o sistema consonântico do *Changana*, não dispõe de líquida uvular [R], que existe no PE. Outra particularidade que diferencia o PE destas línguas é que esta língua tem consoantes nasais produtivas e não vogais nasais, como acontece com o PE (veja pré-nasalização). Isto cria também uma potencialidade de produção de algumas consoantes orais do PE, no PM.

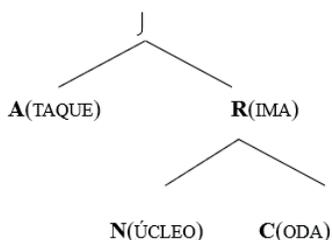
#### 9.5.4.4. SUPRASSEGMENTOS

Na presente seção apresenta-se o sistema dos suprasegmentos do LP e da LB, nomeadamente a sílaba, o acento e o tom.

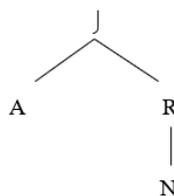
##### 9.5.4.4.1 SÍLABA

A sílaba é definida como a mais pequena unidade da fala (Ladefoged, 1975). Esta pode ser fechada, quando termina por uma consoante, ou aberta, quando termina por uma vogal (Katamba, 1989). Para efeitos descritivos, a literatura considera que a sílaba é constituída por dois grandes blocos hierárquicos, o ataque e a rima, sendo que esta última, por sua vez, constituída pelo núcleo e pela coda, conforme se pode ver no esquema a seguir:

Figura 3: Estrutura da sílaba



(Mateus; Andrade, 2000)



(Katamba, 1989)

De uma forma geral, a estrutura de Mateus e Andrade (2000) dá conta das línguas que têm sílabas fechadas e abertas, típico do Português, ao passo que Katamba (1989) considera que as LBs tipicamente têm sílabas aberta e a estrutura por si apresentada é a que mais se adequa para representar a sílaba destas línguas. Estudos sobre a fonologia das línguas Bantu (cf. Bleek, 1971; Bachetti, 2006; Ngunga; Simbine, 2012; Ngunga, 2000, 2004, 2014; Langa, 2013; Macalane, 2013; Mangoya, 2013) corroboram (Katamba, 1989). Portanto, a estrutura básica da sílaba nestas línguas é (C)V. Esta estrutura, potencialmente, será a que prevalece no PM por ser a subjacente na nuvem do substrato dos falantes das línguas do grupo tsonga

#### 9.5.4.4.2 ACENTO E TOM

De uma forma geral, o acento e o tom são definidos como “o nível relativo da voz na emissão de uma sílaba ou palavra” (Langa, 2013, p. 83), dito por outras palavras “uma sílaba tônica ou acentuada é produzida com um pulso torácico reforçado” (Silva, 2003, p.77). A grande diferença entre o acento e o tom consiste na capacidade desta última de se propagar para as outras unidades portadoras de tom. O tom pode ser lexical, quando distingue palavras e gramatical, quando distingue as categorias TAMP ou frases (cf. Langa, 2013; Ngunga, 2014).

(5)	màvèlé	‘milho’	vs	màvélè	‘seios’
	khèlé	‘cova’	vs	khélè	‘sapo’
	pàlà	‘vencer (ex: partida)	vs	pàlà	‘crânio’
	gàlà	‘montar (ex: burro)	vs	gàlà	‘matulão’
	bòtà	‘tipo de panela’	vs	bótà	‘galocha’

Langa (2021, p.259)

Em (5) está representado o tom lexical em Xichangana, onde (˘) representa o tom baixo e (ˊ) representa o tom alto. Nesta língua, as palavras distinguem-se umas das outras pelos tons altos e baixos. Em termos acústicos o acento e o tom apresentam as mesmas características. Contudo, diferente do acento, o tom pode se propagar conforme os seguintes exemplos:

(6) *nìb'àlà [màtivùlà]*  
 nì-PRES-b'ál-à                    Ø-màtivùlà  
 1PS-Ø-referir-me-VF        1-primogénito  
 'refiro-me ao primogénito'

(7) *lwèyì í [mátívùlà]*  
 lwè-yì    í                    Ø-mátívùlà  
 DEM-1 COP        1-primogénito  
 'este é o primogénito'

Em (6) o constituinte *màtivùlà* 'primogénito, destacado entre parênteses retos, apresenta todos os seus tons baixos, por motivo de última unidade portadora de tom que o precede ter tom baixo. Contudo, em (7), o constituinte em alusão, também destacado em parêntesis retos, tem os seus tons altos exceto o da última unidade portadora de tom da última sílaba. Isto deve-se o facto de a cópula verbal (í), que é a unidade portadora de tom alto que precede *mativula*, ser portador do tom alto. Portanto, este tom programa-se ou espraia-se para as unidades portadoras de tom do constituinte seguinte até a penúltima sílaba, onde já não há ambiente fonológico para o efeito (Langa, 2021, 2013). Pelo fato de o tom e o acento partilharem características acústicas similares, estas se neutralizam no PM e reservando a característica de propagação para o Changana.

## 9.6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esta seção consiste na apresentação dos dados do PM, seguida da sua análise. Os dados aqui analisados são os produzidos durante a mesa-redonda, como anteriormente se referiu, o que faz com que a quantidade de exemplos apresentados seja desequilibrada. A seção está organizada da seguinte maneira: primeiro apresentam-se as vogais, seguido de consoantes e por fim os suprassegmentos.

### 9.6.1 VOGAIS

#### 9.6.1.1 ABAIXAMENTO DE VOGAIS NO PM

Os dados apresentam o fenômeno de abaixamento vocálico no PM. Estudos anteriores mostram que o *abaixamento* das vogais, no português europeu (PE), está ligado à produção das vogais átonas (pretônicas e postônicas), em geral, é baseada em uma regra de elevação e recuo, que reduz o sistema fonológico de sete vogais (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/), na posição acentuada, para quatro vogais, nas posições não acentuadas: [i, ɪ, e, u]. No PE essa regra é geral, aplicada em todos os contextos átonos (ex.: *p[e]gar, p[ɪ]gar, t[u]car, cér[ɪ]bro, pér[u]la, leit[ɪ], jur[u]*), com pouquíssimas exceções lexicalmente marcadas (ex.: *p[a]deira, cr[ε]dor, end[e]usar, c[ɔ]rar, s[o]ltar, sensív[ε]l*) (Mateus *et al.*, 2005, p. 220-221).

O PM, conforme tem mostrado a literatura, apresenta a redução da vogal alta [u] para média [o] e vogal alta [i] é reduzida para [e], conforme se pode ver nos exemplos que seguem:

	PM	PE	
(8a)	[ʒ <u>o</u> .nɔjʃ] <sub>(D1)</sub>	[ʒur.'najʃ]	‘jornais’
	[per.sê.'ta.gẽ] <sub>(D1)</sub>	[pɪ.sê.'ta.ʒẽj]	‘percentagem’
(8b)	[ko.mu.'ni.ka-sɨ] <sub>(D1)</sub>	[ku.mu.'ni.ke-sɨ]	‘comunica-se’
	[ko.mu.ni.ka.'sãw] <sub>(M1)</sub>	[ku.mu.ni.ke.'sẽw]	‘comunicação’

Os dados anteriores mostram que, em (8a), na posição pretônica, ocorre um abaixamento ou redução vocálica de /u/ que passa para /o/. A vogal alta [i] é reduzida para [e]. Esta constatação, assemelha-se com a de (Nascimento, 2018) na qual notou no Português de São Tomé e Príncipe (PST) que a pronúncia [i] ser mais provável em sílabas sempre átonas ao passo que em (8b), a redução vocálica de vogal média no PE para vogal baixa no PM ocorre apenas na posição final de sílaba. O abaixamento vocálico é comum nas variedades da LP, e no PM não é exceção. Assim, as vogais anteriores com o traço [+alto] passam a ser médias [-alto -bxo] no PM.

### 9.6.1.2 MONOTONGAÇÃO

A monotongação é o processo de mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Os dados apresentam os seguintes monotongos no PM:

	PM	PE	
(9a)	[ <i>'sej</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>'sej</i> ]	'sei'
	[ <i>'sej</i> ] <sub>(M1)</sub>	[ <i>'sej</i> ]	'seis'
	[ <i>pri.'me.ru</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>pri.'mej.ru</i> ]	'primeiro'
	[ <i>'me.ju</i> ] <sub>(D2)(E1)</sub>	[ <i>'mej.u</i> ]	'meio'
(9b)	[ <i>běj</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>běj</i> ]	'bem'
	[ <i>něj</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>něj</i> ]	'nem'
	[ <i>těj</i> ] <sub>(D1)(M1)(D2)</sub>	[ <i>těj</i> ]	'tem'
	[ <i>tã.'běj</i> ] <sub>(D1)(E1)</sub>	[ <i>těj.'běj</i> ]	'também'
	[ <i>fo.sěj</i> ] <sub>(E2)</sub>	[ <i>'fo.sěj</i> ]	'fossem'
(9c)	[ <i>'doʒ</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>'doj</i> ]	'dois'
	[ <i>de.'poʒ</i> ] <sub>(D1)</sub>	[ <i>di.'poj</i> ]	'depois'
	[ <i>e.mi.'sõj</i> ] <sub>(M1)</sub>	[ <i>i.mi.'sõj</i> ]	'emissões'
(9d)	[ <i>bã.'de.ra</i> ] <sub>(M1)</sub>	[ <i>PE: bějw.'dej.re</i> ]	'bandeira'

Os exemplos anteriores mostram que, de uma forma geral, ocorre no PM a monotongação dos ditongos do PE, quer ditongos orais quer nasais. A monotongação consiste num processo de alimentação de regras fonológico, que se caracteriza por transformação da produção de [ej] central para a vogal média central [e], em (9a), monotongação de vogais nasais em (9b). Este fenômeno ocorre tanto com ditongos orais (ex. (9a)), como em nasais ex. (9b)). Em (9c) ocorre a monotongação da vogal média recuada, [oj] que passa para [o], a monotongação e redução da vogal central média [ẽw] que passa para [ã], em (9d).

Assim, os dados sugerem que no PM não ocorrem ditongos com frequência. A hipótese descritiva que se aventa é de que tal tem a ver com o sistema vocálico das línguas bantu que não apresenta este tipo de vogais.

Hora e Ribeiro (2000 *apud* Cristofolini, 2011) consideram que o fenômeno da monotongação tem sua ocorrência condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte. Assim, os ditongos [aj] e [ej] monotongam mais frequentemente quando diante de [ʃ], [ʒ] e [r] (Lopes, 2002; Pereira, 2004 *apud* Cristofolini, 2011), mas o ditongo [ow] pode sofrer monotongação em qualquer contexto fonético. A constatação de Cristofolini (2011) não é corroborada no PM visto que os ditongos [aj] e [ej], quer orais quer nasais, podem ocorrer na posição final de palavra, i.e. sem o contexto fonológico referido por (Cristofolini, 2011)

Resumindo a seção sobre as vogais, as principais características de realizações fonético-fonológicas envolvendo vogais no PM consiste na redução vocálica no geral, onde as vogais com o traço [+alto] realizam-se médias [-alto -baixo], bem como as vogais centrais médias realizam-se com o traço [+baixo]. Outro fenômeno envolvendo vogais, é o da monotongação, em que os ditongos orais e nasais passam para monotongos. Diferente do que acontece com as outras variedades

do Português, no PM a redução vocálica e a monotongação ocorre em todos os contextos.

## 9.6.2 CONSOANTES

### 9.6.2.1 LATERAIS

As laterais são sons que estão dentro de um grupo maior designado por líquidas, que envolve as seguintes consoantes: [l]. [ɫ] e [ʎ] ou [r], [r] e [R]. As líquidas, na sua produção, envolvem a presença de uma obstrução completa da cavidade bucal e também o escoamento livre do ar pulmonar. Os três primeiros sons são designados por laterais, o ar passa por um, ou pelo menos dois lados da língua. O articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar é obstruída na linha central do trato vocal (Silva, 2003; Mateus *et al*, 2005). No PM, há tendência de a fricativa lateral [ɫ] realizarem-se lateral [l], conforme os seguintes exemplos:

	PM	PE	
(10)	[a.'lẽ] <sub>(D2)</sub>	[e.'ɫẽj]	'além'
	[fa.'la.rẽ] <sub>(E1)(E2)</sub>	[fe.'ɫa.rẽj]	'falarem'

Os exemplos anteriores mostram o processo de transformação da fricativa lateral [ɫ] em aproximante lateral [l]. Esta transformação pode-se justificar pelo facto de o sistema consonântico das línguas do grupo tsonga não apresentar a fricativa lateral e a tendência do falante ser de produzir o som semelhante mais próximo, que é a aproximante lateral.

### 9.6.2.2 VIBRANTES

O PE apresenta um sistema de 3 vibrantes, a saber: [r], [r] e [R]. Estes sons podem ser designados por tepe (ou vibrante simples), quando o articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar

através da boca. Em português, o tepe ocorre nos seguintes exemplos: *mar*, *carta* e, por vibrante (múltipla), quando o articulador ativo toca algumas vezes o articulador passivo causando vibração. Exemplos: *carro*, *correspondência* (Silva, 2003; Mateus *et al.*, 2005).

<b>PM</b>	<b>PE</b>	
(11a) [so.'bri.nu] <sub>(D2)</sub>	[su.'bri.nu]	'sobrinho'
[goʃ.ta.'ri.a] <sub>(E1)</sub>	[guʃ.te.'ri.e]	'gostaria'
[pri.'me.raʃ] <sub>(D2)</sub>	[pri.'mej.rɛʃ]	'primeiras'
[a.'prẽ.dẽ] <sub>(D2)</sub>	[e.'prẽ.dẽj]	'aprendem'
[i.rẽ] <sub>(D2)(L2)</sub>	[i.rẽj]	'irem'
[fa.'la.rẽ] <sub>(E2)(L1)</sub>	[fe.'ʔa.rẽj]	'falarem'
(11b) ['mo.rẽ] <sub>(E2)(L1)</sub>	['mo.Rẽj]	'morrem'
['ba.ru] <sub>(E2)</sub>	[be.'i.Ru]	'bairro'

Os exemplos (11a) anteriores mostram a vibrante simples [r] do PE, que se realiza múltipla [r] no PM. Em (11b) a vibrante uvular [R] também é realizada vibrante múltipla no PM. Estas constatações são consistentes com as de Brandão e De Paula (2018) no estudo dos róticos nas variedades urbanas santomense e moçambicana do português, em contextos pré-vocálicos e pós-vocálicos.

Tal como o que acontece com as laterais, as LB em alusão não apresentam vibrante uvular nem tepe, o que faz com que a vibrante disponível seja a única que existe na língua, que é a alveolar. Esta condição da L1, condiciona com que a tepe e a uvular sejam neutralizadas para alveolar.

### 9.6.2.3 FRICATIVAS

Fricativas são sons consonânticos que envolvem a passagem contínua do ar pelo canal bucal. Os articuladores aproximam-se produzindo fricção quando ocorre a passagem central da corrente de ar. Quando os articuladores se aproximam não causam a constrição

completa, mas sim uma parcial que acaba causando o ruído da fricção. Os ruídos de fricção gerados podem ser relativamente fortes (estridente), quando o fluxo de ar vai contra um obstáculo colocado diante da constrição. Na ausência do obstáculo, os sons produzidos são relativamente fracos. As consoantes fricativas que ocorrem em português são: [f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ]. Na produção destes sons consonânticos, o mecanismo da corrente do ar é pulmonar, onde se expelle o ar para fora dos pulmões por meio da pressão exercida pelos músculos, tornando a corrente do ar egressiva (Silva, 2003; Mateus *et al*, 2005).

No PM, verifica-se o fenômeno de realização de fricativas pós-alveolares do PE, em alveolares, conforme o exemplo (12):

<b>PM</b>	<b>PE</b>	
(12) [e.'zẽ.pluʃ] <sub>(D2)</sub>	(PE: [.'ʃẽ.pɫu])	'exemplos'

O processo de transformação da fricativa pós-alveolar não vozeada [ʃ] em vozeada alveolar [z].

O fenômeno aqui descrito é semelhante ao envolvendo laterais e vibrantes. As línguas do grupo tsonga, no seu sistema consonântico, não dispõem de fricativa pós-alveolar, mas sim de alveolar. Tal característica faz com que no PM a alveolar do substrato bantu prevaleça em detrimento da do PE.

#### 9.6.2.4 AFRICADOS

Africadas caracterizam-se por uma articulação complexa, nomeadamente uma oclusão inicial, seguida de distensão não abrupta, própria das fricativas. (Johnson; Beckman, 1996) apontam para três estados de articulação de oclusivas e africadas que correspondem a três intervalos de tempo que podem ser caracterizados em termos de teoria acústica da produção da fala, nomeadamente: (i) o movimento dos articuladores, (ii) o posicionamento dos articuladores e (iii)

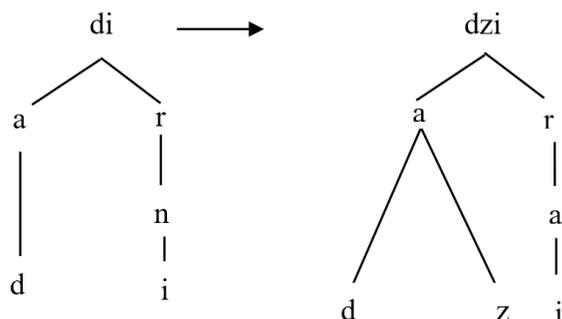
a libertação dos mesmos. Na produção destes sons a principal fonte do som é o vozeamento, conforme se pode ver na seguinte passagem de Johnson e Beckman (1996, p. 131) “durante a oclusão, o vozeamento é a única fonte de produção do som possível [...] durante a libertação da posição dos articuladores na articulação das consoantes, são encontrados muitos tipos diferentes de sons, sendo o primeiro desses sons a oclusão”. Na produção dos sons africados, “o barulho da fricção é normalmente produzido no mesmo lugar de articulação da articulação da oclusiva” (Johnson; Beckman, 1996, p. 137) pelo que não basta uma simples sequência de consoante oclusiva e consoante fricativa para termos um som africado (Johnson; Beckman, 1996, Ladefoged; Maddieson, 1995), como se pode ler em (Ladefoged, 1975, p. 60) os africados são uma simples sequência de consoante oclusiva seguida por uma fricativa homorgâmica”.

<b>PM</b>	<b>PE</b>	
(13a) ['dzer] <sub>(D1)(M1)(E1)(E2)</sub>	[di.'zer]	‘dizer’
['dze.muʃ] <sub>(M1)</sub>	[di.'ze.muʃ]	‘dizemos’
(13b) [dza.'seʃ] <sub>(D1)</sub>	[d̥i.z̥e.'seʃ]	‘dezasseis’
['dzi.ãw] <sub>(M1)</sub>	[d̥i.'zi.ẽw]	‘diziam’
[dza.'fi.uʃ] <sub>(M1)(D2)</sub>	[d̥i.z̥e.'fi.uʃ]	‘desafios’
[dzi.'gnar] <sub>(D2)</sub>	[d̥i.z̥ig.'nar]	‘designar’

Em (13) apresenta-se a ocorrência de consoantes fricativas no PM. Este fenómeno, estranho ao PE, consiste na elisão da vogal alta ou média entre o [d] e o [z], convertendo-se em [dz]. Este processo implica a redução do número de sílabas da estrutura fonológica das palavras, onde a palavra resultante passa a ter menos uma sílaba no PM, que a sua correspondente no PE. Apesar de o PE apresentar as africadas alveopalatais, “[tʃ] e [dʒ]” (cf. Silva, 2003, p.37), estas realizam-se alveolares, onde são mais produtivas nas LB. Assim, o PM funde duas sílabas do PE convertendo-as em africados, e no ataque

simples das sílabas destas palavras do PE em ataques complexos no PM.

Figura 4: Formação de africados: conversão de ataque simples no PE para ataque complexo no PM



A formação de africados anterior é consistente com a ocorrência deste tipo de sons produtivo nas línguas do grupo tsonga. Devido ao processo de facilidade de articulação, a sequência de duas sílabas seguidas em que numa o ataque é uma oclusiva e a noutra uma fricativa, o PM simplifica essas duas sílabas em uma só, em que o ataque reflita a estrutura dos ataques das duas sílabas.

#### 9.6.2.5 METÁTESE

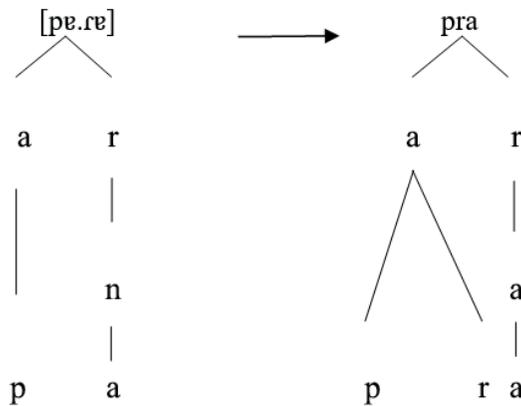
O processo da metátese intersilábica caracteriza-se pela deslocação do segmento pertencente a uma outra sílaba para outra diferente, isto é, verifica-se a transformação da sílaba simples para uma complexa (Redmer, 2007; Zitzke, 2001). No PM, o processo de metátese intersilábica verifica-se no exemplo 14:

- (14) [pra]<sub>(D1)(M1)(D2)(E1)</sub>      [pe.re]      ‘para’  
       [pru]<sub>(M1)</sub>                    [pur]            ‘por’

Em 14, verifica-se a metátese. Enquanto o PE apresenta uma sílaba simples, caracterizada por um ataque simples e um núcleo

simples, o PM apresenta uma complexificação da sílaba, caracterizada por um ataque ramificado. Esta ramificação é consequência do aumento da complexificação da sílaba que foi criada a partir da metátese. Na língua de partida, o [r] pertence ao ataque simples da segunda sílaba no PE, enquanto no PM, ele passa a fazer parte do ataque complexo da primeira sílaba. Veja-se a estrutura a seguir:

Figura 5: Metátese: complexificação do ataque da sílaba no PM



A estrutura em (5) é semelhante à de empréstimos lexicais em *Changana*. Está-se perante um fenómeno de uma estrutura que não é típica do *Changana* (aparece em alguns empréstimos) e também não é típica do PE (resulta de metátese). Isto pode significar que o PM é de facto uma variedade nativizada (Firmino, 2002), que ganha a sua autonomia linguística, ao desenvolver estruturas que não são típicas nas duas línguas que o dão origem, o PE e a LB.

Em resumo, ocorre uma reestruturação das consoantes do PE no PM. Nesta variedade do Português, a fricativa lateral [ʎ] realiza-se aproximante lateral [l]. Tal justifica-se por o sistema consonântico do *Changana* não apresentar a fricativa lateral no seu sistema. A LB não apresenta vibrante uvular nem tepe, fazendo com que as duas vibrantes do PE se realizem múltipla alveolar no PM. A LB, no seu sistema consonântico, não dispõe de fricativa pós-alveolar,

mas sim de alveolar, o que faz com que no PM ocorra apenas a alveolar. A metátese mostra que novas estruturas surgem no PM, que não são típicas nem do PE nem da LB.

### 9.6.3 SUPRASSEGMENTOS

Com os processos de formação de africados e a metátese, de facto se descrevia ao mesmo tempo os suprassegmentos, com ênfase na sílaba. Esta separação é apenas metodológica, pois é difícil debruçar-se sobre aqueles dois processos ignorando a sílaba. O único fenómeno suprasegmental encontrado nos dados em análise envolve a sílaba. A característica tonal das LBs não se reflete no PM, i.e. o PM é apenas acentual.

Em relação à sílaba, no PM há uma tendência de ressilabificação das sílabas do PE para a estrutura CV.

<b>PM</b>	<b>PE</b>	
(15a) [no.ri.'ma.li] <sub>(M1)</sub>	[nur.'maʔ]	'normal'
['ma.li] <sub>(M1)</sub>	['maʔ]	'mal'
['bo.wa] <sub>(E1)</sub>	['bo.e]	'boa'
(15b) ['ba.ru] <sub>(E4)</sub>	[bɛ.'i.Ru]	'bairro'

Em 15, as sílabas fechadas, com ataque e coda preenchidas (CVC), são simplificadas (CV) em (a) ou as sílabas constituídas apenas pelo núcleo no PE, também são reestruturadas CV, no PM. Esta constatação é consistente com (Christofolletti, 2019, p. 265), segundo a qual “na produção oral dos falantes do PM, uma das variáveis fónicas é a introdução de uma vogal [-rec] depois de sílabas terminadas em consoante, especialmente, em final do vocabulário (Gonçalves, 2010).

Em resumo, o fenômeno linguístico que se destaca em relação aos suprasegmentos é a reestruturação da sílaba no PM. A par da metátese, as sílabas fechadas do PE tendem a ser abertas no PM.

#### 9.6.4 NATIVIZAÇÃO DO PM

Um olhar dos dados anteriores, produzidos por sujeitos instruídos e com o sistema de língua e sua manipulação consolidado, sugere que os processos fonológicos aqui apresentados é uma clara manifestação da nova variedade de Português – o Português de Moçambique. Na literatura é comum que se considere o PM como uma única variedade, mas tal pode ser reanalisado pois apesar de as LBs partilharem características comuns, cada grupo de línguas bantu apresenta características peculiares que o afasta de outros grupos. Por exemplo, como os dados mostram, as características das línguas do grupo tsonga são diferentes das do grupo Makhuwa e desta do grupo Shona, etc.. Portanto, no presente texto defende-se que o PM tem as suas subvariedades em Moçambique, carecendo, portanto, mais estudos visando as especificar.

A fonologia de uso (Bybee, 2001) e a teoria de exemplares (Pierrenhumbert, 2000), ao postular que os processos fonéticos fazem parte da representação mental, explicam melhor os contornos da solidificação da nova subvariedade do PM. Tomando como base as línguas do grupo tsonga e os processos fonológicos decorrentes no PM resultam da frequência com que as pessoas as usam e elas ficam sedimentadas na sua mente através do uso, corroborando (Miranda; Guimarães, 2013), ao afirmar que as frequências tipo e de ocorrência desempenham papel fundamental na organização das representações fonológicas. Assim, os dados sugerem que a questão do abaixamento da vogal, a monotongação, para as vogais, bem como os fenômeno de redução do sistema de líquidas (laterais e vibrantes) para alveolar no PM, o processo de simplificação da estrutura silábica,

a formação de africadas e metátese, que são processos estranhos ao PE, estão atrelados às nuvens de exemplares e ao uso da língua. A nuvens de exemplares porque a representação dos itens lexicais que os informantes têm, é desprovida, por exemplo, de ditongos o que vai afectar as estruturas fonológicas e o uso que eles fazem da língua. Portanto, a experiência e o uso que os falantes fazem da língua vão contribuir para a organização do seu conhecimento linguístico, que será afetada pelas representações.

## 9.7 CONCLUSÃO

Através de uma abordagem comparativa, o presente artigo visava descrever e analisar a fonologia do PM, tendo como referência o PE e argumentar a favor da nativização do PM, tendo como enfoque os processos fonológicos que ditam a formação desta nova subvariedade através da teoria de usos e da teoria de exemplares.

A análise de vogais do PM nos permite concluir que as principais características de realizações fonético-fonológicas envolvendo vogais no PM consiste na redução vocálica no geral, onde as vogais com o traço [+alto] realizam-se médias [-alto -baixo], bem como as vogais centrais médias realizam-se com o traço [+baixo]. Outro fenómeno envolvendo vogais é o da monotongação, em que os ditongos orais e nasais realizam-se monotongos. Diferentemente do que acontece com as outras variedades do Português, no PM a redução vocálica e a monotongação ocorrem em todos os contextos.

Em relação às consoantes, a análise de dados permite concluir que ocorre uma reestruturação das consoantes do PE no PM. Nesta variedade do Português, a fricativa lateral [ɬ] realiza-se aproximante lateral [l]. A LB não apresenta vibrante uvular nem tepe, fazendo com que as duas vibrantes do PM se realizem múltipla alveolar [r]. A LB, no seu sistema consonântico, não dispõe de fricativa pós-

alveolar, mas sim de alveolar, o que faz com que no PM ocorra apenas a alveolar. A metátese mostra que novas estruturas surgem no PM, que não são típica nem do PE nem da LB.

A análise dos suprasegmentos revela que há uma tendência de as sílabas fechadas do PE se realizarem abertas no PM.

O fenômeno da tendência de simplificação do sistema vocálico do PE de 9 para 5 vogais no PM resulta da influência de LB/L1 dos falantes, bem como a tendência de aproximação do sistema consonântico do PE para o das LBs, reforça a ideia de que a estrutura das LB é forte e se sobrepõe à estrutura do PE, pois o PM tende a ser falado com a estrutura das LB. A metátese evidencia que o PM tende a cristalizar-se e com própria autonomia ao desenvolver estruturas novas, que não são típicas do PE.

Para terminar, apesar de exploratório, a presente pesquisa fornece subsídios para uma melhor compreensão da fonética e fonologia do PM, com base em evidências de uma população moçambicana universitária, com conhecimento e consciência das duas línguas, a materna (LB/L1) e do Português/L2, esta última aprendida em contextos formais, desde o ensino primário.

## Agradecimentos

Escrito o artigo, há pessoas e entidades que sem eles o mesmo não havia de acontecer. Em primeiro lugar, agradecemos o dom da vida e, em segundo lugar, às nossas famílias pelo apoio incondicional. Os nossos agradecimentos são extensivos à Cátedra do Português língua Segunda e Estrangeira, na pessoa da Professora Perpétua Gonçalves, por nos ter inserido no mundo do PM. Um agradecimento especial ao GELLBAA (Grupo de Estudos em Línguas, Linguística Bantu e Áreas Afins, Seção de Línguas Bantu da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique), na pessoa

da sua coordenadora, a Profa. Doutora Ezra Chambal Nhampoca, pela oportunidade de ter-nos deixado participar da mesa e autorizar a sua gravação, que foi feita pela Rádio Moçambique – Emissão Provincial de Maputo, a quem agradecemos na pessoa do Dr. Paulo Balango e sua equipa. Importante é a colaboração de Ricardo Samuel Bulaque, estudante de graduação do Curso de Ensino de Línguas Bantu da UEM, que juntamente com o Luís Chaúque fizeram a transcrição dos áudios da mesa-redonda em texto, de cuja análise resultou o presente texto. A todos que aqui não foram mencionados, o nosso *khanimambíssimo*, expressão carinhosamente usada por Bento Siteo.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

C	consoante
D	doutorado
E	estudantes
FLCS	Faculdade de Letras e Ciências Sociais
GELLBAA	Grupo de Estudos em Línguas, Linguística Bantu e Áreas Afins, Secção de Línguas Bantu da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique.
GV	glide-vogal
H	línguas de alto prestígio
L	línguas de baixo prestígio
L	licenciado
L1	primeira língua
L2	segunda língua
LB	línguas Bantu
LP	língua Portuguesa
M	mestrado
NELIMO	Seminário sobre Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas
ONG	Organizações não governamentais.
PM	português de Moçambique
PE	português europeu
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. S. de F. e ARAÚJO, J, M, O. A formação sócio-histórica do português do Brasil: contribuições do recôncavo baiano. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, Niterói: UFF, 2009. p.95-116.
- BACHETTI, C. *Gramática da Língua Ronga*. Maputo: Paulinas Editorial, 2006.
- BATIBO, H. *Language decline and death in Africa: causes, consequences and challenges*. Toronto: Multilingual Matters: [s.n.], 2012.
- BAUMBACH, E. *Analytical Tsonga grammar*. Pretoria: University of South Africa (UNISA). [s.n.], 1987.
- BLEEK, W. H. I. *Comparative Grammar of South African Languages–Part I*. Westmead, Farnborough, Hants, England: Gregg International Publishers Limited, 1971.
- BRANDÃO, S.; DE PAULA, A. Róticos nas variedades urbanas santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, S. *Duas variedades do português africano: variedades fonético-fonológicas e morfossintáticas*. Brasil: Blucher, 2018. p. 95-118.
- CARVALHO, S. *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes na fala do Recife*. Universidade Federal de Pernambuco. 2007.
- CHARRUA, C. *Aquisição Fonética-Fonológica do Português Europeu dos 18 aos 36 meses*. Setubal: ESS/FCSH, 2011.
- CHIMBUTANE, F. *Rethinking bilingual education in postcolonial contexts*. Bristol: Multilingual Matters.: [s.n.], 2011.
- CHIMBUTANE, F. *Panorama linguístico de Moçambique: análise dos dados do III Recenseamento Geral da população e Habitação de 2007*. Maputo: INE, 2012.
- CHIMBUTANE, F.; LANGA, D.; LAUCHANDE, C.; LOPES, L. *Padrão Linguístico de Moçambique: Análise dos Dados do IV Recenseamento Geral da População e Habitação de 2017*. (Manuscrito). Maputo: INE, 2022.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of english*. New York: HarRow, 1968.
- CORREIA, M. e LEMOS, L. *Inovação Lexical em Português: Cadernos de Língua Portuguesa No4*. Lisboa: Edições Colibri. 2005.

- COUTINHO, C. *Metodologias de investigação em ciências humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina, S.A, 2014.
- CRISTOFOLINI, C. Estudo da Monotongação de [ow] no falar Florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *Revista da Abralin*, n. 10, 2011. p. 205-229.
- CUNHA, Celso. e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 2008, p. 9-75.
- DE JESUS, A.; DOS SANTOS, C.; SANTOS, M. O processo de monotongação na fala dos estudantes universitários – UFS/Itabaiana: uma abordagem sociolinguística. *Anais Eletrônicos ENILL*, 17-19 Novembro 2010. 1-13.
- DOKE, C. *A Comparative Study in Shona Phonetics*. Johannesburg: The University of the Witwatersrand Press.: [s.n.], 1931.
- DORNYEI, Z. *Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies*. Oxford: University Press, 2007.
- FIRMINO, G. *Situação linguística de Moçambique: Dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997*. Maputo: INE, 2000.
- FIRMINO, G. *A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia, 2002.
- FIRMINO, G.; NDAPASSOA, A. *Opções linguísticas nas emissões radiofónicas da RM*. UEM. Maputo. 2019.
- FISHMAN, J. Who speaks what language, to whom and when? *La Linguistique*, 1965. p. 67-88.
- FORTUNE, G. *Ideophones in Shona*. London: Oxford University Press.: [s.n.], 1962.
- GOLDSMITH. *Autosegmental phonology*. [S.l.], 1976.
- GOMES, D. Vogais em contexto postônico medial no português de são tomé. In: BRANDÃO, S. *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. Brasil: Blucher, 2018. p. 159-176.
- GONÇALVES, P. Panorama gérai do Português de Moçambique. In: *Revue belge de philologie et d'histoire. Langues et littératures modernes*. Moderne taal- en letterkunde: [s.n.], 2001. p. 977-990.
- GONÇALVES, P. *A génese do Português de Moçambique*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda., Lisboa, 2010. p.41-42.

GONÇALVES, P.; LANGA, D.; TEMBE, F. *Panorama da comunidade moçambicana bilingue: Língua Bantu/L1-Português/L2*. Maputo: UEM Relatório de investigação (Não publicado), 2014.

GUTHRIE, M. *Comparative Bantu*. Vols I-IV. Claredon. Oxford. University PRESS, 1967-1971

HYMAN, L. *Phonology: Theory and Analysis*. San Francisco: Holt, Rinehart and Winston. : [s.n.], 1975.

HYMAN, L. Segmental Phonology. In D. Nurse & G. Philippson. *The Bantu Languages*. London : Routledge, 2003. p. 43-58.

JOHNSON; BECKMAN. *Introduction to Phonetics for Undergraduate and Graduate Course*. The Ohio State University: [s.n.], 1996.

KATAMBA, F. *An Introduction to Phonology*. Longman. UK.: [s.n.], 1989.

KROGER, O. *Language clusters in Mozambique*. Nampula: SIL, 2005.

LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. Second Edition. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers. San Diego, New York, Chicago, Atlanta, Washington, D.C. Second Edition. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers. San Diego, New York, Chicago, Atlanta, Washington, D.C. ed. [S.l.]: [s.n.], 1975.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Cambridge, Massachusetts, 1995.

LANGA, D. *Morfologia do Verbo em Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2013.

LANGA, D. Percepções da comunidade moçambicana bilingue em relação ao uso do português e das línguas maternas Bantu. *Revista Tabuleiro de Letras* (PPGEL, Salvador, online), PPGEL, Salvador, online, 13 dezembro 2019a. p. 259-281.

LANGA, D. Usos linguísticos da comunidade moçambicana bilingue. In: SIOPA, C. et al. *Língua e Literacia no século XXI: textos seleccionados das nonas jornadas da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2019b. p. 99-126.

LANGA, D. 2021. Fonologia prosódica do Xichangana: Uma análise do tom, sua propagação e restrições. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras São Francisco do Conde (BA) | v.1, n° Especial | p.255-271 | dez. 2021.*

- LOPES, A. *A batalha das línguas perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- MACALANE, G. *A Variação paramétrica das interrogativas parciais em Cinyanja*. Maputo: Centro de Estudos Africanos–UEM, 2013.
- MANGOYA, E. *Segmental phonology of barwe with some articulatory phonetics*. Maputo: CEA, 2013.
- MATEUS, M.; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I FARIA, I. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Caminho, 2003.
- MATEUS, M.; FALÉ, I.; FREITAS, M. *Fonética e Fonologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.
- MENDES, I. *Da Neologia ao Dicionário: O Caso do Português de Moçambique*. Maputo: Texto Editores, 2010.
- MUTAKA, N. *An introduction to African linguistics*. Europa: Lincom, 2000.
- NASCIMENTO, F. As vogais médias pretônicas na variedade urbana do Português de São Tomé. In: BRANDÃO, S. *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. Brasil: Blucher, 2018. p. 120-157.
- NDAPASSOA, A.; BALANGO, P. *Glossário de conceitos públicos, sociais e desportivos (Português-Línguas moçambicanas)*. Maputo: RM, 2015.
- NELIMO. *I Primeiro seminário sobre a padronização da ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: Escolar, 1989.
- NGUNGA, A.; MANUEL, C.; LANGA, D.; MACHUNGO, I.; LANGA, C. *Relatório do IV seminário sobre a padronização das línguas Moçambicanas. (no prelo) Maputo: FLCS-CEA. [S.l.]: [s.n.]*.
- NGUNGA, A. *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária. , 2004.
- NGUNGA, A. Seleção de línguas e variantes de trabalho na rádio. In: NDAPASSOA, A. *Serviços públicos de radiodifusão: desafios do presente e do futuro*. Maputo: RM-EP: [s.n.], 2011. p. 31-34.

NGUNGA, A. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Maputo, 2012. 7-20.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: CEA-UEM, 2012.

NGUNGA, A.; SIMBINE, C. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: CEA-UEM, 2012.

NGUNGA, A.; MANUEL, C.; LANGA, D.; MACHUNGO, I.; DACÂMARA, C. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do IV Seminário*. Maputo: Imprensa Universitária, 2022.

QUADROS, R.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Ufsc, 2013.

REDMER, C. *Metátese e epêntese na aquisição da fonologia do PB: uma análise com base na teoria da otimidade*. Dissertação (Mestrado). Pelotas: Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas. [S.l.]. 2007.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Constituição da República*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1975.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Constituição da República*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1990.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Constituição da República* (atualizada). Maputo, Imprensa Nacional de Moçambique, 2004 [2018].

RUA, C. *Ditongos Orais no português europeu*. Universidade de Aveiro. Portugal, 2005.

SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2003.

SITOE, B. *Dicionário Changana-português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), Ministério da Educação, 1996.

SITOE, B. Línguas e Estados nacionais: Problematizações históricas e implicações. In: SEVERO, C.; SITOE, B.; PEDRO, J. *Estão as línguas nacionais em perigo?* Lisboa: Editora Escolar, 2014. p. 37-75.

SITOE, B.; NGUNGA, A. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de línguas maternas*. Maputo: Escolar, 2000.

TEYSSIER, Paul. *A História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod\\_resource/content/1/TEYSSIER\\_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019.

VETERANO, M. Serviços públicos de radiofusão vs concorrência e globalização: Que estratégias? O caso da rádio de Moçambique. In: NDAPASSOA, A. *Serviços públicos de radiofusão: Desafios do presente e do futuro*. Maputo: RM-EP: [s.n.], 2011. p. 107-110.

VICENTE, F. *Impacto da complexidade silábica no desenvolvimento fonológico e na aprendizagem da ortografia*. Tese (Doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018.

WEIJER. *Autosegmental phonology*. The Netherlands: Leiden University, 2006.

ZITZKE, B. Um levantamento de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, 2001. p.219-227.



## CAPÍTULO 10

# OS TRAÇOS ASPECTUAIS DOS VERBOS INCOATIVOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria José de Oliveira<sup>1</sup>

Este capítulo consiste num recorte da minha tese de doutorado “*Os traços aspectuais condicionantes da alternância causativo-incoativa do português brasileiro*”<sup>2</sup>. Sendo assim, o objetivo, neste momento, é apresentar os verbos *incoativos* e seus respectivos traços aspectuais. Para alcançar tal intento, avento a seguinte hipótese: é da combinação do traço da raiz dos verbos *incoativos*<sup>3</sup> com os traços dos afixos que a ela são juntados (ex.: *a-podr-ec-er*, *em-pobr-ec-er*, *es-fri-ar*) que emerge a alternância *causativo-incoativa* do português brasileiro (doravante PB). Para testar essa hipótese geral, bem como as específicas, este trabalho segue algumas etapas básicas elencadas

---

1 Professora do ensino médio da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais – SEE. Doutora em Estudos Linguísticos pelo Poslin/Fale/UFMG. Contato: zezemutum@yahoo.com.br

2 A tese completa encontra-se disponível no site: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/bancodefesas.php>.

3 Verbos *incoativos* são amplamente conhecidos na literatura linguística como verbos de “mudança de estado”.

a seguir: (i) coleta dos verbos do PB que codificam mudança de estado (mais especificamente mudança de estado físico<sup>4</sup>); e (ii) análise dos traços morfológicos, sintáticos e semânticos à luz da teoria adotada, com o intuito de elaborar uma restrição que justifique a emergência das duas construções: a *causativa* e a *incoativa*. Os exemplos a seguir exemplificam esse fenômeno.

(1a) O calor **apodreceu** a maçã. *causativa*

(1b) A maçã **apodreceu**. *incoativa*

Para que a alternância anterior ocorra, é preciso haver a combinação dos traços da raiz dos verbos *incoativos* com os *morfemas abstratos* (i.e., feixes de traços) organizados nos nós terminais *asp*<sup>5</sup> e *v*<sup>o</sup>. Destarte, proponho estas condições: (i) raiz especificada para dinamicidade; (ii) projeção de um terminal sintático *AspP*, cujo núcleo contém os traços [+DINÂMICO, +INCOATIVO], motivados pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Os prefixos {*a-/en-/es-*} realizam o traço [+DINÂMICO], e o sufixo {-*ec-*} realiza o traço [+INCOATIVO], o qual projeta o argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]; (iii) o *verbalizador* (rotulado de *v1*) que categoriza o composto formado pela raiz e pelos afixos aspectuais possui o traço [±AGENTE], e este, por seu turno, conecta-se com o argumento externo<sup>6</sup> das construções em análise. Dessa operação resulta uma construção télica<sup>7</sup>.

4 Adoto os termos “verbos *incoativos*” e “verbos de mudança de estado” para os verbos de “mudança de estado físico”. Os verbos de “mudança de estado não físico” não serão investigados nesta pesquisa.

5 *Asp*<sup>o</sup>: núcleo da projeção aspectual (*AspP*).

6 O foco deste trabalho é a análise dos traços aspectuais dos verbos *incoativos* (mudança de estado físico). Para mais detalhes sobre o argumento interno e externo desses verbos, remeto o leitor à tese completa, disponível no endereço eletrônico: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/bancodefesas.php>.

7 A palavra telicidade origina-se do termo grego *télos*, que significa “fim” ou “objetivo”. Assim, telicidade está relacionada ao traço aspectual de uma situação que possui um ponto final inerente e definido. (Ex.: O calor **apodreceu** a maçã. / A maçã **tornou-se podre**. / A maçã **apodreceu**.) Novamente, remeto o leitor à tese supracitada, na qual há uma ampla discussão sobre esse assunto.

O modelo teórico adotado para o escrutínio dos dados que compõem o *corpus* desta investigação se insere no arcabouço da Morfologia Distribuída (MD), baseando-se principalmente nos pressupostos de Halle e Marantz (1993), Marantz (1997), Acquaviva (2009), Embick (2010), Harley (2014), combinados com algumas intuições da Estrutura de Eventos postuladas por Smith (1991), Rappaport Hovav e Levin (1995, 1998, 2005), entre outros.

Para alcançar tal objetivo, este trabalho estrutura-se em cinco seções, a saber: esta seção contém a introdução; a seção 10.1 descreve o objeto em escrutínio, qual seja: os processos de formação dos verbos de mudança de estado; A seção 10.2 trata dos pressupostos teóricos norteadores desta pesquisa; a seção 10.3 analisa os dados e apresenta a proposta teórica desta pesquisa. Por fim, a seção 10.4 elabora as considerações finais da investigação.

A seguir, apresento a delimitação e a descrição dos dados desta pesquisa. Ressalto que cada seção inicia e encerra sua própria enumeração de dados.

## 10.1 Os verbos incoativos do Português Brasileiro

O *corpus* deste estudo compõe-se de verbos *incoativos* (também conhecidos como “mudança de estado”) formados por quatro processos diferentes, a saber: (i) afixação simultânea, (ii) prefixação, (iii) sufixação, e (iv) afixação fonologicamente nula.

### 10.1.1 O processo de afixação dos verbos incoativos do Português Brasileiro

Câmara Jr (1970) afirma que a derivação é pontuada na língua portuguesa pela: (i) *irregularidade* – os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática; (ii) *não concordância* – os morfemas derivacionais não são exigidos pela

natureza da frase; e (iii) *opcionalidade* – os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a intenção do falante. Esse processo de derivação é conhecido na literatura como *derivatio voluntaria* e remonta a Varrão (116 a.C – 26 a.C, cf. Câmara Jr (1970). Tal processo cria novas palavras e remete ao esclarecimento do caráter desconexo e fortuito que a derivação apresenta. Para Câmara Jr. (1970, p. 71):

as palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De *cantar*, por exemplo, deriva-se *cantarolar*, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. Foi ela que sugeriu a Varrão o adjetivo *voluntaria*.

Esse processo, intitulado *derivatio voluntaria*, permite explicar a derivação dos verbos no PB, em especial, a dos verbos incoativos, que ora apresentam os prefixos aspectuais {a-/en-/es-} (ex.: *amolecer*, *entardecer*, *esfriar*), ora não (ex.: *fortalecer*, *ruborescer*). Na formação desses verbos, o sufixo {-ec-} apresenta menos irregularidade que os prefixos, embora também possam ocorrer (ex.: *amadurecer*, *empobrecer*) ou não (ex.: *esfriar*, *molhar*). Além dessas irregularidades, os prefixos e os sufixos podem coocorrer (ex.: *amadurecer*, *entontecer*) ou não (ex.: *amaciar*, *fortalecer*).

Inspirada em autores que adotam a morfologia como base de pesquisa, pretendo investigar e analisar as propriedades morfológicas, argumentais<sup>8</sup>, semânticas e aspectuais dos afixos

---

8 Conforme dito alhures, os argumentos externo e interno não são o foco desta investigação.

{*a-/en-/es-...-ec-*} dos verbos de mudança de estado, quer sejam fonologicamente realizados, quer sejam nulos.

Para exemplificação, adapto o quadro proposto por Rio-Torto contendo verbos *incoativos* prefixados, circumfixados e sufixados (Rio-Torto, 2004, p. 21), incluindo nele a minha proposta da existência de afixação não realizada fonologicamente.

Quadro 1: Processos de afixação dos verbos incoativos do PB

VERBOS INCOATIVOS DO PB			
PREFIXADOS	“CIRCUMFIXADOS”	SUFIXADOS	AFIXOS Ø
A[...]                      [...]AR RADICAL (ACLARAR)	A[...]                      ECER RADICAL (AMADURECER)	[...]                      ECER RADICAL (ESCURECER)	[...]                      [...] RADICAL (ABRIR, AZEDAR, DERRETER, QUEBRAR, FERVER, MOLHAR)
EN[...]                      [...]AR RADICAL (ENRUGAR)	EN[...]                      ECER RADICAL (ENSURDECER)	[...]                      ESCER RADICAL (RUBORESCER)	
ES[...]                      [...]AR RADICAL (ESVAZIAR)	ES[...]                      ECER RADICAL (ESCLARECER)		

Fonte: Adaptado de Rio-Torto (2004, p. 21)

Na seção 10.2 a seguir, apresento o aporte teórico que norteia esta investigação.

## 10.2 Pressupostos teóricos

Esta seção, com suas respectivas subseções, apresenta o aporte teórico principal adotado nesta pesquisa, ou seja, alguns pressupostos da Morfologia Distribuída combinados com algumas intuições da Estrutura de Eventos. Para tanto, serão quatro subseções: a subseção 10.2.1 traça um breve percurso histórico da MD; a subseção 10.2.2 discute os primitivos sintáticos: a *raiz* e os *morfemas abstratos*; a subseção 10.2.3 evidencia as operações morfológicas previstas pela MD, com ênfase na *cisão* ou *fissão*; a subseção 10.2.4 discute a inserção de vocabulário (IV) nos terminais sintáticos.

### 10.2.1 Morfologia Distribuída (MD)

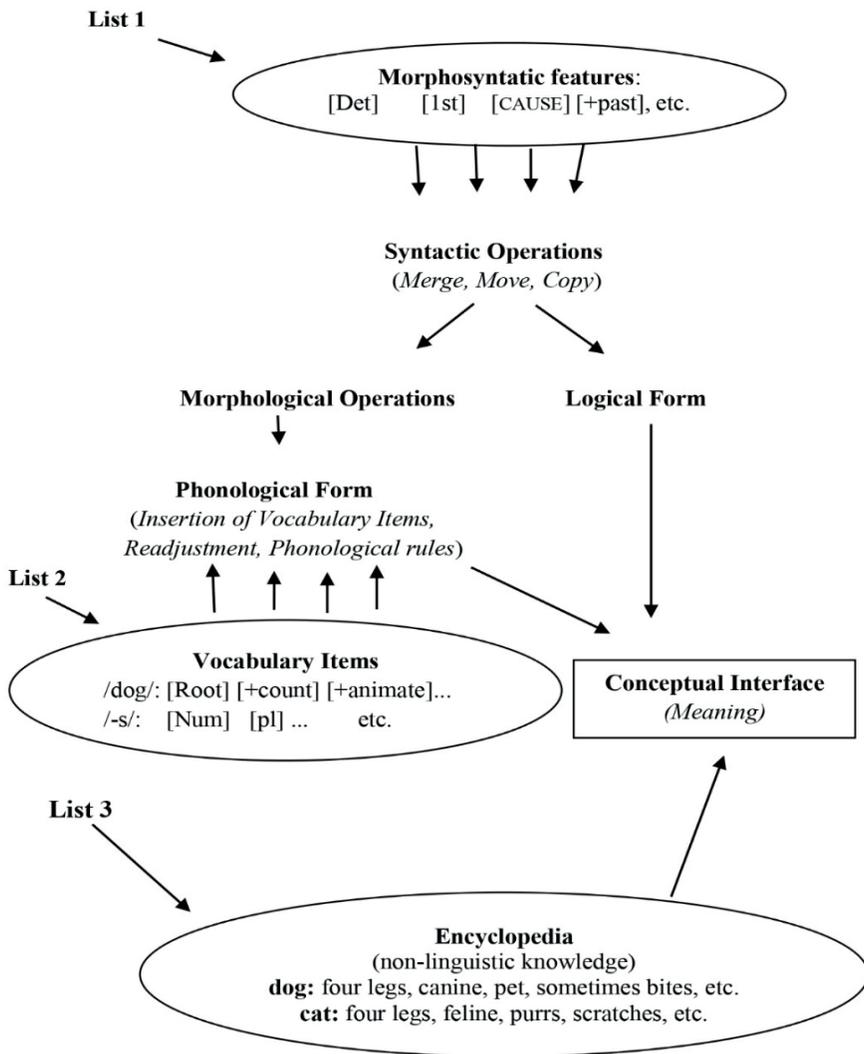
A literatura linguística emprega o termo “morfologia” para designar uma série de processos que ocorrem tanto na sintaxe como na pós-sintaxe e que são relevantes para a formação da palavra. Já o termo *estrutura morfológica*, segundo Embick e Noyer (2007), refere-se a estruturas que se encontram no estágio da forma fonética (PF, de *phonetic form*). Assim, alguns aspectos da formação de uma palavra surgem de operações sintáticas, enquanto outros são resultados de operações que ocorrem em PF. Percebe-se, desse modo, que a palavra é formada por diversos processos distribuídos entre diferentes componentes da gramática (i.e., sintático, morfológico e fonológico), por meio de operações combinatórias, como *concatenação (Merge)*, *movimento (Move)*, *fusão*, *cisão*, *empobrecimento*, *linearização*, entre outras. Daí a denominação *Morfologia Distribuída*.

A partir dessa concepção, a MD adota uma nova maneira de conceber o “léxico” proposto inicialmente em *Remarks on Nominalization* (Chomsky, 1970) e em trabalhos subsequentes. Para Marantz (1997, p. 203)<sup>9</sup>, a MD “explode o léxico e inclui um número de listas distribuídas, não computacionais, para substituir o léxico” (originando uma nova arquitetura da gramática. Esse “novo léxico” contém listas de feixes de traços morfofossintáticos e gramaticais sintático-semânticos, determinados pela Gramática Universal (GU), e talvez por princípios particulares das línguas, já que esses conjuntos são formados livremente, sujeitos aos princípios de formação. É com esse conjunto de traços abstratos que a sintaxe opera.

A seguir, adaptada de Harley e Noyer (1999), a figura ilustrativa da arquitetura da gramática, tal como é concebida pela MD.

9 Do original: “[...] explodes the Lexicon and includes a number of distributed, non-computational lists as Lexicon-replacements” (Marantz, 1997, p. 203).

Figura 1: A arquitetura da gramática



Fonte: Adaptada de Harley e Noyer (1999, p. 3)

Na subseção 10.2.2., apresento a proposta da MD sobre os primitivos sintáticos, hospedeiros da Lista 1.

## 10.2.2 Os primitivos sintáticos: raiz e morfema abstrato

Segundo Embick e Noyer (2007), os primitivos sintáticos são as unidades, ou *morfemas*, com as quais a sintaxe opera. Ou seja, a *raiz* (morfema lexical) e os *morfemas abstratos*, os quais são conjuntos de traços fonológicos e gramaticais sintático-semânticos. Esses *morfemas* encontram-se organizados em nós terminais da configuração arbórea.

Na próxima subseção, exponho e discuto a noção de raiz, de acordo com a MD.

### 10.2.2.1 Raiz

Raiz é um item lexical (ex.:  $\sqrt{\text{CAT}}$ ,  $\sqrt{\text{OX}}$ ,  $\sqrt{\text{SIT}}$ ) composto por uma sequência de traços complexos. Pertence a classes abertas (*i.e.*, nome, verbo e adjetivo) e novas raízes podem ser inseridas na gramática individual de uma determinada língua a qualquer momento.

A definição do estatuto de raiz divide os seguidores da MD entre duas perspectivas. A primeira traça o perfil de uma raiz destituída de traços gramaticais sintático-semânticos (cf. Harris, 1996; Embick; Noyer, 2007; Acquaviva, 2009; Nóbrega, 2015, dentre outros). Nessa linha de investigação, Harris (1996, p. 105, nota 15)<sup>10</sup> afirma: “[...] raízes não têm nenhuma categoria morfossintática, nenhum gênero, e não há forma de filiação de classe”.

Seguindo o mesmo viés, Acquaviva (2009, p. 16)<sup>11</sup> afirma que “faltando sintaticamente informações legíveis, elas [raízes] não podem projetar: não podem ser, então, ‘RaizP’, e nenhum argumento pode, pois, aparecer no especificador ou na posição de complemento de uma

10 Do original: “[...] roots have no morphosyntactic category, no gender, and no form of class affiliation” (Harris, 1996, p. 105, note 15).

11 Do original: “Lacking syntactically legible information, they cannot project: there can be, then, no ‘RootP’, and no argument may therefore appear in the specifier or complement position of a root” (Acquaviva, 2009, p. 14).

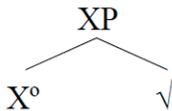
raiz”. Isso porque falta à raiz qualquer traço gramatical que lhe permita ser núcleo de um sintagma. É importante salientar que apenas núcleos podem tomar complemento.

Em favor dessa perspectiva teórica, Nóbrega (2015) propõe que, em um modelo teórico que pretende estabelecer uma relação transparente entre a sintaxe e a morfologia, não se pode admitir que raízes tenham estas propriedades sintáticas:

(i) a presença de uma categoria sintática ou de informações gramaticais e semânticas restritas a uma determinada categoria sintática, (ii) a capacidade de selecionar argumentos e (iii) a ideia de que as raízes sejam entidades sintáticas autônomas capazes de projetar. (Nóbrega, 2015, p. 281)

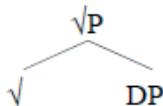
Ainda sobre o estatuto das raízes, Scher *et al.* (2012), inspirados em Goldberg (1995), em Harley e Noyer (1999) e em Marantz (2001, 2007a, 2007b), afirmam que “a estrutura não é projetada dos itens lexicais – os itens lexicais (raízes acategoriais) é que são licenciados em determinadas estruturas de evento e negociam seu significado com elas” (Scher *et al.*, 2012, p. 7). Desse modo, a estrutura em que uma raiz seria projetada é como a que segue:

(1)



Já a segunda perspectiva concebe a raiz provida de alguma marca capaz de conduzir sua inserção em ambientes específicos, por exemplo, nas classes verbais (Embick; Halle, 2005; Harley, 2014, dentre outros). Nesse sentido, a raiz pode, até mesmo, selecionar argumentos e nuclear constituintes sintagmáticos (Harley, 2014). Nesta última concepção, a raiz projetaria a estrutura que segue representada:

(2)



Endossando essa linha de raciocínio, alguns autores propõem que a raiz deve ser provida de algum traço, seja [ $\pm$ causa], [ $\pm$ dinâmico] (cf. Scher *et al.* 2012)<sup>12</sup>, [ $\pm$ estativo] (cf. Harley; Noyer, 2000), seja um traço de borda não interpretável [ $uR$ ]<sup>13</sup> (cf. Legate, 2002; Chomsky, 2005; Nóbrega, 2014), seja codificado na gramática por meio de índices alfanuméricos (Harley, 2014). A justificativa para tal proposta é a de que somente diante dessa condição a raiz (ou outros objetos sintáticos) torna-se visível a operações sintáticas. De acordo com Marantz (1997, p. 208)<sup>14</sup>:

[...] raízes podem ter significados especiais (na verdade, elas *devem* ter significados “especiais”, já que são definidas como os elementos cujos significados não são completamente determinados por seus traços gramaticais) no contexto (sintático) de outros elementos dentro de um domínio de localidade.

12 “[...] a presença/ausência de duas propriedades combinadas tem como efeito a ocorrência ou não de determinada raiz em determinado contexto. Representaremos isso por meio de uma matriz com os traços [ $\pm$ DIN,  $\pm$ CAUS]. A propriedade DIN dirá que uma raiz associa-se tipicamente a uma eventualidade dinâmica (não estativa); a propriedade CAUS dirá que a raiz associa-se tipicamente a uma eventualidade causada dentro de uma estrutura de evento” (Scher *et al.*, 2012, p. 8).

13 Nóbrega (2014, p. 39, nota 13) afirma que “a noção de traço de borda (do inglês, *edge feature*) é retirada de Chomsky (2005), tenta captar a ideia de que os itens lexicais – no nosso caso, as raízes – contêm uma propriedade que os permite serem combináveis, a saber, um traço que sinaliza “eu sou concatenável”. Para nós, além dessa informação, esse traço de borda formaliza a necessidade que uma raiz tem de adquirir traços gramaticais e de se tornar visível no espaço computacional, algo que ocorre apenas quando elas são concatenadas a um núcleo categorizador”.

14 Do original: “[...] *roots may have special meanings (actually, they must have “special” meanings since they’re defined as the elements whose meanings are not completely determined by their grammatical features) in the (syntactic) context of other elements within a locality domain*” (Marantz, 1997, p. 208).

Para delinear a proposta da raiz dos verbos de mudança de estado (ver seção 10.3), absorvo alguns pressupostos das duas perspectivas de análise discutidas anteriormente. Da primeira, assumo que esse item não tem categoria, portanto, não projeta. Já da segunda, adoto a proposta segundo a qual a raiz desses verbos tem um traço, que proponho ser o de dinamicidade, em oposição ao de estatividade.

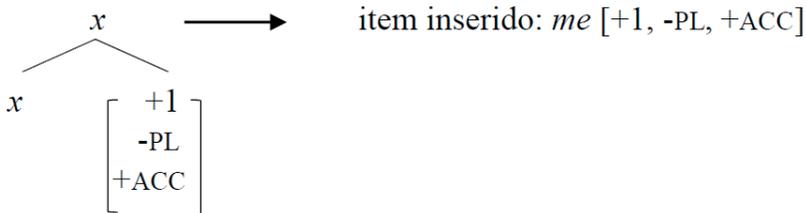
Como vimos, existem vários pontos divergentes no âmbito da MD sobre o real estatuto da raiz. Entretanto, há consenso, no âmbito da literatura, que esse item é, de fato, acategorial. Nessa linha de raciocínio, é somente quando se concatena a um núcleo definidor de categoria ( $n, v, a$ ), na sintaxe, que a raiz tem sua categoria gramatical.

### 10.2.2.2 Morfemas abstratos

O termo *morfema abstrato* é adotado pela MD para se referir a um feixe de traços organizados em um nó terminal sintático. Tal *morfema* é desprovido de material fonológico e está sujeito a operações sintáticas, como *Merge* e *Move*. Nas palavras de Embick e Noyer (2007, p. 295)<sup>15</sup>, “cada morfema é um complexo de traços, dos quais há dois tipos: fonológicos e gramaticais sintático-semânticos”. Esses traços são universais, disponibilizados pela GU, incluindo o elemento fonológico nulo [ $\emptyset$ ], e são executados (i.e., interpretados) pela interface conceitual. Seguem os exemplos:

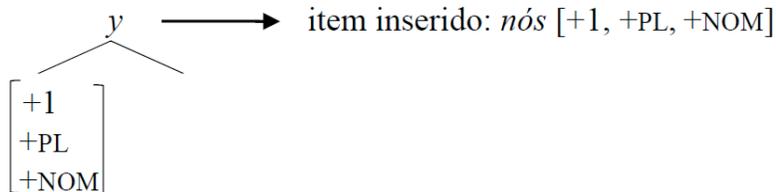
#### (3) *Morfemas abstratos*

(a)



15 Do original: “Each morpheme is a complex of features, of which there are two kinds: phonological and grammatical/syntactico-semantic” (Embick; Noyer, 2007, p. 295).

(b)



O *morfema abstrato*, exemplificado em (a), contém o feixe de traços [+1, -pl, +acc]. Em *Spell-out*, o item de vocabulário que possuir os traços compatíveis com os desse *morfema* será inserido nesse nó terminal. No caso em evidência, o pronome *me* satisfaz às condições de inserção. Ressalte-se que, como previsto pela MD, o item a ser inserido não precisa conter todos os traços do *morfema abstrato*, basta que não haja traço conflitante entre eles. Ou seja, um item contendo traço [+pl] não pode ser inserido em um terminal que contém o traço [-pl]. Portanto, para satisfazer a essa exigência e, assim, formar palavras legíveis, antes de ocorrer a inserção de vocabulário, algumas operações morfológicas podem ser aplicadas aos nós terminais. Esse é o assunto da próxima seção.

### 10.2.3 As operações morfológicas

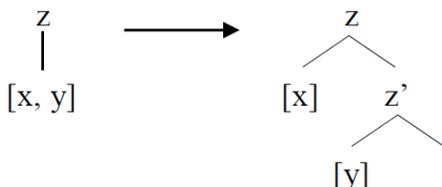
Algumas das operações morfológicas previstas pela MD para organizar os feixes de traços (*morfemas abstratos*) nos nós terminais podem ocorrer nos próprios nós, antes de a inserção de vocabulário tomar lugar. Entre essas operações, encontram-se: *empobrecimento*, *fusão* e *fissão* ou *cisão*. A seguir, descrevo a *fissão*, operação inversa à fusão, adotada na análise dos meus dados.

#### 10.2.3.1 Fissão

A *fissão*, de acordo com Noyer (1992), McGinnis (1995), Halle (1997), entre outros, consiste na divisão de um nó terminal em dois ou mais. Essa operação morfológica “envolve movimento de traços

de um nó sintático interno a outro nó, deixando uma cópia dos traços movidos” (McGinnis, 1995, p. 166)<sup>16</sup>, dentro de uma mesma projeção (por exemplo, projeção z). Observem o exemplo a seguir:

(4)



O processo de *fissão* ocorreria inicialmente como qualquer outra inserção de item de vocabulário. Entretanto, para Cyrino *et al.* (2008, p. 4):

simultaneamente a tal inserção, é gerado um morfema (i. e., nó terminal) subsidiário para onde são copiados os traços que não tenham sido requeridos para combinar com os expoentes do morfema inicial. Sendo assim, o processo de *fissão* envolve algum tipo de checagem de resultados parciais da derivação.

Quando a *fissão* ocorre, os itens de vocabulário não estão em competição para a inserção, pois sempre que um item principal for inserido, uma posição adicional torna-se disponível, e um item “subsidiário” é alocado nessa nova posição.

De acordo com Siddiqi (2009), exemplo mais comum de *fissão* é a separação dos traços-*phi* (pessoa e número), que passam a ser codificados por *morfemas* (nós terminais) independentes. Em circunstâncias normais, cada nó terminal é preenchido por apenas um conteúdo fonológico; isto é, um único nó está sujeito à inserção de um único item de vocabulário (Embick; Noyer, 2007).

16 Do original: “[...] involves movement of features from one head-internal syntactic node to another, leaving behind a copy of the moved features” (McGinnis, 1995, p. 166).

Assumindo a mesma linha de investigação dos autores anteriores, Nóbrega (2014, p. 200) afirma que:

o componente morfológico especificará se todos esses traços – por exemplo, os traços presentes no categorizador nominal e verbal, como os traços  $\varphi$  – serão fissionados em nós terminais distintos a serem preenchidos por diferentes IVs, ou se serão preenchidos por um único IV (e.g., número e pessoa nos verbos do PB). Essa distribuição, no entanto, é determinada pela língua.

Harley e Noyer (1999) exemplificam o processo de *fissão* com dados da língua Tamazight Berber. Segundo os autores, na conjugação prefixal desta língua, o morfema agr pode aparecer como um, dois ou três itens de vocabulário diferentes. Além disso, esses itens podem realizar-se como prefixo ou como sufixo, conforme exemplificado em (5a). Em (5b), estão os itens de vocabulário aptos à inserção. Vejamos:

(5a) *Tamazight Berber Prefix Conjugation, dawa 'cure'*

	<i>Singular</i>	<i>plural</i>
3m	i-dawa	dawa-n
3f	t-dawa	dawa-n-t
2m	t-dawa-d	t-dawa-m
2f	t-dawa-d	t-dawa-n-t
1	dawa- $\Upsilon$	n-dawa

(5b) *Vocabulary items*

/n-/	↔	1 pl
/ $\Upsilon$ -/	↔	1
/t-/	↔	2
/t-/	↔	3 sg f
/-m/	↔	pl m (2)
/i-/	↔	sg m

/-d/	↔	sg (2)
/-n/	↔	pl
/-t/	↔	f

(Harley; Noyer, 1999, p. 6)

Em (5b), alguns traços dos itens de vocabulário encontram-se entre parênteses. Segundo os autores referidos anteriormente, isso significa que tais itens só podem ser inseridos se os traços que se encontram fora dos parênteses já tiverem sido descarregados. Por exemplo, *-m* só pode ser inserido em um verbo ao qual *-t* ‘2’ já tenha se ligado (ex.: *t-dawa-m*). Assim, os parênteses denotam traços que são secundariamente expressos por um item de vocabulário, enquanto os traços representados por itens primários não se encontram marcados. Em outras palavras, estes podem ser inseridos sem que os secundários tenham sido.

Harley e Noyer (1999) ainda observam que, a uma forma como *t-dawa-n-t* (fem.pl) ‘you cure’, são adicionados três afixos, *t-*, *-n*, e *-t*. Os afixos são inseridos, segundo esses autores, em uma ordem determinada pela Hierarquia de Traços<sup>17</sup>. Por isso, *t-* ‘2’ é adicionado em primeiro lugar, em seguida, *-n* ‘plural’ e, finalmente, *-t* ‘feminino’.

Por outro lado, quando uma forma tem apenas um afixo *n-dawa* ‘we cure’, a inserção de *n-* ‘1 pl’ bloqueia a inserção de  $\underset{y}{-}$  ‘1’. Isso mostra que dois itens de vocabulário podem aparecer disjuntivos, mas não por competirem para a mesma posição, mas por competirem para descarregar o mesmo traço.

Após a aplicação das operações necessárias à boa formação da palavra, a inserção de vocabulário deve ocorrer. Esse é o assunto discutido na próxima seção.

17 Segundo Harley e Noyer (1999), na Geometria de Traços de Ritter e Harley (1998), *fissão* separa traços de subtraços e realiza-os como afixos separados, resultando o mesmo efeito.

### 10.2.4 A inserção de vocabulário (IV)

Para a MD, a sintaxe opera com conjuntos de traços abstratos gramaticais sintático-semânticos, tais como: [pl], [pess], [pass], [perf], [acc], [cause], entre tantos outros. Opera também com núcleos categorizadores (*n*, *v*, *a*) e com núcleos funcionais, por exemplo, Tempo (T°), Complementizador (C°), Aspecto (Asp°), Causativo (v°). Tais núcleos são providos de conteúdo fonológico em PF por meio da operação denominada Inserção de Vocabulário (IV), após as operações morfológicas serem aplicadas e os arranjos se estabelecerem, na sintaxe. É válido ressaltar que a operação IV inicia-se no morfema mais encaixado, isto é, na raiz.

A IV envolve a associação de itens vocabulares a morfemas abstratos. Cada item (ex.: *me*, *nós*, *afixos*) é composto de um conjunto de traços sintáticos, morfológicos, semânticos. Esses traços devem se combinar com os traços do nó terminal em que ocorrerá a inserção. Embick e Noyer (2007) apresentam um exemplo de inserção do plural do inglês:

(6)  $z \leftrightarrow [pl]$

Além do traço /-z/, o plural [pl] em inglês pode ser representado ainda pelo item /-∅/, como em *moose-∅*; e /-en/, como em *ox-en*. Vejam que há um único *morfema abstrato* (i.e., nó terminal), cujo traço é [pl], disponível para a inserção do plural, e há vários itens competindo para ocupar tal nó (-z, -∅, -en). Vence a competição o item com o mesmo traço ou com a maior quantidade de traços presentes no terminal sintático.

Para Embick e Noyer (2007), essa diversidade fonológica representando o mesmo traço é chamada de “alomorfia contextual”, condicionada pela raiz no contexto de [pl]. Tal condicionamento é viável, uma vez que a raiz e o *morfema* [pl] encontram-se numa relação local

quando a inserção de vocabulário ocorre. Seguem exemplos colhidos desses autores:

(7) [pl] ↔ /-en/ {√OX, √CHILD, ...}

(8) [pl] ↔ /-∅/ {√MOOSE, √FOOT, ...}

Quando a regra de inserção se aplica no caso do plural do inglês, o [pl] é pronunciado como /-∅/ no contexto de *moose* e como /-en/ no contexto de *ox*, dada a alomorfa contextual.

Na seção 10.3, a seguir, apresento minha proposta teórica dos traços aspectuais contidos nos verbos *incoativos*, os quais são responsáveis pela liberação da alternância *causativo-incoativa* do PB.

### 10.3 Proposta Teórica: Os morfemas abstratos raiz, Asp<sup>o</sup> e v<sup>o</sup>

De posse do objeto de investigação e do aporte teórico adotado, esta seção dedica-se a examinar os traços dos *morfemas abstratos*<sup>18</sup> que formam os verbos *incoativos* (mudança de estado)<sup>19</sup>. Esses traços, segundo a hipótese geral que busco defender, são condicionantes da alternância *causativo-incoativa* do PB, interferindo, portanto, diretamente na estrutura argumental desses verbos. Para o desenvolvimento desta análise, tenho por objetivo responder às seguintes perguntas:

- (i) Quais traços compõem os *morfemas abstratos* que formam o verbo de mudança de estado? Como esses traços se organizam nos terminais sintáticos? Quais as consequências dessa operação para a estrutura argumental de tais verbos?

18 Segundo a MD, *morfema abstrato* é o nome atribuído ao feixe de traços organizado em um terminal sintático.

19 Para maiores detalhes sobre esse tipo de verbo, remeto o leitor à tese “*Os traços aspectuais condicionantes da alternância causativo-incoativa do português brasileiro*”. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/bancodefesas.php>

- (ii) Como se processa a inserção de vocabulário nos nós terminais que abrigam a raiz, os afixos e o *verbalizador*? Ou seja, em PB, quais itens devem preencher esses nós e em que condições tal preenchimento ocorre?

Com o intuito de alcançar respostas satisfatórias às perguntas anteriores, esta seção estrutura-se em cinco subseções, a saber: a subseção 10.3.1 apresenta a proposta sobre o *morfema* raiz; a subseção 10.3.2 define, sob o rótulo de *asp*<sup>o</sup>, o *morfema abstrato* (terminal sintático) que se concatena com a raiz; a subseção 10.3.3 discute a categorização do composto formado pela raiz e pelos afixos aspectuais que dão origem aos verbos de mudança de estado; a subseção 10.3.4 descreve a IV nos *morfemas abstratos*.

### 10.3.1 Morfema lexical: a raiz

A definição do estatuto de uma raiz divide os seguidores da MD entre duas perspectivas: a primeira assume que a raiz é destituída de informações gramaticais e/ou semânticas. Portanto, não constitui núcleo sintático e não projeta argumentos. Já a segunda considera que esse item pode carregar todas essas informações ou, pelo menos, algumas delas. Diante disso, defendo a hipótese que contempla algumas propriedades postuladas por cada uma das correntes teóricas. Ou seja, a raiz do verbo de mudança de estado é acategorial e sua categoria é definida quando, após se concatenar com os afixos aspectuais, se junta, na sintaxe, ao *verbalizador* [ $\pm$ agente]. Por ser destituída de categoria, essa raiz é inabilitada a projetar argumentos, sendo inserida na posição de complemento do núcleo *asp*<sup>o</sup>. Não obstante, assumo que a raiz desses verbos porta o traço aspectual de dinamicidade em oposição

ao de estatividade<sup>20</sup>. No desenvolvimento desta seção, apresento argumentos em favor dessa proposta.

Entre tantos trabalhos que contemplam informações contidas na raiz, ressalto o de Levin e Rappaport Hovav (1995) sobre verbos causativos do inglês. Para as autoras, causa é a propriedade que determina se um verbo alterna ou não e está lexicalizada na raiz, que pode manifestar-se de quatro maneiras distintas: *raiz agentiva*, *raiz internamente causada*, *raiz externamente causada*, e *raiz não especificada para causa*. Assim sendo, o tipo de verbo e a alternância definem-se com base no tipo de raiz.

Não sigo exatamente essa proposta para os verbos de mudança de estado do PB. Afirmando que causa não se encontra lexicalizada na raiz e que a alternância resulta da combinação de traços aspectuais dos *morfemas abstratos* que se concatenam, na sintaxe, para derivar o verbo de mudança de estado. Além disso, reforço que o traço que a raiz deve carregar é o de dinamicidade, em oposição ao de estatividade. Apresento, na sequência, o resumo da proposta dos autores (*op. cit.*) sobre os diferentes tipos de raiz e as justificativas que me levam a refutá-la, pelo menos, parcialmente.

O verbo de *raiz agentiva* restringe o papel temático do argumento externo a agente. Tal restrição é fator determinante para que a alternância *causativo-incoativa* não seja liberada. Seguem exemplos com o verbo *cut* “cortar” coletados de Levin e Rappaport Hovav (1995, p. 97, p. 105-106):<sup>21</sup>

- |   |                        |
|---|------------------------|
| (1) The baker cut the bread.            | <i>agent subject</i>   |
| (2) *The lightning cut the clothesline. | <i>*causer subject</i> |
| (3) *The bread cut.                     | <i>*anticausative</i>  |

20 Adoto a proposta do traço **aspectual dinâmico** da raiz em oposição ao traço aspectual **estativo**, conforme Smith (1991). O autor propõe cinco classes aspectuais derivadas da oposição entre os traços temporais: **estativo/dinâmico**, durativo/instantâneo, télico/atélico. *Accomplishments*, segundo o autor, são eventos dinâmicos, durativos e télicos; já os *Achievements* são dinâmicos, instantâneos e télicos.

21 Os dados de (1) a (9) e de (12) a (14) são de Levin e Rappaport Hovav (1995, p. 97, p. 105-106).

Minha análise vai de encontro à dessas autoras, uma vez que a informação sobre a liberação da alternância de um verbo não se encontra na raiz, mas sim, nos traços aspectuais dos *morfemas abstratos*, mais especificamente na presença do traço [+incoativo], quer realizado fonologicamente, quer não, pelo sufixo {-ec-}. Essa hipótese será mais bem detalhada nas próximas subseções.

Outro tipo de verbo é o de *raiz externamente causada*, cuja informação veiculada é a de que “a ação deve ser instigada por um argumento diferente daquele que sofre a ação” (Harley; Noyer, 2000, p. 20).<sup>22</sup> Esse tipo de raiz não impõe muita restrição ao tipo de argumento externo, que pode ser tanto um agente como uma causa. Entretanto, não alterna na forma intransitiva. O verbo *destroy* “destruir” representa essa classe, conforme os exemplos a seguir:

- |   |                       |
|---|-----------------------|
| (4) John destroyed the parcel.          | <i>agent subject</i>  |
| (5) The explosion destroyed the parcel. | <i>causer subject</i> |
| (6) *The parcel destroyed.              | <i>*anticausative</i> |

Para efeitos da alternância, minha análise prevê que verbos como o descrito anteriormente se comportam semelhantemente aos do primeiro grupo. Ou seja, é o tipo de traços aspectuais dos *morfemas abstratos* envolvidos na formação dos verbos que determinam o bloqueio da alternância, e não a causa lexicalizada na raiz. Outrossim, minha análise prevê que na estrutura desses verbos falta o traço aspectual [+incoativo], conforme descrito na subseção 10.3.2.

O verbo de *raiz internamente causada* codifica que “a ação é sempre dependente do argumento interno, que sofre a mudança de estado. É também chamado de evento espontâneo” (cf. Harley; Noyer, 2000, p. 20)<sup>23</sup>. De acordo com Alexiadou *et al.* (2006), esse tipo

22 Do original: “The action must be instigated by na argument other than the one undergoing the action” (Harley; Noyer, 2000, p. 20).

23 Do original: “The action is always dependent on the argument undergoing the change of state. Also called spontaneous” (Harley; Noyer, 2000, p. 20).

de verbo aparece apenas na forma intransitiva. Exemplo do inglês é *blossom* “florescer”, como segue:

- (7) \*The gardener blossomed the cactus.                   \* *agent subject*  
 (8) \*The warm weather blossomed the cactus.           \* *causer subject*  
 (9) The cactus blossomed early.                           *anticausative*

Em PB, o verbo *florescer* contraria as previsões de Alexiadou *et al.* (2006), uma vez que é possível aparecer com argumento externo. Por exemplo, construções legíveis com esse verbo são as que seguem:

- (10) “Primavera floresce jardins da Sede”<sup>24</sup>  
 (11) A mudança da estação floresceu as violetas do jardim.<sup>25</sup>

A hipótese que levanto para explicar a alternância desse verbo em PB é a de que o objeto sintático formado pela raiz e afixos aspectuais é verbalizado por  $v^o$  [ $\pm$ agente]. Portanto, esse verbo comporta-se como *apodrecer*. Provavelmente, o inglês parametriza outro tipo de verbalizador para *florescer*. No entanto, pela delimitação de espaço e de tempo, as reais propriedades que bloqueiam a projeção do argumento externo desse verbo em inglês devem ser investigadas em trabalhos futuros.

Por fim, o verbo de *raiz não especificada para causa* não restringe o papel temático do argumento externo, que pode ser um agente ( $+/-$  controle), uma causa, um instrumento ou um evento. “A ação pode casualmente originar ou com o objeto da ação ou com um outro argumento” (Harley; Noyer, 2000, p. 20).<sup>26</sup> Verbo desse tipo sempre alterna na forma *causativo-incoativa*. O verbo *break* “quebrar” ilustra essa classe:

24 Dado coletado do Centro de Soluções em Governo Eletrônico, site do governo do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.procergs.rs.gov.br/index.php?action=noticia&cod=14548>. Acesso em: 04 jul. 2015: 12:11.

25 Dado fornecido pela prof<sup>a</sup> doutora Jânia Martins Ramos, durante a defesa desta tese.

26 Do original: “The action may causally originate either with the object of the action or with another argument” (Harley; Noyer, 2000, p. 20).

- (12) The vandals broke the window.                    *agent subject*  
 (13) The storm broke the window.                    *causer subject*  
 (14) The window broke.                                    *anticausative*

O quadro 2 sumariza a discussão de Alexiadou *et al.* (2006) sobre os diferentes tipos de raiz, conforme o tipo de causa lexicalizada. Assim, o tipo de raiz indica, em inglês, a possibilidade de um verbo participar ou não da alternância, conforme esses autores.

Quadro 2: Síntese das informações da raiz, segundo

RAIZ √	EXEMPLOS	ALTERNAM
(I) AGENTIVA	MURDER, ASSASSINATE, CUT	NÃO
(II) EXTERNAMENTE CAUSADA	DESTROY, KILL, SLAY	NÃO
(III) INTERNAMENTE CAUSADA	BLOSSOM, WILT, GROW	NÃO
(IV) CAUSA NÃO ESPECIFICADA	BREAK, OPEN, MELT	SIM

Fonte: Alexiadou *et al.* (2006)

Minha análise contempla a classe (iv), a que contém, segundo os autores (*op. cit.*), *raiz de causa não especificada*. Somente esse tipo de verbo é habilitado a participar da alternância *causativo-incoativa*. Entretanto, não sigo a abordagem lexicalista segundo a qual os itens verbais vêm do léxico com informações sobre a alternância lexicalizadas em sua raiz. Minha proposta prevê que as palavras se constituem na sintaxe, por meio da relação entre os traços dos *morfemas abstratos* (raiz, asp° e v°). Antecipo que, nessa relação, o traço mais relevante é o [+incoativo], presente em asp°.

Diante da discussão anterior, minha hipótese é que a liberação da alternância *causativo-incoativa* consiste, principalmente, na presença do traço [+incoativo] no verbo de mudança de estado,

projetado em asp<sup>o</sup>. Esse traço conecta-se com o *verbalizador* [ $\pm$ agente], e este, por sua vez, se conecta com o núcleo que projeta o argumento externo, informando que tal argumento deve ser de causa não especificada (i.e., papéis semânticos variados: agente, causa, instrumento, evento). Nesse ambiente, não há bloqueio do alçamento do argumento interno para a posição de Spec-TP. Dessa forma, a participação do verbo de mudança de estado tanto na construção causativa quanto na incoativa é consolidada. Essa análise será detalhada nas subseções 10.3.2 e 10.3.3.

Voltando à raiz, proponho que a condição inicial para que ela entre na formação dos verbos de mudança de estado é ser especificada para dinamicidade. Isso porque esses verbos se causativizam, e eventos causativos desencadeiam mudanças que, conseqüentemente, exigem transformação, isto é, acarretam ao argumento interno a passagem de um estado a outro. Vejam como essa mudança ocorre com o verbo *quebrar*:

(15a) A tempestade quebrou as telhas da minha casa.

(15b) As telhas da minha casa *tornaram-se quebradas*.

Pelos dados anteriores, percebemos que o argumento interno de *quebrar*, *as telhas*, sofre uma mudança em suas propriedades físicas causada pela força desencadeadora *a tempestade*. Assim, *as telhas* passam de *não quebradas a quebradas*. Segundo a tese que assumo, a dinamicidade engatilha o processo de mudança.

A hipótese da presença da dinamicidade na raiz dos verbos de mudança de estado corrobora a afirmação de Beavers (2008, p. 254)<sup>27</sup>, segundo a qual predicados dinâmicos são “predicados que envolvem alguma ‘mudança’ ou mudança potencial em algum participante, incluindo predicados de mudança de estado, de movimento

27 Do original: “[...] predicates that involve some ‘change’ or potential change in one participant, including change-of-state, motion, and consumption/destruction predicates” (Beavers, 2008, p. 245).

e de consumo/destruição”. A seguir, apresento mais evidências sobre a importância da dinamicidade da raiz para a alternância em estudo.

### 10.3.1.1 A raiz e o traço de especificação para dinamicidade

Entre tantas propostas sobre traços da raiz, no âmbito da MD, assumo a do traço aspectual [+dinâmico], uma vez que, além de tornar a raiz visível a operações sintáticas, esse traço viabiliza a inserção desse item, pelos prefixos {*a-/en-/es-*}, em um ambiente dinâmico (ex.:  $\sqrt{\text{QUEBR-}}_{[+\text{DINÂMICO}]}$ ;  $\sqrt{\text{PODR-}}_{[+\text{DINÂMICO}]}$ ;  $\sqrt{\text{MOLH-}}_{[+\text{DINÂMICO}]}$ ). Tal ambiente será, posteriormente, delimitado pelo argumento interno do verbo, que marca o ponto final da mudança de estado que ele sofre. É válido lembrar que o traço [+DINÂMICO] **é uma propriedade não só dos verbos de mudança de estado, conforme ilustrado em (i)** a seguir, mas também de outros verbos agentivos, como exemplificados em (ii). Vejamos alguns dados do PB que confirmam essa proposta teórica inicial:

(i) Raiz [+DINÂMICO]: requerida na formação de verbos de mudança de estado (ex.:  $\sqrt{\text{QUEBR-}}$  e  $\sqrt{\text{-PODR-}}$ ).

(16a) O professor quebrou a caneta.

(16b) A caneta (se) quebrou.

(17a) A umidade apodreceu a maçã.

(17b) A maçã apodreceu.

(ii) Raiz [+DINÂMICO]: requerida na formação de verbos de atividades (ex.:  $\sqrt{\text{CANT-}}$  e  $\sqrt{\text{DIRIG-}}$ ).

(18a) O garoto cantou uma música romântica.

(18b) \*Uma música romântica cantou.

(19a) O motorista dirigiu meu carro.

(19b) \*Meu carro dirigiu.

(iii) Raiz [-DINÂMICO]: requerida na formação de verbos estativos (ex.:  $\sqrt{\text{SAB-}}$  e  $\sqrt{\text{EST-}}$ ).

(20a) O jovem sabe a resposta certa.

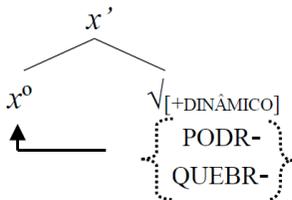
(20b) \*A resposta certa sabe.

(21a) Maria está em casa.

(21b) \*Em casa está.

Os dados anteriores levantam pistas de que a alternância *causativo-incoativa* emerge quando, pelo menos, um requisito básico é atendido: a raiz do verbo de mudança de estado entrar na sintaxe especificada para o traço de dinamicidade. Caso a raiz não porte o traço [+DINÂMICO], dará origem a verbos estativos, como exemplificado em (iii) anterior. Reforço, contudo, que o traço aspectual [+DINÂMICO] é uma propriedade relevante do verbo em escrutínio, mas não é o fator que determina a alternância desse verbo entre duas construções distintas, uma vez que verbos de atividades são dinâmicos e não alternam. Em suma, Scher *et al.* (2012) afirmam sobre a raiz: “a estrutura não é projetada dos itens lexicais – os itens lexicais (raízes acategoriais) é que são licenciados em determinadas estruturas de evento e negociam seu significado com elas”. A configuração arbórea dos verbos *apodrecer* e *quebrar*, exemplificada em (22) a seguir, sinaliza que, para ser requerida por um dado núcleo, a raiz precisa estar visível a essa operação. O traço [+dinâmico] cumpre tal exigência.

(22)



Na próxima subseção, desenvolvo, em detalhes, a proposta sobre quais são os traços aspectuais do *morfema abstrato* que se concatena

com a raiz do verbo de mudança de estado. Antecipo que, pela natureza dos traços contidos nesse *morfema*, eu o rotulo de asp<sup>o</sup>.

### 10.3.2 Morfema abstrato: o núcleo de AspP

Nesta subseção, apresento evidências dos traços aspectuais que sustentam a proposta da projeção AspP. Conjecturo que, em PB, tal projeção encontra motivação nos traços dos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}, fonologicamente realizados ou não. Esses afixos se juntam, simultaneamente, à raiz [+dinâmico] e formam os verbos *incoativos* (mudança de estado). Antes de delinear a proposta para os dados do PB, busco na literatura linguística evidências de outras línguas em que núcleos aspectuais operam na sintaxe. Esse é o assunto da próxima subseção.

#### 10.3.2.1 O núcleo de AspP: algumas evidências

Pesquisas sobre projeções de núcleos aspectuais motivadas pelos mais diversos traços aspectuais das palavras (ou dos sintagmas) não são novidades nem são triviais na teoria linguística. As interessantes descobertas nesse campo têm atraído diversos pesquisadores a assumirem tal fenômeno para lidar com dados de diferentes línguas. Por exemplo, a literatura propõe um núcleo aspectual, geralmente sob o rótulo de asp<sup>o</sup>, abrigando traços de perfectivo/imperfectivo, progressivo/durativo ou habitual (cf. Bybee, 1985; Cinque, 1999; Svenonius, 2007). Inúmeras línguas (ex.: as línguas eslavas, como o russo, o tcheco etc.) marcam aspecto na morfologia por meio de afixos.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Svenonius (2007) afirma que no russo há um sistema rico de marcação aspectual nos verbos por meio de afixos. Nessa língua, sufixos marcam tempo, como é o caso do verbo *pisal* “write/escrever”, em que *pisu* “write/escrever” realiza o tempo presente, e *pisal* “wrote/escrever” realiza

passado. Já o prefixo, apesar de poder marcar tempo em russo, correlaciona-se fortemente com traços aspectuais de perfectividade. Por exemplo, *pisatj* “escrever” é imperfectivo/infinitivo. No entanto, se for adicionado a esse mesmo verbo o prefixo **na-**, *napisatj* “escrever”, a leitura que emerge é a de perfectivo/infinitivo (Svenonius, 2007, p. 55, nota 13).

Assim como nas línguas anteriores, as propriedades aspectuais são também relevantes no PB, mais especificamente aquelas codificadas pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec*} dos verbos de mudança de estado. Portanto, na sequência, discuto mais detalhadamente esse assunto.

#### 10.3.2.2. Proposta do núcleo Asp<sup>o</sup> em português brasileiro

Em PB, encontram-se os afixos aspectuais {*a-/en-/es-...-ec*} fonologicamente realizados em uma quantidade bastante significativa de verbos. Esses afixos podem coocorrer, como em (23) a seguir, ou podem aparecer isoladamente, conforme ilustrado em (24) e (25). Vejamos:

##### **(23) Verbos simultaneamente afixados: {*a-/en-/es-...-ec*}**

Adoecer, adormecer, amadurecer, amolecer, amortecer, apodrecer, aquecer, emagrecer, embambecer, embarbecer, embrabecer, embranquecer, embravecer, embrutecer, emburrecer, empalidecer, empardecer, empobrecer, emputecer, emudecer, enaltecer, encalvecer, encarecer, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engrandecer, enrijecer, etc.

##### **(24) Verbos prefixados: {*a-/en-/es-*}**

Alagar, alargar, alisar, aloirar, alongar, amaciar, amarrotar, amassar, emaranhar, embaçar, embananar, embaraçar, embaralhar, embelezar, embolar, empenar, emperrar, empoeirar, emporcalhar, encracolar, encharcar, encrespar, encurtar, encurvar, endireitar, enfumaçar, engordurar, esfarelar, esfarinhar, esfarrapar, esfolar, esfriar, esmigalhar, etc.

**(25) Verbos sufixados: {-ec-}**

Escurecer, florescer, fortalecer, obscurecer, rejuvenescer, robustecer, ruborescer, umedecer etc.

Diante dos dados anteriores, não se pode ignorar a presença dos afixos derivando verbos em PB. Ciente disso, minha análise teórica busca entender os efeitos que tais afixos exercem sobre o ambiente em que são inseridos. Mais precisamente, minha hipótese é que esses afixos podem interferir diretamente na estrutura argumental de verbos do PB. Portanto, defendo que a afixação é uma forte motivação para propostas que adotam perspectivas embasadas em traços aspectuais.

De posse dessas informações, proponho que os afixos aspectuais {*a-/en-/es-...-ec*} preenchem fonologicamente o morfema *abstrato*, rotulado de núcleo *asp*<sup>o</sup>, requerido na formação do verbo de mudança de estado.<sup>28</sup> Os prefixos {*a-/en-/es-*} cumprem a função de realizar o traço de dinamicidade, enquanto o sufixo {-*ec-*} realiza o traço de incoação. Diante dessa afirmação, assumo que o feixe de traços aspectuais do núcleo da projeção *AspP* é: [+dinâmico, +incoativo]. Essa assunção constitui o cerne de minha proposta teórica, conforme a qual o prefixo projeta o evento dinâmico, inserindo nele a raiz, e, simultaneamente, o sufixo exige a projeção de um argumento interno com o traço de [+mudança de estado]. Esse traço delimita o evento dinâmico, marcando o ponto final da mudança de estado, a qual é engatilhada pelo aspecto dinâmico.

Ciente da presença e da relevância de traços aspectuais na composição do verbo de mudança de estado, apresento algumas evidências que me instigam a propor que a propriedade [+dinâmico], além de ser um traço da raiz desse verbo, é também um dos traços de *asp*<sup>o</sup> e, conseqüentemente, dos afixos inseridos nesse núcleo.

28 Esses afixos ocorrem geralmente com verbos do tipo parassintético, conforme denominações nas gramáticas tradicionais (Camara Jr, 1970; Cunha; Cintra, 2007; Lima, 2010, entre tantos outros). Esse assunto foi amplamente discutido no capítulo 2 da tese supracitada.

Uma dessas evidências advém dos significados da palavra *dinâmico* registrados no dicionário eletrônico Houaiss.

(26) “**dinâmico**” (datação: 1858) – *adjetivo*

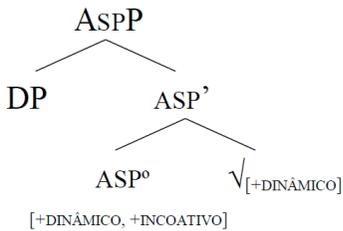
(i) Que se modifica continuamente, que evolui; que pressupõe movimento, mudança / Exs.: imaginação *dinâmica*; visão *dinâmica* das coisas.

(ii) *Derivação: sentido figurado.* – que envolve grande atividade, criatividade e agilidade / Exs.: método *dinâmico*; aula *dinâmica*.

(iii) *Rubrica: linguística.* – que indica processo ou mudança de estado [p.ex.: o verbo tornar-se, p.opos. a ser] (diz-se de aspectualidade verbal).

Na literatura, nos trabalhos de cunho aspectual, o aspecto *dinâmico* é frequentemente contrastado com o aspecto *estativo*. Reafirmo que, em adição ao traço [+*dinâmico*], *asp*<sup>o</sup> tem um traço [+*incoativo*], motivado pelo sufixo *incoativo* {-*ec*-}. Segue em (28) uma representação arbórea preliminar da projeção *AspP*, com o feixe de traços aspectuais (i.e., *morfema abstrato*) organizado em seu núcleo, o que é consistente com a teoria que estou desenvolvendo nesta pesquisa:

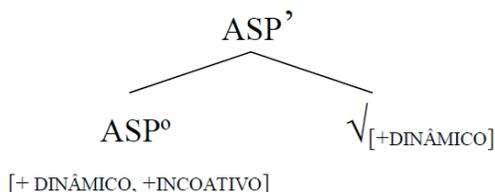
(27)



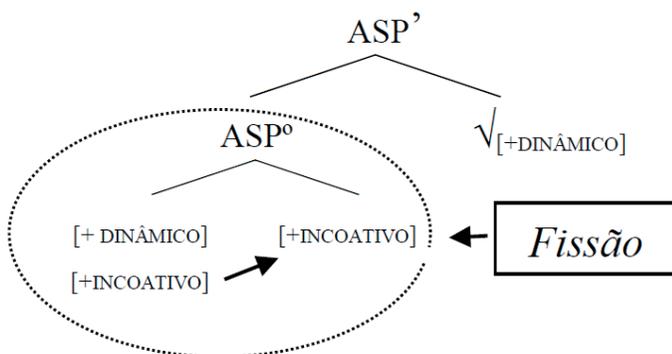
Reforço, neste ponto, que esta investigação tem por objetivo descrever os afixos dos verbos de mudança de estado e a maneira como são inseridos nos núcleos terminais. Ou seja, esses afixos são adicionados simultaneamente à raiz. Diante disso, a pergunta que surge é como seria processada a inserção simultânea dos prefixos {*a-/en-/es-*} e do sufixo {-*ec-*} em *asp*<sup>o</sup>, considerando uma proposta que prevê a inserção de apenas um item de vocabulário em cada terminal sintático?

Para resolver casos especiais de inserções, a MD propõe algumas operações adicionais (ver seção 10.2). Uma dessas operações é a *fissão*, conforme a qual um nó terminal, como em (28a), pode ser fissionado no momento da inserção de vocabulário, abrindo, assim, dois ou mais *slots* para inserção de dois ou mais afixos aptos ao mesmo terminal, conforme ilustrado em (28b):

(28a)



(28b)



Seguindo as intuições de Halle e Marantz (1993) para a língua Tamazight Berber, a *fissão* de um *morfema* irmão de uma raiz origina uma estrutura composta de duas peças desse morfema juntadas à raiz, sob um nó matriz. Desse modo, se o prefixo é inserido em um *slot* morfológico e o sufixo, em outro, o resultado que se apura é um circunfixo fonológico.

Portanto, em PB, a *fissão* é a operação que permite inserir simultaneamente em um nó terminal um dos prefixos  $\{a-/en-/es-\}$  e o sufixo  $\{-ec-\}$ , concatenando-os à raiz dinâmica. Esse terminal em que os prefixos são inseridos são providos dos traços aspectuais  $[+dinâmico,$

+incoativo], sendo que apenas o traço [+dinâmico] equivale ao traço dos prefixos. Como o traço [+incoativo] não está presente nos prefixos, deve ser copiado para um nó terminal subsidiário, e o sufixo {-ec-}, item subsidiário, é inserido nessa nova posição. É válido ressaltar que a *fissão* ocorre simultaneamente à inserção de vocabulário, conforme sugere a MD.

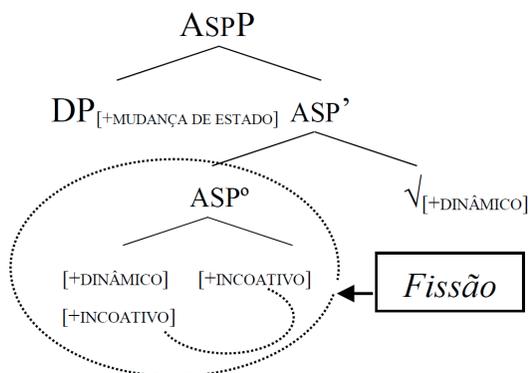
Ainda sobre a *fissão*, Cyrino *et al.* (2008) sugerem que esse processo ocorreria, em princípio, como qualquer outra inserção de item de vocabulário. No entanto, simultaneamente a tal inserção, “é gerado um morfema (i.e., nó terminal) subsidiário para onde são copiados os traços que não tenham sido requeridos para combinar com os expoentes do morfema inicial” (Cyrino *et al.* 2008, p. 4). Para os autores, esse processo envolve algum tipo de checagem parcial da derivação. Ou seja, o traço ainda não checado é requerido ao morfema subsidiário, que, no PB, será checado pelo sufixo {-ec-}, conforme minha proposta. Ressalte-se que, quando a *fissão* ocorre, os itens de vocabulário não estão em competição para a inserção, pois sempre que um item principal for inserido, uma posição adicional torna-se disponível, e um item subsidiário é alocado nesta nova posição.

A proposta anterior traz consequências diretas à minha tese, pois permite elaborar a seguinte generalização para os dados do PB: o prefixo, item principal, realiza o traço aspectual dinâmico; enquanto o sufixo, item subsidiário, realiza o aspecto incoativo. O aspecto dinâmico representa um evento mais amplo que o incoativo, uma vez que a dinamicidade é uma propriedade de diferentes tipos de construções causativas. Por essa razão, deve ser inserido na estrutura em posição prefixal. Já o aspecto incoativo é uma propriedade das construções *causativo-incoativas*, um subtipo das dinâmicas, e deve ser inserido em posição sufixal, isto é, seguindo o prefixo.

Como estabelecido pela generalização anterior, o traço dinâmico do prefixo, inserido em asp<sup>o</sup>, é responsável pela introdução do evento dinâmico. Esse traço engatilha uma mudança. Já por requerimento

do traço [+incoativo] do sufixo, um argumento interno é projetado, necessariamente com traço de [+mudança de estado]. Esse argumento delimita a mudança engatilhada pelo dinâmico, marcando seu ponto final. Caso não haja tal delimitação, a construção resultante terá um evento dinâmico, mas não terá uma mudança de estado com ponto final marcado; portanto, não será uma construção *causativo-incoativa*. A projeção AspP, conforme minha proposta, é a que segue:

(29)



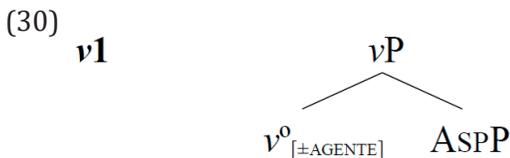
A MD propõe que, quando uma fase se completa, os itens combinados na sintaxe são enviados a *Spell-out*, em PF, onde os feixes de traços abstratos recebem material fonológico e são pronunciados (cf. Harley, 2008, p. 24). Para essa teoria, os núcleos limítrofes de fase são  $v^\circ$ ,  $n^\circ$  e  $a^\circ$ . Portanto,  $asp^\circ$  não fecha uma fase e o conteúdo desse núcleo só deve ser enviado a *Spell-out* quando o *morfema verbalizador* ( $v^\circ$ ) se juntar à estrutura. Esse morfema será discutido brevemente na próxima subseção, uma vez que a projeção do argumento externo não constitui o cerne desta análise.

### 10.3.3 Morfema verbalizador: $v^\circ_{[\pm AGENTE]}$

A proposta gerativa de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981, entre outros) preconiza que a GU é composta por um conjunto de princípios e parâmetros. Os princípios são invariantes, uma vez que se aplicam a todas as línguas, enquanto os parâmetros

são as escolhas que cada língua faz, ou seja, são as particularidades que as tornam diferentes entre si. Os parâmetros garantem essa diferenciação por meio de uma propriedade denominada “variação paramétrica”, fixada no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua.

Seguindo essa perspectiva, minha previsão é a de que o PB parametriza, pelo menos, três tipos de *morfema verbalizador*, dependendo da natureza dos traços presentes em cada um. Seguindo as intuições de Marantz (1997)<sup>29</sup>, rotulo-os de **v1**, **v2** e **v3**. Desses três tipos, o *verbalizador* que se concatena com AspP para originar os verbos de mudança de estado é o **v1**, um núcleo fonologicamente vazio em PB. Apesar de ser vazio, sugiro que tal núcleo possui um ‘feixe de traços’, como exemplifico a seguir:



Na estrutura em (30), o traço [ $\pm$ agente] sugere a possibilidade de o verbo poder se conectar a um argumento externo não especificado para agentividade. Ou seja, um causador de qualquer natureza semântica: causa, instrumento, evento, agente voluntário ou involuntário. Rotulo tal núcleo de **v1** em oposição a outros tipos de *v* (**v2** e **v3**)<sup>30</sup>, que certamente verbalizam outros tipos de verbos em PB. O **v1** é requerido na presença do traço aspectual [+incoativo]

29 Do original: “Among the functional heads in whose environments roots become verbs (these may be ‘aspectual’ in some sense), one, call it ‘v-1’, projects an agent while another, call it ‘v-2’, does not. These little ‘v’s’ could be different flavors of a single head, or perhaps there is some unified account that could have a single head optionally project an agent and thus cover both v-1 and v-2” (Marantz, 1997, p. 217).

30 A proposta teórica sobre o nível da projeção em que o argumento externo é inserido na derivação não será discutido em detalhe neste trabalho por limitação de espaço. Antecipo, entretanto, que a diferença entre os três tipos de *morfemas verbalizadores* consiste nas propriedades de seus traços semânticos. O primeiro, (**v1**), possui os traços [ $\pm$ agente]. O segundo, (**v2**), porta o traço [+agente]. Já o terceiro, (**v3**), carrega apenas o traço [-agente]. Por limitação de espaço e de tempo, a discussão sobre a natureza sintática e semântica dos *verbalizadores v2* e *v3* será adiada para uma investigação futura. Para mais detalhes, remeto o leitor à tese supracitada.

e, conseqüentemente, do traço [+mudança de estado]. O resultado da correlação entre esses traços permite que os verbos de mudança de estado (ex.: *amolecer*, *molhar*, *quebrar* etc.) figurem tanto na construção *causativa/transitiva* como na *incoativa/intransitiva*.

Assim, reafirmo que a combinação entre os traços aspectuais da raiz [+dinâmico], de  $asp^o$  [+dinâmico, +incoativo], do argumento interno [+mudança de estado] e do *verbalizador* [ $\pm$ agente] do verbo de mudança de estado faz emergir a construção *causativa*. Ademais, por causa dessa combinação, o argumento externo projetado é de natureza semântica não especificada. Nesse contexto, não há bloqueio do alçamento do argumento interno para Spec-TP, originando a construção *incoativa*. Esse alçamento é liberado em construções que têm o conjunto de traços propostos nesta análise. Seguem exemplos de construções *causativo-incoativas* e da estrutura sintática da projeção  $vP$ <sup>31</sup>.

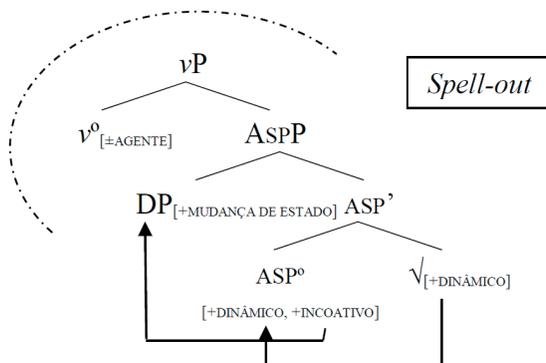
(31a) O calor/A cozinheira **amoleceu** a manteiga.

(31b) A manteiga amoleceu.

(32a) A tempestade/O menino **quebrou** a vidraça.

(32b) A vidraça (se) quebrou.

(33)



31 Leia-se VP em teorias diferentes da MD.

A operação exemplificada em (33) percorre os seguintes passos: no primeiro momento, a raiz é requerida por  $asp^\circ$  [+dinâmico, +incoativo]. O traço [+dinâmico] de  $asp^\circ$  insere a raiz em um evento dinâmico, e o [+incoativo] cumpre a função de projetar um argumento com traço [+mudança de estado], delimitando o evento dinâmico; ou seja, esse traço marca o ponto final da mudança engatilhada pela propriedade [+dinâmico]. Por fim, o *verbalizador*  $v1[\pm agente]$  é juntado à estrutura, que é enviada a *Spell-out*, onde recebe conteúdo fonológico. Ressalte-se, neste ponto, que  $asp^\circ$  não é fissionado no nível sintático, e sim concomitantemente à inserção de vocabulário, na pós-sintaxe. O resultado da operação descrita é uma construção télica.

Após a análise e apresentação da proposta da formação dos verbos de mudança de estado, cujos traços condicionam a alternância *causativo-incoativa*, apresento, na próxima subseção, a inserção de vocabulário nos terminais sintáticos.

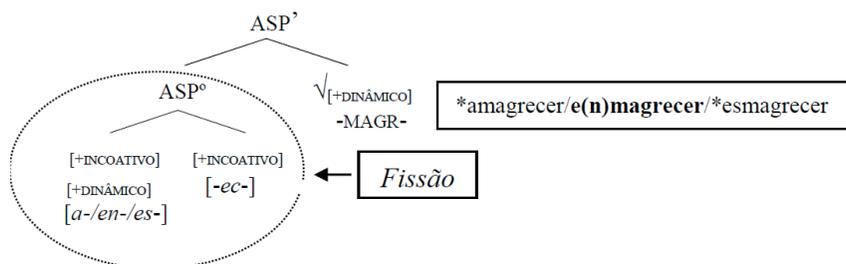
#### 10.3.4 A inserção de vocabulário em $asp^\circ$

É tarefa da MD adequar a morfologia à sintaxe por meio da operação *Merge*, juntando os *morfemas abstratos*, até que eles possam sofrer *Spell-out* e receber conteúdo fonológico apropriado (Harley; Noyer, 1999). O sentido de uma palavra surge da construção na qual ela é inserida (cf. Harley; Noyer, 2000; Galani, 2004), ou seja, surge da combinação dos traços dos nós terminais com os traços do item de vocabulário inserido neles. Para que essa operação convirja e forme palavras legíveis, é necessário que os afixos entrem em competição e aquele que tiver os traços mais especificados e compatíveis com os do terminal sintático vence e é, pois, inserido.

Conforme já assentado, os prefixos derivacionais {*a-/en-/es-*} são inseridos simultaneamente ao sufixo {-*ec-*}. A MD prevê que apenas um item vocabular deve ser inserido em um terminal sintático. Assim, de acordo com a análise detalhada anteriormente, a operação *fissão*

é a estratégia adotada pelo PB, pois permite dividir o terminal  $asp^\circ$  [+dinâmico, +incoativo], criando um terminal subsidiário. Para tanto, o prefixo é inserido no nó principal, combinando o traço aspectual de dinamicidade do prefixo com o do nó. Os prefixos {*a-/en-/es-*} são alomorfes e realizam o mesmo traço aspectual dinâmico. O traço [+incoativo], ainda não satisfeito, é copiado para o terminal subsidiário, e o sufixo {-*ec-*} é inserido nesse local. Ressalte-se que o sufixo pode coocorrer com qualquer um dos prefixos. Na ausência desses, insere-se o vazio fonológico sem qualquer prejuízo para a sintaxe e/ou semântica da estrutura. Observem um exemplo com o verbo emagrecer:

(34)

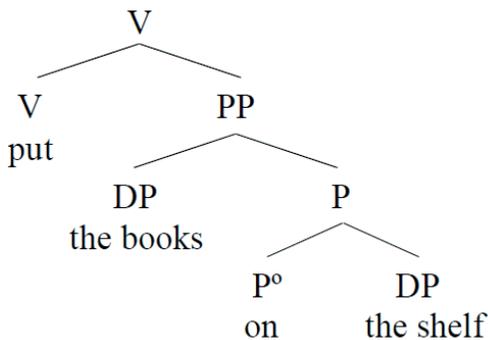


Os prefixos anteriores poderiam entrar em competição para a inserção no nó principal, mas não competiriam com o sufixo, que é inserido no subsidiário. Diante disso, surge uma questão: por que o prefixo {*en-*} é inserido se {*a-/es-*} também preenchem as condições básicas para tal posição, uma vez que codificam o mesmo traço? Seria essa restrição de ordem fonológica, morfológica, sintática ou simplesmente determinada pela raiz? Antes de responder a esses questionamentos, vamos entender qual é, de fato, a natureza desses prefixos e a razão pela qual são os candidatos ao preenchimento de  $asp^\circ$  [+dinâmico].

Retomando o que muitos pesquisadores afirmam – já discutido na seção 10.1 deste trabalho –, os prefixos {*a-/en-/es-*} têm origem

nas preposições do latim<sup>32</sup> (Romanelli, 1964; Said Ali, 1966; Bassani, 2013). Segundo alguns autores, esses prefixos ainda conservam valor preposicional, especialmente de direção, no português atual. Por isso, se alguém assume que tais prefixos se comportam ainda como preposição, a consequência direta dessa análise é poder assumir que eles projetam argumentos, como as preposições o fazem (Hale; Keyser, 1993, 2002; Bassani, 2013, entre outros), interferindo diretamente na estrutura argumental de um verbo. Segue representada uma estrutura que traduz a assunção de Hale e Keyser (1993, 2002) para os verbos *locatum* e *location*, em que a preposição constitui o núcleo de uma projeção PP e, portanto, projeta argumentos:

(35)



(Hale; Keyser, 2002, p. 8, exemplo 18)

A estrutura anterior representa uma construção com um verbo *location* “locação”, como *put* “colocar” (*the books on the shelf* “os livros na prateleira”). Nessa estrutura, é a preposição *on* “em” que projeta o DP *the shelf* “na prateleira” e o DP *the books* “os livros”. Nestes tipos de verbo, os prefixos parecem se comportar como verdadeiras preposições, considerando que *colocar livros em prateleiras* resulta no verbo *emprateleirar* (em + prateleiras).

Voltando ao latim, os prefixos {*ad-* (a-), *in-* (en-) e *ex-* (es-)} já eram polissêmicos nessa língua, estando relacionados a diversos

32 Remeto o leitor à tese supracitada para maiores informações sobre os prefixos latinos.

empregos ou sentidos (cf. Romanelli, 1964). É o que se observa nos dados extraídos desse autor:

**(36) prefixo a- (ad-)**

- (i) aproximação, direção para. ex.: *accedo* ‘caminhar para, aproximar-se’
- (ii) começo de ação. ex.: *accido* ‘começar a cortar, abater, destruir’

**(37) prefixo en- (em-)**

- (i) movimento em, sobre, superposição. ex.: *inmorio* ‘morrer em ou sobre’
- (ii) ingresso, entrada em um novo estado. ex.: *inmadesco* ‘umedecer-se, molhar-se’

**(38) prefixo es- (ex-)**

- (i) movimento de dentro para fora, saída, extração. ex.: *educo* ‘levar para fora, fazer sair, tirar de’
- (ii) mudança de estado, passagem de um a outro estado. ex.: *eduro* ‘endurecer’, *effemino* ‘tornar feminino, efeminar’

(Romanelli, 1964, p. 29-70)

Bassani (2013) também reconhece os muitos significados secundários e mais abstratos desses prefixos. A autora afirma que eles “podem até ter uma semântica direcional em um de seus usos em sua origem ou em um sentido primitivo e que é mantida em algumas formações [...]” (Bassani, 2013, p. 73). Essa afirmação traz mais evidências para não assumir na análise dos verbos de mudança de estado físico o valor preposicional dos prefixos como no latim.

Inspirada em Romanelli (1964), cuja investigação assegura que tais prefixos já apresentavam algum valor aspectual<sup>33</sup> no latim, e baseando-me em dados do PB, assumo que o traço mais relevante desses prefixos é aspectual, e não relacional como Bassani (2013) sugere inspirada pelo valor relacional de algumas preposições. Ademais, proponho que esse valor aspectual está

33 Remeto o leitor à seção 10.1 deste trabalho, na qual tais prefixos estão detalhadamente descritos.

diretamente conectado com dinamicidade e com mudança, e que, conseqüentemente, o núcleo asp<sup>o</sup> em que tais prefixos são inseridos deve conter, pelo menos, o traço [+dinâmico]. Outra forte evidência de que esse é mesmo um dos traços aspectuais relevantes desses afixos vem da possibilidade de estes poderem se concatenar com uma raiz [+dinâmico].

Além disso, observando verbos de mudança de estado do PB, como *apodrecer*, *amolecer*, *endurecer*, *enriquecer*, *ensopar*, *esquentar*, *esfriar*, não é fácil recuperar o sentido preposicional dos prefixos da mesma forma que propõe Romanelli (1964) para o latim. Em todos os verbos exemplificados anteriormente, o sentido final extraído é o de *tornar-se estado*, ou seja, algo passa de um estado A para um estado B (ex.: *apodrecer* = *a maçã tornou-se podre*; *amolecer* = *a cera tornou-se mole*; *endurecer* = *o pão tornou-se duro*; *enriquecer* = *o gari tornou-se rico*). Podemos contrastar essa análise com os verbos **empacotar** e **empateleirar**, por exemplo, em que o sentido de “em” é preposicional (*colocar algo em pacotes*; *colocar algo em prateleiras*).

A constatação do valor aspectual dos prefixos {*a-/en-/es-*} traz mais uma evidência em favor da projeção AspP, bem como do traço [+dinâmico] do núcleo dessa projeção, uma vez que se pode assegurar a presença de dinamicidade envolvida na passagem de um estado a outro, própria de eventos de mudança causativos. Ademais, Bassani (2013) observa que se considerar os prefixos em estudo com os mesmos valores das preposições plenas (por exemplo, *a*, *em*), ambos poderiam estar em competição para a inserção em asp<sup>o</sup>. Destarte, adotando o valor aspectual desses prefixos, comprovo que, de fato, tais prefixos são os candidatos a preencher fonologicamente o núcleo asp<sup>o</sup> e, assim, as preposições são eliminadas da competição.

Após a discussão sobre o significado dos afixos e sobre sua função no ambiente em que são projetados, retomo do segundo capítulo alguns condicionamentos, seja de ordem morfológica, seja sintática, seja fonológica, quanto à ligação dos afixos aspectuais à raiz. Observam-se as seguintes restrições:

- (39) O prefixo *a-* pode aparecer diante de consoantes distintas: *abastecer*, *amolecer*, *apodrecer* etc. (só não aparece diante de outra vogal).
- (40) O prefixo *en-* também pode aparecer diante de consoantes variadas e de vogais, como *enaltecer*, *entardecer*, *emagrecer*, *empobrecer* etc. (diante de *m/n* acontece assimilação do som nasal: *e-*; *e/em-* é inserido diante de *b/p*).
- (41) O prefixo *es-*, como os demais, não impõe restrição fonológica, aparecendo diante de consoantes distintas: *esfriar*, *esquentar*, *esvaziar*, *esverdear* etc.
- (42) O sufixo {-*ec-*} ocorre sempre seguido da vogal {-*e-*} e pode coocorrer igualmente com os prefixos {-*a-/en-/es-*}: *amadurecer*, *apodrecer*, *emagrecer*, *empalidecer*, *empobrecer*, *endurecer*, *engordar*, *envelhecer*, *esmorecer* etc.

Diante da multiplicidade de itens realizando o mesmo aspecto no preenchimento do núcleo asp<sup>o</sup>, percebe-se, então, que esses itens são alomorfes e que essa alomorfia deve ser mesmo condicionada pela raiz, uma vez que se encontra em relação de localidade com asp<sup>o</sup>. Para Embick (2010), Bassani (2013), entre outros, somente os afixos que estão no mesmo domínio cíclico da raiz é que podem sofrer esse tipo de alomorfia, por causa da relação de localidade. Nas palavras de Bassani (2013, p. 229): “[...] a presença ora de um ora de outro [prefixo] deve-se a razões fonológicas da raiz. Ou seja, “para um x concatenado diretamente à raiz, a alomorfia especial para x pode ser determinada pelas propriedades da raiz”

Outra explicação bastante plausível e mais econômica para os dados do PB seria o fato de esses afixos estarem no nível da derivação (ver seção 10.1) e não no da flexão, o que explicaria a falta de regularidade apresentada.

Pelas justificativas apresentadas anteriormente, somam-se à lista dos verbos de mudança de estado os verbos em que o vazio fonológico pode ocorrer na posição de prefixo (ex.: [∅]*ruborescer*), na de sufixo (ex.: *esfri*[∅]*ar*) e em ambas as posições (ex.: [∅]*quebr*[∅])

ar).<sup>34</sup> Vejamos alguns dados com todos os tipos de combinação afixal dos verbos em análise<sup>35</sup>.

(43a) {**a- ... -ec-**}: *adormecer, amolecer, amortecer, apodrecer...*

(43b) {**a-... -Ø-**}: *adensar, afamar, afrouxar, alagar...*

(43c) {**en-/em-/e-/... -ec-**}: *emagrecer, endurecer, enriquecer, empobrecer...*

(43d) {**en-/em-/e-/... -Ø-**}: *engravidar, engordar, enamorar, enricar...*

(43e) {**es-...-ec-**}: *esclarecer, estremecer...*

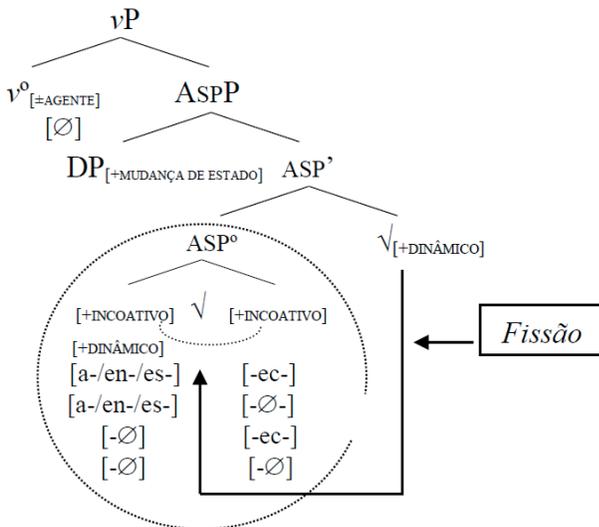
(43f) {**es-...-Ø-**}: *esverdear, esvaziar, esquentar, esfriar...*

(43g) {**Ø-...-ec-**}: *ruborescer, fortalecer...*

(43h) {**Ø-...-Ø-**}: *quebrar, molhar, ferver...*

Por fim, a estrutura sintática a seguir representa essas possíveis combinações de inserção dos itens de vocabulário no núcleo asp° [+incoativo, +dinâmico].

(44)



34 A professora doutora Jânia Martins Ramos, no momento da defesa desta tese, aventou a hipótese de esses verbos terem sido, em algum estágio da passagem do latim ao PB atual, fonologicamente afixados. Para tanto, a professora sugeriu que seja feita futuramente uma investigação diacrônica, com intuito de confirmar ou refutar tal hipótese.

35 Remeto o leitor ao capítulo 2 da tese supracitada, na qual esses verbos foram amplamente discutidos.

Uma consideração ainda precisa ser feita nesta subseção em relação à ideia de fases adotada pela MD, segundo a qual cada operação resultante de um *Merge* de itens se dá em uma fase da derivação, com consequências que refletem tanto na sintaxe como na fonologia. Essa teoria preconiza que todo núcleo categorizador fecha uma fase e envia seu complemento – o objeto formado pela concatenação – a *Spell-out*. Nesse local, a estrutura é “revista”. Se todos seus traços forem interpretáveis, recebe material fonológico e a derivação converge. Se houver, entretanto, traços não interpretáveis, a derivação fracassa. Diante disso, a proposta da operação *fissão* na formação dos verbos de mudança de estado do PB representa um ganho teórico, pois dá conta de resolver o problema do traço [+incoativo], não satisfeito na sintaxe.

Apresento, na sequência, as considerações finais da análise desenvolvida ao longo desta investigação.

#### 10.4 Considerações finais

Esta pesquisa partiu da hipótese segundo a qual a possibilidade de o verbo incoativo (ou verbo de mudança de estado) participar da alternância *causativo-incoativa* reside nos traços aspectuais que formam esses verbos. A pesquisa pretendeu atingir dois objetivos gerais, quais sejam: (i) contribuir para a discussão teórica sobre a presença de traços dos verbos de mudança de estado condicionando a alternância sintática *causativo-incoativa* do PB; e (ii) elaborar uma proposta teórica fundamentada nesses traços.

Com o intuito de confirmar a hipótese anterior e alcançar os objetivos propostos, outras hipóteses mais específicas sobre a formação dos verbos de mudança de estado foram aventadas, a saber: (i) a raiz é especificada para dinamicidade; (ii) a projeção de um terminal sintático, sob o rótulo de AspP, cujo núcleo contém os traços aspectuais [+dinâmico, +incoativo], motivados pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Os prefixos {*a-/en-/es-*} realizam o traço

[+dinâmico], e o sufixo {-ec-} realiza o traço [+incoativo], o qual exige que o argumento interno que satura o verbo de mudança de estado contenha o traço [+mudança de estado]; (iii) o *verbalizador* (sob o rótulo v1) que verbaliza o composto formado pela raiz e pelos afixos aspectuais porta o traço [±agente], que, por sua vez, se conecta com o argumento externo das construções em tela; (iv) dessa operação resulta uma construção télica. Essas hipóteses foram testadas com dados do PB à luz dos pressupostos da MD, especialmente os que versam sobre os *morfemas abstratos*, organizados em terminais sintáticos. Tais morfemas são satisfeitos, principalmente, pelos afixos aspectuais {a-/en-/es-...-ec-}, fonologicamente realizados ou não.

A primeira hipótese específica levou-me a investigar a raiz (*morfema lexical*) dos verbos de mudança de estado. Sobre esse item, os seguidores da MD se dividem entre duas propostas: a primeira sugere que a raiz não carrega qualquer informação; já a segunda vai de encontro a esta, afirmando que a raiz carrega traços e/ou projeta argumentos. Ambas as propostas assumem que a raiz é categorialmente neutra, até ser concatenada ao núcleo doador de categoria.

Adotando uma proposta mista, assumi que a raiz desses verbos é acategorial, não projeta argumentos, mas carrega o traço aspectual de dinamicidade e deve ser requerida pelo núcleo asp<sup>o</sup>. Constatei que, de fato, este deve ser o traço relevante da raiz dos verbos em análise, uma vez que tais verbos se inserem em construções causativas, e que estas sempre envolvem dinamicidade. Por meio do traço aspectual [+dinâmico], a raiz torna-se visível a operações sintáticas e se combina com um afixo cujo traço é da mesma natureza. Entretanto, ressalto que o traço da raiz não condiciona a alternância em questão, já que a dinamicidade é também uma propriedade de verbos não alternantes, como os de atividades (ex.: *dançar, correr...*).

A segunda hipótese resultou na proposta da projeção AspP, cujo núcleo porta os traços aspectuais [+dinâmico, +incoativo]. A função do aspecto [+dinâmico] é introduzir o evento dinâmico, engatilhando

a mudança, e inserir nele a raiz, enquanto a do [+incoativo] é delimitar este evento, exigindo um argumento interno com o traço [+mudança de estado]. Esse traço marca o ponto final da mudança desencadeada pelo dinâmico e sofrida por tal argumento. Dessa operação resulta uma construção télica. Em PB, a projeção AspP é motivada pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}, mesmo que não realizados fonologicamente. Assim sendo, comprovei que esses são, de fato, os traços do núcleo asp° e que cumprem a função levantada como hipótese.

Ainda sobre os traços de asp°, a conclusão a que chego depois de toda descrição elaborada é a de que o traço mais relevante para a liberação da alternância *causativo-incoativo* é o [+incoativo]. Algumas evidências contribuíram para corroborar essa hipótese, quais sejam: (i) o sufixo {-ec-}, que carrega o traço aspectual incoativo, encontra-se fonologicamente realizado em uma quantidade bastante significativa de verbos de mudança de estado; (ii) o sentido incoativo atribuído a este sufixo desde o latim; e (iii) a função de descarregar o traço aspectual [+mudança de estado] no argumento interno, marcando o ponto final da mudança de estado desencadeada pelo traço [+dinâmico] do prefixo e sofrida por tal argumento. Sem essa delimitação, a construção resultante seria uma causativa não alternante ou uma atividade. A partir dessa constatação, propus que tal traço determina o tipo de *verbalizador* do verbo de mudança de estado, além de interferir diretamente na estrutura argumental dos verbos em análise.

Sobre a inserção de vocabulário no núcleo asp°, os verbos de mudança de estado permitiram propor que esta ocorre por simultaneidade do prefixo e do afixo. Para dar conta de inserir dois itens de vocabulário em um terminal sintático, propus, seguindo a MD, que o núcleo asp° é fissionado, concomitantemente à inserção de vocabulário, originando um terminal subsidiário. Assim, o prefixo é inserido no nó principal e o sufixo é inserido no nó subsidiário. Esta ordem de inserção é determinada pelo traço aspectual [+dinâmico], que deve ocorrer antes do [+incoativo], uma vez que este delimita o anterior. Ressalto, ainda, que, em ambas as posições, o vazio

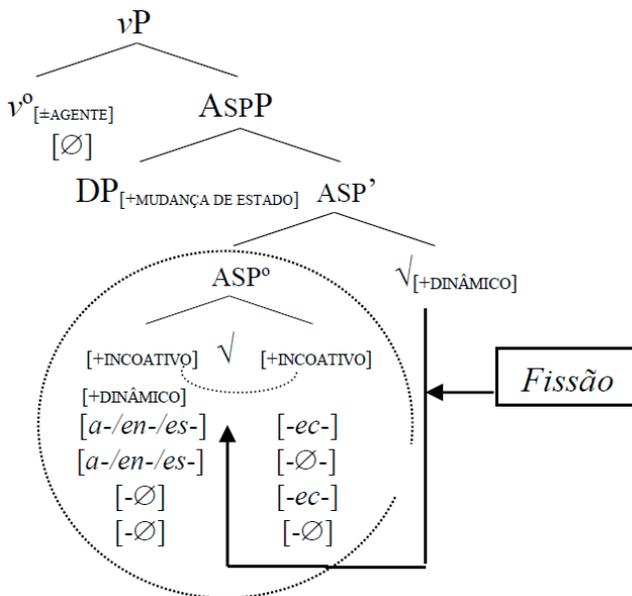
fonológico pode ser inserido, sem qualquer prejuízo para a sintaxe e/ou semântica das construções. O Quadro 3 expõe as possíveis combinações dos afixos na IV em asp<sup>o</sup> e, na sequência, a estrutura arbórea ilustra tal inserção:

Quadro 3: A inserção de vocabulário em asp<sup>o</sup>

A INSERÇÃO DE VOCABULÁRIO EM ASP <sup>o</sup>	
{a- ... -ec-}	Amolecer, amortecer, apodrecer...
{a-... -∅-}	Adensar, afamar, afrouxar, alagar...
{en-/em-/e-/... -ec-}	Emagrecer, endurecer, enriquecer, empobrecer...
{en-/em-/e-/...-∅-}	Engravidar, engordar, enamorar, enricar...
{es-...-ec-}	Esclarecer, estremecer...
{es-...-∅-}	Esverdear, esvaziar, esquentar, esfriar...
{∅-...-ec-}	Ruborescer, fortalecer...
{∅-...-∅-}	Quebrar, molhar, ferver...

Fonte: Autoria própria

(45)



Acredito que esta proposta da inserção simultânea dos afixos por meio da *fissão* é um ganho teórico, pois permite explicar de uma maneira unificada como se processa a inserção desses itens em asp°, bem como sua contribuição para a estrutura do verbo de mudança de estado. Como vimos, a consequência desta proposta reflete diretamente na estrutura argumental dos verbos em análise.

Enfim, o propósito desta investigação era descrever e analisar os traços aspectuais dos verbos de mudança de estado. A hipótese inicial era a de que tais traços são os condicionantes da alternância *causativo-incoativa*. Contudo, o resultado das análises comprova que essa alternância emerge do traço aspectual [+incoativo]. Os demais traços envolvidos nas construções *causativo-incoativas*, com exceção do dinâmico, surgem em decorrência do [+incoativo].

## ABREVIATURAS E SIGLAS

1, 2, 3...	Pessoas do discurso
a°	Núcleo adjetivizador
ACC	Acusativo
AGR	<i>Agree</i> ‘concordância’
AspP	Projeção aspectual
C	Complementizador
DP	Sintagma determinante ( <i>Determiner Phrase</i> )
cause	Causativo
f	Feminino
FALE	Faculdade de Letras
GU	Gramática Universal
IV	Inserção de Vocabulário
m	Masculino
MD	Morfologia Distribuída
n	Nominalizador
NOM	Nominativo
P	<i>Phrase</i> ‘sintagma’
pass	Passado
PB	Português brasileiro
perf	Perfectivo
pess	Pessoa
PF	<i>Phonetic Form</i> ‘forma fonética’
PL	Plural
PP	Sintagma Preposicional ( <i>Prepositional Phrase</i> )
POSLIN	Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos
√	Raiz

SEE	Secretaria Estadual de Minas Gerais
sg	Singular
Spec	Especificador
T	Tempo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
v	<i>Little v 'vezinho'</i>
v1, v2, v3	Verbalizadores
XP	Sintagma de qualquer natureza semântica

## Referências

- ACQUAVIVA, P. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, A.; REDINGER, D.; YEO, N. (Eds.). *York-Essex Morphology Meeting*, 5, p.1-21, 2009.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, M. (Ed.). *Phases of Interpretation*. Mouton de Gruyter, Berlin, p. 187–211, 2006.
- BASSANI, I. S. *Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2013.
- BEAVERS, J. Scalar Complexity and the Structure of Events. *Event structures in linguistic form and interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 245-265, 2008.
- BYBEE, J. L. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*, Amsterdam, John Benjamins, 1985.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Ginn & Company, p. 184-221, 1970.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981.
- CHOMSKY, N. *On Phases*. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- CYRINO, J. P. L.; ARMELIN, P. R. G.; SCHER, A. P. Morfologia Distribuída: revendo os conceitos de Fissão. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 6, n. 10, mar. 2008.
- EMBICK, D. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.

EMBICK, D.; HALLE, M. On the status of stems in morphological theory. In: GEERTS, T.; JACOBS, H. (eds.). *Proceedings of going romance*, 2003, John Benjamins, p. 37-62, 2005.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C., ed. *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford University Press, p. 289-324, 2007.

GALANI, A. So, Word Formation: Syntax or Morphology? Formation of Non-Suppletive Stems in Modern Greek. *Proceedings of the III International Conference of Greek Linguistics*, University of Crete, 2004.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Constructional Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1995.

HALE, K; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (org.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission. *MIT Working Papers in Linguistics*, p. 425-449, 1997.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *A view from building 20*, Cambridge MA: The MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, H. On the causative construction. In: MIYAGAWA, S.; MAMURO, S. (eds.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 20-53, 2008.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, v. 40, n.3/4, p. 225-276, 2014.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed morphology. *Glott International*, v. 4, Issue 4, April, p. 3-9, 1999.

HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: evidence from nominalisations. In: PEETERS, B. (ed.) *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, p. 349-374, 2000.

- HARRIS, J. The Syntax and Morphology of Class Marker Suppression in Spanish. In: ZAGONS, K. (ed.) *Grammatical Theory and Romance Languages*, Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, p. 99–122. 1996.
- HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão monousuário 3.0. Instituto Antonio Houaiss. 2009.
- LEGATE, A. J. *Phases in “Beyond Explanatory Adequacy”*. MIT, May 26, 2002.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LIMA, R. B. de. *Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro*. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.
- MARANTZ, A. P. No Escape from Syntax: Don’t try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.
- MARANTZ, A. *Words*. Artigo apresentado em West Coast Conference on Formal Linguistics, University of Southern California Los Angeles, 24 february, 2001. Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/WordsWCCFL.pdf>.
- MARANTZ, A. Phases and words. New York University. *Manuscrito*, 2007a.
- MARANTZ, A. Restitutive *re-* and the first phase syntax/semantics of the VP. MIT. *Handout*, 2007b.
- MCGINNIS, M. Fission as feature movement. *MIT Working Papers in Linguistics*, n. 27, 165–187, 1995.
- NÓBREGA, V. A. Derivando a estrutura dos compostos V-N. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n.1, p. 411-426, jan./abr. 2014.
- NÓBREGA, V. A. Sobre raízes e domínios de interpretação: resenha de “On the Identity of Roots”: HARLEY, H. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015.
- NOYER, R. *Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure*. 1992. Doctoral dissertation, MIT, 1992.

OLIVEIRA, Maria José de. *Os traços aspectuais condicionantes da alternância causativo-incoativa do português brasileiro*. 2016. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: lexical and syntactic constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

RIO-TORTO, G. Morfologia, Sintaxe e Semântica dos Verbos Heterocategoriais. In: RIO-TORTO, G. *Verbos e Nomes em Português*. Coimbra: Almedina, p. 17-89, 2004.

RITTER, E.; HARLEY, H. *Sorting out you, me and the rest of the world: A feature-geometric analysis of person and number*. Paper presented at the 21st meeting of Generative Linguistics of the Old World, Tilburg, the Netherlands, 1998.

ROMANELLI, R. *Prefixos latinos*. Belo Horizonte: UFMG, 1964.

SAIDALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. Estrutura argumental em morfologia distribuída. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cânone Editorial, p. 175-198, 2012.

SIDDIQI, D. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. *Linguistik Aktuell–Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

SVENONIUS, P. 1 . . . 3–2. In: RAMCHAND; G, REISS, C. *The Oxford Handbook of Linguistics Interfaces*. p. 239-288, 2007.

## CAPÍTULO 11

# SILENT NOUNS (TIPO, TOM, TAMANHO E SOBRENOME) NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL<sup>1</sup>

Bruna Karla Pereira<sup>2</sup>

Esta pesquisa se articula com os estudos dos universais linguísticos, em especial, a concordância, que tem sido alvo de interesse de diversos pesquisadores em sintaxe gerativa, tais como: Chomsky (2001), Pesetsky e Torrego (2007), Miyagawa (2017), Kayne (2005, 2019, 2021a, 2021b), Norris (2014), etc. Especificamente, neste

1 Esta pesquisa foi apresentada em abril de 2022, no Syntax Square < <http://whamit.mit.edu/2022/04/11/syntax-square-4-12-bruna-karla-pereira-ufvjm-2/>>, no Departamento de Linguística do Massachusetts Institute of Technology (MIT), por ocasião de licença para capacitação da autora, neste instituto. Posteriormente, em maio de 2022, este estudo também foi apresentado na Semana de Eventos da Letras (SEVFALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Versões do presente capítulo se encontram publicadas em inglês e em português, respectivamente, nos periódicos: *Estudos Linguísticos e Literários* (n. 77, 2024), sob o título "Feature checking and silent nouns in Brazilian Portuguese nominal agreement", e *Caderno CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios* (n. 44, 2023), sob o título "'10 ovos caipira vermelhos': silent nouns na concordância nominal do PB".

2 Professora Associada I da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de doutorado pela University of Cambridge e pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Contato: [brunaufmg@yahoo.com.br](mailto:brunaufmg@yahoo.com.br).

estudo, objetiva-se analisar estruturas do português do Brasil (PB), como as seguintes:

- (1a) “ovos caipira”
- (1b) “10 ovos caipira vermelhos”
- (1c) “10 ovos tipo jumbo brancos”

(Embalagens de ovos em supermercado de Belo Horizonte-MG, 04/12/2021)

A maior parte dos dados coletados provém de fonte escrita, tais como rótulos e anúncios (como mostrado nas figuras a seguir), que priorizam a aplicação do padrão culto de concordância, ou seja, a marcação redundante de plural nos constituintes do DP. Esse padrão justifica a realização do morfema ‘-s’, em ‘ovos’ (1a), em ‘ovos’ e ‘vermelhos’, em (1b), e, em ‘ovos’ e ‘brancos’, em (1c). Porém, como se justifica a não marcação de plural em ‘caipira’ (1a, b)? Essa é uma das perguntas que responderei neste capítulo.

Figura 1: (1a)



Figura 2: (1b)



Figura 3: (1c)



Fonte: Figuras 1-3: Embalagens de ovos em supermercado de Belo Horizonte-MG, 04/12/2021

Outras estruturas com padrão similar às aquelas de (1) estão listadas em (2-7):

(2) “amêndoas doce”<sup>3</sup>

(3) camisas P novas

(4a) “máscaras infantil”

(Status de WhatsApp de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 05/03/2022)

(4b) “roupas infantil feminino”

(Status de WhatsApp de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 27/11/2021)

(4c) “50 máscaras adulto descartáveis”<sup>4</sup>

(5) “lavagem expresso”<sup>5</sup>

(6) saia vermelho escuro

(7) os Pereira/ os Carvalho/ os Sousa

Ao analisar essas estruturas, a presente pesquisa tem como objetivos: (i) investigar construções com aparente “discordância” nominal; (ii) contribuir para melhor descrição da sintaxe do português brasileiro, tendo como referência os universais linguísticos e a comparação com outras línguas; (iii) contribuir para pesquisas em checagem de traços; (iv) empreender uma investigação a respeito de fronteiras sintáticas no domínio do DP para desencadeamento de concordância nominal, tais como cardinais e *silent nouns*; (v) analisar a estrutura do DP; (vi) identificar em que categoria do DP se situam os traços valorados de gênero e número; (vii) discutir a noção de “concordância *default*” (o que é, quando é utilizada e se de fato se aplica).

3 Disponível em: < <https://www.ecycle.com.br/oleo-de-amendoas/> >. Acesso em: 22 ago. 2023.

4 Disponível em: < <https://www.tradetoner.com.br/produto/50-mascaras-adulto-descartaveis-tripla-anvisa-82010680001.html> >. Acesso em: 14 mar. 2022.

5 Disponível em: < <http://www.vitorialavanderia.com.br/servicos.html> >. Acesso em: 14 mar. 2022.

Com esses objetivos, este estudo aprofunda e dá continuidade a uma pesquisa mais ampla sobre concordância nominal no PB, que já analisou estruturas com o determinante *wh* ‘ques’ (Pereira, 2016a, 2020a), o quantificador ‘cadas’ (Pereira, 2018a, 2019), o pronome possessivo pós-nominal ‘suas’/’seus’ (Pereira, 2016b, 2018c), o determinante *wh* ‘quantos’ (Pereira, 2017, 2018b), o determinante indefinido ‘umas’ (Pereira, 2017, 2018b) e construções copulares de sentenças panquecas (Pereira, 2020b, 2024), em PB não padrão.

Dentre os resultados, evidenciou-se que não há discrepância, mas sim um padrão coeso que determina a concordância realizada nesses dados. Portanto, do ponto de vista empírico, destaca-se, no presente capítulo, a descrição dos dados então listados de (1) a (7) dentre os quais a maior parte ainda não foi alvo da literatura, em pesquisas prévias nem em manuais de gramática.

Dessa forma, neste capítulo, apresentarei: primeiramente, os fundamentos teóricos a respeito de *silent nouns* e concordância nominal tanto em PB quanto em outras línguas; posteriormente, a hipótese de análise; e, finalmente, os pontos em discussão, elaboração e aprofundamento bem como as conclusões.

### 11.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção está dividida em três subseções nas quais apresento os fundamentos teóricos em: inicialmente, *silent nouns*; posteriormente, *silent nouns* e concordância nominal de um ponto de vista translinguístico; e, finalmente, *silent nouns* e concordância nominal no português do Brasil.

### 11.1.1 SILENT NOUNS

Em contraste com dados como (8) no qual um nome elíptico (*books*) apresenta um antecedente na sentença, Kayne (2005) observa instâncias de nomes elípticos que não apresentam antecedente, como em (9-12). Os primeiros (8) são chamados de “eclipse recuperável” (“*recoverable deletion*”, Kayne (2021b, p. 1)) ou “eclipse sob identidade” (“*deletion under identity*”, Kayne (2019, p. 1)). Os segundos (9-12) são chamados de “eclipse especificada” (“*specified deletion*”, Kayne (2021b, p. 1)) ou “eclipse sem antecedente” (“*antecedentless deletion*”, Kayne (2019, p. 1)).

(8) Jane has five books, but Chris has three.

O autor argumenta que: (9a) licencia o nome nulo NUMBER, com sua contraparte foneticamente explícita em (9b); (10a) licencia o nome nulo COLOR, com sua contraparte foneticamente explícita em (10b); (11a) licencia o nome nulo YEAR, com sua contraparte foneticamente explícita em (11b); (12a) licencia o nome nulo HOUR, com sua contraparte foneticamente explícita em (12b).

(9a) a few books (a few NUMBER books)

(9b) a small number of books

(9c) John has a few/\*small books

(Kayne, 2005, p. 241-242)

(10a) John bought a green car yesterday (John bought a green COLOR car yesterday)

(10b) John's suit is of a bright green color.

(10c) John is wearing a widely discussed suit.

(10d) John is wearing a bright green suit.

(Kayne, 2005, p. 242-243)

(11a) John is three (...is three YEARS...)

(11b) John is three years old.

(11c) \*At the age of three, their newborn daughter already weighed 12 pounds.

(Kayne, 2005, p. 243-245)

(12a) It's six (...six HOUR...)

(12b) They will be there in two hours/two hours' time.

(Kayne, 2005, p. 258-260)

Os *silent nouns* são licenciados a partir de traços ou itens lexicais específicos no sintagma, tais como o adjetivo 'few' em (9a), o adjetivo de cor em (10a), a indicação de idade em (11a) e a indicação de tempo em (12a). De acordo com Kayne (2005), nem todos os nomes podem ser nulos da forma como aqueles de (9) a (12) são, pois eles dependem de licenciadores específicos na sentença. Por exemplo, em (9c), 'small' não tem capacidade para licenciar NUMBER; em (10c), a indicação de 'COLOR' não está presente, razão pela qual (10c) não desencadeia a interpretação de (10d); por último, em (11c), "a palavra 'newborn' [...] é incompatível com 'three YEARS'"<sup>6</sup>.

Nesse sentido, Kayne (2005, p. 243) assume que:

*Silent NUMBER and COLOR, in, for example, [(9c) and (10d)], have no antecedent, at least not in the strong sense of requiring an overt instance of number and color elsewhere in the sentence or previous discourse. On the other hand, there is a weaker sense in which NUMBER and COLOR do have an antecedent, namely one residing in the feature [+number] or [+color] which arguably characterizes the number adjectives few and many and the color adjectives like green and red<sup>7</sup>.*

6 "COLOR is not present [...] which does not seem possible with the interpretation of" (Kayne, 2005, p. 243) (10d); and, in (11c), "The word newborn [...] is incompatible with 'three YEARS'" (Kayne, 2005, p. 243).

7 "Os nomes nulos NUMBER e COLOR, em, por exemplo, [(9c) e (10d)], não apresentam qualquer antecedente, pelo menos não no sentido estrito de exigir uma instância explícita de *number* and *color*, em algum lugar na sentença ou no discurso prévio. Por outro lado, há um sentido menos estrito no qual NUMBER e COLOR de fato teriam um antecedente, nomeadamente aquele residindo nos traços [+number] ou [+color] que possivelmente caracterizam os adjetivos de número *few* e *many* bem como os adjetivos de cor, como *green* e *red*." (Kayne, 2005, p. 243, tradução minha).

Da mesma forma, Kayne (2021a) descreve outras instâncias de *silent nouns* em inglês. Assim, além de COLOR (13) e NUMBER (14), ele também trata de SIZE (15) e KIND (16). Estes se tornam especialmente relevantes para dados que este capítulo analisa no PB, como será mostrado na seção 11.2.

(13a) They just bought a blue car.

(13b) They just bought a blue COLOR car.

(14a) They have few friends.

(14b) They have few NUMBER friends.

(14c) Of all our students, John's the one who's written the fewest number of papers this year.

(15a) They just bought a small car.

(15b) They just bought a small SIZE car.

(16a) There will be three different wines at dinner today.

(16b) There will be three different KIND wines at dinner today.

(Kayne, 2021a, p. 4-5)

Em (13), “*blue* é modificador do nome COLOR nulo (porque ele pode ser pronunciado como *color*), em vez do nome *car*” (Kayne, 2021a, p. 4, tradução minha); em (14), “*few* [...] é um modificador de NUMBER, não de *friends*” (Kayne, 2021a, p. 4, tradução minha); em (15), *small* é modificador de SIZE; e, em (16), “*different* é mais propriamente associado ao nome nulo KIND que ao nome pronunciado *wines*” (Kayne, 2021a, p. 5, tradução minha)<sup>8</sup>. Em consequência, Kayne (2021a, p. 4) aponta que adjetivos de cor bem como de tipo e tamanho não são inseridos por *merge* diretamente na cartografia interna ao DP, embora tais adjetivos, juntamente com seus respectivos *silent nouns*, possam ser. Então, ele conclui que:

8 “*blue is a modifier of silent COLOR (as it can be pronounced color), rather than of car*” (KAYNE, 2021a, p. 4); in (14), “*few [...] is a modifier of NUMBER, not of friends*” (KAYNE, 2021a, p. 4); in (15), “*small is a modifier of SIZE*”; and, in (16), “*different is more closely associated with silent KIND than with pronounced wines*” (KAYNE, 2021a, p. 5).

our understanding of cartographic hierarchies must go hand-in-hand with our understanding of the distribution and properties, in a given language and cross-linguistically, of silent elements of the various sorts discussed above. (KAYNE, 2021a, p. 7)<sup>9</sup>

Nesse aspecto, é importante mencionar um trabalho de vanguarda no tema do início da década de 1980: embora Aronoff (1981)<sup>10</sup> sequer mencione o termo nome nulo (ou *silent*), o autor inspira uma consideração importante na questão, ao analisar nomes de automóveis na indústria de carros estadunidense. Ele argumenta que ‘Chevrolet’ e ‘Cadillac’ (18) se tornam nomes comuns em vez de nomes próprios, devido ao fato de fazerem referência, assim como fazem nomes como ‘table’. Nesse sentido, segundo Aronoff (1981, p. 331, tradução minha): “perguntar o que é um Chevrolet é o mesmo que perguntar o que é uma mesa”<sup>11</sup>.

Do ponto de vista semântico, “nomes de carros classificam carros. O nome especifica uma ou mais das seguintes categorias: ano, fabricação, linha, modelo e tipo de carroceria. Ao designar um carro integralmente, todas essas categorias são especificadas nessa respectiva ordem”<sup>12</sup>: (17) (Aronoff, 1981, p. 331, tradução minha)

(17) “1972 Chevrolet Chevelle Maliby Sedan  
*year make line model body type*”

(Aronoff, 1981, p. 331)

9 “nosso entendimento das hierarquias cartográficas deve estar de mãos dadas com nosso entendimento da distribuição e das propriedades, em uma dada língua e também em domínio translinguístico, dos elementos nulos dos vários tipos acima discutidos.” (KAYNE, 2021a, p. 7, tradução minha).

10 Agradeço ao Prof. David Pesetsky que gentilmente me indicou esta referência, durante minha visita ao MIT, em abril de 2022.

11 “*To ask what a Chevrolet is is like asking what a table is*” (Aronoff, 1981, p. 331).

12 “*car names classify cars. The name specifies one or more of the following categories: year, make, line, model, and body type. When designating a car fully, all of these categories are specified in the order given:*” (Aronoff, 1981, p. 331).

Do ponto de vista sintático, assim como nomes comuns, nomes de carros podem ser modificados tanto por determinantes quanto por adjetivos (18) ou podem ser usados para modificar outros nomes (19), como atributivos.

(18a) a blue Chevrolet

(18b) two big Cadillacs

(19a) a pink Cadillac coupe

(19b) a Chevrolet Impala sedan

(Aronoff, 1981, p. 331)

De acordo com Aronoff (1981, p. 331, tradução minha): “Esta construção atributiva é geralmente usada para restringir o nome modificado como um subtipo ou tipo”<sup>13</sup>. Em outras palavras, quando se fala de um Chevrolet, fala-se de um automóvel de um certo tipo (com uma certa fabricação/marca). Ao abordar essa ideia à luz da proposta de Kayne (2005, 2019, 2021a, b), considero que (20a) seria lido basicamente como (20b) com um KIND nulo, como em (20d). Essa consideração também seria coerente com a alegação de Aronoff (1981: 332) segundo a qual (20a) responderia a uma questão como (20c) com um *kind* foneticamente realizado.

(20a) a Chevrolet

(20b) a KIND Chevrolet

(20c) What kind of car do you drive? (Aronoff, 1981, p. 332)

(20d) blue one KIND CAR -s (as in *I prefer red cars, but you prefer **blue ones***)

(Kayne, 2021a, p. 5)

Em suma, foi destacado, nesta seção, que, conforme previsto na literatura, nomes nulos fazem parte da estrutura sintática e podem ser a chave para se explicitarem diversas questões a respeito de concordância nominal, cartografia do DP, ordem de palavras e assim por diante.

13 “This attributive construction is generally used to restrict the modified noun as to subtype, or kind” (Aronoff, 1981, p. 331).

11.1.2 SILENT NOUNS E CONCORDÂNCIA<sup>14</sup>

Para desenvolvimento da proposta de análise das sentenças em (1-7), pauta-se no entendimento de que há uma fronteira sintática no DP que o divide para checagem de traços- $\phi$ . Com base em Danon (2011) e Norris (2014), NumP funciona, em diversas línguas, como uma fronteira sintática na distribuição do morfema de plural, na estrutura interna do DP.

Por exemplo, no Finlandês (21), “um traço de número (plural) está disponível somente acima da posição de numeral”<sup>15</sup> (Danon, 2011, p. 302, tradução minha).

(21) *Ne kaksi pien-tä auto-a seis-ivat tiellä.*  
 those.PL two.SG small-PART.SG car-PART.SG stand-PAST.3PL road.ADESS  
 ‘Those two small cars stood at the road.’

(Brattico, 2010) (Danon, 2011, p. 301)

Por sua vez, no estoniano (22), “material à esquerda do numeral é plural, e material à direita é singular”<sup>16</sup> (Norris, 2014, p. 143, tradução minha). Por esta razão, o autor assume que o cardinal divide o DP em dois domínios.

(22) *nee-d viis ilusa-t maja*  
 this-PL.NOM 5.NOM beautiful-PAR house.PAR  
 ‘These five beautiful houses.’

(Erelt *et al.* 1993b, p.143) (Norris, 2014, p. 144)

14 Por considerar uma revisão sucinta dos pontos essenciais tratados por Danon (2011) e Norris (2014) bem como Kayne (2005) e Pesetsky (2013), apresento a seção 11.1.2, que replica parcialmente versões dessa revisão, publicadas, respectivamente, em Pereira (2018b, p. 23-24; 2019, p. 68; 2020b, p. 68-69) e Pereira (2018b, p. 24-25; 2019, p. 68-69; 2020b, 69-70). Pela mesma razão, a seção também replica parcialmente os pontos essenciais tratados por Höhn (2016), que foram sumarizados em Pereira (2020b, p. 70-71).

15 “a (plural) number feature is only available above the position of the numeral” (Danon, 2011, p. 302).

16 “material to the left of the numeral is plural, and material to the right is singular” (Norris, 2014, p. 143).

Sendo assim, sintagmas à esquerda de NumP recebem marca de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Esta regra é observada em exemplos de concordância nominal em PB não padrão (23).

- (23a) os (dois) outro carro branco  
 (23b) os outros (dois) carro branco

(Pereira, 2017, p. 86)

Esta regra é também observada na flexão de ‘que’ em PB dialetal. Internamente ao DP, ‘que’ é um sintagma localizado à esquerda do cardinal. Como resultado, o determinante ‘ques’ é marcado com o morfema de plural, enquanto constituintes à direita do numeral – ‘paisagem’ e ‘bonita’ – são não marcados.

- (24) Ques (duas) paisagem bonita!

(Pereira, 2016a, p. 603)

Em ampliação dessa proposta, observa-se que também categorias nulas apresentam essa função de fronteira sintática na distribuição dos traços de número e gênero no DP.

Com efeito, Kayne (2005, p. 241-242, tradução minha) observa que adjetivos funcionais, como *few* (25b), “modificam um nome distinto do nome visível ‘books’ no plural [...] O nome em questão é a contraparte silenciosa da palavra ‘number’ vista em:”<sup>17</sup> (25c).

- (25a) “\*a books”  
 (25b) “a few books”  
 (25c) “a small **number of** books”

Assim sendo, em contraste com (25a), que é agramatical porque o artigo indefinido ‘a’ do inglês não é compatível com nomes no plural, (25b) é gramatical porque ‘few’ modifica a palavra NUMBER

17 “modify a noun distinct from the visible plural ‘books’ [...] The noun in question is a silent counterpart of the overt ‘number’ seen in:” (Kayne, 2005, p. 241-242).

no singular, que não é realizada foneticamente e que é seguida de uma preposição ‘of’, como visto em (25c).

Além disso, traços de número em *silent nouns* podem variar de uma língua para outra. Por exemplo, no italiano (26a) e no francês (26b), um artigo definido no plural pode coocorrer com sintagmas no singular, o que indica que, nessas línguas, o *silent noun* HOUR é plural.

(26a) “Sono le ore una.  
 (‘are the(PL.) hours one’)”

(Kayne, 2005, p. 259).

(26b) “Vers les une heure.  
 (‘toward the(PL.) one hour’ =  
 ‘around one o’clock’)”

(Kayne, 2005, p. 260).

De acordo com Kayne (2005, p. 260):

*Both the study of the conditions under which these silent nouns are licensed and the study of the cross-linguistic differences concerning them (which involves at least the syntax of plurality and the syntax of determiners) suggest that this type of silent element may turn out to constitute a more important probe into UG than might have been thought<sup>18</sup>.*

Suporte adicional para assumir *silent nouns* como uma fronteira sintática na distribuição do morfema de plural no DP é fornecido pela posição de um morfema feminino nulo, no russo (27), e também por um morfema nulo de número, no árabe libanês (28), que dividem

18 “Tanto o estudo das condições nas quais esses nomes nulos são licenciados quanto o estudo das diferenças translinguísticas a eles relacionadas (o que envolve no mínimo a sintaxe da pluralidade e a sintaxe dos determinantes) sugerem que este tipo de elemento nulo pode vir a constituir uma sonda de muito mais importância na UG do que se poderia imaginar”. (Kayne, 2005, p. 260, tradução minha).

seus DPs em dois domínios para concordância nominal (Pesetsky, 2013).

Nessa divisão, adjetivos altos no russo (27) são opcionalmente flexionados no feminino, enquanto adjetivos baixos são flexionados no masculino, quando nomes que indicam profissão se referem a mulher. No árabe (28), adjetivos altos ficam no singular, enquanto adjetivos baixos são opcionalmente flexionados no plural, quando a sentença contém um numeral maior que dez. Esse padrão espelha aquele apresentado no russo para gênero, de acordo com Pesetsky (2013).

- (27) *U nas byl-a očen' xoroš-aja zubn-oj*  
 by us COP-PST.F.SG very good-F.NOM.SG dental-M.NOM.SG  
*vrač-ъ...*  
 doctor-NOM.SG  
 'We had a very good (female) dentist.'

(Pesetsky, 2013, p. 38).

- (28) [*tleetiin walad kesleen-∅ mnazzam-iin*] *Htadj-u*  
 thirty child.SG lazy-SG organized-PL complained-PL  
 'Thirty organized lazy children complained (e.g., about their grades).'

(Pesetsky, 2013, p. 47).

Ainda em evidência a favor dos *silent nouns*, em análise que trata de concordância verbal no grego e no espanhol, Höhn (2016) considera que um pronome nulo aciona a concordância verbal em estruturas como (29). Em (29b), o verbo é flexionado na 1ª pessoa do plural, enquanto o DP, foneticamente realizado na posição de sujeito, é de 3ª pessoa do plural. De acordo com o autor, o verbo é flexionado na 1ª pessoa, porque ele concorda com um pronome nulo de 1ª pessoa *nosotros*. Portanto, a aparente "disparidade" na concordância resulta do fato de que o verbo concorda com um pronome nulo em vez do DP, foneticamente realizado na posição de sujeito.

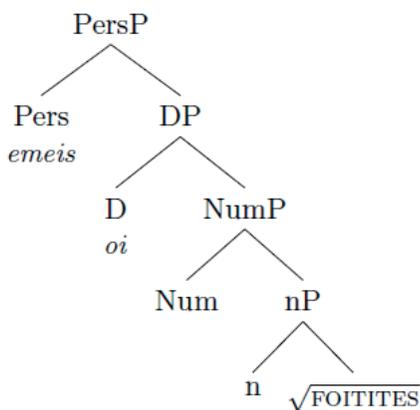
(29a) (*Emeis*) *oi*                      *foitites*      *pigame*      *oloi* *ekdromi*.  
 We      DET.NOM.PL      students      WENT.1PL      all      trip  
 ‘All of us students went on a trip.’/‘We students went on a trip.’

(29b) (*Nosotros*) *los estudiantes*      *vamos*      *todos*      *a la playa*.  
 We              the students              go.1PL      all      to the beach

(Höhn, 2016, p. 31)

Estruturalmente, a “discordância é o efeito superficial da realização zero de um núcleo funcional na projeção nominal estendida (xnP) que carrega os traços de pessoa”<sup>19</sup> (HÖHN, 2016, p. 2, tradução minha), como se observa no diagrama (30) para (29a). Dessa forma, em essência, o que ocorre é a devida concordância, entre os traços- $\phi$  de pessoa do pronome nulo e os traços- $\phi$  de pessoa no verbo.

(30)



Fonte: Höhn (2016, p. 31)

Em suma, de modo semelhante aos numerais cardinais, *silent nouns* funcionam como uma fronteira para a distribuição de traços- $\phi$ , no DP, um padrão encontrado nas línguas do mundo. Na próxima

19 “*unagreement is the surface effect of zero spell-out of a functional head in the extended nominal projection (xnP) that hosts person features*” (Höhn, 2016, p. 2).

seção, mostrarei como essas fronteiras se manifestam em estruturas com aparente disparidade na concordância em PB.

### 11.1.3 SILENT NOUNS E CONCORDÂNCIA NO PB

Com base em Kayne (2005), Pereira (2017, 2018a) observa que *silent nouns*, com traços valorados, desencadeiam a concordância em certas estruturas do PB. Por exemplo, Pereira (2017, 2018a, 2018b e 2019) analisa estruturas com ‘quantos’, ‘umas’ e ‘cadas’ em PB dialetal e defende que nelas os *silent nouns*, AMOUNT, HOUR e SET, respectivamente, são projetados e funcionam como fronteira sintática na distribuição dos traços de número no DP, como será visto a seguir.

Assim, para a análise de (31), Pereira (2017; 2018b, p. 33) defende que o *silent noun* HOUR é projetado. Desse modo, HOUR é seguido de uma preposição *of* (‘de’), o que permite que seu DP complemento (‘meia hora’) seja singular, enquanto itens à sua esquerda (‘umas’) sejam marcados com o plural. Assim, aplica-se também nesse caso a regra segundo a qual um *silent noun* funciona como fronteira sintática na marcação de plural, como pode ser visualizado no diagrama (33b).

(31) Levou umas [<sub>XP</sub> HOUR <sub>of</sub>] meia hora pra dor passar.

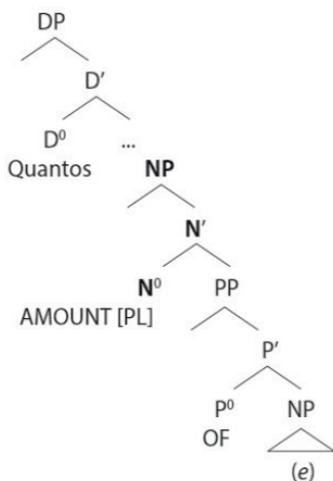
(Pereira, 2017, p. 99; 2018b, p. 32)

Por sua vez, em (32a), ‘quantos’ projeta um *silent noun* AMOUNT (*of*), contendo traços de número plural. Desse modo, porque ‘quantos’ precede esse *silent noun*, ele recebe marca de plural, como observado em (32b) e em (33a). Por outro lado, sintagmas que sucedem o *silent noun*, como ‘real’, em (32c), são não marcados.

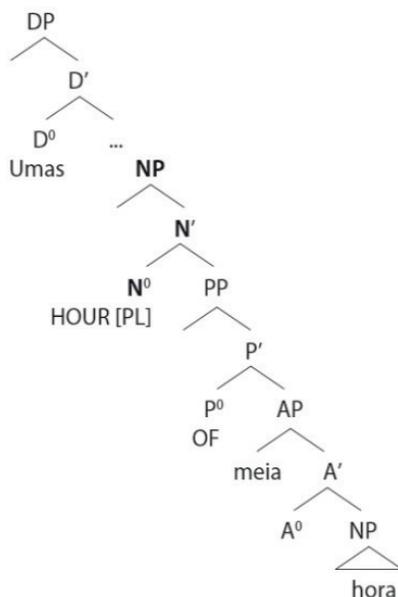
- (32) a. Quantos que custa esse?  
 b. Quantos (AMOUNT of *e.c.*)  
 c. Quantos real que custa?

(Pereira, 2017, p. 102; 2018b, p. 35)

(33) a. Para o DP em (32a):



(33) b. Para o DP em (31):



Fonte: Adaptado de Pereira (2017, p. 102 e 100)

Ainda, em (34a, b), também dados de PB não padrão, 'cada' pode ser flexionado no plural, diferentemente do PB padrão, em que 'cada' não é flexionado (35a, b).

(34) a. Cadas vestido horrível!

b. necessidades de cadas cliente

(35) a. Cada vestido horrível!

b. necessidades de cada cliente

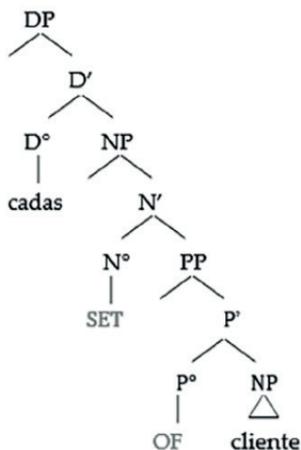
(Pereira, 2018a, p. 86-87; 2019, p. 63)

Segundo Pereira (2018a, 2019), em (34a, b), explicam-se a marcação de plural em 'cadas', por preceder o *silent noun* SET, e a não marcação dos demais itens, por serem subsequentes ao *silent noun* e argumentos da preposição. Portanto, 'cada' licencia um *silent noun* com traços de plural tanto como quantificador com leitura de conjunto

(34b) quanto como qualificador com leitura de intensificador (34a), como se observa em (36, 37).

(36) Para (34b): “cadas cliente”

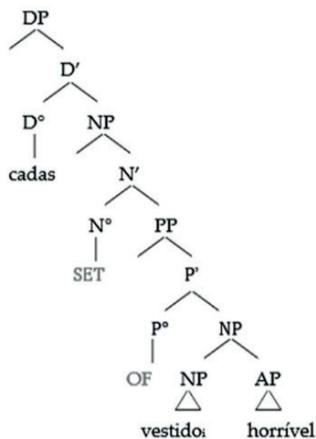
‘Cada’ como quantificador



Fonte: Pereira (2018, p. 99; 2019, p. 76)

(37) Para (34a): “Cadas vestido horrível!”

‘Cada’ como qualificador



Fonte: Pereira (2018, p. 100; 2019, p. 76)

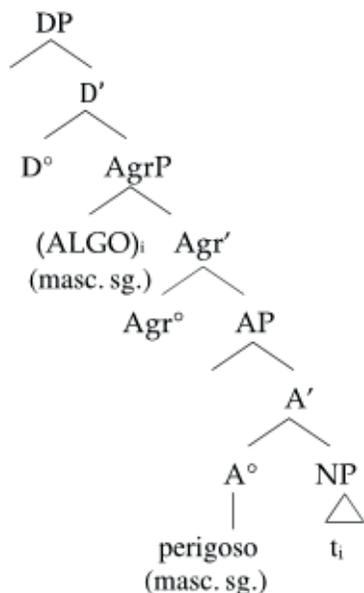
Por último, em estruturas como (38), o sujeito sentencial se realiza com NP no feminino ('moto'), e o predicativo, com AP no masculino ('perigoso'), o que resulta em aparente "disparidade" morfológica na concordância em gênero.

(38) Moto é [(ALGO) perigoso].

(Pereira, 2020b, p. 79; 2024, p. 126)

Pereira (2020b) demonstrou que a flexão do AP no masculino se deve à sua concordância com um *silent noun* ALGO, também no masculino, situado na estrutura interna do DP predicativo. Neste caso, o predicado da sentença copular não é simplesmente um adjetivo, mas um DP composto de um pronome indefinido nulo mais adjetivo, como se observa em (39). Este pronome (alvo) comporta traços de gênero masculino e desencadeia a concordância em gênero do adjetivo (sonda).

(39) Para o DP pós-cópula em (38):



Fonte: Pereira (2024, p. 135)

Em suma, observou-se que, em PB não padrão, existe uma regra para concordância nominal segundo a qual a posição de *silent nouns* funciona como fronteira para a marcação de plural no DP. Desse modo, sintagmas que precedem um *silent noun* plural são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas que sucedem o *silent noun* são encaixados como complementos de uma preposição e podem aparecer não marcados. Assim, traços são checados entre modificadores e *silent nouns*.

## 11.2 ANÁLISE

Como foi apresentado previamente na revisão teórica, o PB tem mostrado um padrão consistente de concordância entre modificadores e *silent nouns*.

Minha linha de análise, para os dados deste capítulo, segue o que propus, a partir de Kayne (2005), para dados do PB com ‘quantos’, ‘umas/uns’, ‘cadas’ e estruturas panquecas, que licenciam, respectivamente, os nomes nulos AMOUNT, HOUR, SET e SOMETHING (Pereira, 2017, 2018b, 2018a, 2019, 2020b, 2024). Dessa forma, levanto a hipótese segundo a qual, em (1a, b), retomados adiante como (40a, b), projeta-se um *silent noun* TIPO, precedido da preposição ‘de’, como ilustrado a seguir. Portanto, ‘caipira’ está no singular, pois concorda em número com o *silent noun* TIPO, também no singular. Esse mesmo *silent noun* se realiza foneticamente em (1c/40c).

(40a) “ovos [(do TIPO) caipira]”

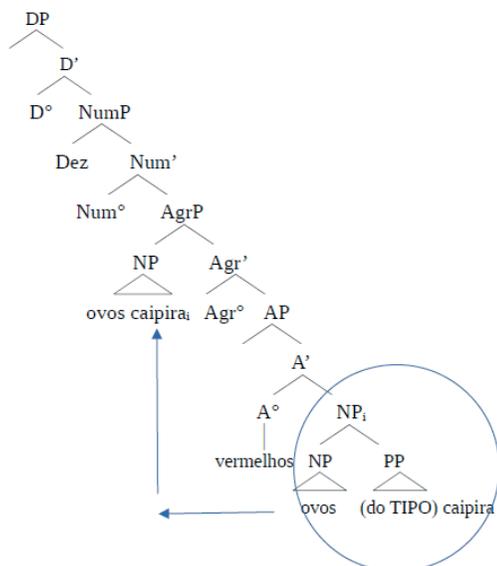
(40b) “10 ovos [(do TIPO) caipira] vermelhos”

(40c) “10 ovos tipo jumbo brancos”

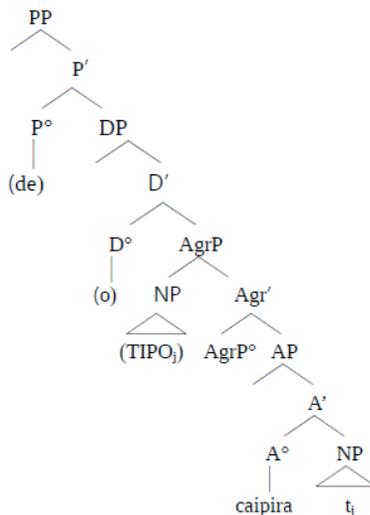
(Embalagens de ovos, em supermercado de Belo Horizonte-MG,  
04/12/2021)

A estrutura sintática arbórea ilustra esses fatos, como se observa nas derivações (41, 42), para (40b), feitas com base em Cinque (2005).

(41) Para (1b/40b)



(42) Para o PP em (1b/40b)



Fonte: Elaborado pela autora

Em (41), nota-se que o PP '(do tipo) caipira' é gerado em posição de adjunção ao nome 'ovos'. O movimento de 'ovos (do tipo) caipira', em *pied-piping*, para uma posição Agree acima de onde o AP 'vermelhos' é inserido, garante a realização do adjetivo de cor posposto a 'ovos caipira'. Desse modo, a flexão no singular de 'caipira' se dá porque 'caipira' concorda em número com o *silent noun* TIPO, que se aloja dentro do PP '(do tipo) caipira' (42).

Para análise das construções de (2) a (7), retomadas adiante de (43) a (48), siga a mesma linha de raciocínio, apresentada para análise de (40). Tais estruturas projetam os *silent nouns* TIPO, TAMANHO, TOM e SOBRENOME com os quais concordam os constituintes que os seguem: em número singular, tais como 'doce' (43), 'P' (44), 'infantil' (45a) e Pereira (48); e em gênero masculino, tais como 'expresso' (46), 'feminino' (45b), 'adulto' (45c) e 'vermelho escuro' (47).

(43) “amêndoas [(do TIPO) doce]”<sup>20</sup>

(44) camisas [(de TAMANHO) P] novas

(45a) “máscaras [(do TIPO) infantil]”

(Status de WhatsApp de trabalhadora autônoma em Perdões-MG,  
05/03/2022)

(45b) “roupas [(do TIPO) infantil feminino]”

(Status de WhatsApp de trabalhadora autônoma em Perdões-MG,  
27/11/2021)

(45c) “50 máscaras [(do TIPO) adulto] descartáveis”<sup>21</sup>

(46) “lavagem [(do TIPO) expresso]”<sup>22</sup>

(47) saia [(de TOM) vermelho] escuro

(48) os [(familiares de SOBRENOME) Pereira]

Desse modo, questiona-se a noção de concordância *default* (geralmente usada para tratar de flexão no singular e no masculino, na presença de elementos no plural e no feminino). Com efeito, em (1-7/40, 43-48), a concordância se dá por meio de checagem de traços entre um item nominal (*silent noun*), no singular e no masculino, e um item adjetival subsequente, que compartilha desses mesmos traços. Portanto, a concordância do adjetivo não se dá com os itens explícitos do DP, no plural e no feminino, mas com o *silent noun*, no singular e no masculino, o que consiste em um padrão regular de checagem de traços.

20 Disponível em: < <https://www.ecycle.com.br/oleo-de-amendoas/> >. Acesso em: 22 ago. 2023.

21 Disponível em: < <https://www.tradetoner.com.br/produto/50-mascaras-adulto-descartaveis-tripla-anvisa-82010680001.html> >. Acesso em: 14 mar. 2022.

22 Disponível em: < <http://www.vitorialavanderia.com.br/servicos.html> >. Acesso em: 14 mar. 2022.

### 11.3 DISCUSSÃO E APLICAÇÃO

Adiante, levantarei, para discussão, alguns pontos que estão em elaboração e aprofundamento, tais como: o papel dos domínios pré e pós-*spell out* na concordância analisada; a marcação de plural em adjetivos linearmente situados após o *silent noun*, e a possibilidade de extensão da proposta à concordância em compostos nominais.

Para responder à questão se, nos dados examinados, a concordância acontece no domínio da Sintaxe (*narrow syntax*) ou após *spell out*, como fenômeno de interface, apresento primeiramente o trabalho de Kučerová (2019) acerca de um padrão interessante de concordância no italiano (49a-c). De acordo com a autora, os três padrões seguintes de concordância são aceitos quando o nome *chirurgo* ('cirurgião'), seja com final *-a* ou *-o*, refere-se a um indivíduo feminino.

(49a) La           chirurg-a       è           andat-a.  
the.F   surgeon-F   is       gone-F  
'The female surgeon is gone.'

(49b) La           chirurgo       è           andat-a.  
the.F   surgeon       is       gone-F  
'The female surgeon is gone.'

(49c) Il           chirurgo       è           andat-a.  
the.M   surgeon       is       gone-F  
'The female surgeon is gone.'

(Kučerová, 2019, p. 656-657)

Enquanto, em (49a), o predicado partitivo (*andat-a*) concorda no gênero feminino com o nome (*chirurg-a*), na posição de sujeito, em (49b) e em (49c), o partitivo também é flexionado no feminino apesar do fato de que o nome (*chirurgo*), na posição de sujeito, está na forma de gênero masculino. De acordo com Kučerová (2019), isso ocorre

porque *-o*, na palavra *chirurgo*, passa por uma reanálise de morfema de gênero masculino para marcador de classe sem gênero.

Nesse sentido, a autora assume que, na sintaxe estrita, *chirurgo* teria traços de gênero não valorados. Desse modo, quando se refere a um profissional masculino, este item desencadearia a concordância *default*, que é pronunciada com a forma masculina (50). Diferentemente, quando se refere a um profissional feminino, *chirurgo* (49b e 49c) obteria traços valorados na interface sintaxe-semântica. Somente depois de ser dotado com tais traços, *chirurgo* desencadearia a concordância em gênero feminino no predicado (*andat-a*).

- (50) Il            chirurg-o        è            andat-o.  
           the.M     surgeon-M     is            gone-M  
           ‘The (male) surgeon is gone.’

(Kučerová, 2019, p. 656)

Ademais, de acordo com a autora, este é o resultado de um processo de mudança em andamento no italiano envolvendo esta e outras palavras que se referem a profissões, previamente restritas a homens, mas progressivamente desempenhadas por mulheres. Esses nomes “mudam de portador de gênero masculino lexicalmente especificado para uma representação nominal mínima sem traço de gênero valorado. Esta representação então permite um nível mais amplo de flexibilidade no que diz respeito a um gênero atribuído contextualmente”<sup>23</sup> (Kučerová, 2019, p. 656, tradução minha).

De um ponto de vista comparativo, o tipo de concordância desencadeado por *chirurgo*, no italiano, difere do que ocorre com os dados do PB examinados neste capítulo, em pelo menos duas direções: por um lado, a concordância em análise no PB ocorre na sintaxe estrita e dispensa qualquer procedimento de interface para checagem de traços; por outro lado, não consta que os dados considerados

23 “*shift from having a lexically specified grammatical masculine gender to a minimal nominal representation without a valued gender feature. This minimal representation then allows a larger level of flexibility with respect to contextually assigned gender*” (KUČEROVÁ, 2019, p. 656).

no PB estejam passando por algum processo de mudança na atribuição de gênero. A proposta geral é que o nome TIPO, por exemplo, venha do léxico para a sintaxe com traços de gênero masculino, antes de *spell out*.

Portanto, em estruturas como (46) ‘lavagem expresso’, ‘expresso’ obtém traços de gênero masculino disparados pela concordância com o *silent noun* TIPO de gênero masculino. Tudo isso ocorre antes de *spell out*, na sintaxe, como assumido. O mesmo raciocínio parece se aplicar à concordância de número, em (40a) ‘ovos caipira’, dado no qual *caipira* obtém traços de número singular disparados pela concordância com o *silent*<sup>24</sup> *noun* TIPO no singular.

Neste ponto, a seguinte dúvida pode surgir: por que *vermelhos* (40b), um sintagma à direita de um *silent noun*, está marcado com o morfema de plural, quando venho mostrando o oposto, isto é, que sintagmas à direita de *silent nouns* são não marcados? É importante esclarecer que a concordância de *vermelhos* nessa estrutura não é desencadeada pelo *silent noun* TYPE.

Como podemos observar em (51) a seguir, [(do tipo) caipira] está incluído em um sintagma que, por sua vez, está em posição de adjunção nominal (cf. figuras (41) e (42) na seção anterior) e tem escopo sobre ‘ovos vermelhos’. Por essa razão, [(do tipo) caipira] é relativamente flexível no DP, podendo aparecer depois de ‘ovos’ (51a) ou de ‘ovos vermelhos’ (51b).

(51a) 10 ovos [(do tipo) caipira] vermelhos

(51b) 10 ovos vermelhos [(do tipo) caipira]

Dessa forma, o *silent noun* desencadeia a concordância no interior de seu domínio sintagmático [(do tipo) caipira]. Como tal, a flexão de *vermelhos* não tem relação com o *silent noun* TYPE, porque

24 Quanto à questão que se faz a respeito de por que este nome não precisa ser pronunciado em PF, trata-se de um ponto que deixo para trabalho futuro, com partida na proposta de Kayne (2005a).

*vermelhos*, diferentemente de *caipira*, está fora do sintagma contendo o *silent noun*.

Em contraste, tanto ‘ovos’ quanto ‘vermelhos’ são flexionados no plural, porque são governados pela regra corrente em português padrão segundo a qual todos os sintagmas internos ao DP que comportam flexão devem ser marcados com o plural, de forma redundante. A aplicação desta regra é coerente com o suporte (ex.: caixas de ovos em estabelecimentos comerciais urbanos) fonte das quais os dados foram coletados e nas quais um estilo mais formal (ou “uniforme”) é esperado. Por outro lado, ‘caipira’ está no singular porque se localiza em um domínio contendo o *silent TYPE* também no singular com o qual concorda.

Sendo assim, a predição segundo a qual sintagmas localizados à direita de um *silent noun* são não marcados se mantém, pois ‘caipira’ está à direita do *silent noun* e está no singular. Logo, espero ter esclarecido que o fato de ‘vermelhos’ estar linearmente situado à direita do *silent noun* não é, neste caso específico, um argumento contra a predição principal até então elaborada, porque ‘vermelhos’ está, hierarquicamente, fora do domínio sintagmático contendo o *silent noun*.

Há ainda um outro ponto da análise que precisa ser esclarecido, qual seja, a possibilidade de ‘caipiras’ ocorrer no plural, como em (52a). A esse respeito, é preciso entender que, quando ocorre flexão no plural, nem o *silent noun* (TIPO) nem muito menos uma fase (PP) de adjunção (‘dos tipos caipira’) são licenciados (52b). Assim, enquanto em (51a), ‘caipira’ gravita em torno do nome nulo ‘tipo’, em (52a), ‘caipiras’ gravita em torno do nome explícito ‘ovos’.

(52a) 10 ovos caipiras vermelhos

(52b) # 10 ovos [(dos tipos) caipiras] vermelhos

(53a) 10 ovos do tipo caipira vermelhos

(53b) # 10 ovos dos tipos caipiras vermelhos

Consequentemente, o plural ‘caipiras’ não é compatível com a contraparte foneticamente realizada do *silent noun* TYPE. Com efeito, (52b) e (53b), contendo o nome explícito ‘tipos’ no plural, veiculam um significado diferente de (52a) e (53a). Isso significa que ‘ovos caipira vermelhos’ (com ‘caipira’ no singular) aceita a realização explícita do nome ‘tipo’ sem mudar seu significado. Diferentemente, ‘ovos caipiras vermelhos’ (com ‘caipiras’ no plural) não aceita, sem que haja alteração no significado.

Logo, embora (51a) e (52a), reproduzidos adiante como (54) e (55), tenham basicamente o mesmo conteúdo proposicional, (55) não permite o nome ‘tipos’ explícito (sem alteração no conteúdo proposicional). Isso se deve ao fato de que, conforme já atestado, em (54), ‘caipira’ é um modificador do nome nulo TIPO no singular, enquanto, em (55), ‘caipiras’ é um modificador do nome explícito ‘ovos’ no plural.

(54) 10 ovos [(do tipo) caipira] vermelhos

(55) 10 ovos caipiras vermelhos

Outro aspecto desta análise que precisa ser mencionado é o *status* da preposição nula que precede o *silent noun* em (51a, 54). Esta preposição não é obrigatória, quando se realiza foneticamente a contraparte do TIPO nulo (56a). Tal fato já foi observado em (1c), repetido a seguir como (57), no qual a palavra ‘tipo’ pode ser explícita. Diferentemente, quando ‘caipiras’ está no plural e quando o nome ‘tipos’ explícito é inserido no DP, a preposição é obrigatória (56b)<sup>25</sup>. Evidencia-se, portanto, mais uma diferença estrutural entre a realização de ‘caipira’ no plural e no singular.

(56a) ovos (de) tipo caipira vermelhos

(56b) # ovos \*(de) tipos caipiras vermelhos

(57) “10 ovos tipo jumbo brancos”

25 Uma explicação para tal fato está sendo desenvolvida.

Em conclusão, se é verdade que a presença da marca de plural em ‘caipiras’ (52a) não é compatível com a contraparte foneticamente realizada do nome nulo TIPO e, portanto, não o licencia, é também verdade que a ausência da marca de plural em ‘caipira’ (1b/51a) não é meramente opcional ou um fenômeno de interface. Há algo interno à computação sintática que governa o padrão mostrado em (1-7/40,43-48) e que tem a ver com o licenciamento de um *silent noun*.

Em tempo, vale ressaltar que a proposta desenvolvida neste capítulo para análise de ‘ovos caipira vermelhos’ pode também se estender à concordância em compostos nominais formados por N+N no PB.

Existe uma predição na literatura em Morfologia Distribuída segundo a qual a concordância em compostos é governada por regras sintáticas do mesmo modo que a concordância em sintagmas, no nível sentencial. Por exemplo, Prim (2019) observa que tanto (58a) quanto (58b) são permitidos no PB.

(58a) palavras-chave

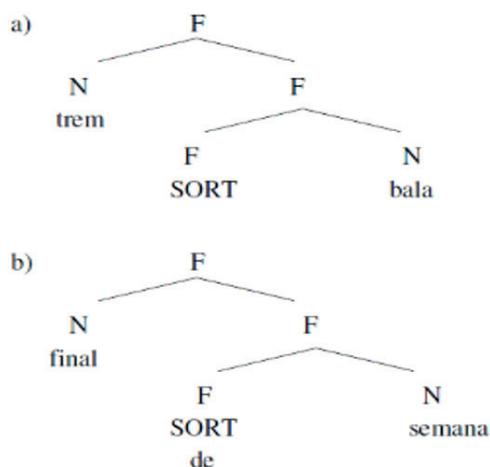
(58b) palavras-chaves

Para Prim (2019), o primeiro padrão (‘palavras-chave’) se deve à análise pelo falante da construção como possuindo dois núcleos nominais e, desse modo, somente o primeiro nome iria para o plural. Por sua vez, o segundo padrão (‘palavras-chaves’), na visão da autora, deve-se à análise pelo falante da construção como contendo um item nominal e outro adjetival. Desse modo, o modificador concorda com o nome, exatamente como ocorre na concordância nominal. Então, uma primeira consequência da aplicação dessa proposta

aos compostos seria corroborar a previsão de que princípios sintáticos atuam no interior de compostos<sup>26</sup>.

Uma segunda consequência da aplicação da proposta concernente aos *silent nouns* à concordância no interior de compostos seria corroborar uma outra predição disponível na literatura em Morfologia Distribuída segundo a qual compostos formados por N+N são derivados na sintaxe a partir de uma projeção funcional nula. Por exemplo, Minussi (2011) entende que compostos N+N ('trem-bala') possuem um operador semântico nulo *SORT*, como mostrado em (59a). De acordo com o autor, esse operador pode aparecer explícito, na forma de preposição, em outros compostos ('fim de semana'), como mostrado em (59b).

(59)



Fonte: Minussi (2011, p. 20)

Esta análise pode ser vista como contendo pontos em comum com a proposta aqui desenvolvida a respeito dos *silent nouns*,

26 Outros exemplos:  
anos (de distância) luz  
caminhões (do tipo) pipa  
contratos (do tipo) padrão

especialmente TYPE/TIPO. Com efeito, a estrutura em (59a) [trem SORT bala] poderia ser traduzida, nos termos deste capítulo e no plural, como (60) [trens (do TIPO) bala]. Sendo assim, a não marcação de plural em ‘bala’, no padrão em (60), dever-se-ia justamente à concordância do (nome) “modificador” ‘bala’ com o *silent* TIPO, no singular, e não com o nome explícito ‘trens’, no plural.

(60) [trens (do TIPO) bala]

Portanto, duas consequências de uma possível extensão da análise assumida para a concordância em DPs, neste capítulo, à concordância em palavras compostas (N+N) são: (i) corroborar a previsão de que princípios que regem a concordância entre constituintes de sintagmas também interferem na concordância entre palavras de compostos; (ii) corroborar a previsão acerca de categorias nulas na derivação de compostos.

#### 11.4 CONCLUSÃO

A proposta de análise desenvolvida neste capítulo demonstra que as estruturas em questão apresentam, para muito além de “disparidade”, um padrão coeso e consistente de concordância entre adjetivo e *silent noun*, na cartografia interna do DP.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

ADESS	caso adessivo
COP	cópula
DET	determinante
F	feminino
PAR	caso partitivo
PART	caso partitivo
PAST	passado
PB	Português Brasileiro
PL	plural
SG	singular
M	masculino
NOM	caso nominativo

## REFERÊNCIAS

- ARONOFF, Mark. Automobile Semantics. *Linguistic Inquiry*, v. 12, n. 3, p. 329 – 347, 1981.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 1-52.
- CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg’s Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 6, n.3, p.315-332, 2005.
- DANON, Gabi. Agreement and DP-Internal Feature Distribution. *Syntax*, v. 14, n. 4, p. 297–317, 2011.
- HÖHN, Georg. Unagreement is an illusion: apparent person mismatches and nominal structure. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 34, n. 2, p. 543 – 592, 2016.
- KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.
- KAYNE, Richard. *On Parameters and on Principles of Pronunciation*. New York University, September 2005a.
- KAYNE, Richard. *A note on the tension between silent elements and lexical ambiguity, with special reference to inalienable possession*. Mailing List, November 24th, 2019.
- KAYNE, Richard. *On certain aspects of the interaction between cartography and silent elements*. Mailing List, October 31st, 2021a. p. 1-8.
- KAYNE, Richard. *On the why of NP-deletion*. Mailing List, November 6th, 2021b. p. 1-10.
- KUČEROVÁ, Ivona. On the role of person in the mapping of syntactic features onto their interpretable counterparts. *The Canadian Journal of Linguistics*, v. 64, n. 4, p. 649-672, 2019.
- MINUSSI, Rafael. Os nomes compostos no português brasileiro: uma análise morfossintática. *REVEL*, edição especial, n. 5, p. 1-26, 2011.
- MIYAGAWA, Shigeru. *Agreement beyond  $\varphi$* . Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

NORRIS, Mark. *A theory of nominal concord*. PhD Dissertation, University of California, Santa Cruz, 2014.

PEREIRA, Bruna Karla. Exclamatives and interrogatives with ‘ques’: the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-611, 2016a.

PEREIRA, Bruna Karla. Feature interpretability and the positions of 2nd person possessives in Brazilian Portuguese. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), v. 18, p. 199-229, 2016b.

PEREIRA, Bruna Karla. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics* (Papers on Morphology, edited by Snejana Iovtcheva and Benjamin Storme), v. 81, p. 85-104, 2017.

PEREIRA, Bruna Karla. Inflection of ‘cada’ and number feature valuation in BP. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 61, p. 85-103, 2018a.

PEREIRA, Bruna Karla. NumP e *silent nouns*: fronteiras sintáticas na marcação de plural no PB. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 18-39, 2018b.

PEREIRA, Bruna Karla. O possessivo de 2a pessoa em PB dialetal. *CALETROSCÓPIO*, v. 6, p. 133-149, 2018c.

PEREIRA, Bruna Karla. Flexão de ‘cada’ em concordância com o *silent noun* SET. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene; OSÓRIO, Paulo; LUCENA, Rubens (Org.). *Estudos Linguísticos* (Teorias e Aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina–ALFAL. São Paulo: Terracota, 2019. p. 63-79.

PEREIRA, Bruna Karla. Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal. *SCRIPTA*, v. 24, p. 514-538, 2020a.

PEREIRA, Bruna Karla. Gênero em sentenças copulares no PB: da “discordância” entre sujeito e predicativo para a concordância entre adjetivo e *silent noun*. *Caderno de Squibs*, v.6, p. 66-90, 2020b.

PEREIRA, Bruna Karla. Copular exclamatives and gender agreement. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS, Paulo (Org.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2024, p. 117-142.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, Simin et al. (Ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

PESETSKY, David. *Russian case morphology and the syntactic categories*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

PRIM, Cristina. A concordância nominal em compostos formados por adjetivos e nomes do português brasileiro. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 5, n. 1, p. 50-60, 2019.



## **SOBRE OS AUTORES**

### **Bárbara Guimarães Rocha**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Federal de Minas Gerais

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN / Faculdade de Letras - FALE

Nome completo: Bárbara Guimarães Rocha

Titulação: Mestre em Linguística Teórica e Descritiva

E-mail: rocha.barbara@icloud.com

### **Braulio Brandão de Oliveira Lopes**

Nome da Instituição a que está filiado: Laboratório de Línguas Indígenas da Faculdade de Letras, UFMG.

Nome completo: Braulio Brandão de Oliveira Lopes

Titulação: Mestre em Estudos Linguísticos

E-mail: lopesb1@mcmaster.ca

### **Bruna Karla Pereira**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Faculdade Interdisciplinar em Humanidades

Nome completo: Bruna Karla Pereira

Titulação: Doutora em Estudos Linguísticos

E-mail: brunaufmg@yahoo.com.br

**Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Federal de Minas Gerais

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras

Nome completo: Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino

Titulação: Mestra em Linguística Teórica e Descritiva

E-mail: clauane.carolino@gmail.com

**Crisófia Langa da Câmara**

Nome da Instituição a que está filiado/a: Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Departamento de Estudos da Linguagem e Comunicação

Nome completo: Crisófia Cristovão Francisco Langa da Câmara

Titulação: Doutora em Linguística pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

E-mail: languinha.cris@gmail.com

Crisofia L A N G A da Camara - Academia.edu/ twitter: @DaLanguinha

**Davety Joaquim João Mpiúka**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Eduardo Mondlane

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Departamento de Línguas/ Secção de Línguas Bantu

Nome completo: Davety Joaquim João Mpiúka

Titulação: Mestre em Linguística pela UEM

E-mail: davety.mpiuka@gmail.com

**David Alberto Seth Langa**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Eduardo Mondlane

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Departamento de Línguas/ Secção de Línguas Bantu

Nome completo: David Alberto Seth Langa

Titulação: Doutor em Linguística

E-mail: daslanga@gmail.com / david.a.langa@uem.ac.mz

**Fábio Bonfim Duarte**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Federal de Minas Gerais

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Departamento de Linguística e Língua Portuguesa

Nome completo: Fábio Bonfim Duarte

Titulação: Doutor em Estudos Linguísticos

E-mail: fbonfim@terra.com.br

[www.lettras.ufmg.br/fbonfim](http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim)

[www.lettras.ufmg.br/laliafro](http://www.lettras.ufmg.br/laliafro)

**Luís António Chaúque**

Nome da Instituição a que está filiado: Instituto Nlíia

Titulação: Professor de Língua Portuguesa

Nome completo: Luís António Chaúque

Titulação: Mestre em Bilinguismo e Educação Bilingue

E-mail: luishangul@gmail.com

**Maria José de Oliveira**

Nome da Instituição a que está filiado: Secretaria do Estado de Minas Gerais

Nome completo: Maria José de Oliveira

Titulação: Doutora em Estudos Linguísticos

E-mail: zezemutum@yahoo.com.br

**Nelsa João Nhantumbo**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Eduardo Mondlane

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Departamento de Línguas-  
Secção de Línguas Bantu

Nome completo: Nelsa João Nhantumbo

Titulação: Doutora em Linguística pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da  
Universidade Eduardo Mondlane

E-mail: nelsanhantumbo@gmail.com

**Ronaldo Rodrigues de Paula**

Nome da Instituição a que está filiado: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED-MS)

Nome completo: Ronaldo Rodrigues de Paula

Titulação: Doutor em Linguística Teórica e Descritiva pela UFMG

E-mail: ronالدorodriguesdepaula@gmail.com

**Tânia Brittes Ottoni Valias**

Nome da Instituição a que está filiado: Universidade Federal de Minas Gerais

Nome do Departamento/Instituto a que está filiado: Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos

Nome completo: Tânia Brittes Ottoni Valias

Titulação: Mestra em Linguística Teórica e Descritiva

E-mail: taniavalias@hotmail.com



